



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Estudos Sociais e Políticos

Rodrigo Vieira de Assis


**Vidas entrelaçadas:
uma socioantropologia urbana das proximidades e das distâncias sociais em
um bairro popular**

Rio de Janeiro

2020

Rodrigo Vieira de Assis

**Vidas entrelaçadas:
uma socioantropologia urbana das proximidades e das distâncias sociais em um
bairro popular**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-graduação em Sociologia do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Frédéric Vandenberghe

Rio de Janeiro

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CCS/D - IESP

A848

Assis, Rodrigo Vieira de.

Vidas entrelaçadas: uma socioantropologia urbana das proximidades e das distâncias sociais em um bairro popular / Rodrigo Vieira de Assis – 2020. 279f. : il.

Orientador: Frédéric Vandenberghe

Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Estudos Sociais e Políticos

1. Espaço urbano - Recife (PE) - Teses. 2. Classes sociais – Teses. 3. Sociologia urbana - Teses. 4. Desigualdade social – Teses. I. Vandenberghe, Frédéric. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Estudos Sociais e Políticos. III. Título.

CDU 911.375(813.4)

Rosalina Barros CRB-7 / 4204 - Bibliotecária responsável pela elaboração da ficha catalográfica.

Autorizo para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.



Assinatura

RJ, 16 de abril de 2020

Data

Rodrigo Vieira de Assis

**Vidas entrelaçadas:
uma socioantropologia urbana das proximidades e das distâncias sociais em um
bairro popular**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-graduação em Sociologia do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 16 de abril de 2020.

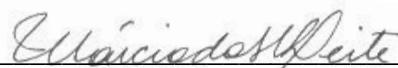
Banca Examinadora



Prof. Dr. Frédéric Vandenberghe (Orientador)
Instituto de Estudos Sociais e Políticos- UERJ



Prof. Dr. Luiz Augusto Campos
Instituto de Estudos Sociais e Políticos - UERJ



Prof.ª Dra. Márcia da Silva Pereira Leite
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ



Prof. Dr. José Sérgio Leite Lopes
Universidade Federal do Rio de Janeiro



Prof.ª Dra. Ana Caetano
Instituto Universitário de Lisboa

Rio de Janeiro

2020

DEDICATÓRIA

Para o meu pai, Fernando Martins de Assis (*in memoriam*),
e para minha mãe, Betânia Vieira Silva de Assis,
por terem superado todas as barreiras para me criarem no Vasco da Gama,
e por estarem ao meu lado, de qualquer maneira, para sempre.

Para os moradores do Vasco da Gama,
que me ensinaram mais do que eu pensava ser possível saber sobre
as classes populares urbanas.

AGRADECIMENTOS

Escrever os agradecimentos em uma tese de doutorado não é tarefa fácil. As chances de esquecer de mencionar alguém que de algum modo contribuiu para o desenvolvimento das ideias aqui contidas são grandes, especialmente quando muitas reflexões e resultados, apesar de serem de minha inteira responsabilidade, foram germinados nas trocas contínuas com pessoas situadas em diferentes contextos, localizadas não apenas no campo acadêmico, mas também nos universos da família, dos amigos e dos moradores do Vasco da Gama.

Em primeiro lugar, agradeço àqueles que foram os meus principais informantes, que me concederam inúmeras entrevistas e abriram para mim as portas das suas casas, deixando-me entrar em suas vidas de um modo que não imaginava poder ser realizado. Agradeço especialmente a dona Jô, a Felipe, a Bruna, a Beatriz, a Robson, a dona Socorro, a Marlon, a Lidiane, a dona Terezinha, a Dimas, a Janete, a Ronildo, a Gustavo e a Carolina. Sem seus depoimentos sobre o lugar em que moram, sem seus pontos de vista acerca da realidade em que vivem, sem seus relatos sobre seus percursos biográficos, esta tese não teria sido escrita. Foi devido aos nossos inúmeros encontros no Vasco da Gama e à densidade de suas relações com o bairro que meu olhar foi gradativamente modificado, convertendo a pretensão teórica e generalizante que inicialmente me movia em uma busca incessante por respostas a questões empíricas que somente o trabalho de campo intenso pode obter. Muito obrigado por compartilharem comigo suas inquietações, suas narrativas, seus projetos, seus dramas e suas esperanças. Muito obrigado por se permitirem que parte de suas existências fosse registrada e desse vitalidade a uma tese de doutorado em sociologia.

Agradeço também ao meu orientador, Frédéric Vandenberghe, ou melhor, como é carinhosamente chamado entre quem lhe é próximo, a Fred. Conheci Fred no final do ano de 2012, quando prestei seleção para o mestrado em sociologia do IESP-UERJ, e, em uma viagem de ônibus rumo ao Congresso Anual da Anpocs, disse-me que “faríamos um bom trabalho ao longo dos próximos seis anos”. Fazem agora sete anos que mantemos uma boa e saudável relação de orientação e de amizade. Não tenho palavras para agradecer aos conselhos pessoais e acadêmicos e por me demonstrar diariamente que é possível ser crítico sem ser pessimista e cultivar, em meio ao mundo capitalista que nos devora, uma forma de vida mais solidária, convival e humanística. Agradeço pelas trocas intelectuais em torno do desenvolvimento da dissertação de mestrado e dessa tese, bem como os auxílios que diversas vezes me deu em minhas viagens entre o Recife e o Rio de Janeiro, hospedando-me sempre em sua casa, em troca

apenas de bom e bem-feito bolo de rolo, iguaria pernambucana que adora. Sei que, apesar de não me deixar esquecer do doce nordestino, minhas estadas se davam pela consideração e pela amizade mútuas. Nosso vínculo certamente não se limitará ao término do doutorado e seguirá por muito mais anos do que todos esses em que trabalhamos juntos.

O mundo acadêmico não se reduz às disputas por reconhecimento e prestígio. Nele, vive-se também experiências que promovem vínculos afetivos e memórias suficientemente fortes para serem guardadas para toda a vida. Essas memórias e esses vínculos são possíveis graças às pessoas que, em meio aos seus interesses de pesquisa, estão dispostas a viver genuinamente no mesmo barco. Navegar em águas intelectuais atualmente não é coisa fácil no Brasil. Por isso, quando temos em mente que, apesar das diversas acusações que os cientistas sociais estão sujeitos a passar em um contexto de ascensão de movimentos de extrema-direita e anti-intelectuais, muitas pessoas seguem adiante realizando pós-graduação e percebemos que não estar sozinho quer dizer muito e indica que todo esforço nessa direção é um exemplo de resistência política e cultural. Assim, agradeço a todos os amigos(as) que estiveram diariamente comigo no dia-a-dia do número 82 da Rua da Matriz, especialmente a Weverthon Machado, Ábia Marpin, Thiago Brandão, Catalina Tabares Ochoa, Rafael Rezende, Rafael Moura, Márcia Rangel Cândido, Talita Tanscheit, Nara Salles, Alessandro Amorim, Carolina Peterli, Tamyres Ravache de Marco, Maria Eduarda Ota, Raul Nunes, Natasha Bachini, Marianna Albuquerque, Ana Beatriz Mello, Cecília Soares, Marcos Paulo Campos, Lília Macêdo, Paulo Joaquim Rodrigues, Leonildes Nazar, Flávia Bozza, Fernanda Novaes Cruz, Mariane Reghim, Saulo Said, Jana Leal, Marcelo Borel, Mateus Moravia, Leonardo Nóbrega, Renata Albuquerque, Timóteo M'bunde, Gabriela Caruso, Lidiane Vieira, Lívia Guimarães, Juliana Marques, Tássia Camila, Simone Gomes e Vanessa Henriques. Por último, mas não menos importante, agradeço especialmente ao companheirismo do meu amigo Fernando Santana, sociólogo brilhante e ser humano admirável, que sempre quero ter por perto, do doutorado para a vida.

Agradeço também aos meus amigos do Sociofilo: (co)laboratório de teoria social. Originado no IESP-UERJ, hoje sediado no IFCS/UFRJ, o Sociofilo é um espaço incomum de trocas afetivas e intelectuais. Além de Fernando Santana, Ábia Marpin e Raul Nunes, já citados, faço questão também de frisar a presença, em meu percurso de formação, de Diogo Silva Corrêa, Gabriel Peters, Priscila de Oliveira Coutinho, Thiago Panica Pontes, Olívia von der Weid, Alexandre Camargo, André Magnelli, Vittorio Talone, Camille Azevedo, Augusto Waga, Alberto Cordeiro, Delaine Martins Costa, Eduardo Nazareth, Estevão Bosco, João Carlos Bassani, Lucas Soneghet, Marcos Lacerda, Rodrigo Cantu e Samantha Sales. A vocês agradeço, além dos momentos marcados pelo humor fino, os comentários e as sugestões que

me foram dadas nas reuniões em que pude apresentar partes dessa tese, que foram importantes para avançar no trabalho de campo e no esclarecimento da minha relação com meu mundo familiar, que está integrado ao objeto dessa tese.

No âmbito do IESP-UERJ, onde obtive a minha formação, gostaria ainda de destacar a importância de alguns(mas) professores(as) que foram importantes em meu percurso. Além de Frédéric, com quem fiz disciplinas riquíssimas, não poderia deixar de sublinhar meus agradecimentos aos professores(as) Luiz Antônio Machado da Silva, Adalberto Moreira Cardoso, Alba Zaluar (*in memoriam*), Luiz Augusto Campos, Breno Bringel, José Maurício Domingues e Carlos Antônio Costa Ribeiro. Quero transmitir também meus agradecimentos à professora Kathya Araujo (Idea-Usach), cuja passagem pelo instituto, ainda quando eu estava no mestrado, modificou profundamente a maneira como lido com a teoria e as metodologias em sociologia. Apesar da distância e do tempo, nossas trocas de e-mail demonstram que interesses comuns podem redundar em uma relação de amizade verdadeira. Agradeço pelo carinho, atenção e disposição em ler e responder às minhas longas mensagens sobre cada passo dado e sobre projetos acadêmicos.

Não posso esquecer de citar os nomes dos meus colegas antropólogos Benjamin Junge (SUNY-New Paltz), Charles Klein (Portland State University) e Sean Mitchell (Rutgers University), com quem pude colaborar no âmbito de um projeto de investigação sobre a subjetividade política nas classes populares brasileiras, realizando nas cidades do Recife, Rio de Janeiro e São Paulo. Foi devido a essa experiência que essa tese se encontrou com a antropologia urbana e, em especial, foi por meio das atividades realizadas ao lado de Benjamin que decidi, realmente, levar adiante uma pesquisa no bairro em que cresci. Apesar de não ter incorporado à tese os dados produzidos no âmbito deste projeto, certamente ter tido acesso a eles contribuiu profundamente para refletir sobre a minha relação com os moradores do Vasco da Gama. Por isso, agradeço não apenas a generosidade, mas também os incentivos a mim dados durante os últimos anos. Friso especialmente a minha admiração pessoal e intelectual por Benjamin, com quem trabalhei diretamente no Recife, em circunstâncias diversas, que hoje se integram em uma memória afetiva e gentil acerca desse amigo que tenho nos EUA.

Agradeço aos colegas do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco, onde fui professor substituto de janeiro de 2018 e julho de 2019. Em especial, quero registrar meu agradecimento ao professor João Moraes, então coordenador da área de sociologia, que sempre demonstrou sensibilidade diante ao me atribuir disciplinas cujos horários permitiam manter constante o trabalho de elaboração desta tese. Como professor, conheci Anne, aluna dedicada e muito criativa, que colaborou ativamente quando precisei de

apoio para as últimas transcrições das entrevistas. Anne, torço muito para que você siga adiante na vida acadêmica. Seu brilho e seu talento são evidentes. Conte sempre comigo.

Mais recentemente, em momento crucial da feitura dessa tese, tive a oportunidade de ser recebido no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa (CIES-ISCTE). Isso se deveu ao acolhimento oferecido pela professora Ana Caetano, que me recebeu em Lisboa e me ajudou a dar os primeiros passos em um novo contexto acadêmico. Além disso, também tive a oportunidade de discutir os aspectos metodológicos da tese em um belo evento coordenado por ela e pela professora Magda Nico, pelo que sou imensamente grato. Ainda no CIES-ISCTE, agradeço também ao professor Renato Miguel do Carmo por ter me liberado de atividades do projeto em que hoje atuo durante a fase final de escrita e revisão dessa tese, o que foi fundamental para a sua conclusão.

Por fim, chego à minha família. Não há sentido aos rumos que nossa vida adota sem aqueles que estão, de todos os modos, efetivamente ao nosso lado. Esses últimos anos foram anos marcantes para todos nós, recheados de alegria e de tristeza, de aprendizado e de união.

Agradeço ao meu sogro, Seu Eduardo, por compartilhar comigo o seu vasto conhecimento sobre o Recife, tanto em nossas inúmeras conversas sobre a cidade pela qual somos apaixonados, como por me presentear com milhares de livros de sua biblioteca particular, que sempre estarão bem preservados comigo. Muitos desses livros foram importantes para essa tese, especialmente para o primeiro capítulo, cujas obras mais raras eram suas, dos livros de Josué de Castro e Mário Melo até alguns dos documentos históricos utilizados para compreender as dinâmicas das classes populares na capital pernambucana no início do século XIX. Muito obrigado por seu tão amigo e tão gentil.

Agradeço também a minha família materna, residente no Vasco da Gama, que foi extremamente importante durante a realização dessa pesquisa. Quero homenagear sobretudo a minha avó, Evandi, cuja casa se tornou meu porto seguro dentro do bairro. Os momentos em que colhi seus relatos foram instantes dos mais marcantes para mim. Nos reaproximamos e hoje temos uma relação ainda mais forte do que antes e a admiro profundamente por ser essa senhora tão cheia de vida e tão disposta a se adaptar ao mundo moderno. Muito obrigado por ser como a senhora é, sensível, doce e, ao mesmo tempo, ansiosa para resolver os problemas de toda a nossa família. As informações que a senhora compartilhou comigo foram importantes fontes para contextualizar as relações da minha ex-vizinhança, para entender acontecimentos ocorridos quando eu ainda era pequeno e para objetivar a mim mesmo dentro do objeto deste estudo. Certamente a senhora vai se emocionar quando ler esse parágrafo, mas saiba que aqui

não há exagero, somente reconhecimento do quão importante a sua presença ao meu lado foi ao longo da feitura desta tese.

Também agradeço ao meu tio Renildo e aos meus primos, Júnior e Viviane. Por também estarem vivendo no bairro durante o meu trabalho de campo, suas relações com moradores que eu não tinha proximidade permitiu, mesmo sem terem totalmente ciência disso, abertura para que eu pudesse explorar contextos que antes estavam distantes do tipo de vínculo que eu tinha com o Visgueiro, a última parte do Vasco da Gama. Não só isso. Também nossas conversas, os momentos em que parei para ouvi-los ou para compartilharmos uma refeição em suas casas não serão esquecidos e também são parte, indiretamente, do conteúdo etnográfico dessas pesquisas.

À minha irmã, Soraia, por sua presença em minha vida. Sol, como a chamo, compartilhou ao longo da vida muitas das experiências vividas no Vasco da Gama. Sempre nos demos bem e o carinho entre irmãos prevalece em nossa relação. Durante o período em que essa tese nascia, Sol deu luz a duas vidas, Helena e Cecília, meus pequenos amores. Não tenho palavras para descrever a alegria que foi em nossa família, para meus pais, sobretudo. Hoje quando penso em você, a vejo não somente como minha irmã mais velha, mas como a bela mãe que se tornou, apesar das dificuldades que a vinda de duas filhas tão rapidamente traz consigo. Tenho muito orgulho de você, minha irmã. Estarei sempre ao seu lado, em todas as ocasiões. Obrigado por ser testemunha de tudo o que vivi e por ter a memória mais aguçada sobre nossa história. Em nossas conversas, sempre marcadas por episódios engraçados, a criatividade para seguir adiante afluía com frequência e me inspirava a avançar devagarinho para o término da pesquisa feita no universo que marca a nossa origem social.

Também quero agradecer a Pedro, meu enteado amado, por ser um rapaz tão querido e amável. Pedro é meu físico teórico predileto, especialmente por ser, nas ciências da natureza, o humanista e antipositivista mais convicto, cujos argumentos dão injeção a muitos veteranos na área na qual decidiu seguir carreira. Hoje, como jovem universitário na prestigiosa Universidade de Coimbra, Pedro é apenas motivo de orgulho, pela maturidade, pela honestidade, pela sabedoria, pela compaixão e pelo espírito democrático. Todas essas qualidades o fazem ser um proeminente pensador. Claro, como todos os jovens, essas qualidades convivem lado a lado com o sono pesado e com um tempo relativo que é só seu, mas nada que anule todos os elogios, uma vez que seu tempo interior se converte facilmente em energia sempre que é realmente necessário. Obrigado por compreender as ausências todas as vezes em que a conversa sobre os temas que temos interesse comum poderiam se prolongar por horas e por apoiar, a seu modo, meu processo de escrita.

À minha amada esposa, Patricia, a quem me faltam palavras para descrever o tipo de vínculo que construímos juntos. É a pessoa mais forte que conheço. É a mulher mais incrível que alguém poderia ter como companheira, amante e amiga. Nosso amor não é amor de novela, apesar de ser amor romântico, amor sincero. Não é paixão momentânea, mas é amor que busca a tranquilidade e o tempo juntos, sempre recheado de conversas intermináveis, que se desdobram em mais conversas intermináveis, por horas e horas. Obrigado por ser exatamente como você é e por me permitir em sua vida. Não imaginava ter ao meu lado uma mulher tão maravilhosa quanto você. Não imaginava... por todos os motivos conscientes e por todas as afinidades inconscientes, amo perdidamente você.

Além de tudo isso, preciso também destacar que essa tese não estaria pronta se não fosse a sua presença perto de mim, que leu todos os capítulos, comentou todas as reflexões, sugeriu mudanças, repensou comigo alterações e incentivou e acreditou mais do que eu mesmo que o dia da conclusão chegaria e que a tese seria uma boa tese (você me fez acreditar nisso todas as vezes em que duvidei do meu trabalho). Obrigado por estar comigo todo esse tempo, por estar comigo no momento mais difícil por que passei em toda a minha vida, por ter decidido cruzar o oceano sem soltar a minha mão, encarando uma mudança tão radical quanto a migração para outro país. Muito obrigado por me dar coragem e por me fazer, diariamente, buscar ser um homem e um companheiro melhor. Pra sempre, Mozi.

Essa tese é, por todos os motivos, dedicada aos meus pais. À minha mãe, Betânia, porque ela é em grande medida responsável por me fazer crer na validade de estudar o Vasco da Gama. Com uma capacidade e um senso de percepção que deixariam qualquer sociólogo e antropólogo com inveja, foram muitas das suas inquietações que me levaram a planejar e a realizar uma pesquisa sobre os moradores do bairro em que moramos durante tantos anos. Ela não imaginava que um dia teria um filho com diploma universitário, muito menos um filho detentor de um título de doutorado. Com um trabalho que surgiu embebido das nossas experiências vividas juntos na casa construída por ela e por meu pai, alcançarei o maior grau acadêmico. Se no passado a sua preocupação era que eu soubesse fazer algo para sobreviver, ter um sustento, matriculando-me, inclusive, em um curso de marcenaria para que eu aprendesse uma técnica que poderia se tornar meu ganha pão, ter um filho professor universitário e pesquisador parece ser, espero, motivo para tranquilizá-la em relação ao futuro do seu caçula. Tudo o que decidi fazer era feito sempre tendo em mente sua preocupação comigo; hoje, tudo o que faço, inclui pensar em seu futuro, em seu bem-estar, em sua alegria. Não tenho adjetivos para qualificar o quão especial a senhora é para esse mundo em que vivemos, o quão é importante para me fazer ver sentido em seguir adiante sempre com a âncora nas experiências que marcam a nossa

história familiar, em nossas memórias, em nosso laço eterno. Muito obrigado por ter me feito ser a pessoa que hoje eu sou. Amo muito a senhora.

Agradeço, por fim, ao meu pai, Fernando, a quem também dedico esta tese. Meu pai, que viu as ideias que estão aqui contidas nascer e começarem a ser compartilhadas dentro de casa, mas que, infelizmente, não está fisicamente presente para receber, ao lado da minha mãe, uma cópia que farei de presente para eles. Após anos de luta, infelizmente, complicações em decorrência do seu quadro de saúde o levou no final de 2019. Antes de minha ida para Portugal, disse-me que estava bem e que quando eu voltasse ao Brasil estaria ainda melhor, que eu não me preocupasse. Dei-lhe um abraço na noite de minha viagem sem saber que era o nosso último contato físico. A dor de sua partida sempre será sentida, mas a sua presença em minha memória sempre será a do homem mais forte, mais engraçado, mais brincalhão, que me fez, junto com minha mãe, sentir o espírito do carnaval e de saber que o que importa é realmente estar perto das pessoas que amamos. Não tenho dúvida de que, onde estiver, está de pé e em paz, ao lado de Menina, a nossa cadelinha que ele, como todos nós, tanto amava. Tenho muito orgulho de ter seu filho e de ter convivido com um homem que soube sempre nos manter todos unidos, mostrando-se forte nos momentos mais difíceis por que passou ao longo da sua vida, inclusive quando eu pensava que não iria mais suportar passar por tudo o que era preciso para seguir adiante. Eu não imaginava que até no momento em que não estaria mais fisicamente entre nós poderia continuar me ensinando sobre a vida, sobre o que se deve realmente valorizar e o modo como se deve encarar esse mundo em que vivemos. Obrigado por tudo, por me criar ao lado da minha mãe, por nunca estar ausente, seja nos momentos difíceis, seja nas comemorações, por ter sido um pai de verdade, daqueles que sabemos que nunca deixa o filho ou qualquer pessoa da família na mão. Nessa tese, em muitas das passagens que a compõem, o senhor está presente, uma vez que durante as três décadas em que morei no Vasco da Gama vivemos juntos, com mainha e Soraia, todos os dias. Vivemos muito bem juntos e isso se deve ao seu jeito e a tudo o que fez por nós. Com muito amor e saudade, dedico ao senhor essa tese.

O primeiro fruto da imaginação sociológica e a primeira lição da ciência social que a incorpora é a ideia de que o indivíduo só pode compreender sua própria experiência e avaliar seu próprio destino localizando-se dentro de seu período; só pode conhecer suas possibilidades na vida tornando-se cômico das possibilidades de todas as pessoas, nas mesmas circunstâncias em que ele. Sob muitos aspectos, é uma lição terrível; sob muitos outros, magnífica.

Charles Wright Mills

RESUMO

ASSIS, R. V. *Vidas entrelaçadas: uma socioantropologia das proximidades e das distâncias sociais em um bairro popular*. 2020. 279f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Esta tese analisa a vida dos moradores de um bairro urbano popular da cidade do Recife, o Vasco da Gama. A partir de uma perspectiva socioantropológica, é demonstrado como os moradores desse bairro - que, vistos de “longe e de fora”, poderiam ser tratados como parte de uma configuração social homogênea - vivem diferencialmente a realidade social que os circunda na periferia de uma cidade desigual. Observando o Vasco da Gama “de perto e de dentro”, a pesquisa descreve a sua composição interna, desvendando as proximidades e as distâncias entre os moradores e as vizinhanças, considerando tanto as correlações dos aspectos sociológicos com a configuração urbana quanto os significados que os indivíduos elaboram e atribuem às partes que distinguem dentro do bairro. Assim, é desenvolvida a tese de que a posição em que se mora no bairro e a posição em que se situa na estrutura social condicionam os modos por meio dos quais os indivíduos lidam com um conjunto de experiências que marcam a existência popular nas periferias urbanas brasileiras. Para verificar a validade desta tese, foi realizado uma intensa pesquisa de campo, com observação participante e com recurso a entrevistas em profundidade, com a duração de quatro anos (2015-2019). Por meio de uma interpretação etnográfica da realidade social observada e da análise de conteúdo de mais de 60 entrevistas conduzidas com moradores jovens e adultos, foi possível perceber como vidas individuais se entrelaçam por meio de *memórias, trajetórias sociais, narrativas biográficas e experiências sociais*, colocando em evidência a estrutura sociocultural de um *campo de possibilidades* que participa da definição das disposições e dos percursos dos indivíduos que vivem em condições sociais mais ou menos comuns. Com isso, a vida do próprio autor passa a integrar a análise, na medida em que sou também ex-morador do universo pesquisado. Foi no Vasco da Gama em que nasci e morei, ao lado da minha família nuclear, ao longo da minha infância e juventude. Por isso, em termos metodológicos, esta tese apresenta um experimento radicalmente reflexivo de imaginação e objetivação sociológicas que resgata e atualiza o debate sobre as dificuldades e as virtudes de estranhar o mundo familiar. Na medida em que vivi, em virtude do acesso à universidade, uma experiência de mobilidade social ascendente, retornar ao Vasco da Gama como pesquisador colocou em evidência os desajustes não intencionalmente estabelecidos entre mim e o lugar que marca a minha origem social. Foi preciso, por isso, procurar os caminhos para me reinserir na realidade de que antes eu fazia naturalmente parte, de modo a visualizá-la novamente a partir do olhar nativo para, em seguida, como sociólogo, outra vez estranhá-la e objetivá-la. Desse modo, foi possível compreender como se dão os entrelaçamentos das vidas dos moradores no interior da realidade local e analisar como eles próprios compreendem e agem diante da pluralidade, das proximidades e das distâncias sociais que configuram o bairro. Além disso, pude observar como eles percebem e distinguem, segundo um sistema nativo de classificação e de desclassificação social, vizinhanças como zonas urbanas, conforme conceito que desenvolvo nesta tese.

Palavras-chave: Bairro popular. Classes populares. Periferias urbanas. Experiências sociais. Trajetórias de vida.

ABSTRACT

ASSIS, Rodrigo Vieira de. *Interlinked lives: an Urban Socioanthropology of the social proximities and distances in a popular neighbourhood*. 2020. 279f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

This thesis analyzes the lives residents of a popular urban neighborhood of Recife city, named Vasco da Gama. From a socioanthropological perspective, it is shown how the residents of this neighborhood - which, seen “from afar and outside”, could be handled as part of a homogeneous social configuration - live differentially the social reality that surrounds the periphery of a unequal city. Observing Vasco da Gama “from close and inside”, the research describes its internal composition, unveiling the proximities and the distances between residents and the environs, taking in account both the correlations of the sociological aspects with the urban configuration and the meanings that individuals elaborate and assign to parts they distinguish inside the neighborhood. Thus, it is evolved the thesis in which the location someone lives in the region and the position in which someone places in social structure condition the way they deal with a set of experiences that affects the popular existence in Brazilian urban peripheries. To verify the thesis validity, it was done an intense field research with participant observation and in-depth interviews during four years (2015-2019). Through an ethnographic interpretation of the observed social reality and the content analysis for more than 60 interviews with young and adult residents, it was possible to realize how individual lives interlink through *memories, social trajectories, biographic narratives* and *social experiences*, evidencing the sociocultural structure of a *field of possibilities* that gets involved in the definition of social dispositions and path of individuals, who live in more or less common social conditions. Thereby, the own author’s life becomes part of the analyzes, as far as I am also a former resident of the researched universe. I was born and lived in Vasco da Gama, with my nuclear family, throughout my childhood and youth. That is why, in methodological terms, this thesis presents a radically reflexive experiment of sociological imagination and objectification that reclaims and updates the debate about the difficulties and virtues to strange the familiar world. Because of the access to university, I lived an experience of upward social mobility and returning to Vasco da Gama as a researcher evidenced the mismatches not intentionally established between me and the place that affects my own social origin. Therefore, it was necessary to look for the paths to reinsert myself in the reality in which I was naturally part before, in order to visualize it again from a native sight to then, as a sociologist, staring and objectifying it again. This way, it was possible to understand how residents’ lives are interlinked inside of local reality and to analyze how they themselves understand and act in face of plurality, proximities and social distances that configure the neighborhood. Furthermore, I could observe how they realize and distinguish, according to a social classification and declassification native system, the vicinities as urban zones, as stated by the concept evolved by myself in this thesis.

Keywords: Popular neighborhood. Urban Periphery. Popular classes. Experiences. Li Trajectories.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Critérios de seleção dos moradores para as entrevistas.....	22
Figura 2 – A Zona Norte da Cidade do Recife.....	39
Figura 3 – Vista de um dos morros da região periférica do norte do Recife.....	40
Figura 4 – Mapa do Vasco da Gama e as suas quatro zonas.....	64
Figura 5 – Distância relacional entre o pesquisador e as pessoas entrevistadas.....	242

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Perspectivas dos moradores da Zona 1, que nasceram na entrada do bairro.....	111
Quadro 2 –	Perspectivas dos moradores da Zona 1 que viveram em outras zonas do bairro.....	113
Quadro 3 –	Condôminos: motivações para trajetos externos ao bairro.....	135
Quadro 4 –	Percepções de condôminos ocupados fora do bairro sobre o Vasco da Gama.....	139
Quadro 5 –	As donas de casa do Alto da Favela pensam sobre os seus filhos.....	154

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Diferenças de renda e pobreza, em 2010, entre a Zona 1 e as demais zonas do Vasco da Gama.....	75
Tabela 2 – Distribuição dos graus de escolaridade da população de 25 anos ou mais em 2010.....	76

SUMÁRIO

NO MUNDO FAMILIAR: UMA INTRODUÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA E AFETIVA.....	19
1 O VASCO DA GAMA NO TECIDO URBANO DO RECIFE.....	35
1.1 Rumo à periferia de uma cidade desigual.....	35
1.2 Observando do alto uma região.....	37
1.3 Urbanização seletiva, dinâmica social e autoconstrução de moradias populares.....	47
1.4 O bairro hoje: diversidade, diferenciação e zonas territoriais.....	62
2 A ENTRADA DO VASCO.....	70
2.1 Observando o Vasco da Gama de perto e de dentro.....	70
2.2 A Zona 1: particularidade e distância (in)diferencial.....	73
2.3 Uma vida por trás de um muro ou a Zona 1 consubstanciada em uma moradora.....	84
2.4 Dona Jô: o trajeto para a Zona 1 e a sua história de vida.....	94
2.5 A Zona 1 pelo prisma de uma casa: os ruídos da melhor parte do bairro.....	103
3 ENTRE O MORRO E O ASFALTO.....	117
3.1 No terreno das contingências.....	117
3.2 A Zona 2: configuração urbana e organização social.....	119
3.3 Os prédios e a rotina dos seus habitantes.....	124
3.4 Um morador previamente conhecido.....	129
3.5 O bairro pelas janelas dos apartamentos: percepções e significados.....	133
3.6 O Alto da Favela.....	146
4 O BAIRRO COMO MORADA E COMO LOCAL DE TRABALHO.....	160
4.1 O lugar do comércio, do trabalho e das transições.....	160
4.2 Um encontro oportuno na Zona 3.....	167

4.3	Prazer, Lidiane: de filha de ambulante à proprietária da Lidi Modas.....	172
4.4	O enquadramento do bairro pela ótica dos comerciantes.....	186
4.5	O bairro e suas zonas percebidas a partir da Lidi Modas.....	191
5	O VISGUEIRO.....	198
5.1	Retornando ao mundo familiar.....	198
5.2	Delineamento da pesquisa na Zona 4.....	200
5.3	Uma zona diversificada e assimétrica.....	204
5.4	O Visgueiro pelas experiências de uma família vizinha.....	214
5.5	O cavalo do cão: a violência que permeia o Vasco.....	232
5.6	Entre a dor e a magia da reaproximação.....	238
	CONCLUSÃO.....	241
	REFERÊNCIAS.....	248
	APÊNDICE A - Roteiro de entrevista.....	257
	APÊNDICE B - Corpus da pesquisa.....	263
	APÊNDICE C - Imagens da pesquisa de campo.....	265

NO MUNDO FAMILIAR: UMA INTRODUÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA E AFETIVA

O trabalho que aqui se apresenta é uma investigação sobre a vida dos moradores de um bairro urbano popular da cidade do Recife¹, o Vasco da Gama, com o objetivo de analisar a maneira como eles percebem, pensam e agem dentro da localidade específica em que habitam. Quero mostrar, a partir desse estudo de caso, como os moradores de um mesmo bairro podem vivenciar e perceber diferencialmente a realidade social que os cerca, indicando como a dinâmica local e os desafios cotidianos dela derivados podem implicar consequências distintas para suas vidas em virtude do local em que se localizam nas estruturas social e urbana instituídas dentro do bairro. Para isso, além das propriedades sociológicas hoje já consagradas quando se quer analisar as variações dos agentes sob condições de classe, como seus capitais econômico e cultural, exploro, a partir das percepções dos atores, como a posição em que se situam dentro do espaço periférico “pesa” sobre suas vidas e sobre suas representações, predefinindo proximidades e distâncias de domínios de experiências e de práticas ao longo de seus percursos, dados no interior de um complexo e contraditório campo de possibilidades. Os dados com os quais trabalhei, adquiridos no contato direto com meus pesquisados, indicam que, no caso específico do Vasco da Gama, pequenas e médias distâncias físicas delimitam e potencializam experiências específicas para os moradores, com consequências fortes sobre as suas relações sociais e sobre os modos como compreendem o contexto em que suas vidas ganham sentido, condicionando a interpretação que fazem do seu passado, a leitura que realizam do seu presente e a projeção que lançam para o seu futuro.

Mas, como surgiu essa tese? Este trabalho emergiu, com efeito, de uma tentativa de encontrar um caminho compreensivo para mim mesmo, sendo eu um ex-morador do bairro que investigo. Estas páginas não devem ser lidas, no entanto, como uma reflexão sobre minha história de vida. A inquietação íntima inicial tomou uma forma outra daquela circunscrita à minha existência particular, rompendo a maneira silenciosa que as questões tomavam nas conversas internas que mantinha comigo mesmo. Como Elias (1994), penso que toda existência

¹ Ao longo da tese, utilizo, muitas vezes, os termos local, lugar e ambiente como correlatos à noção de bairro. Da mesma maneira, o nome do bairro, Vasco da Gama, aparecerá também sintetizado pelo primeiro termo, isto é, como Vasco, forma como é mais frequentemente utilizada no discurso nativo. Da mesma forma, os nomes das pessoas referenciadas são fictícios de modo a preservar as suas identidades, bem como quando se tratava de locais e dos estabelecimentos privados citados. No entanto, no caso dos meus familiares, os nomes reais foram preservados.

individual é reflexo dos entrelaçamentos sensíveis estabelecidos com os outros ao longo do tempo, dados não intencionalmente nos casos mais significativos de pertencimento e de doação de si. Por isso, a atitude reflexiva inicial passou a tomar a memória do vivido como ferramenta para a construção de um objeto socioantropológico, implicando em um esforço para me perceber nas tramas dos processos e das relações que não dizem respeito apenas a mim, mas a todos aqueles cujas histórias se cruzam em uma mesma realidade e em uma mesma época, reencontrando no passado metamorfoseado no presente – na identificação de lugares físicos e pessoas que sobreviveram à passagem dos anos – uma forma outra de percepção das engrenagens que entrelaçam as experiências individuais às estruturas sociais (MILLS, 1982).

Seguindo Gilberto Velho (1994, p. 47), creio que “as trajetórias dos indivíduos ganham consistência a partir do delineamento mais ou menos elaborado de projetos com objetivos específicos”, mas “a viabilidade de suas realizações vai depender do jogo e interação com outros projetos individuais ou coletivos, da natureza e da dinâmica do campo de possibilidades” em que se desenrolam. Por isso, é de fundamental importância valorizar a perspectiva dos atores e as interpretações que eles fazem de suas próprias experiências, uma vez que é por meio de seus relatos e dos seus pontos de vista que “é possível entender os efeitos das estruturas de oportunidade, das subculturas delinquentes e das normas sociais, assim como de outras explicações comumente evocadas para explicar o comportamento” individual e coletivo (BECKER, 1993, p. 103), referentes, no caso dessa investigação, aos moradores e às famílias residentes no Vasco da Gama.

Nesse sentido, o intuito desse estudo é apreender as imbricações existentes entre as experiências individuais e as dimensões coletivamente produzidas que caracterizam um caso particular do possível (BACHELARD, 1978) da condição social de existência nas camadas populares urbanas. De modo algum tenho a pretensão de alcançar nessa análise uma apreensão total da vida social na qual estão inseridos os indivíduos que me interessam no bairro que vivi e que hoje é meu objeto de pesquisa, isto é, de esgotar a riqueza e pluralidade de elementos que formam a realidade em que me aproximei e me distanciei inúmeras vezes ao longo dos últimos anos. Creio, porém, que a reconstrução do bairro como cenário e como ambiente dotado de vitalidade abre espaço para uma compreensão dos diferentes domínios de práticas que formam o campo de possibilidades e o contexto social em que estão localizados os indivíduos inquiridos, cujas experiências por eles vividas se tornam chaves para a interpretação das variações e nuances presentes no seio de uma condição comum de existência na cidade, visualizada a partir da realidade local do bairro popular em que moram.

Por isso, conduzo o estudo por meio de uma reconstrução etnográfica do Vasco da Gama e de sua gente, cujas vidas são aqui sociologicamente reconstituídas sem perder de vista os vínculos entre as subjetividades dos atores e os contextos empíricos e territoriais em que ganham significado. Nesse sentido, o bairro é compreendido como parte fundamental do mundo social das pessoas que se dispuseram a falar comigo sobre si mesmas e sobre o lugar em que vivem, a partir do qual foram paulatinamente integradas a um contexto sociocultural de que, em maior ou menor grau, passaram a se sentir parte, produzindo o sentido da sua própria existência na cidade.

A reconstrução etnográfica do bairro se baseia especialmente numa tentativa de retraduzir de maneira tão fiel quanto possível o conjunto de perspectivas particulares que me foram dadas pelos indivíduos ao longo do trabalho de campo, que revelaram tanto elementos específicos a experiências biográficas singulares quanto aspectos da realidade local a que todos estão implicados. Essas perspectivas foram alcançadas em circunstâncias ora metodologicamente planejadas, quando obtidas por meio da realização de entrevistas, ora inesperadas, quando derivadas das circunstâncias em que estive em interação com os moradores em seu mundo², nos momentos oportunizados simplesmente por “estar lá” entre eles, participando de ocasiões dentro de suas casas, nos estabelecimentos em que frequentam, em seus locais de trabalho e em seus espaços de lazer, em suma, quando o acesso às suas vidas foi permitido em virtude da instauração de uma confiança entre mim e os pesquisados, facilitada pelo fato de eu já ter sido um nativo e por ainda manter, como será discutido mais adiante, relações familiares com indivíduos que ainda lá residem.

Nesse sentido, adentrando em uma profunda e longa experiência de trabalho de campo, dediquei-me, inspirando-me mais na antropologia do que na sociologia, à observação participante. Ineri-me na vida cotidiana desenrolada no espaço público do bairro, contemplada quando passava a me deslocar entre os transeuntes e quando reconhecia as condições para “dar um tempo” em pontos do bairro que se tornaram estratégicos para uma objetivação sistemática de suas partes constitutivas. Tais pontos se tornaram verdadeiras “estações”, para tomar de empréstimo termo cunhado por Anthony Giddens (2009), ao longo da pesquisa, transformando paradas de ônibus, botecos, estabelecimentos comerciais e áreas sobre os morros em instâncias privilegiadas de percepção da vida dos moradores.

² Embora refira-me neste ponto ao mundo “deles”, pouco a pouco ficará evidente que é, de formas diversas, um mundo “nosso”, uma vez que, como já disse, nesse mesmo universo social passei a maior parte da minha vida, não como pesquisador, mas como nativo, na condição de morador.

Com o passar do tempo, estabeleci quatro critérios para determinar o perfil dos indivíduos que poderiam ser recrutados para participação na investigação, em especial para a seleção daqueles que deveriam ser entrevistados, conforme descreve a Figura 1 a seguir. Não era preciso que o indivíduo cumprisse todos os quatro critérios, sendo suficiente apenas atender a um deles para que se tornasse um sujeito potencial a ser entrevistado:

Figura 1 - Critérios de seleção dos moradores para as entrevistas

Ter vivido pelo menos duas fases do seu curso de vida na condição de morador(a) do bairro: infância, juventude, vida adulta ou velhice;	Ser parte de uma família residente em uma ou mais zonas do bairro, e manter contato contínuo com uma rede de relações de vizinhança;
Se perceber - e, preferencialmente, também ser reconhecido - como chefe de família ou dona de casa;	Caso seja ex-morador, continuar a frequentar o Vasco da Gama, seja porque é membro de uma família residente, seja porque mantém laço de amizade/afetivos com moradores.

Fonte: O Autor, 2020.

As anotações e descrições produzidas no convívio interessado no Vasco da Gama foram incorporadas à análise do conjunto de dados oriundos das entrevistas realizadas e serviram para esclarecer e fundamentar significados nativos atribuídos às dimensões físicas e simbólicas de espaços locais apropriados pelos moradores como *zonas* no interior das quais práticas sociais diversas são ordenadas. As zonas do bairro não existem em registros oficiais, sendo uma categoria construída por mim como resultado de minhas observações, tendo aí constituída a sua relevância sociológica para o deciframento da organização social do Vasco da Gama, pois releva como para o morador o território em que habita na cidade está estruturado em partes dotadas de particularidades cuja dinâmica ativada por seus usuários garantem o fluxo diário da vida cotidiana e, ao mesmo tempo, abre espaço para tensionamentos e excepcionalidades capazes de abalar, em maior ou menor grau, a regularidade das práticas e a aparente inércia social predominante. Assim, as considerações acerca dos limites territoriais de cada uma das zonas levam em consideração aquilo que os próprios atores apontavam quando instados a descrever cada uma das partes do bairro, como pontos de referência, espaços e tipos de sociabilidade e relações de vizinhança. Associando suas descrições às mudanças da paisagem

local observadas diretamente durante o trabalho de campo, pude estabelecer, não sem uma dimensão arbitrária, os perímetros de cada um dos espaços separadamente estudados, embora relacionalmente imbricados ao serem aqui analisados.

Pela própria natureza da relação estabelecida e mantida com o universo estudado e considerando que tal relação foi facilitada em função da determinação existencial de minha própria condição originária de classe, que me fez nascer e crescer em meio às pessoas que hoje pesquiso, havia, com alguns indivíduos, evidentes graus previamente definidos de confiança e familiaridade que permitiram o contato espontâneo e o diálogo fluido, cujas situações interativas foram marcadas, muitas vezes, pela forte presença de afetos emanados de recordações de momentos passados que hoje são parte de uma memória intersubjetivamente partilhada entre nós (HALBWACHS, 1990). Nesse sentido, aproprio-me de uma série de significados obtidos durante a realização da pesquisa, percebidos tanto em ocasiões em que foram estabelecidas conversas interessadas em adquirir informações para esclarecimento de dúvidas sobre aspectos da sociabilidade local quanto em interações espontaneamente ocorridas com algumas pessoas que foram fundamentais para acessar o universo sociocultural existente atualmente entre os moradores do Vasco – que participam da significação dos próprios ambientes socioespaciais circunscritos a esse cenário.

As informações adquiridas nessas circunstâncias interativas somente foram percebidas como recursos a serem incorporados à análise após sua aquisição e apenas foram consideradas potencialmente elucidativas para uma reconstrução socioantropológica empiricamente fundamentada do Vasco ao serem diversas vezes objeto de reflexão de minha parte. Sentia-me receoso de sua utilização, não apenas por serem “pedaços” de memórias imbricados à minha própria história de vida – que, hoje tenho ciência, nunca diz respeito apenas a uma só pessoa –, mas por terem sido captadas em fragmentos, sem uma produção sistemática racionalmente conduzida, de modo que foram escritas despretensiosamente nas bordas laterais do meu caderno de campo, sem maiores pretensões ou planos de sua utilização na análise. Não obstante isso, dado o caráter da dupla relação mantida com o bairro, de ex-morador e de socioantropólogo que o estuda, algumas dessas anotações eram antes recordações minhas sobre mim mesmo e sobre locais que novamente ressurgiam diante de mim, de modo que, nas páginas a seguir, o “desenho” do bairro incorpora também a minha memória pessoal acerca do período em que nele vivi como morador, refletida a partir de entrecruzamentos reflexivamente realizados com as memórias e perspectivas individuais dos moradores atuais, dentre eles alguns com quem já

havia anteriormente convivido e que foram reencontrados durante a investigação, convertendo-se em importantes informantes ao longo das etapas do estudo.

Dessa forma, optei por reconstruir a realidade local a partir do contato direto com a experiência cotidiana de homens e mulheres que ali residem, de modo a percebê-la a partir de códigos culturais que a dinamizam a partir de dentro, visualizando não apenas o ordenamento das práticas de seus agentes, mas também a heterogeneidade que se mostrou constitutiva da estrutura social ali estabelecida. Embora o material construído com base nos diálogos espontâneos tenha sido resultado de dados coletados de maneira assistemática – assim considero ao compará-los aos dados obtidos com entrevistas – penso que ele oferece suficiente informação para traçar uma caracterização do bairro em que vivem os atores individuais que me interessam, cujas vidas são o centro desta tese. A isso acrescento uma exposição da experiência de realizar um trabalho de campo no bairro em que cresci, relatando reflexivamente por meio de uma descrição densa (GEERTZ, 1989) os momentos e circunstâncias vivenciadas ao longo dos últimos anos, iniciada nesta introdução, mas prolongada e aprofundada ao longo dos capítulos. Claro, cabe ao leitor e, mais especialmente, ao leitor-nativo julgar se esse material foi suficiente ou não para a construção interpretativa do Vasco da Gama, isto é, se o efeito imagético e o sentimento produzido pelo texto correspondem efetivamente àquele ofertado pelo local tal como ele é experienciado por aqueles que nele estão inseridos.

Quero ressaltar, ainda, que essa caracterização não deve ser lida como uma exposição apenas dos aspectos urbanísticos do bairro, da dimensão material e arquitetônica perceptível a toda e qualquer pessoa que por ele transita – embora isso seja, claro, largamente considerado. Tomando o bairro como um domínio possível do ambiente social e considerando que ele constitui “para seu usuário uma parcela conhecida do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido” (MAYOL, 2013, p. 37-38), reconstruo um caso particular do possível da existência social nas camadas populares urbanas, cujos membros – os indivíduos – são vistos em seu caráter *ativo*, ou seja, como *agentes* engajados na dinâmica do lugar que habitam e na produção dos seus meios materiais e simbólicos de vida vigentes no quadro sobre o qual estão posicionados (GIDDENS, 2009; DUBET, 1996; MARTUCELLI, 2007). Isso, porém, não significa dizer que não esteja atento aos condicionamentos a que estão sujeitos, ao modo como as experiências por que passam a partir de sua posição na sociedade e na cidade participam da constituição das inclinações e propensões pré-reflexivas, importantes para entender o modo como percebem, apreciam e agem no mundo social (BOURDIEU, 2008; 2009; LAHIRE, 2002).

Desse modo, trago os pontos centrais que dão forma ao bairro, ao mesmo tempo em que adentro, ao longo de cada capítulo, em cada um desses pontos sublinhando os conteúdos que lhes dão significado na configuração desse território para o seu nativo. Em linhas gerais, adianto que para os moradores do Vasco, o bairro não é um todo opaco, indecifrável ou exótico. Também não é um grande espaço homogêneo e uniforme, facilmente definido por julgamentos classificatórios coerentes. O ambiente em que se produziram como indivíduos é internamente complexo e os aspectos com os quais se identificam existem na mesma medida em que há elementos locais com os quais preferem “manter distância” porque nada têm a ver com o que são – ou o que dizem ser e querer ser. Nesse sentido, embora não dominem os instrumentos sociológicos de reflexão da realidade, são portadores de conhecimentos práticos que muitas vezes se traduzem em uma consciência discursiva competente para discorrer sobre acontecimentos, situações e implicações a que estão sujeitos pelo fato de terem incorporado espontaneamente ao longo de suas biografias e trajetórias os códigos segundo os quais as experiências, ações e práticas características do universo social em que estão inseridos foram produzidas (BERTAUX, 1979; GIDDENS, 2002; VELHO, 2004).

Desconfio de que as diferentes versões do bairro que pude acessar correspondem, em grande medida, a lógicas de ação e de experiências circunscritas a um campo de possibilidades coletivamente tecido que se particulariza e se processa sobre as vidas individuais (VELHO, 1994), definindo pontos de vista e trajetórias sociais territorializadas, o que significa dizer, no plano metodológico, que é necessário apreender percursos biográficos vividos no bairro para compreender devidamente as visões singularizadas da realidade local. Os agentes individuais nos meios populares urbanos estão sujeitos a um ambiente sociocultural contraditório e complexo, em que diferentes visões de mundo coexistem e se contradizem (BOURDIEU, 1997; VELHO, 2004; ASSIS, 2020), gerando circuitos simbólicos disruptivos, mas também associativos, como redes de relações de confiança capazes de engendrar vínculos afetivos e emocionais importantes que funcionam como suportes para lidar com as dificuldades sociais e existenciais por que possam passar. A maneira como cada ator lida com esse universo, se bem captada, lança luz sobre a experiência singularizada em uma condição que, ao ser olhada de uma determinada distância, se passa como comum a todos que nela estão inseridos. Minha pesquisa, porém, feita numa escala de observação que se concentra em níveis meso e microsociológico, revela que um mesmo “mundo” pode ser claramente percebido, experienciado e vivido distintamente, oferecendo oportunidades extremamente diversificadas a seus membros, exigindo que a agência humana se dedique a lidar com constrangimentos e

condicionamentos de maneira ativa, de modo a superar as dificuldades e os desafios que possam se impor ao longo de percursos sociais inteiros.

A tese cumpre uma dupla função. Por um lado, é o resultado de um tratamento cruzado de pontos de vista fundados na experiência concreta com o lugar, em que primeiramente são indicadas pistas para a percepção dos efeitos subjetivos da diferenciação dos agentes individuais no universo específico aqui considerado. Por outro, demonstra como os indivíduos podem ser sociológica e antropologicamente compreendidos ao serem percebidos como parte de uma trama que os obriga cada vez mais a pensarem sobre si mesmos e sobre o campo de possibilidades oferecido pelas condições em que socialmente existem. Com os dados obtidos ao longo desse estudo, estou convencido de que, embora estruturas sociais tendam a se reproduzir (BOURDIEU, 2009), fissuras são engendradas nessas estruturas pelos agentes que a elas estão sujeitos (MARTUCCELLI, 2007), de modo a percorrermos, ao longo do curso de suas vidas, trajetórias singulares produzidas entre ambiguidades, fragmentações e contradições próprias da vida em sociedades modernas, a que todos nós estamos hoje sujeitos (VELHO, 1986). Esse trabalho é, assim, um esforço para apresentar o lugar e alguns aspectos que estruturam as rotinas dos seus moradores, conduzindo o olhar distanciado para o seu interior, registrando os fragmentos que constituem esse rico ambiente sociocultural e permitindo que as biografias e as trajetórias sejam visualizadas em um campo de possibilidades estabelecido sob a coexistência de condicionamentos estruturais e de processos que, ao mesmo tempo, singularizam e constroem laços entre os indivíduos.

Família, trabalho, violência, criminalidade, cultura, lazer, problemas práticos do cotidiano e dificuldades irresolutas com as quais é necessário conviver constituem os domínios que a maioria dos indivíduos das classes populares, em maior ou menor grau, precisa lidar ao longo da vida. Na realidade em que vivi grande parte da vida não é diferente e é sobre esses domínios distintos que busco reconstruir os vínculos entre as experiências, as trajetórias e as percepções dos moradores do Vasco da Gama, cuja diversidade e complexidade contribui para lançar luz sobre o processo de construção e de atribuição de sentidos à realidade social existente no bairro popular investigado.

Nesse ambiente, todos esses fenômenos e domínios estão entrelaçados como uma totalidade mais ou menos percebida pelos indivíduos, moradores de um microcosmo urbano localizado na periferia da cidade do Recife. Como já situei, nesse bairro vivem homens e mulheres pobres cujas vidas parecem a priori circunscritas a uma ininterrupta busca por recursos voltados à sobrevivência individual e familiar, para suprir necessidades de caráter

imediatamente, limitando as aspirações, os sonhos e o campo de possibilidades muitas vezes à expectativa de ter força para “viver um dia de cada vez”. Digo que a vida social dos moradores do Vasco parece se reduzir a uma busca pela sobrevivência porque essa é a primeira aparência que muito provavelmente um “estrangeiro” poderia ter da realidade local. Conhecer a realidade social para além do modo como ela se apresenta diante dos nossos olhos requer compreender os sistemas de ação, as classificações, as hierarquias simbólicas e os valores que compõem a visão de mundo daqueles que estão situados, participam e estão engajados na produção daquela realidade (ASSIS, 2020). Analisar uma realidade de modo a romper a artificialidade dos estereótipos que circulam no imaginário social, principalmente quando se trata da vida dos moradores pobres de um bairro popular, requer convívio, desnaturalização, reconhecimento, estranhamento, identificação e empatia, na medida em que “pôr-se no lugar do outro e de captar vivências e experiências particulares exige mergulho em profundidade difícil de ser precisado e delimitado em termos de tempo” (VELHO, 2004 [1974], p. 124)³.

Foi no Vasco em que nasci e me “criei”, em que vivi entre 1987 e 2013, morando, junto com minha família (pais, irmã, avó, tios e primos), durante 26 anos. Saí do Vasco por ocasião das consequências do sucesso escolar, após a conclusão do curso universitário e a consequente aprovação no mestrado, que me fez migrar para o Rio de Janeiro, em 2013. No mesmo ano, casei-me e, ao retornar ao Recife, 4 anos depois, com uma nova configuração socioeconômica, passei a residir em área residencial de classe média relativamente próximo do Vasco, frequentando-o sempre que possível em visitas a familiares e amigos. Todavia, mesmo frequentando o bairro popular com periodicidade, era evidente que havia agora uma distância invisível, porém, incômoda, entre mim e algumas pessoas que antes eram próximas e até mesmo íntimas.

Fiquei surpreso, ao mesmo tempo, com as mudanças e permanências no âmbito das minhas relações de amizade, mas, sobretudo, com a transformação precarizada da vida de

³ Os “nativos” de um bairro popular conseguem enumerar sem muita dificuldade os vários ambientes de interação em que atuam na vida cotidiana. Como a pesquisa é realizada no bairro em que cresci, tive alguma facilidade em pressupor quais seriam esses domínios e âmbitos da vida social. Todavia, ter um mapa “espontâneo” em mente não é a mesma coisa que realizar a sua sistemática construção socioantropológica. De fato, em linhas gerais, temos que no caso a família/casa, escola, trabalho, espaços de lazer, relações de vizinhança, criminalidade e violência surgem frequentemente como parte da realidade constituída. Todavia, cada um desses universos possui um peso variável na trajetória de vida dos indivíduos, na medida em que paulatinamente passaram por um processo particular de individuação, singularizando-se. Em linhas gerais, é comum a família emergir como uma instituição valorativa fundamental que deve ser preservada; a vida escolar como um desafio muito difícil de ser vencido; o trabalho como meio de vida digno e moralmente exemplar; o cotidiano ser interpretado como rotina opaca, mas ao mesmo tempo visível de maneira multidimensional em que se dão situações de resistência, sujeição, resignação e conflito; a vida social, em geral, como um campo de possibilidades incertas.

alguns indivíduos e famílias inteiras. No que concerne às relações de amizade, o sentimento era o que de que passei a ser percebido, por alguns, como alguém que “venceu na vida” por esforço e mérito individuais e que aparentemente não teria mais a mesma personalidade garantidora de afinidades e vínculos com aqueles que, utilizando a linguagem nativa, “estão na mesma”. A precarização das vidas individuais era evidente nos casos principalmente em que algum dos membros de uma família passava a ser estigmatizado por ter se tornado ou usuário de drogas lícitas e ilícitas (álcool, maconha e crack) ou partícipe de carreiras criminosas, no tráfico de drogas ou nos grupos de extermínio. Paralelamente a isso, a paisagem urbana havia se modificado, com um comércio local mais aquecido, com uma presença mais intensa de estabelecimentos comerciais, aumentando a oferta de emprego, produtos e serviços.

A maneira como teórica e metodologicamente conduzi a pesquisa no lugar que marca a minha origem social foi alcançada paulatinamente a partir dos modos progressivos de retorno e de refamiliarização com a realidade local. A distância que tinha se estabelecido entre mim e os moradores do Vasco devido ao percurso que trilhei em minha vida não era algo que tinha plena consciência quando decidi a ele retornar para refletir sobre a vida de sua gente. Talvez eu estivesse motivado por inquietações autobiográficas das quais não tinha ciência, porém, ao voltar ao Recife e ir a periferia da Zona Norte da cidade, percebi que precisava lidar com o contexto no qual tinha adquirido as inclinações que me levavam a ter interesse em estudar a realidade popular.

Se a região espontaneamente ocupada pelas camadas populares na zona norte do Recife é formada por planícies intervaladas por morros distribuídos numa grande extensão, como apresentarei no capítulo 1, o Vasco da Gama, como uma de suas partes tornadas bairro, preserva a mesma variabilidade de formas desse universo, como pude verificar no contato direto, no entanto, concentradas numa escala muito menor. Quando retomei o contato com o bairro com o intuito de refletir sobre os indivíduos nas camadas populares, não imaginava que ao chegar no ponto inicial do seu território perceberia com estranhamento o lugar que me era extremamente familiar no passado. No primeiro dia do meu trabalho de campo, ocorrido no segundo semestre de 2016, decidi caminhar do Poço da Panela, bairro para o qual me mudei no Recife, até o Vasco da Gama. Para quem percorre, com alguma frequência, as ruas que permitem ir de um ao outro, realizando o trajeto por Casa Forte e Casa Amarela, nota, sem muita dificuldade, que uma série de elementos e equipamentos básicos que dão ordenamento à vida na cidade gradualmente desaparecem à medida em que o início do Vasco se aproxima. Paradas de ônibus, por exemplo, perdem suas cobertas e assentos e são reduzidas a uma mera

sinalização à meia altura dos postes de iluminação pública. Paulatinamente desaparecem ainda lixeiras, faixas de pedestres, placas indicativas de endereços e direções etc.

Se simples elementos materiais como esses não são mantidos, a oferta de serviços essenciais mais complexos também não perduram (como postos policiais e instituições médicas), indicando que nesse percurso se anda em direção à um contexto socialmente vulnerável, sem suportes institucionais do Estado, a que estão sujeitos os moradores da periferia urbana do Recife, e não só daqui. Na franja do Vasco e em seu interior, a cidade do Recife se deteriora e coloca em evidência, por meio de uma série de ausências, como vivem as camadas populares num cenário resultante de um longo processo de formação espontânea de moradias, em que os protagonistas são seus próprios habitantes, muitos deles instalados na única herança deixada pelas gerações passadas de sua rede familiar, a casa⁴.

O sentimento que tive quando alcancei a “entrada do Vasco”, como é conhecida entre os nativos a área triangular formada pelo encontro entre a Av. Norte, a Rua Padre Lemos (Casa Amarela) e a Rua Vasco da Gama, a principal rua do bairro, foi muito diferente daquele que no passado se fazia presente ao ali chegar. Enquanto morei no Vasco, durante quase três décadas, esse ponto aparecia para mim como o princípio do meu próprio mundo, um lugar seguro porque com ele mantinha uma cumplicidade ontológica que o tornava algo evidente para mim: a maneira como a vida social dentro do bairro funcionava me era tão naturalizada quanto a ação involuntária que todos nós fazemos quando respiramos. Acreditava conhecer todas as ruas, atalhos, estabelecimentos comerciais e seus proprietários, moradores e áreas reconhecidas como seguras e inseguras, bem como a relação de todos esses elementos com a rotina local e suas variações ocorridas a cada hora do dia.

Esse conhecimento prático me tornava apto a saber como portar a mim mesmo dentro do universo no qual estava integrado. Agora, ao contrário, a expectativa de que um sentimento de pertencimento se concretizasse automaticamente por retornar ao bairro perdia lugar para uma distância não intencionada através da qual uma diferença se colocava, que somente fui perceber

⁴ Durante o trabalho de campo, percebi que há visivelmente um aumento de famílias habitando sob o regime de alugueis. Em sua maioria, essas famílias não estão no Vasco há muito tempo, mas para lá se mudaram nos últimos anos. O sistema da habitação popular alugada mantém os seguintes padrões: o proprietário de uma casa, após experienciar uma mobilidade socioeconômica ascendente, muda-se para outra parte do mesmo bairro ou para outro bairro, disponibilizando seu imóvel no mercado local. Os inquilinos, muitas vezes, são pessoas já conhecidas do proprietário ou mesmo seus familiares. A casa em que cresci, por exemplo, pertence à minha mãe e está atualmente alugada a meu primo. Em outros casos, verifica-se também modelos em que o proprietário de um imóvel amplia a construção de modo a autoconstruir casas menores, no quintal ou nos fundos de sua residência, às vezes abaixo, quando a casa é um duplex, que passam a ser ofertadas para aluguel. Em ambos os casos, o aluguel é uma estratégia para se ter um complemento de renda.

instituída quando tive diante de mim o Vasco em sua condição atual. Embora guardasse traços que remetiam à imagem que dele mantinha retida em minha memória, não aparecia essencialmente como o mesmo bairro em que por tanto tempo morei, de modo que começava a sentir, num primeiro instante, um conflito interior causado pelo atrito entre as recordações e as constatações, entre uma imagem idealizada e a evidência empírica cortante. Isso implicava num certo desajuste inesperado que se somava à delicada e ambígua relação já prevista entre mim e um mundo que buscava converter em objeto de análise, em que pressupunha, tomando a mim mesmo como protótipo, exemplar para um estudo das trajetórias e experiências sociais nas camadas populares.

Foi a primeira vez em que não me senti plenamente parte do lugar em que cresci. Sentia-me num quebra-cabeça sem todas as peças necessárias para sua reconstrução. Evidentemente havia um ruído entre mim e o lugar, que se colocava de tal forma que não me sentia capaz de equalizá-lo por meio dos instrumentos teórico-metodológicos que portava. Essa tensão era um sintoma de que o Vasco não era mais exatamente o *meu* bairro (MAGNANI, 1992), pois não me sentia espontaneamente acolhido naquele que era antes o meu domínio na cidade: conquanto reconhecesse os espaços e as edificações existentes, algumas delas deterioradas pelo tempo, outras reformadas e renovadas, não percebia nas pessoas que cruzavam o meu caminho a permanência dos laços anteriormente existentes. Estava numa posição de relativo anonimato, típico da condição de vida nas cidades (cf. SIMMEL, 1967). A surpresa me desagradava e me colocava numa situação enigmática calcada entre a imagem do bairro cultivada em minha memória e sua constatação empírica que informava que as lembranças construíam uma representação que a realidade objetiva lhe tirava o sentido, ou a tornava objeto de reflexão e não mais ambiente de mera fruição emocional. Esse desajuste entre a idealização e a materialidade do espaço era indicativa de que o tempo trouxe consigo mudanças e rupturas que sublinhavam que a continuidade da minha história de vida seguiu paralelamente à continuidade da vida no bairro, como entidades separadas de um só corpo antes formado pela conexão profundamente inconsciente entre interioridade e exterioridade.

Com esse sentimento confuso, voltei para casa e refleti sobre essa experiência inicial. Cheguei a pensar que seria melhor encaminhar a investigação numa outra direção e não explorar um lugar que me afetava em um nível existencial. Cogitei evitar o Vasco e realizar a pesquisa em outro ambiente, supondo que automaticamente teria maiores chances de manter um controle metodológico para alcançar e manter a longo prazo uma adequada relação entre sujeito e objeto. Todavia, dias mais tarde, ainda refletindo sobre o primeiro dia no campo e seus efeitos, dei-me

conta de que não podia simplesmente desistir de viver essa experiência socioantropológica, na medida em que o contraste entre o passado e o presente indicava a rota de acesso às condições de possibilidade de uma verdadeira objetivação participante (BOURDIEU, 2003) capaz de esclarecer as questões que me moviam numa profundidade que nem mesmo podia imaginar ser possível alcançar, em que suas respostas pediam um inevitável entrelaçamento pessoal com o objeto, encarando isso não como um problema metodológico, mas como uma propriedade que, se bem trabalhada, poderia se metamorfosear em um potente recurso epistemológico em meu favor⁵.

Alguns dias depois, decidi mais uma vez retornar ao bairro. Voltei ao Vasco no início da manhã de uma segunda-feira. Cheguei ainda num horário em que o movimento nas ruas era ameno, antes mesmo do exército de trabalhadores urbanos transitarem freneticamente em busca dos transportes para seguirem aos seus locais de trabalho. Vi gente dos mais variados tipos, de todas as idades, saindo de casas e ruas para dar início às suas rotinas. Alguns estabelecimentos comerciais já estavam de portas abertas para atender clientes, como as padarias e as quitandas de frutas e verduras, que são as primeiras a dinamizar a vida local durante os dias úteis da semana. Seguindo um ritmo tranquilo, andei no contrafluxo de quem saía do bairro, tentando uma reinserção num ambiente sociocultural geograficamente situado com o qual agora buscava fincar as bases para a realização de uma apreensão minuciosa das articulações entre vidas individuais e estruturas sociais, tomadas a partir de posições sociais destituídas de prestígio para a sociedade mais geral, mas hierarquizadas no contexto em que ganham importância.

O ambiente relativamente desconhecido com o qual era necessário me reconectar para redescobri a mim mesmo como parte daquele universo, e, com isso, nele encontrar os caminhos

⁵ Se na sociologia durante muito tempo predominou o princípio durkheimiano de que o tratamento dos fatos sociais como coisas é a base do conhecimento sociológico do mundo social, penso, em certa medida em contrário, de que um entendimento profundo dos “objetos” é possibilitado se antes com eles forem estabelecidos vínculos (empatia, afeição, pertencimento) com o que se quer objetivar. Nesse sentido, meu trabalho, utilizando-se de uma linha tênue entre familiaridade e distanciamento, apresenta um experimento empiricamente conduzido de como converter a afetividade e a intimidade em instâncias potenciais para um verdadeiro conhecimento socioantropológico da vida social, que, opondo-se ao que prega o positivismo ingênuo que enfatiza sobretudo as regularidades e sua acumulação no tempo, tem na indeterminação do comportamento individual e em sua relação com a dinâmica coletiva o motivo que justifica a sua prática. Nesse sentido, estou convencido de que a discussão metodológica e epistemológica presente na antropologia urbana brasileira precisa ser explorada e aproximada mais do que nunca da pesquisa sociológica, sobretudo porque é nela que estão mais bem desenvolvidos os instrumentos para transformar “o exótico em familiar” e “o familiar em exótico” (DAMATTA, 1978, p. 4). No meu caso particular, a trajetória de mobilidade ascendente por si mesma implicou num primeiro distanciamento do meu mundo familiar. Todavia, esse estranhamento não consciente precisava, em si mesmo, ser bem compreendido para poder avançar na apreensão do meu objeto. Se na antropologia ensina-se a transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico, tive que, baseado nos textos clássicos a esse quesito (DAMATTA, 1978; VELHO, 1980; 2004), encontrar o caminho para me reinserir no relativamente distante, reconvertê-lo em familiar e objetivá-lo novamente como exótico – sem com isso desligar os laços sociais reestabelecidos durante esse triplo movimento.

elucidativos de vidas individuais forjadas num mesmo lugar, foi ganhando cada vez mais forma e sentido. Com o passar dos dias, estabeleci como um dos exercícios contínuos do trabalho de campo a realização de caminhadas pelas ruas do bairro, especialmente porque com isso observava atentamente a vida cotidiana das pessoas em ato, que com o passar do tempo seriam indagadas sobre suas próprias histórias de vida e levadas a falar sobre o bairro e seus lugares. Pude, com isso, adquirir anotações sobre o trânsito, os mercados, as escolas, o posto de saúde local, os espaços de lazer, os botecos, as quitandas, os salões de beleza, os fiteiros, as oficinas, as relações de vizinhança e todos os atores sociais envolvidos na trama que liga essas diferentes estações existentes no cenário. Esses dados referiam-se não apenas ao presente imediato, mas informava também sobre o passado, isto é, sobre as experiências vividas pelos agentes individuais no bairro, permitindo apreender aspectos da memória coletiva dos moradores por meio do registro da composição imaginativa do Vasco da Gama.

Desse modo, transitando pelo território em diferentes direções, descrevendo tudo aquilo que me chamava a atenção, reencontrei amigos que há muito não contatava, conheci pessoas que me eram totalmente desconhecidas e participei de ocasiões interativas dentro e fora de suas casas que, em conjunto, abriram caminho para meu retorno efetivo – e afetivo – ao bairro, às suas dinâmicas, à sua gente, indicando as pistas para alcançar uma compreensão sistemática dos sentidos dados pelos moradores atualmente engajados na produção e reprodução das condições de existência estabelecidas neste universo particular.

Um conjunto importante de experiências ocorridas no trabalho de campo se referem àquelas dadas diretamente em contato com meus familiares que ainda moram no Vasco. É claro que quando dei início à pesquisa tinha ciência de que eles permaneciam como residentes. Porém, a princípio, não considerei a ideia de recorrer a eles como uma forma de acesso facilitado ao campo. Se estava internamente em crise com o contato com o bairro, se envolvesse membros de minha família, supus que as dificuldades se desdobrariam, complicando ainda mais a apreensão indutiva minimamente controlada do local. Contudo, com o desenrolar da investigação e o reconhecimento de que conversas ocorridas com meus familiares se revelavam fontes inesgotáveis de elementos elucidativos para a obtenção de respostas às questões que me moviam, decidi dialogar abertamente com a minha família sobre meus interesses de pesquisa e sobre a vida de famílias vizinhas, que poderiam ser procuradas para que eu pudesse avançar em busca de respostas às questões que me moviam dentro do bairro.

Essa decisão claramente não foi tomada de maneira repentina, muito menos sem uma turbulência interior. Somente fui convencido a realizar a empreitada após receber um retorno

importante do meu orientador sobre as dimensões mais íntimas do trabalho que evitava expor a um público mais amplo, que foram primeiramente debatidas com meus colegas de núcleo de pesquisa, o Sociofilo. Até então, nem o vínculo com o bairro era mencionado. Com o apoio coletivo, adquiri a confiança de que era possível e válido essa exploração, que foi respaldada pelo encontro quase ao acaso com as pesquisas de Luiz Fernando Dias Duarte e Edlaine de Campos Gomes (2008) dedicadas às suas próprias redes familiares. Esta obra, junto às sugestões e às orientações obtidas no Sociofilo, surgiu como o exemplo até então não encontrado para acreditar na exequibilidade do inquérito reflexivo radical. Não tornei a minha família parte do objeto, mas em partes da investigação alguns familiares emergem como informantes importantes para esse trabalho.

O objeto sobre o qual me debruço, portanto, é íntimo e familiar, parecendo, inclusive, durante a análise, uma reflexão que percorre o social sem perder de vista o estoque de conhecimento (SCHUTZ, 2012) adquirido de maneira não interessada sobre o Vasco da Gama e seus moradores. Ao me deparar com a situação atual da vida local transcorrida no lugar que marca meu passado, reconectando-me à vida de indivíduos com os quais compartilhei experiências pessoais ao longo da minha história, a relação de familiaridade com o familiar (VELHO, 2004) deixou de ser tratada como uma barreira para alcançar a objetividade pressuposta à produção do conhecimento científico-sociológico. Partindo de um tipo de “conhece-te a ti mesmo” sociológico, deixei-me levar pelas motivações subjetivas e emocionais que me reconduziram para perto de pessoas que comigo conviveram, direta ou indiretamente, com as quais compartilhei uma experiência comum de habitar o social; com as quais vivenciei e aprendi a lidar com os desafios que, com frequência, se impõem na vida de todos aqueles oriundos das camadas populares. Com isso, constatei, na prática, que é no tipo de envolvimento genuíno com os atores, observando sociologicamente o familiar, que se torna possível apreender compreensivamente o imbricamento recíproco entre história pessoal, memória, prática e experiência social, abrindo caminho para uma reconstrução sociológica da integração a partir do modo como os próprios agentes interpretam suas vidas e o lugar em que moram, vivenciam e se engajam em ações e práticas em seu presente e, não obstante, projetam o seu futuro.

Olhar, escutar e descrever, como indicado por Cardoso de Oliveira (2000), ações e narrativas em sua ampla duração (ROCHA, ECKERT, 2013), mapeando a densidade sociocultural produzida pelos indivíduos inseridos no processo de reprodução da complexo universo das camadas populares urbanas, são os princípios da abordagem etnográfica que sigo nesse trabalho. Com um acúmulo de informações, anotações e entrevistas, adquiridas durante

meses de exploração no bairro, comecei, naturalmente, a me sentir seguro na nova relação estabelecida com o lugar em geral, necessária para retraduzir um universo aparentemente desorganizado em um ambiente socioespacial e cultural internamente estruturado, o que não quer dizer destituído de conflitos e fissuras, mas dinâmico e dotado de ordenamentos práticos e simbólicos plurais. Seguindo meus registros, pouco a pouco pude compor um quadro geral da rotina local, configurado entre os encaixes e desencaixes de quatro zonas territoriais percebidas pelos moradores como partes relativamente autônomas do bairro. Essas zonas, embora imbricadas, possuem diferenças significativas entre si, que engendram mecanismos variados de dinamização da vida coletiva, com efeitos evidentes à escala individual. É por meio de uma reconstrução dessas quatro zonas que deslindo o Vasco da Gama, não apenas analisando-o descritivamente a partir da reconstrução do que experienciei ao longo dos últimos anos, mas também pela interpretação socioantropológica das perspectivas dos moradores, de suas trajetórias e de suas inquietações mais sensíveis acerca do entorno de suas casas.

Para chegar a uma distância que permita visualizar de perto e de dentro o bairro (MAGNANI, 2002) é preciso, antes, compreendê-lo no contexto urbano em que ele foi formado, o da cidade do Recife. Identificar a sua posição na cidade e a sua peculiaridade na periferia da capital pernambucana é fundamental para que se possa, em seguida, entender as relações entre os indivíduos e o lugar em que vivem. Assim, no primeiro capítulo, desenvolvo uma reflexão sobre o Recife contemporâneo, com especial atenção para o processo de produção espontâneo do Vasco da Gama ao longo do tempo, procurando indicar as condicionantes mais importantes para entendê-lo em sua especificidade na cidade. Nos capítulos seguintes, meu intuito é o de descrever a sua composição interna, tanto geográfica quanto sociológica, apresentando gradativamente a tese de que o local em que se mora dentro do bairro e a posição em que se situa na estrutura social aproximam e/ou distanciam os indivíduos de experiências sociais que marcam a existência popular na periferia urbana brasileira, constituindo um complexo campo de possibilidades no interior do qual biografias e trajetórias sociais podem seguir cursos muito distintos, apesar dos atores partilharem de uma mesma origem social. Com isso, retomo o percurso iniciado nessa introdução, avançando paulatinamente em direção ao interior do bairro, procurando compreender os sentidos que pairam sobre as relações de vizinhança e sobre os espaços pelos quais os moradores transitam. A cada passo, os encaixes, as continuidades e as descontinuidades que compõem o mosaico interno do Vasco da Gama passa a ser percebido tal como aqueles cujas vidas nele se entrelaçam. Vamos a ele.

1 O VASCO DA GAMA NO TECIDO URBANO DO RECIFE

1.1 Rumo à periferia de uma cidade desigual

Antes de chegar no Vasco da Gama propriamente dito e descrevê-lo a partir do ponto de vista nativo para entender como uma mesma realidade social pode ser diferencialmente vivida e compreendida por aqueles que nela estão inseridos é importante situar geográfica e historicamente o bairro no tecido urbano do Recife. Isso porque, como demonstrarei mais adiante, a sua localização na cidade e o modo como a região que o forma passou a ser utilizada para habitação são elementos importantes para o entendimento de algumas dinâmicas que animam a vida social local, especialmente perceptível nas associações existentes entre a posição em que se mora dentro do território considerado - ou das zonas em que nele mais se frequenta - e as classificações sociais coletivamente atribuídas aos residentes e frequentadores. Não obstante isso preconizar uma hierarquia simbólica - e moral - das pessoas e dos espaços, contextualizar o Vasco da Gama na cidade serve também para indicar pistas necessárias para uma melhor compreensão dos indivíduos que nele vivem, cuja existência está diretamente relacionada aos ordenamentos e às provas sociais que regulam e tensionam o caráter rotinizado da vida cotidiana do bairro.

Tomo como norte neste capítulo elementos de um processo social em que as imbricações entre tempo, espaço e práticas funcionam como condutores para uma apropriação sociológica da formação espontânea do bairro em que foi realizado o estudo⁶. A ideia de que para o entendimento de contextos de associação em condições de copresença implica refletir sobre as propriedades físicas – uma cidade, um bairro, uma rua, uma casa, um cômodo – em que tais interações se realizam me é importante porque é com ela que se torna possível perceber os cerceamentos e a ampliação de lógicas e experiências práticas comuns aos agentes individuais residentes numa mesma circunscrição socioespacial (HÄGERSTRAND, 1975; GIDDENS, 2009). Nesse sentido, para a contextualização mais ampla do cenário em que estão situados os indivíduos investigados, uma breve discussão sobre o Recife e sua urbanização⁷ é substancial,

⁶ Em termos teóricos, baseio-me, especialmente, na discussão giddensiana sobre os modos de regionalização, por meio da qual busco nas imbricações entre a passagem do tempo e a transformação do ocorridas ao longo do século XX no Recife elementos capazes de elucidar o processo de formação da sua periferia urbana, região em que os indivíduos que integram a amostra desta pesquisa passaram a maior parte das suas vidas e ainda moram.

⁷ A bibliografia dedicada às condições de produção da cidade do Recife e do seu processo de urbanização é abundante. O uso que faço da contribuição das referências consultadas me permite apresentar a vida urbana

na medida em que com isso o Vasco da Gama passa a ser visualizado não apenas em seu caráter geograficamente periférico, mas também em seu aspecto qualitativamente complexo, notável especialmente no tipo de diferenciação e de diversidade que marcam a vida local⁸.

1.2 Observando do alto uma região

Para quem nunca foi ao Recife, talvez não saiba que essa cidade é, ao lado de Salvador, na Bahia, e Fortaleza, no Ceará, uma das grandes cidades do Nordeste brasileiro e se constitui, atualmente, como uma extensa área territorial de 218km² de desigualdades e contradições sociais⁹. Não por acaso, uma das suas contradições mais evidentes, perceptível a qualquer pessoa que por ela transita, é revelada pela profunda transformação por que passa o espaço urbano em pequenas e médias distâncias, variando rapidamente entre regiões inteiras de bairros nobres, habitados pelas classes médias e altas, e bairros populares e favelas, em que residem as classes populares e os extremamente pobres da cidade.

Na zona sul do Recife, por exemplo, basta observar a proximidade dos famosos bairros do Pina e de Boa Viagem, cujas praias formam um dos principais atrativos turísticos da capital,

recifense como resultado de um processo social composto por vários mecanismos que, em conjunto, demarcaram a cidade por áreas heterogêneas e desiguais. Sem pretensão de esgotar o debate, ao consultar alguns dos principais nomes que analisaram a cidade, quero apenas mostrar como o Vasco da Gama e suas adjacências formam um aglomerado não apenas de pessoas, mas também de problemas cotidianos diversos, alguns deles historicamente herdados. O leitor interessado na questão urbana recifense encontrará subsídios importantes em CASTRO, 1948; BEZERRA, 1965; CORREIA ANDRADE, 1979; FREYRE, 2004; MELO, 1978, SANTOS, 1983; OLIVEIRA, 2008; SOUSA, 2003.

⁸ Baseio-me na hipótese de que o Vasco da Gama é o resultado de um processo social em que práticas sociais potencialmente transformativas foram realizadas por agentes dos meios populares em um território específico da cidade do Recife, visto como habitável em função da sua localização estratégica no contexto da periferia urbana em diferentes momentos de desenvolvimento da urbe.

⁹ O Recife foi a primeira tentativa de colonização urbana no Brasil ocorrida, no século XVII, sob o domínio holandês (FREYRE, 2004). Alguns traços do seu desenvolvimento urbano antecedem as experiências do Rio de Janeiro e de São Paulo, as maiores cidades brasileiras de hoje. Os flamengos viam no Recife uma possibilidade de extensão da vida holandesa noutro continente, em que seria estabelecida a Nova Holanda. Por isso, ainda no período colonial, a cidade passou por transformações significativas, marcando o início de sua primeira tentativa de modernização (MELLO, 2002). Freyre (2004, p. 273) destaca que “[Maurício de] Nassau empenhou-se na urbanização mais inteligente do Recife [...] e um dos maiores benefícios que fez à cidade foi o de a ter dotado de pontes: para a época, talvez, as pontes tecnicamente mais adiantadas da América tropical”. Na leitura do autor, nos primeiros passos do desenvolvimento urbano, “o Recife [...] se desenvolvera na melhor cidade da colônia e talvez do continente. Sobrados de quatro andares. Palácios de rei. Pontes. Canais. Jardim Botânico. Jardim zoológico. Observatório. Igrejas da religião de Calvino. Sinagoga. Muito judeu. Estrangeiros das procedências mais diversas. Prostitutas. Lojas, armazéns e oficinas. Indústrias urbanas. Todas as condições para uma urbanização intensamente vertical” (FREYRE, 2004, p. 107). Todos esses elementos garantiram ao Recife uma dinâmica urbana antes mesmo do início dos planos efetivos de urbanização capitaneados pelo Estado moderno, de modo que, no início do século XX, já eram enfrentados problemas comuns às grandes cidades, como o déficit habitacional relativo à população das camadas populares e a propagação de epidemias em áreas de intensa circulação de pessoas, como no porto comercial, e de maior densidade demográfica, como nas áreas ocupadas por mocambos, tipo de habitação precária situada às margens dos mangues e alagados característicos da capital pernambucana.

com um conjunto amplo de espaços socialmente estigmatizados, como os bairros do Ibura e Brasília Teimosa e as favelas Entra Apulso e Ilha do Destino, tidos pelos moradores das áreas nobres como lugares precários, perigosos e moralmente degradados. Na zona norte da cidade, onde fica o Vasco da Gama, não é diferente. Aqui, onde sempre vivi, a situação se assemelha àquela, porém, ao contemplá-la, qualquer transeunte sente com maior impacto os efeitos perceptivos da intensa variação estética e estilística entre as moradias existentes. Nessa região, verifica-se como pode existir lado a lado formas diversificadas e desiguais de habitar o social, facilmente percebidas pela linha divisória que a Avenida Norte, uma das grandes vias do município, opera por funcionar, objetivamente, como uma fronteira que separa essa parte da cidade em dois mundos sociais muito distintos.

Isso não é fruto do acaso, mas de um longo processo social que contribuiu para a produção de uma cidade dividida e exemplar em matéria de desigualdades urbanas e sociais. Não é à toa que aqui “não se sabe ao certo se é *Mucambópolis* que fica em *Veneza Americana*, ou se esta fica naquela” (GOMINHO, 1998, p. 13)¹⁰, o que se sabe é que no Recife estão claramente definidos os espaços em que se situam as classes sociais¹¹. Nesse sentido, o Recife é um caso que expressa aquilo que Park (1967) anunciou ao fundamentar o seu modelo de análise ecológica de contextos urbanos: de que nas cidades modernas diferentes “mundos” podem coexistir e interagir, mesmo que não necessariamente se interpenetrem, configurando, em conjunto, um quadro mais geral cujas peças podem ser separadamente estudadas para que se possa derivar uma apreensão global das relações e conflitos característicos da sociedade existente e dos indivíduos aí estabelecidos. Nesses termos, a leitura do Recife como cidade fragmentada¹² e diferenciada não revela apenas elementos que lhes são particulares – e que se

¹⁰ As diferentes peculiaridades do Recife lhe rederam títulos diversos. Alguns aludem a aspectos de sua beleza, outros a homenageiam criticamente chamando a atenção para problemas que persistem no município. Entre os mais conhecidos, passando do tom aristocrático ao denunciativo, o Recife é também identificado como Cidade Maurícia, Cidade das Águas, Capital do Açúcar, Cidade Anfíbia, Cidade dos Mucambos, Manguetown. Alguns desses nomes foram eternizados por intelectuais e artistas como Gilberto Freyre, Josué de Castro, Mário Melo, Ariano Suassuna, Chico Science, entre outros.

¹¹ A concepção do Recife como cidade dividida e fragmentada está presente em autores diversos, na literatura e nas ciências sociais. Gilberto Freyre (2004), em 1936, já percebia a cidade em seu caráter contraditório, intitulado uma de suas obras máximas em alusão aos tipos contrastantes de moradias existentes à época, os sobrados e os mocambos. Contudo, as reflexões do autor não se limitam à sua cidade natal, mas vão além e a tomam como alegoria para a interpretação da decadência do patriarcado rural e a ascensão do urbano no Brasil. Aqui, ao recorrer à interpretação do Recife como cidade dividida e heterogênea, pretendo contextualizar o tecido urbano no qual o bairro estudado se localiza, de modo a caracterizá-lo como um caso particular do possível da existência dos indivíduos nas classes populares urbanas.

¹² A maneira como utilizo a noção de fragmentação não exclui a possibilidade de observação de trocas entre diferentes partes da cidade. Os moradores de uma região podem – e assim o fazem – circular por outras áreas do município, uma vez que realizam trajetos e se envolvem em circuitos em virtude do cumprimento de suas obrigações e interesses. Nesse sentido, os moradores do Vasco da Gama não estão cerceados ao território do bairro

traduz na relevância do estudo dos diferentes modos de vida nela inscritos – , mas a insere num panorama mais amplo da modernidade em que nas urbes emergem circunstâncias propícias à estruturação de espaços sociais segregados, estando os indivíduos das classes populares obrigados a ocupar e a se (re)produzir em áreas suburbanas, muitas vezes periféricas e distantes dos eixos centrais mais urbanizados, com os quais estabelecem relações marcadas por assimetrias e verticalidades de vária sorte¹³.

Como disse, a separação que a Av. Norte traça no chão da cidade distingue claramente dois universos sociais, definidos, em grande medida, pelas más distribuições de recursos materiais e simbólicos entre as classes sociais. De um dos lados dessa avenida, concentram-se um número significativo de bairros urbanizados, tidos pela população em geral e por seus moradores em particular como bairros nobres e tradicionais, ligados entre si de tal modo que é difícil saber exatamente os seus limites, principalmente devido às fortes características comuns que partilham. São bairros facilmente reconhecidos por serem formados majoritariamente em quarteirões planejados em áreas planas sobre as quais estão distribuídos grandes e luxuosos edifícios residenciais, alguns chegando a ter até 40 andares, no entorno dos quais se encontra uma significativa disponibilidade e oferta de equipamentos públicos e serviços privados voltados para o consumo e o lazer da comunidade. Aí estão os bairros de Casa Forte, Poço da Panela, Parnamirim, Jaqueira, Aflitos, Rosarinho, Espinheiro, Madalena, Torre, Santana, Monteiro e Apipucos¹⁴.

Do outro lado da Avenida Norte, seguindo em direção ao extremo norte do Recife, temos uma imensa e complexa região formada pela concentração de bairros populares, alguns

em que vivem, mas têm nele o ponto de partida por meio do qual em grande medida é definida suas condições de existência e de circulação na cidade.

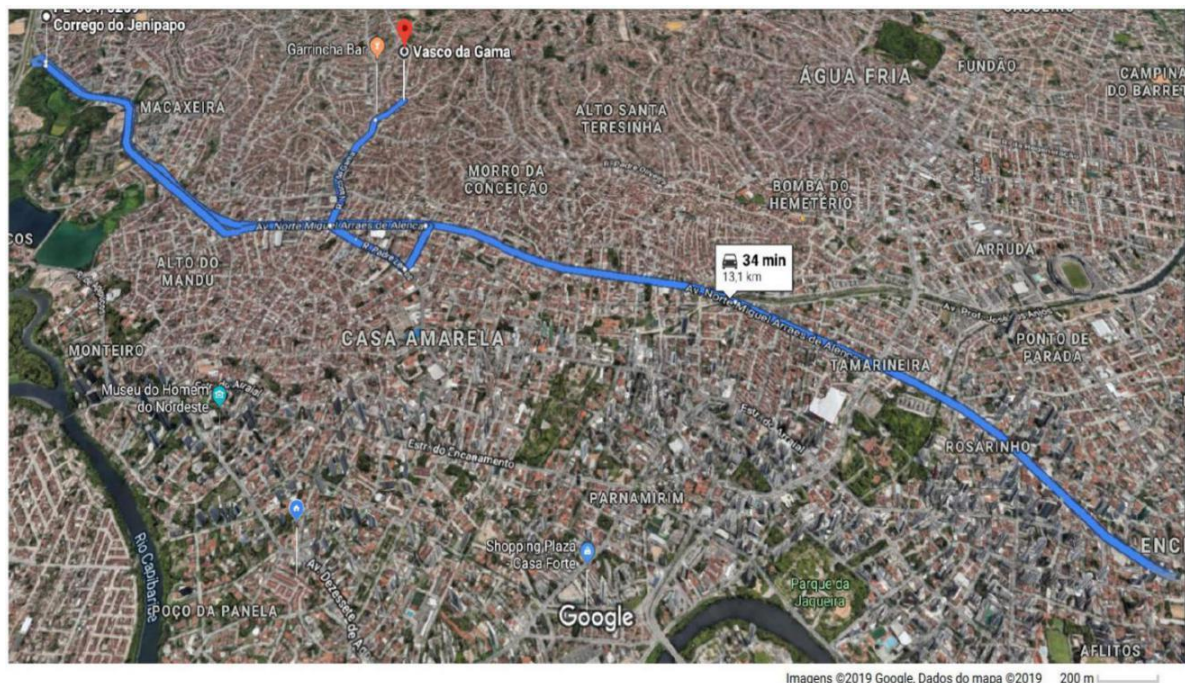
¹³ Todavia, Teresa Caldeira (2000) chama a atenção para o fato de que nas cidades modernas ocorre também uma nova forma de segregação do espaço urbano. Devido a condicionantes tão diversos quanto a desindustrialização e o aumento da criminalidade, da recessão econômica e do melhoramento de áreas periféricas, o modelo centro-periferia passou a coexistir com uma tendência que cada vez mais aproximam, no sentido espacial, os diferentes contextos de classe, embora isso não signifique diminuição da desigualdade. Estudando o caso de São Paulo, Caldeira percebe que a nova forma de segregação é marcada pela existência de “enclaves fortificados”: condomínios residenciais construídos como uma espécie de ambiente dominado por tecnologias de segurança, acessíveis apenas a uma elite endinheirada disposta a buscar nesse modelo mais “qualidade de vida”, segundo os critérios dessa mesma elite.

¹⁴ Cada um desses bairros possui uma história particular e, claro, aspectos físicos e simbólicos que poderiam ser mencionados para distingui-los uns dos outros. Alguns deles, por exemplo, tiveram, em sua origem, uma população majoritariamente formada por operários, como é o caso do bairro da Torre, onde funcionava a fábrica têxtil homônima. Entre eles, o Poço da Panela, sem dúvida, é o único que, nos dias atuais, pode ser distintamente percebido por seus traços predominantes, uma vez que a quase totalidade de suas edificações são casarões coloniais e suas ruas ainda de paralelepípedos, o que permitiu seu reconhecimento como patrimônio histórico e cultural a ser preservado. Para a finalidade do argumento aqui proposto, todavia, basta ter em mente que para os recifenses a área em que estão distribuídos esses bairros forma um *continuum* urbano, o que significa dizer que compartilham, entre si, fortes traços comuns.

estruturados sob condições tão precárias que é difícil perceber, à primeira vista, os limites entre os espaços públicos e privados, isto é, entre as vielas e ruas circundantes das casas e os quintais de usufruto de seus proprietários. Entre esses bairros há alguns com melhores infraestruturas, como é o caso do Vasco da Gama, que dispõe de ruas asfaltadas, intensamente movimentadas, por que passam transportes públicos e veículos particulares em volume notável, apresentando, inclusive, um comércio local intenso, de pequeno e médio portes, formado por estabelecimentos de variados tipos, como minimercados, farmácias, padarias, bares, lojas de vestuário, clínicas médicas populares, postos de saúde, escolas públicas e privadas, academias de ginástica etc. Desse lado da avenida, além do Vasco da Gama, estão também os bairros Morro da Conceição, Linha do Tiro, Nova Descoberta, Alto José do Pinho, Buriti, Bomba do Hemetério, Mangabeira, Brejo da Guabiraba, Macaxeira, Dois Unidos, Água Fria, Córrego do Jenipapo e Santo Amaro.

As imagens a seguir oferecem um retrato da disposição contemporânea desses bairros e destaca a divisão que a realidade social recifense sofre ao longo do prolongamento da Av. Norte, que corta essa área da cidade em dois universos bastante desiguais:

Figura 2 – Zona Norte da cidade do Recife



Legenda: Ilustração da zona norte do Recife com indicação, na cor azul, da Av. Norte e de parte da Rua Vasco da Gama, a principal rua do bairro.

Fonte: GOOGLE MAPS, 2020

Figura 3 - Vista de um dos morros da região periférica do norte do Recife



Fonte: ARQUIVO DA PESQUISA DE CAMPO, 2020

O recifense “estrangeiro” à realidade dos bairros do lado norte da avenida (parte superior da imagem), dificilmente diria que é possível perceber significativas variações entre eles, pois, de fato, numa primeira impressão, parece não haver características suficientemente singulares para diferenciá-los entre si. Provavelmente, o que diriam é que tais bairros compõem em si mesmos um emaranhado desorganizado de ruas, becos, escadarias, ladeiras e morros sobre os quais casas mal planejadas foram construídas e reforçariam, conscientemente ou não, o discurso dominante da imprensa local que reduz à realidade social dessa região multifacetada a uma visão muito especializada dos fenômenos que a constitui: enfatizando notadamente a “intrínseca” propensão para a emergência de práticas ilegais e violentas, como o tráfico de drogas e o crime violento, e problemas públicos, como falta de saneamento básico e de infraestrutura urbana adequada para a habitação (cf. LEEDS, LEEDS, 1978; LEITE, 2008; MACHADO DA SILVA, LEITE, 2008; CHAMPAGNE, 1997; WHYTE, 2005).

Todavia, para o habitante familiarizado com a realidade local, há nessa região uma clara organização social e moral, bem como uma manifesta diferenciação dos espaços existentes, que indicam, por exemplo, as “boas áreas para morar” e aquelas “que se deve evitar”, normalmente

reconhecidas com base no sistema de classificação compartilhado pelos moradores em função de experiências passadas em cada uma dessas áreas. Com base no estoque de conhecimentos acumulado ao longo do tempo, os moradores da região periférica sabem exatamente como está dada a estrutura na qual estão inseridos e compreendem seu funcionamento de tal maneira que lhes soa estranho ter que explicar a realidade em que vivem¹⁵. Os aspectos principais que sublinham e os elementos levados em consideração para a elaboração dos seus trajetos nos múltiplos pedaços existentes no bairro, em que passaram a maior parte de suas vidas, são por eles tomados muitas vezes como algo evidente, mesmo que presentes em seus discursos explicativos dos rumos diários que realizam na periferia do município e no interstício entre a casa e os outros locais que frequentam na cidade.

Observando como num voo de pássaro o lado popular da Av. Norte, percebe-se que esta região não é nem um pouco homogênea, a começar por sua geografia. Ela está consolidada em um amplo espaço geográfico acidentado em que se elevam colinas argilosas que variam entre 50 e 100 metros de altura, hoje totalmente cobertas por habitações populares dos mais variados tipos, construídas por milhares de famílias que aí se estabeleceram há cerca de três ou quatro gerações. Essa grande área ocupada forma hoje uma região de grande extensão, ou seja, ela representa o resultado, num território delimitado, de uma ampla dilatação no espaço e de um aprofundamento no tempo que se traduziram em um ambiente sociocultural complexo em que é possível perceber, ao mesmo tempo, regularidades e fissuras, indicativas de graus diversificados de institucionalização de práticas sociais (GIDDENS, 2009). Nisso, as dimensões socioculturais existentes, compartilhadas como tal, estão vinculadas a um lento processo de apropriação da natureza dado por intermédio do trabalho realizado pelos moradores ao longo do tempo, que resultou na produção de um ambiente cujas condições sociais de existência abriram caminho para o poder público municipal tomá-lo como uma Zona Especial de Interesse Social (ZEIS): definição oficial para a identificação de áreas ocupadas por “assentamentos habitacionais surgidos espontaneamente, existentes e consolidados”, que devem ser tratados com base em “normas urbanísticas especiais, no interesse social de promover a sua regularização jurídica e sua integração na estrutura urbana” (LEI MUNICIPAL Nº 14.511/1983)¹⁶. Por motivos diversos, como demonstrarei adiante, essa região foi

¹⁵ Em algumas entrevistas o silêncio dos moradores quando eram instados a refletir sobre o bairro revelava o profundo grau de naturalização da vida cotidiana. Os habitantes que nasceram no Vasco e nele ainda vivem – muitas vezes na mesma casa – eram os que mais demoravam a dar início a um discurso descritivo sobre o lugar, limitando-se, em alguns casos, mais às propriedades materiais do que aos costumes e ritos que fazem parte do ambiente que o circunda e, de maneira muitas vezes profunda, e de si mesmo.

¹⁶ As ZEIS foram introduzidas pela Lei do Uso do Solo de 1983 (LEI MUNICIPAL Nº 14.511/1983), quando foi definido que um conjunto de áreas da cidade necessitavam de um tratamento específico para que fosse possibilitada

paulatinamente ocupada por pessoas pobres vindas principalmente do interior do Nordeste, cuja reprodução intergeracional proporcionou as condições para o estabelecimento de um rico universo urbano popular, heterogêneo, ambíguo e contraditório, sem deixar de ser também marcado por valores e princípios morais fundamentais para a existência permanente de sentimentos de pertencimento, seja em relações de vizinhança, seja nas redes familiares, seja ainda no âmbito do reconhecimento do outro como alguém a quem se deve considerar como membro de uma mesma “comunidade”.

Por isso, para quem não possui o conhecimento prático e naturalizado entre os moradores, tenderia a dizer que toda essa região é o grande universo dos problemas e das mazelas na cidade, quando, na verdade, o que se tem aí é uma multidimensionalidade de experiências e condicionamentos cujos ordenamentos garantem a reprodução no espaço e no tempo de um contingente significativo da população recifense, que pode ser identificada a partir de categorias sociológicas como as “classes populares”, os “trabalhadores urbanos” ou os “pobres”, mesmo que nenhuma delas deem completamente conta de todas as suas partes constitutivas (cf. LEITE LOPES, 1984; ZALUAR, 1985; MACHADO DA SILVA, 2016)¹⁷. Nesse sentido, a ideia de que existe um grau de correspondência entre as condições materiais de existência e o comportamento ou estilo de vida dos indivíduos (BOURDIEU, 2008), isto é, entre as dimensões objetivas que formam a periferia urbana (os tipos de casa e sua distribuição nas ruas e vielas, o emaranhado de becos que se constituem nas áreas de difícil acesso, as

a sua urbanização. Embora assim definidas, as ZEIS não necessariamente foram objeto de investimentos continuados por parte do aparato público, o que significa dizer que, embora reconhecidas como áreas a serem urbanizadas, não estava estabelecido, ao ser implementada a lei, estratégias de intervenção e gerenciamento dessas intervenções. Somente em 1995, com a elaboração do Plano de Regularização das Zonas Especiais de Interesse Social (PREZEIS) é que foram traçadas diretrizes (normas, procedimentos e estrutura de gestão) para a realização de obras públicas para o melhoramento das condições de vida nas ZEIS. No caso do Vasco da Gama, cujo território ocupado corresponde a uma ZEIS específica, o tratamento municipal voltou-se para questões como a aplicação de asfalto em suas vias principais, a realização de obras nas encostas de um conjunto de morros que ofereciam risco de deslizamento de terra e o melhoramento dos canais de escoamento e das escadarias de acesso às comunidades localizadas na parte superior das colinas que o circundam. Assim, atualmente, mesmo havendo uma clara transformação do espaço local ao longo dos anos, o Vasco possui, em seu interior, uma estrutura diversificada de moradias e ruas asfaltadas que coexistem com muros de arrimo e barreiras de terra em áreas mais precárias e de difícil acesso.

¹⁷ Cada uma dessas categorias enfatiza aspectos distintos do universo estudado e contribuem para lançar luz sobre elementos específicos inscritos no objeto analisado. A ideia de classes populares ou de trabalhadores urbanos, por exemplo, estão presentes mais diretamente na literatura sociológica e antropológica dedicada aos aspectos políticos e laborais existentes no universo de pessoas que sobrevivem com baixos recursos econômicos. No âmbito dessa investigação, adotei as categorias utilizadas pelos indivíduos, nativas por excelência, para tratar o universo estudado, o que aponta para certa variação terminológica que indica o traço diversificado dos moradores do Vasco da Gama. Neste caso, utilizo-me do autorreferenciamento feito por cada pessoa entrevistada, que revela recorrentemente a presença de termos como “pobre” ou “trabalhador” (entre moradores), com variações interessantes para “pequeno empreendedor” (entre alguns dos moradores-comerciantes) e para “classe média” (entre moradores das áreas melhor urbanizadas). Ao longo da tese essas categorias surgem entrelaçadas à análise de episódios relatados e vividos no campo, de modo a colocar em evidência as condições de possibilidade de sua mobilização pragmática pelos indivíduos do universo considerado.

encostas íngremes habitadas que podem desabar durante os períodos chuvosos) e o modo como os moradores dão sentido a si mesmos quando levados a pensar sobre a sua vida na cidade¹⁸, abre espaço para visualizar no universo popular a presença de uma complexa pluralidade, revelada pela percepção de uma “série de características e modos de vida bastante diferenciados convivendo e se interrelacionando em um espaço comum” (SCOTT, QUADROS, 2009, p. 7).

A ecologia urbana dos bairros aí estabelecidos se abre como um grande e rico universo a ser desvendado. Creio ser possível alcançá-lo por meio da descrição densa da vida levada a cabo por aqueles que aí passam a maior parte do seu dia-a-dia, cujos trajetos, trajetórias e experiências podem denotar elementos suficientes para uma apreensão sociológica da vida coletiva instituída numa localidade periférica de uma cidade complexa como o Recife. Por isso, é importante saber que as características geográficas da região ao norte da capital criam particularidades em seus bairros, imprimindo no interior de cada um deles uma diversidade de elementos que lhes são próprios.

Nessa região alguns dos bairros populares e periféricos estão inteiramente situados em partes elevadas de morros, outros são formados num misto entre superfícies planas e colinas argilosas hoje cobertas por casas, como é o caso do Vasco da Gama, o que caracteriza o espaços habitados como uma descontínua teia de lugares cujos nomes – oficiais ou popularmente atribuídos – indicam muitas vezes as condições tipológicas sobre as quais foram estabelecidos, destacando aqueles localizados no topo das montanhas de terra pelos termos “Morro” ou “Alto” em sua identificação¹⁹. Assim, na parte elevada, estão os bairros Alto Santa Terezinha, Alto José do Pinho, Alto José Bonifácio, Morro da Conceição e Alto Treze de Maio. Em uma morfologia intervalada entre planos e inclinações estão os bairros de Nova Descoberta, Dois

¹⁸ As relações entre modos específicos de comportamento e o tipo de habitat social é um dos temas mais intrigantes presentes na literatura sociológica dedicada a pensar os meios sociais urbanos. Na revisão desta problemática, Castells (1983, p. 156) chega a colocar a questão nos seguintes termos: “existe uma relação, e qual, entre o quadro ecológico e o sistema cultural?”. Durante a pesquisa, considerei inúmeras vezes essa questão, especialmente quando os moradores do bairro passaram a me oferecer, por meio de seus relatos e de suas narrativas, elementos importantes para refletir sobre em que medida o local em que exatamente habitam no interior do território do Vasco da Gama predefine um conjunto de experiências particulares para as vizinhanças. Nesse sentido, quando me refiro ao conceito de campo de possibilidades de Velho (1994), incluo não apenas parâmetros socioculturais compartilhados, mas também objetivos, correspondentes às condições físicas sob as quais os indivíduos e suas famílias se reproduzem na periferia do Recife.

¹⁹ É importante destacar que os morros não são compreendidos nem pelos órgãos oficiais nem pelos nativos como favelas, mas como bairros ou partes extensivas de bairros localizados na planície intersticial. Nenhuma pessoa entrevistada e em nenhuma circunstância em que estive no trabalho de campo o termo favela era utilizado para atribuição de significado às condições de vida existentes.

Unidos, Brejo da Guabiraba, Macaxeira, Córrego do Jenipapo, Mangabeira, Bomba do Hemetério, Água Fria e aquele que aqui mais interessa, o Vasco da Gama²⁰.

O Vasco ocupa 1,6km² dessa região de grande extensão e nele vivem 31.025 pessoas, distribuídas em 9.113 domicílios permanentes, o que o faz ser um dos bairros populares com maior densidade dentre os aqui mencionados (IBGE, 2010). Ao longo do trabalho de campo percebi que, diferentemente dos moradores dos outros bairros, os habitantes do Vasco cotidianamente experimentam as gradações da complexa teia de sentidos tecida por estarem num território limite entre a periferia e os bairros nobres da cidade. Se quem vive ao norte da Av. Norte está inserido em uma sociabilidade marcada por relações de vizinhança mais abertas, comum à vida nas camadas populares, quem vive no Vasco, na franja da Av. Norte com Casa Amarela e, mais adiante, com Casa Forte, entra em contato direta e constantemente com outros modos de vida cuja interação implica maiores graus de reflexividade e atenção em relação às condutas e às práticas desempenhadas em diferentes contextos sociais.

Esse traço fronteiriço do Vasco em relação à região nobre e tradicional define fundamentalmente o significado da sua posição no Recife. Claro que os moradores dos outros bairros populares da zona norte também percorrem diferentes partes da cidade e com isso experienciam a diversidade da urbe, mas isso ocorre precisamente porque nesse percurso inevitavelmente cruzam o Vasco da Gama rumo à região habitada pelas camadas médias. É por meio do Vasco que encontram o caminho que precisam transitar quando buscam sair da periferia em que vivem, porque a Rua Vasco da Gama, a principal rua do bairro, funciona como uma verdadeira artéria por que passam os veículos que viabilizam a mobilidade de toda a periferia norte para os outros bairros, sobretudo em direção aos mais nobres e centrais da cidade.

Isso contribui significativamente para intensificar as relações de quem mora no Vasco com os contrastes do Recife²¹. Não foi por acaso que recorrentemente ouvi em entrevistas feitas com os moradores que o Vasco é um dos melhores bairros populares da região para se

²⁰ A maioria desses bairros, até o final dos anos 1980, eram parte do bairro de Casa Amarela, então o bairro mais populoso da Região Metropolitana do Recife (RMR). Embora hoje sejam bairros independentes, ainda há, na cultura local, constante referência à Casa Amarela, visto como o polo para o qual é preciso ir para solucionar problemas domésticos das mais diversas ordens, pois o centro comercial desse bairro possui uma oferta significativa de serviços, alçados por bancos, supermercados, feiras livres, mercados, cartórios, órgãos públicos etc. Não obstante isso, Casa Amarela localiza-se entre o Vasco da Gama e Casa Forte, sendo assim um espaço de transição entre os bairros de moradia das classes médias altas e os bairros residenciais das classes populares urbanas, servindo como rota de acesso a ser acionada na busca principalmente por trabalho e por lazer.

²¹ Por conectar a grande periferia recifense ao Centro e às áreas nobres, que são atrativas para a procura de trabalho, o Vasco é recorrentemente valorizado por seus moradores mais pobres, principalmente por estar situado na franja que dá acesso aos bairros com maior oferta para a prestação de serviços, sejam eles permanentes ou esporádicos, como é o caso da oferta de “bicos”: consertar algo em uma residência, prestar serviço de jardinagem, prestar informalmente serviço de segurança em bares, restaurantes, casas de festa etc.

estabelecer, na medida em que bem abastecido em termos de transporte público com os quais se pode chegar a outras partes da cidade, o que permite a muitos manter uma rotina de entrada e de saída da periferia, assegurando os seus percursos entre a casa e os seus locais de estudo, de trabalho e de lazer. Os usos distintos dessa proximidade leva muitas vezes quem mora no Vasco a expressar satisfação por morar no espaço limítrofe entre a periferia e os bairros com maior oferta de oportunidades de trabalho e de lazer, levando-os a reconhecer vantagens de estar situado numa fronteira urbana, especialmente por perceberem que “tudo poderia ser pior” ao ter em mente as dificuldades por que passam os habitantes dos outros bairros pobres, localizados mais distantes da Av. Norte, cuja mobilidade é prejudicada tanto pela baixa oferta de transportes públicos quanto pela infraestrutura permanentemente precária que os rodeiam. De maneira geral, os residentes se percebem como privilegiados em meio a quem habita a periferia recifense, pois, embora inseridos em um contexto dotado de potenciais vulnerabilidades, usufruem de meios para se locomover noutros bairros da cidade, com os quais convivem intensamente à medida em que mais frequentemente cruzam a Av. Norte.

A zona norte multifacetada e diferenciada do Recife revela que o fenômeno urbano e a maneira como ele é vivido pelas pessoas não se dá de modo homogêneo. As propriedades locais que constituem o campo de possibilidades de trajetórias sociais na periferia indicam que a experiência social de se fazer parte de uma cidade desigual se produz e se desdobra em microcenários de práticas e microuniversos sociais que coexistem como parte de uma mesma cidade, que passa a ser diferencialmente vivida na medida em que com ela se mantém um maior ou menor grau de integração social²². Se, como disse Josué de Castro (1959a, p. 13-16), a ordem social instituída no Recife é mesmo “desconcertante” a tal ponto que talvez seja “impossível mesmo de caracterizar-se”, pois é um “caos urbano” de “contrastes desnorteadores”²³, não quer

²² A partir do ponto de vista aqui adotado, o estudo aprofundado e detalhado de microuniversos sociais em que indivíduos participam e se constituem como agentes de uma ordem social complexa é compreendido como uma chave para o entendimento do modo como destinos sociais estão intimamente ligados aos constrangimentos e potencialidades a que estão sujeitos os atores, o que significa dizer que é preciso reconhecer que a existência social não se limita às estruturas das posições sociais ocupadas numa sociedade – percebida em grande medida pelas correlações entre os capitais econômico e cultural –, mas, junto a isso, implica experiências continuamente vividas em contextos territorializados cujos efeitos individuais são revelados por meio da reconstituição detalhada da maneira como suas biografias são contextualmente condicionadas a determinadas direções.

²³ É claro que neste texto, escrito como crônica da cidade, Castro (1959a) não tinha a pretensão de captar a realidade recifense com a precisão requerida pelas ciências sociais, mas sua percepção em tom literário, escrita em referência às rotinas de diferentes camadas sociais no centro urbano, permite-me afirmar – e, nesse caso, apoio-me também na herança dos estudos sociológicos de Chicago – que o mínimo pedaço do Recife pode ser considerado suficiente para se ter acesso à experiência social que é viver sob os efeitos existenciais de uma sociedade diferenciada e desigual que, embora seus efeitos se deixem perceber mais evidentemente na camada físico-material da urbe, adentram e funcionam efetivamente na dimensão das atitudes, das ações e das práticas levadas a cabo pelos habitantes. Esse princípio disposicionalista aponta para o fato de que as estruturas sociais se convertem em agentes individuais diferencialmente preparados para a vida em sociedade – embora todos eles sejam eficientes em suas

dizer que não existam propriedades sociologicamente capazes de iluminar a diversificação da experiência popular de pertencimento a uma parte geográfica da cidade, mesmo que dada num contexto marcado pela ambígua convivência de valores coletivistas com projetos individualistas, traço característico das sociedades modernas (DUARTE, CAMPOS, 2008)²⁴.

No Recife, para quem mora na periferia da zona norte e mais particularmente no Vasco, à vastidão e à complexidade da cidade se somam as dificuldades da vida cotidiana desenroladas em condições muitas vezes desfavoráveis às experiências proporcionadas na e pela urbe. As formas de vida que emergem na periferia de uma sociedade diferenciada como a recifense – em que as classes populares e médias quase não convivem em espaços comuns, a não ser quando instituída uma assimetria entre seus membros – emerge no Vasco como característica exemplar para que se possa explorar o mundo popular. As dinâmicas e propriedades que marcam a vida dos moradores do Vasco da Gama, longe de serem tratadas como algo substancial, abrem caminho para pensar a experiência popular nas cidades desiguais. Tratado como um caso particular do possível (BACHELARD, 1978), o estado atual do bairro porém somente pode ser visto a luz de sua particularidade histórica, que de modo algum resulta de ações racionais com relação a fins previamente planejados, nem é o produto previsto de uma prática coletivamente coordenada de um movimento institucionalizado que visa a ocupação da cidade. O Vasco é configura-se como instante de um processo social no qual se percebe um casamento entre circunstâncias exógenas e macroestruturais e microdinâmicas internas à periferia da zona norte que foram cruciais à sua ocupação.

práticas ordinárias, mesmo que estejam situados na trama social em condições que não apenas os distinguem, mas os distanciam social, cultural e espacialmente – e tais diferenças são reproduzidas pelo modo como conduzem a si mesmos no espaço e no tempo, propiciado pelo fato de que todos nós estamos engajados num curso de vida e, nele, somos contemporaneamente individualizados.

²⁴ A sociologia urbana está atenta a isso há algum tempo e, sem dúvida, contribui para o desenvolvimento de uma discussão nesse sentido, sobretudo porque nela ganha relevo a ideia de que o entendimento de fenômenos societários modernos – e, acrescento, suas implicações em trajetórias individuais e deslocamentos situacionais – emanados de contextos urbanos particulares oferece um caminho tanto para a análise sistemática das relações e engrenagens da urbe, quanto para a compreensão e o reconhecimento dos desdobramentos que realidades concretas têm sobre a produção social dos indivíduos e de sua vinculação a uma determinada ordem social, na qual sua vida torna-se preche de sentido e pertencimento. Robert Park (1967), por exemplo, elucida bem o que quero dizer e utilizo sua reflexão para indicar que o Recife se apresenta hoje como espaço dotado de propriedades físico-materiais que ganham significância na medida em que condições objetivas de vida, como o local em que mora, limitam ou potencializam capacidades práticas e pragmáticas dos indivíduos que nelas são produzidos e singularizados, sobretudo no âmbito das camadas populares: “[...] a cidade está enraizada nos hábitos e costumes das pessoas que a habitam. A consequência é que a cidade possui uma organização moral bem como uma organização física, e estas duas interagem mutuamente de modos característicos para se moldarem e modificarem uma a outra. É a estrutura da cidade que primeiro nos impressiona por sua vastidão e complexidade visíveis. Mas, não obstante, essa estrutura tem suas bases na natureza humana, de que é uma expressão. Por outro lado, essa enorme organização que se erigiu em resposta às necessidades de seus habitantes, uma vez formada, impõem-se a eles como um fato externo bruto, e por seu turno os forma de acordo com o projeto e interesses nela incorporados” (PARK, 1967, p. 32).

1.3 Urbanização seletiva, dinâmica social e autoconstrução de moradias populares

Nesse sentido, as condições sociais de existência visíveis no Vasco e nos seus arredores são produto de uma história social particular que se associa com eventos ocorridos no Brasil, especialmente no que concerne ao modo como as periferias urbanas se expandiram diante de transformações ocorridas nas cidades brasileiras, determinadas por interesses econômicos e políticos específicos que excluíram as classes populares da pauta “modernizadora” do país ao longo do século XX. As dimensões sociológicas que estão presentes nas estruturas das classes populares refletem de geração em geração o trabalho coletivo, individualmente operado, de produção dos meios de vida disponíveis na base da sociedade, reflexo da marginalização e da exploração do excedente do trabalho social de seus agentes. Isso aponta para a persistência da centralidade do problema que a sociologia precisa lidar quando diante do universo das classes populares urbanas, que é, como afirma Machado da Silva (2016), a questão da má integração social dos seus membros, que, como sabemos, estão obrigados a enfrentar no seu dia-a-dia as mais diversas dificuldades materiais, simbólicas e existenciais (cf. CASTEL, 1995; CARDOSO, 2019; SOUZA, 2009; 2012).

Sem dúvida, o Recife representa uma realidade que corrobora as constatações feitas pela literatura brasileira acerca da urbanização das grandes cidades e das consequências dos modelos de urbanização sobre as classes populares, as quais cada vez mais foram obrigadas a surfar na onda da periferização (VALLADARES, 1979; 1982; MARICATO, 1982; BONDUK, ROLNIK, 1979; LIMA, 1979; SANTOS, 1979). Seguindo a análise legada pelos intelectuais que se dedicaram à compreensão do surgimento das grandes periferias brasileiras, constata-se que não era o Estado que garantia às classes populares a sua permanência no centro urbano, mas os seus próprios membros, os trabalhadores e suas famílias que, no desafio de lidar com as intempéries impostas pelo desenvolvimento urbano capitaneado pelas classes dominantes, identificaram as fissuras possíveis para a produção das condições mínimas para o seu estabelecimento próximo aos epicentros da urbe, em que a oferta de trabalho era mais dinâmica, especialmente se comparado à diminuição de oportunidades em áreas mais longínquas, como nas zonas rurais do nordeste brasileiro.

Nesse sentido, Maricato (2013) retrata bem o processo de crescimento dos centros urbanos e indica pontos importantes que em conjunto se associaram e condicionaram

estruturalmente as classes populares para as regiões periféricas em que hoje se reproduzem na estrutura social do país, circunstância na qual incluo o Vasco da Gama. Em suas palavras,

As reformas urbanas, realizadas em diversas cidades brasileiras entre o final do século XIX e início do século XX, lançaram as bases de um urbanismo moderno “à moda” da periferia. Realizavam-se obras de saneamento básico para eliminação das epidemias, ao mesmo tempo em que se promovia o embelezamento paisagístico e eram implantadas as bases legais para um mercado imobiliário de corte capitalista. A população excluída desse processo era expulsa para os morros e franjas da cidade. Manaus, Belém, Porto Alegre, Curitiba, Santos, Recife, São Paulo e especialmente o Rio de Janeiro são cidades que passaram por mudanças que conjugaram saneamento ambiental, embelezamento e segregação territorial, nesse período (MARICATO, 2013, p. 17).

À precisa descrição de Maricato (2013) relativa à virada do século vale acrescentar as implicações destacadas pelo clássico texto de Francisco de Oliveira (2013) acerca das consequências da urbanização de molde capitalista no período subsequente, quando foi consolidada a condição para a permanência das classes populares nas franjas dos meios urbanos no Brasil. O casamento entre o abandono social das regiões encontradas para habitação e a dificuldade para a manutenção da força de trabalho estimulou a emergência do processo de autoconstrução espontânea de moradias como uma saída plausível para a promoção da casa para se viver em fronteiras não apenas da urbanização seletiva, mas nos limites da tensão inerente ao convívio e à sociabilidade instituída em contexto em que as mais diversas dificuldades de acesso aos recursos necessários à manutenção da vida são colocadas como algo dado. Nas palavras de Oliveira (2013, p. 59):

Uma não insignificante porcentagem das residências das classes trabalhadoras foi construída pelos próprios proprietários, utilizando dias de folga, fins de semana e formas de cooperação como o “mutirão”. Ora, a habitação, bem resultante dessa operação, se produz por trabalho não pago, isto é, supertrabalho. Embora aparentemente esse bem não seja desapropriado pelo setor privado da produção, ele contribui para aumentar a taxa de exploração da força de trabalho, pois o seu resultado – a casa – reflete-se numa baixa aparente do custo de reprodução da força de trabalho – de que os gastos com habitação são um componente importante – e para deprimir os salários reais pagos pelas empresas. Assim, uma operação que é, na aparência, uma sobrevivência de práticas de “economia natural” dentro das cidades, casa-se admiravelmente bem com um processo de expansão capitalista, que tem uma de suas bases e seu dinamismo na intensa exploração da força de trabalho.

A leitura de Oliveira, embora correta, deixa passar em branco um ponto identificado por Leite Lopes e Machado da Silva (1979, p. 12), para os quais a economia de subsistência das

classes populares no processo de autoconstrução de moradias nas periferias urbanas possuía uma lógica mais complexa do que a matemática da exploração da força de trabalho supõe. Para eles, há uma economia informal da produção dos meios de vida indicativa de que “uma parcela das residências das camadas populares é produzida por produtores independentes a baixo custo, e num ritmo compatível com a capacidade de endividamento dos compradores” desse serviço. Isso significa dizer que os entrelaçamentos entre os diferentes perfis existentes nas classes populares, dados no contato face-a-face entre agentes diferencialmente capacitados para a promoção das condições materiais de existência – nesse caso, a casa – emergiam pela sociabilidade instituída em domínios sociais nos quais os trabalhadores atuavam. Nesse sentido, a efervescência da vida instituída entre os agentes nos setores populares possui uma propriedade interativa que possibilita trocas contínuas, capazes de gerar uma dinâmica econômica fundada em relações sociais, resultando em ocupações autoconstruídas por seus próprios habitantes, cujas energias eram canalizadas para a busca por trabalho e garantias mínimas de acesso a fontes de dignidade.

Na cidade em que o Vasco se tornou possível, a dinâmica de periferização possui traços singulares que precisam ser mencionados para que seja compreendida a posição do bairro na atual condição do Recife, especialmente porque sua localização revela que os moradores estão em um circuito contínuo de contato e troca com bairros completamente habitados por uma população situada em outras condições de classe. Esse dado é importante para o tratamento de competências reflexivas identificadas em alguns indivíduos, que será feita adiante, cujos percursos diários ou trajetórias de vida são marcados pela circulação entre realidades sociais plurais e contrastantes, permitindo uma capacidade crítica que se apresenta pelo domínio em traduzir diferenças socialmente opacas em discursos e posicionamentos enfáticos, refletindo-se em tomadas de posição e decisões práticas marcadas por experiências singulares e individualizantes. O lugar em que vivem na cidade não foi escolhido por acaso, mas selecionado pela percepção de que a proximidade com ambientes distintos poderia trazer consigo algumas oportunidades na cidade, como mostra a chegada de imigrantes e da população mais pobres da cidade no Vasco da Gama, ainda na primeira metade do século XX.

Nos anos marcados pelo crescimento socioeconômico e urbano, isto é, na expansão da modernização capitalista a que esteve sujeito o Recife, a atração da mão de obra pobre para a cidade ganhou força, trazendo para a capital um grande contingente populacional do interior do estado que buscava trabalho longe das regiões assoladas pelas secas periódicas, pela miséria e pela exploração da vida nas usinas (CASTRO, 1959b; LEITE LOPES, 1976; PALMEIRA,

2013). A maior parte dos migrantes, totalmente caracterizadas como de baixíssima ou nenhuma qualificação educacional e profissional, viu-se, na cidade, diante do abandono social, sem acesso às oportunidades de integração adequada à urbe em formação (MELO, 1961). As consequências disso conduziam famílias inteiras a condições lamentáveis de vida, encontrando nos manguezais situados às margens dos rios que banham o Recife, o Capibaribe e o Beberibe, e nas colinas argilosas no entorno do perímetro da cidade, as alternativas viáveis para a permanência próximo às zonas de emprego fabril então existentes (CASTRO, 1948; BEZERRA, 1965).

A bibliografia dedicada à vida nos manguezais é extensa e já considerada clássica para pensar o nordeste brasileiro, especialmente aquela dedicada a refletir sobre os modos de vida da população que vivia nos mocambos. Embora esse não seja o traço marcante que caracteriza o Vasco da Gama hoje, uma vez que por ele não passa trechos alagados, é preciso chamar a atenção para dois elementos importantes para uma compreensão das condições que possibilitaram a ocupação do seu território. O primeiro deles é que as moradias inicialmente autoconstruídas no Vasco da Gama guardavam extrema similaridade com os mocambos, o que sugere que parte dos habitantes dos manguezais, ao terem sido forçados a deixar o modo de vida próximo aos rios, viram na produção por conta própria de uma casa de taipa a alternativa para se manter no Recife. Relacionado a isso, o segundo aspecto diz respeito ao processo de remoção dos mocambos da cidade e a consequente adaptação de sua população em outra região próxima aos polos de trabalho da época, notadamente os morros que circundam a capital, especialmente na sua região norte, nas proximidades de fábricas têxteis.

Para o primeiro dado, recorro não ao consagrado trabalho de Freyre (2004), mas àquele que penso ser o mais sensível dos sociólogos quando é preciso tratar da pobreza, da fome e da vida das classes populares do Nordeste brasileiro: Josué de Castro²⁵. Em um dos textos dedicados aos mocambos, Castro (1959b) os descreve etnograficamente de maneira exemplar, de modo que oferece uma elucidação para o tipo de moradia autoconstruída por quem não dispunha de recurso algum além daquele disponibilizado pela natureza, tal como ocorreu com as primeiras famílias que decidiram habitar na região das encostas dos morros, hoje a periferia da cidade. Em suas palavras:

²⁵ Embora médico de formação, Josué de Castro é reconhecido por seu amplo espectro de estudos sobre geografia urbana e combate à fome.

Guardando o estilo das habitações rurais, adaptando a forma, aos novos tipos de materiais de que dispõe, o trabalhador nordestino constrói, muitas vezes, um bom abrigo, de acordo com as condições mesológicas em que vive. Com as paredes de barro batido, num engradado de ripas, formando a estrutura chamada 'taipa', o mocambo tem em regra a forma retangular, com as quatro paredes da mesma altura e é coberto por um toldo de palha em dois planos inclinados, unidos na cumeeira e descansando nas paredes laterais. Esta disposição condiciona a existência na parte superior dos dois frontões, de duas largas aberturas triangulares, por onde se processam predominantemente a iluminação e principalmente a aeração, no mais primitivo tipo de *crossing ventilation*, lavando o interior com a fresca brisa do Nordeste. As portas são, em geral, muito apertadas e baixas, servindo unicamente para passagem. Poucas ou nenhuma janela. Se esta disposição especial das paredes, tanto externas como internas, não alcançando a cobertura, constituem uma solução curiosa do problema da ventilação, a cobertura de palha ou capim também constitui um admirável meio de defesa contra o excesso de calor. Estes materiais, pelo volume de ar que comportam nos interstícios de seus elementos, constituem magníficos isolantes do calor externo, preservando, assim, o ambiente interior dos malefícios do sol tropical, nos dias de versão (CASTRO, 1959b, p. 77-78).

Tratando dos mocambos, Castro (1959b) descreve exatamente algumas das antigas moradias ainda existentes no Vasco da Gama. Em suas áreas mais pobres, hoje podem ser encontradas casas de taipa como as acima descritas, indicando uma relação com as práticas de autoconstrução que eram utilizadas pelos mocambeiros. Durante a pesquisa de campo, surgiram relatos que comprovavam esse vínculo entre o Vasco da Gama e moradores de áreas de mangue relativamente próximas. Um dos mais idosos mais velhos entrevistado, chamado Pedro (90 anos), considerado um dos primeiros habitantes do bairro e residente em uma casa localizada em uma colina argilosa, contou-me que seus pais, quando chegaram ao Recife vindos da zona da mata do estado de Pernambuco, moraram primeiramente em um mocambo no bairro de Apipucos, nas margens do famoso açude homônimo. Após a remoção dos mocambos, decidiram morar sobre um morro em que seu pai construiu a casa em que até hoje vive no Vasco da Gama. A casa em que entrevistei seu Pedro, como é todos os chamam na vizinhança, ainda guarda traços dos mocambos, especialmente nas paredes feitas com base na técnica de socar barro úmido em madeiras finas entrecruzadas.

Esse não foi um caso isolado dentre as casas observadas no bairro, especialmente em suas partes que primeiramente foram ocupadas. Feitas com a terra do próprio solo sobre a qual foram levantadas, as casas mais antigas do Vasco possuem evidentemente traços da permanência do passado. São poucas, pois a maioria foi substituída por outras técnicas de construção, mas são suficientes para afirmar que uma parte dos primeiros moradores do Vasco para ele foram devido aos problemas que passavam a enfrentar com a implementação de planos de urbanização que previam a remoção dos mocambos dos mangues próximos de áreas localizadas do que veio a ser o lado nobre da Av. Norte.

Os mangues do Recife, forma natural hoje quase extinta pelas consequências da poluição ambiental que aflige a cidade, eram utilizados como fonte de sobrevivência, oferecendo tanto as matérias primas para levantar um mocambo para se abrigar quanto animais para a alimentação. Todavia, o elevado número da população em mocambo e sua evidente expansão foi percebido como um problema a ser combatido durante o Estado Novo e as investidas feitas pelos órgãos governamentais resultaram na sua quase eliminação (GOMINHO, 1998), removendo da paisagem da cidade aquele tipo de moradia que revelava às classes economicamente privilegiadas os ruídos das desigualdades constitutivas da sociedade recifense (OUTTES, 1997): de problema a priori estético, os mocambos e seus moradores se tornavam cada vez mais motivo para constrangimentos. Nos termos de Bezerra (1965, p. 44), os mocambos se apresentavam como “chaga” e “tornava-se uma vergonha” que feria a “ vaidade coletiva”. Para Correia de Andrade:

Os mocambos, localizados em áreas centrais, também feriram a sensibilidade de administradores, despertando o interesse dos especuladores imobiliários; daí as campanhas sucessivas de destruição dos mesmos, substituindo-os por vilas populares, quase sempre localizadas em locais distantes do centro urbano, dos locais de trabalho de seus moradores e privando-os ainda do alimento que o próprio mangue lhes oferece, os crustáceos. Essas áreas de mangue, depois de desocupadas, são aterradas, loteadas, e dão origem a bairros elegantes da classe alta e da média alta. As poucas áreas ainda ocupadas por esse tipo de habitação nos Coelhos, por exemplo, são locais problemáticos, inseguros, face à concentração de pessoas que vivem em condições sub-humanas e se marginalizam (CORREIA DE ANDRADE, 1979, p. 96).

Não apenas isso. No momento em que o combate aos mocambos ganhou força política, relativo ao período do Estado Novo, com a implementação da Liga Social contra os Mocambos, viu-se no Recife uma verdadeira campanha direcionada à remoção dos pobres de suas moradias nos mangues e alagados.

[...] os mocambos demolidos e as vilas erguidas localizavam-se em pontos bem visíveis da cidade, como Avenida Cruz Cabugá, Avenida Norte, Avenida José Rufino e Cabanga. Havia indenização para os mocambos derrubados que estivessem ocupados. Nenhuma para os que estivessem fechados por qualquer motivo ou em construção. Nem sempre as indenizações eram justas e as avaliações pagas. A campanha da derruba iniciou-se pelas zonas onde seriam construídas as vilas e estendeu-se para os subúrbios mais distantes. Interrompidas as facilidades de construção, pressionados pela Liga, pela Prefeitura e já pelos proprietários dos terrenos ou foreiros ajudados oficialmente, os mocambeiros foram empurrados para os limites do Recife. Foi um período de grande apreensão para eles. Houve muita dor e muita lágrima (BEZERRA, 1965, p. 46).

Diferentemente da guerra aos mocambos, os morros do norte da cidade não foram objeto de perseguição política e se tornaram atrativos para os membros das classes populares buscarem

um pedaço de terra para autoconstrução de suas casas. Desconfio, diante da semelhança entre o tipo de moradia característica dos mocambos, descrita habilmente por Castro (1959b), e aquela existente na gênese dos bairros populares entre colinas, que significativa parcela dos mocambeiros se deslocaram para a região que hoje é a periferia do Recife, formando, junto com famílias que recém-chegavam do interior de Pernambuco e de estados vizinhos (MELO, 1961), particularmente Paraíba e Ceará, a vitalidade que deu origem ao Vasco da Gama e adjacências.

Parece difícil acreditar, quando estamos sobre uma das encostas aí existentes, que toda a região foi ocupada como resultado do trabalho de autoconstrução espontânea de moradia realizado por essa gente, que ali buscavam se estabelecer com suas famílias nos morros em busca de uma vida melhor numa região próxima ao centro urbano da capital. Isso não foi por acaso. Alguns fatores foram fundamentais para que a população pobre do Recife visse nessa localidade da cidade uma possibilidade para edificar ocupação permanente. Se por um lado a modernização expulsava os trabalhadores pobres residentes em mocambos de áreas específicas do município, notadamente das que atualmente correspondem aos bairros nobres da capital, por outro lado, esse processo produzia também oportunidades de trabalho na cidade cuja oferta gerava nos excluídos a esperança de se ter uma vida menos sofrida no meio urbano, motivando-os a continuar buscando no entorno da cidade um lugar para viver.

Papel fundamental na atração dos migrantes para essa região tiveram as fábricas têxteis situadas na Região Metropolitana, que formavam, junto com as usinas localizadas predominantemente na Zona da Mata, o eixo principal da produção industrial do estado (MELO, 1961; LEITE LOPES, 1988; OLIVEIRA, 2008). Entre o mundo rural pernambucano e a expansão da cidade ao longo do século XX, transitou um contingente significativo de homens e mulheres pobres movidos por esperanças, ilusões e fantasias de encontrar “o eldorado da Capital” (BEZERRA, 1965, p. 31).

Na segunda Grande Guerra, a planície recifense teve a sua população acrescida. Foi um período em que ela ofereceu grandes atrativos financeiros, o que provocou um fluxo dos trabalhadores do interior, principalmente da zona chamada da mata, que contribuiu, em 1951, com a média de 60,6% de indivíduos para o enchimento da planície [...]. Sobrecarregada a planície, a valorização da terra e dos mangues ocorreu como um acontecimento natural. Tinha de ser assim, pois os fatores geográficos, fisiológicos, demográficos, sociais, econômicos, culturais e políticos se conjugavam para que esta valorização surgisse, embora, sob certos aspectos, isto não fosse desejável (BEZERRA, 1965, p. 39).

Por sua importância no cenário produtivo e político, as fábricas ocupavam no imaginário popular evidente lugar para se buscar trabalho na cidade. Oliveira (2008) constata que na primeira metade do século XX o Recife formava uma espécie de cinturão fabril, estruturado sobre pontos estratégicos do perímetro urbano que hoje formam alguns dos mais antigos bairros que o compõe. As fábricas estavam em diferentes partes da área metropolitana, cortando-a de norte ao sul, passando por sua região central. A distribuição espacial das fábricas no território permite considerar seus efeitos sobre a sociedade recifense como um todo, sobretudo acerca do seu impacto na produção social da periferia urbana de agora. No Recife industrializado havia:

[...] num extremo, na Macaxeira, a fábrica do mesmo nome do grupo Othon; noutro, na zona sul, a fábrica Yolanda [...] a meio caminho, na praça Sérgio Loreto, o Cotonifício Othon e, nas margens do Capibaribe, o Cotonifício da Torre, no antigo e afamado bairro; ao norte, no porto, a fábrica da Pilar e o Moinho Recife, e, franqueando-os, ainda mais ao norte, no caminho para Olinda, a Fábrica Tacaruna. [...] Uma geografia política esquadrinhada pela manufatura da primeira e da segunda revoluções industriais (OLIVEIRA, 2008, p. 81-82).

As fábricas foram importantes centros a partir dos quais se deu o crescimento urbano do Recife, permitindo a ocupação de áreas antes não utilizadas pelas classes médias e altas locais. Se a política urbana levada a cabo removia os mocambos, alguns deles instalados próximos às indústrias existentes, logo, a alternativa para se manter nas proximidades das oportunidades de trabalho apontava para a ocupação das zonas mais próximas quanto possíveis de tais fábricas. A dependência da oferta de trabalho nesse sistema na década de 1930 era significativa e indica uma diversidade tanto do tipo de produção existente na cidade em expansão quanto do elevado contingente das classes populares que adentravam no mercado de trabalho por meio da sua atuação como operários dessas fábricas. Dados levantados por Gominho (1988, p. 29) apontam que:

O Recife possuía [...] em torno de 1.148 empresas entre pequenas, médias e grandes, dos mais variados ramos de atividades e serviços. Destacavam-se em valor e número a indústria de tecidos, seguida da de óleos, sabão, doces, chocolates, caramelos, farinha de trigo, cortume, biscoitos, massas alimentícias, bebidas, móveis, fósforos, cigarros, etc. Apenas a indústria têxtil empregava, em 1931, por volta de 5.453 operários, distribuídos entre doze companhias; destes, 1.232 eram da Companhia de Fiação e Tecidos de Pernambuco, localizada no bairro da Torre, e 1.274 trabalhavam nos três cotonifícios de Othon Bezerra de Mello (em Apipucos, Siqueira Campos e rua do Muniz).

Para a atração da mão de obra pouco qualificada das camadas populares para a região onde hoje se localiza o Vasco da Gama, sem dúvida, tem na proximidade com duas das principais fábricas instaladas no Recife o seu motivo, a Companhia de Fiação e Tecidos e a Cotonifício Othon²⁶, respectivamente estabelecidas nos bairros da Torre e de Apipucos/Macaxeira. Parte das famílias com quem tive contato nos últimos anos me relataram que a vinda para o Vasco ocorreu em função de gerações passadas terem visto na localidade uma oportunidade de residirem o mais próximo possível dessas manufaturas, facilitando a busca por trabalho e, caso assim conseguisse, as idas e vindas diárias entre a casa e a fábrica, que muitos faziam de bicicleta. Claro que este não era o único perfil de estabelecimento de moradias na periferia em formação, mas, sem dúvida, é um traço forte que explica a origem social de parte das famílias ainda hoje existentes. Esse dado emerge, inclusive, no caso de minha própria rede familiar que ainda reside no Vasco. Em entrevistas que realizei com a minha avó matrilinear, uma das moradoras mais antigas do bairro, soube que a sua vinda para Casa Amarela e, posteriormente, para a casa que até hoje vive, ocorreu em virtude do meu avô, já falecido, ter sido operário no Cotonifício Othon. As moradias existentes no Vasco, na ocasião da chegada do casal, representavam chances de residir próximo à fábrica por um valor que cabia no orçamento apertado da família, que, nos primeiros anos no Recife, precisaram recorrer ao aluguel como meio de garantir uma habitação.

Embora o Cotonifício Othon operasse também no sistema de fábrica com vila operária, em engrenagem similar àquela do aparato industrial da família Lundgren situado na cidade de Paulista (LEITE LOPES, 1988), a cerca de 15km de distância da Macaxeira, nem todos os operários conseguiam uma moradia para se manter com sua família na vila da fábrica. Em muitos casos, ter uma família era em si mesmo um impeditivo para obter o direito de acesso a um cômodo na instalação operária (SANTOS, 2017)²⁷. Não obstante o caráter patronal e clientelista existente na distribuição das habitações, a despesa para o operário se manter numa alocação desse tipo trazia consigo dois custos de ordens distintas, uma econômica e outra moral. No caso do peso sobre a economia o dado advém do fato de que era descontado um valor sobre o salário recebido, diminuindo o já baixo rendimento dos operários. No âmbito moral, a

²⁶ A antiga Companhia Fábrica de Tecidos de Apipucos, após a sua compra, em 1925, pela Sociedade Braz, Silva & Cia, de propriedade do comerciante Othon Bezerra de Mello, passou a se chamar Cotonifício Othon. Porém, até os dias atuais, o antigo prédio da manufatura é popularmente conhecido como Fábrica da Macaxeira, em alusão ao bairro no qual se situa.

²⁷ Agradeço a José Sérgio Leite Lopes por me sugerir a leitura do trabalho de Emanuel Santos sobre a história do Cotonifício Othon. O trabalho de Santos tornou-se importante fonte para refletir sobre os efeitos que a instalação da fábrica teve nos seus arredores, especialmente no que diz respeito à mudança por que passou a região do Vasco da Gama.

interferência da administração da indústria em assuntos da vida privada poderia gerar conflitos e constrangimentos, retirando o pouco de autonomia que as famílias de trabalhadores podiam ter em uma sociedade em si mesma marcada por um conjunto de dificuldades materiais e existenciais sobrepostas à vida nas classes populares urbanas (LEITE LOPES, 1979).

Não por acaso, o número de habitações existentes na vila do Cotonifício Othon na Macaxeira era muito menor do que o de empregados, inviabilizando a alocação de todos na vila operária existente²⁸. Santos (2017), em excelente pesquisa sobre esta indústria, informa que houve casos em que foram cadastradas pela administração mais de uma família em uma mesma instalação, forçando-as a coabitarem um pequeno espaço previamente planejado para apenas um grupo familiar. Nesse sentido, tornava-se inviável se manter a longo prazo dentro desse sistema, que ia de encontro a uma série de valores culturais relativos ao sentido da família nos meios populares, alguns presentes ainda nos dias atuais.

Não obstante isso, a atuação política do proprietário da fábrica ia de encontro aos interesses dos seus empregados, especialmente daqueles que moravam nos mocambos de Apipucos, nas margens do açude daquele bairro. Há registros históricos mapeados por Santos (2017) que indicam que o Governo do Estado concedeu subsídios para a construção e a ampliação da vila operária da fábrica Othon, porém, embora a verba tenha sido recebida, não houve a ampliação das acomodações. Na mesma época, Othon Bezerra de Mello e um dos seus filhos integravam equipe na Liga Social Contra os Mocambos e um de suas principais bandeiras foi lidar com os mocambos em torno da fábrica, levando os trabalhadores que ali moravam a uma situação de domínio ainda maior perante os patrões, que prometiam a ampliação da vila operária.

As vantagens da tomada de posse dos terrenos em que estavam instalados os mocambos é bem sintetizado por Bezerra (1965) e não implica apenas uma luz sobre a atuação política do capital privado, mas também do Estado. O autor elucida a dinâmica econômica e política inerente aos interesses das elites recifenses em retirar os mocambos do município ou, caso assim não conseguisse, viabilizar a apropriação das terras sobre as quais estavam edificadas para convertê-las em moeda de troca para ampliação de suas riquezas:

A ambição pela posse desses terrenos chegou ao ponto de indivíduos de categoria social e econômica semelhantes se chocarem na disputa para obter aforamentos. Entretanto, onde os reflexos se fizeram sentir com maior incidência foi sobre a classe

²⁸ Para uma leitura minuciosa desse e de outros aspectos específicos dos conflitos e mecanismos de dominação da referida fábrica, ver Santos (2017).

dos mocambeiros. Isto porque, em realidade, a ocupação de fato das áreas alagadas ou semi-alagadas era feita por eles. Os seus casebres de palha, de táboas ou pau a pique, realmente materializavam a ocupação da terra. Representavam a benfeitoria. Consequentemente, o foreiro ou pseudo foreiro procurava expulsá-los, obrigá-los a pagar fôros ou aluguel do chão, a fim de obter elementos legais que lhe desse condições para reivindicar pacificamente, ou no Judiciário, o direito de retirá-los da lama. Retirada esta, é claro, não por princípio de higiene ou de amor ao próximo... Também para a classe privilegiada, com o direito de aforamento do terreno de marinha, discutível ou não, era necessário para o seu negócio imobiliário que as áreas ficassem livres dos mocambos não somente para efeito de aterro como também por ser mais valorizado o terreno limpo e por conseguinte mais vendável. Terreno, portanto, liberto de pendências. Sem “encrencas”. Os mocambeiros entraram na luta quase que forçados. Por necessidade. Para subsistir. Usaram todos os métodos possíveis às suas forças e às suas inteligências, para enfrentar adversários muito mais fortes (BEZERRA, 1965, p. 39-40).

Por esses motivos e pela dificuldade de viver numa região que exigiria uma locomoção de longas distâncias, as colinas localizadas nas redondezas da região fabril dominada pela família Othon passavam a ser consideradas opções para a construção paulatina de habitações populares, especialmente porque, embora configurassem um ambiente inóspito, eram a garantia de que, uma vez ocupado um terreno, seria possível manter algum grau de dignidade e de autonomia frente ao sistema patronal do tipo fábrica com vila operária que essa manufatura representava (SANTOS, 2017). Assim, a quase totalidade da área norte utilizada para moradia foi espontaneamente ocupada por gerações passadas que viram nos morros uma oportunidade para estabelecer residência permanente próximo à cidade e às manufaturas. Na maioria das vezes, as técnicas de construção da casa era a de casa de taipa, indicativa de uma apropriação ou prolongamento das formas construtivas popularmente utilizadas nos manguezais²⁹. Os relatos dos moradores dessa época ainda vivos confirmam a ligação entre a origem da ocupação do Vasco da Gama e a remoção dos mocambos, além da também vinculação com os movimentos de migrantes do meio rural que chegavam na cidade em busca de oportunidades de trabalho nas fábricas operantes.

Conseguir uma margem de autonomia nas colinas, porém, não significava estar distante dos mecanismos do capital privado e do controle do Estado. Embora não figurassem no horizonte de interesse das classes dominantes, poderiam ser exigidas provas para garantir o usufruto e a posse da terra, cuja ausência de documentação comprobatória abria espaço para a

²⁹ Não é por acaso que essa região se mantinha, até meados de 1950, com características típicas de zonas rurais. Os planos de desenvolvimento urbano surgidos na primeira metade do século XX não a incluíam no rol de discussões de modernização da cidade. Os temas relativos à habitação popular na cidade surgiam, entre o fim do século XIX e a década de 1930, como sinônimo da questão dos mocambos, visualizada, com base nos princípios higienistas da época, como um dos principais problemas a serem combatidos para que o “corpo doente” que era o Recife fosse “curado”. Para uma leitura das disputas políticas em torno da definição dos planos urbanísticos do Recife entre as décadas de 1920 e 1950, ver Outtes (1997).

cobrança mensal de valores pelo uso do chão ocupado³⁰. Todavia, independentemente disso, a percepção de que os morros formavam uma alternativa à moradia nos mocambos era inevitável e a maneira como essa estratégia se tornava viável é compreendida através da interpretação de Sousa (2003) acerca da expansão das favelas e bairros periféricos do Recife, que informa que:

Como essas colinas eram mais difíceis de urbanizar que a planície adjacente, e eram geralmente consideradas, pelo poder público, impróprias à ocupação residencial convencional, elas foram, ao longo do século XX, deixadas de lado pelo urbanismo das classes privilegiadas e, em decorrência disto, passaram a constituir um meio propício à urbanização espontânea que os pobres têm sido forçados a efetuar. No passado, alguns dos proprietários de glebas ali situadas tinham, eles próprios, por razões econômicas, interesse em tal forma de ocupação, e dividiam ilegalmente as suas terras, que pouco interessavam aos construtores, em parcelas minúsculas, para serem vendidas ou alugadas às populações carentes, em desrespeito às normas jurídicas e urbanísticas. Isso aconteceu, por exemplo, nos morros de Casa Amarela, onde inúmeras famílias pobres são hoje proprietárias de fato dos terrenos em que habitam, mas não têm o seu direito de propriedade reconhecido do ponto de vista jurídico (SOUSA, 2003, p. 29).

À época da investigação de Sousa (2003), o bairro de Casa Amarela incluía diversas áreas que foram, em 1988, elevadas a estatuto de bairro. Os morros a que se refere o autor constituem hoje os bairros populares da zona norte da cidade, distribuídos nas adjacências de Casa Amarela, que continua a ser uma referência importante para os moradores da região, especialmente para os que estão no Vasco, devido à proximidade desse em relação àquele. A ocupação do território do Vasco, por sua vez, não ocorreu apenas quando houve o desmembramento de Casa Amarela. Muito antes disso, no período de ouro das manufaturas têxteis, especialmente no ápice do período de produção da Cotonifício Othon, a região passou a ser intensamente procurada pelos mocambeiros desabrigados e pelos migrantes do interior do estado.

Entre os anos de 1920-1990 os bairros populares e as favelas cresceram vertiginosamente no Recife. Esses morros foram radicalmente transformados, perdendo a característica que os aproximavam a um ambiente com traços rurais no meio em urbanização – “só existia mato aqui, quase não tinha casa”, me disse várias vezes uma moradora idosa, que chegou no Vasco em meados de 1950 – e se tornou o maior aglomerado urbano popular do Recife, ocupando um território de aproximadamente mil hectares (CORREIA DE ANDRADE,

³⁰ Alguns imóveis construídos nos primeiros anos de ocupação dos terrenos existentes no Vasco da Gama ainda hoje possuem gravados na parede frontal da casa nele edificada as letras TP. Essas letras são uma abreviação do termo “Terreno Próprio”, sinalização escrita com graveto sobre a parede ainda fresca para que não fossem cobrados tributos dos moradores detentores de documentação comprovativa da posse do chão ocupado.

1979), o que chama a atenção para a sua extensão numa cidade de 218km² (SOUSA, 2003). Para se ter uma visão geral da mudança por que passou a cidade, no âmbito das camadas populares urbanas, nesse período, vale a pena destacar alguns dados que compreendem o aumento significativo dos seus membros ao longo do século XX.

Em 1920, a população de baixa renda vivia na cidade majoritariamente em mocambos em regiões alagadas, situados, principalmente, nas proximidades dos rios que cortam o Recife, passando especialmente por seus atuais bairros tradicionais. No final da década de 1930, a Observação Estatísticas sobre os Mucambos (1939) estimava que na cidade existiam 45.000 mocambos, em que viviam aproximadamente 165.000 pessoas. Em 1978, a população pobre na urbe, já situada em aglomerações periféricas, era muito maior. Segundo a Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco (CONDEPE/FIDEM, 1980), órgão do governo estadual responsável pelo planejamento urbano, haveria nos finais da década de 1970 cerca de 385.000 habitações populares na Região Metropolitana do Recife, em que viviam duas milhões de pessoas. Especificamente para a área acidentada em torno de Casa Amarela, onde o Vasco da Gama é um dentre outros bairros, Sousa (2003) estima que em 1990 haveriam 400.000 habitantes permanentes. Como mencionado anteriormente, segundo dados do último censo brasileiro (IBGE, 2010), apenas no Vasco da Gama vivem permanentemente 31.025 pessoas.

Isso significa que não é exagerado afirmar que essa região hoje circunda todo o norte da capital e tem uma dimensão que conecta, por seu interior, a cidade do Recife à cidade de Olinda, não sendo possível observá-la inteiramente nem mesmo do seu pico mais alto, localizado no Alto Treze de Maio, o que aponta para um tipo de modernização em que o processo de urbanização trouxe como consequência graus elevados de periferização, em que a autoconstrução espontânea de habitações paulatinamente formou uma região na qual os membros das camadas populares urbanas hoje habitam na cidade.

Se comparado com a imagem que se pode ter dos bairros mais urbanizados – que podem ser vistos no horizonte a partir de quaisquer casas autoconstruídas nas encostas dos morros do Vasco – salta aos olhos as distâncias que persistem e afastam, como realidades contrastantes, a periferia urbana do restante do Recife. Sem dúvida, o modo como o Estado passou a estar presente e as intervenções mais enfáticas levadas a cabo pelo poder público nessa região somente vieram ocorrer quando houve o reconhecimento desse amplo território como ZEIS. Como mencionado anteriormente, essa classificação não implicou necessariamente em investimentos capazes de transformar efetivamente as condições de vida nessa região, embora, claro, tenha trazido benefícios para os moradores, antes delegados à sua própria iniciativa a

busca por melhorias tanto individuais quanto coletivas, isto é, tanto para o espaço privado da sua casa quanto para o espaço público da rua em que seu lugar na sociedade é traçado.

As transformações ocorridas a partir da década de 1980 no espaço da capital em decorrência de políticas diversamente levadas a cabo pelo Estado com o intuito de urbanizar o Recife se sustentaram em grande medida na força de trabalho dessas pessoas. No ambiente em que se estabeleceram, as intervenções direcionadas ao melhoramento das condições urbanas de existência se basearam na maioria das vezes na tentativa de implementação de sistemas de incentivo e de parceria, em que as obras a serem realizadas eram feitas pela partilha de responsabilidades: o material de construção era garantido pela prefeitura e a mão de obra era desempenhada ou financiada pelos próprios moradores a serem beneficiados (CAVALCANTI et al., 2016). Não foram poucos os casos no Vasco da Gama de mutirões organizados por grupos de vizinhos visando dar andamento a obras, especialmente quando relacionadas à contenção de barreiras que ofereciam riscos de desabamento seja a uma única casa, seja a um agregado de residências estabelecido sobre um dos morros da localidade.

Nesse sentido, não é exagero afirmar que as moradias populares na região periférica da zona norte apontam para um intenso trabalho das classes populares em busca da produção dos seus meios de subsistência na cidade. Num contexto adverso de manutenção da vida, obter acesso a um terreno e a um teto para viver numa região a partir da qual é possível “correr atrás” de um trabalho na cidade se torna um desejo de primeira grandeza, pois a sua conquista reflete a garantia da sobrevivência propriamente dita do trabalhador e de sua família. Esse sentimento atravessa o tempo e as marcas da sua expressão na prática da autoconstrução até o presente são expressas em algumas partes dos bairros do subúrbio popular.

Não por acaso que hoje em dia ainda é possível encontrar resquícios de casas de taipas no Vasco da Gama e em suas adjacências, como em Nova Descoberta, no Morro da Conceição e no Buriti. As casas desse tipo que persistem às mudanças ocorridas na periferia fazem parte dos imóveis mais precários ainda habitados, normalmente abrigando famílias pobres destituídas de estabilidade econômica, detentoras, muitas vezes, de baixo prestígio social nas comunidades em que moram. Outras casas já apresentam sinais de uma apropriação improvisada sobre os traços do passado, quando a composição é feita por meio do uso de paredes de barro socado em associação a paredes de alvenaria, material atualmente predominante na construção da moradia popular nessa parte da urbe. Segundo os dados do Censo 2010 do IBGE, do total de 9.113 domicílios permanentes do Vasco da Gama, por exemplo, 8.219 (90,2%) são constituídos por habitações feitas em alvenaria revestida, sendo 665 (7,3%) de alvenaria sem revestimento e 209

(2,3%) casas de taipa revestida, o que indica que a estética predominante no bairro, embora distinta daquela existente em sua origem, permanece sob aspectos típicos dos bairros populares e urbanos brasileiros, onde, especialmente no nordeste, casas de taipa deram lugar a casas de tijolos, não raro planejadas e construídas pelas próprias famílias que nelas moram.

A conjugação não planejada de fatores tão diversos quanto a migração para a capital e a inexistência de políticas eficientes que garantissem o direito à cidade possibilitou o processo de ocupação e de autoconstrução espontânea ao longo de gerações, produzindo paulatinamente as condições objetivas de reprodução da vida social na região popular recifense em que vivem os vascaínos. A sua integração à cidade a partir do seu reconhecimento como ZEIS não implicou, como disse, em uma transformação urbana significativa. Como percebeu Cavalcanti et. al. (2016, p. 317):

As melhorias urbanísticas realizadas em Zeis foram pontuais. A consolidação destes assentamentos fez-se por meio das melhorias habitacionais, que foram maciçamente promovidas com os investimentos privados e familiares. As precárias condições de habitabilidade e a irregularidade fundiária permaneceram, visto que as políticas públicas governamentais não foram capazes de produzir mudanças estruturais.

A presença do Estado na vida cotidiana do Vasco da Gama é sentida pelos moradores muito mais no âmbito da repressão policial do que pela via da assistência e da proteção social, percebidas pelos nativos quando referidas às obras de contenção das encostas (na década de 1990) e pela existência, ainda hoje, das poucas creches e escolas municipais nas proximidades do bairro, além pela identificação, ainda que precária, do oferecimento de serviços básicos de saúde, garantidos pela atuação preventiva de agentes de saúde e pelo funcionamento de dois postos de atendimento médico, um localizado na planície próxima à Av. Norte e o outro no morro do Alto do Eucalipto.

Em síntese, esse quadro revela que os bairros populares do Recife, especialmente aqueles localizados na zona norte, são um produto coletivamente fabricado por meio do suor e do trabalho de homens e mulheres pobres, que autoconstruíram não apenas suas casas, mas, como efeito coletivo deste trabalho, promoveram as bases para a expansão e a emergência de uma realidade social ambígua e multifacetada na margem da cidade, como a atualmente evidenciada no Vasco da Gama. Mergulhar no atual estado do Vasco significa concentrar a reflexão numa parte específica da grande região periférica, num pedaço mais restrita no espaço geográfico cuja delimitação não exclui seus vínculos com a cidade, mas identifica como são

vividas as dinâmicas de estruturação da vida individual e coletiva em um ambiente sociocultural e urbano complexo e diferenciado.

1.4 O bairro hoje: diversidade, diferenciação e zonas territoriais

Embora resultado de uma agregação paulatina de trabalhadores pobres em uma mesma localidade do Recife, seria equivocado supor que o Vasco da Gama é nos dias atuais um lugar no qual uma comunidade socialmente homogênea, formada por uma versão moderna do operariado, mantém-se sob o funcionamento de uma ordem social coesa e coerente nas margens da cidade. O Vasco é hoje um bairro muito diversificado, marcado pela coexistência de diferenças e de desigualdades cuja sobreposição propulsiona elementos que tanto asseguram a sua reprodução quanto fissuram o seu tecido social. Aludindo a traços de uma sociedade moderno-contemporânea (VELHO, 2004), verifica-se nele um arranjo coletivo que se mostra especialmente por meio da percepção da multiplicidade de modos de vida dos seus habitantes – que tem na localização da casa em que moram uma das principais condicionantes das relações específicas que estabelecem com o bairro – cuja dinâmica implica maneiras distintas de viver e experienciar a condição popular em que estão inseridos.

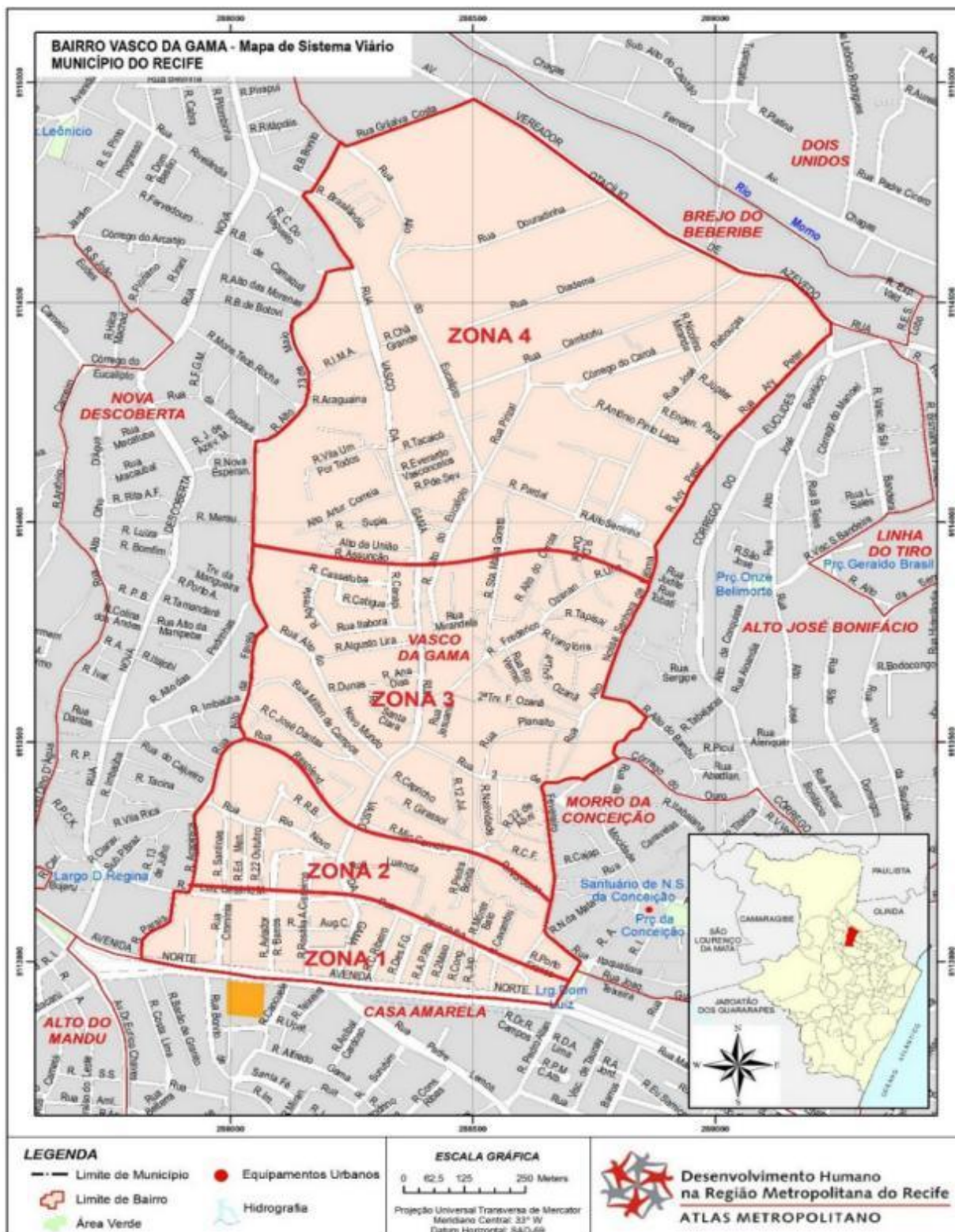
As diferenças internas do Vasco são notórias para qualquer pessoas que decide por ele transitar. Não há uma identidade clara de sua população, caracterizada pelo predomínio de uma prática ou de símbolos que indicariam um pertencimento cultural comum. O que há é uma diversidade empiricamente manifesta, que não pode ser negada se se quer apreender os traços marcantes da população atualmente existente³¹. Não é por acaso que os próprios nativos compreendem o Vasco a partir de uma visão territorial complexa que o toma como um espaço seccionado em zonas heterogêneas, a semelhança dos “pedaços” definidos por Magnani (2003), com as quais expressam identificações e indiferenças. Inexistentes para quem olha para o bairro de longe e de fora, essas zonas condicionam as práticas e garantem um ordenamento à vida local que não pode ser negligenciado por aqueles que nelas estão implicados de corpo e de alma, pois para eles as gradações locais indicam as pistas contextuais mais importantes para apreensão das expectativas e das restrições comportamentais que territorializam o plano das ações, cujo

³¹ Nesse sentido, compartilho com Scott e Quadros (2009) a ideia de que a diversidade é um termo central para a decifração da realidade dos bairros populares e periféricos do Recife, na medida em que a noção de diversidade destaca as diferenças locais – que não podem ser escanteadas sob o risco de produzir uma análise empiricamente fraca do caso investigado – sem deixar de reuni-las numa concepção de conjunto que permeia o sentimento ambíguo de pertença e de identidade comunitárias.

reconhecimento depende fortemente dos graus de familiaridade com os ordenamentos que configuram os tipos de sociabilidade vigentes.

Embora num plano microssociológico se pudesse alcançar profusas variações simbólicas circundando a compreensão comum que os nativos têm do Vasco, o que poderia conduzir à distorção da realidade social numa sobreposição de incontáveis “mundos sociais” representados, a identificação das zonas territoriais que dão sentido à vida local revela o predomínio de um senso comum entre os moradores que garante e ordena as relações de vizinhança, mantidas tanto por meio dos sentimentos de pertencimento quanto pela instituição de distâncias que acentuam a diversidade na configuração popular existente. Conforme pude apurar ao longo do trabalho de campo e nas entrevistas conduzidas com mais de trinta homens e mulheres autodeclarados responsáveis por domicílios permanentes, os moradores vivenciam e experienciam o Vasco da Gama como um território fracionado em quatro zonas principais, discernidas tanto pelas suas infraestruturas urbanas quanto pelos sentidos predominantes que circundam cada uma delas, sustentados sobretudo pela permanência ao longo do tempo de relatos sobre acontecimentos importantes para os habitantes, que fazem parte da memória coletiva do bairro.

Figura 4 – Mapa do Vasco da Gama e as suas quatro zonas



Nota: Essa figura resulta de adaptação realizada pelo autor com recurso à representação cartográfica oficial do bairro elaborada pela CONDEPE/FIDEM, da Prefeitura da Cidade do Recife.

Fonte: O autor, 2020.

Quando se está dentro do Vasco não é preciso realizar muito esforço para notar que o caráter acidentado da geografia da zona norte da cidade nele implica situações permanentes de moradia distintas e distintivas, imprimindo dessemelhanças importantes no território e na população que o habita. Conforme indica o mapa 1, o sentido nativo da variação interna do Vasco em zonas diferenciadas segue um movimento da periferização precária, uma a uma indicada pelos habitantes tendo em vista especialmente a sua distância em relação a Av. Norte – a linha vermelha, na parte inferior, a Zona 1 e Casa Amarela – e a sua proximidade quanto a periferia mais profunda – nos limites da Zona 4 com os bairros Brejo do Beberibe e Nova Descoberta, na parte superior do mapa. Da Zona 1 à Zona 4, passando pelas Zonas 2 e 3, vagarosamente se sente os efeitos da autoconstrução espontânea das moradias populares que tornou o bairro o que ele hoje é: um ambiente sociocultural e economicamente diverso, cujas contradições, diferenças e desigualdades se expressam pelas múltiplas associações existentes entre os habitantes e as zonas em que moram com suas famílias ou que frequentam em seus trajetos cotidianos.

A presença de áreas planas e morros nos 1,6km² que forma o Vasco estabelece o princípio fundamental de diferenciação entre os residentes e funciona como propriedade básica a partir da qual se pode deduzir a configuração das condições de vida que se leva em cada zona. Se vivem numa das áreas planas do início do Vasco, na Zona 1 e em parte da Zona 2, os residentes passam a usufruir de certo prestígio na comunidade de moradores, especialmente porque vistos como membros das famílias mais antigas do bairro ou das que são detentoras de maior poder aquisitivo. Se residente nas áreas mais afastadas do cruzamento composto pela entrada do bairro, por Casa Amarela e pela Av. Norte, mais exatamente se habita numa das vizinhanças mais pobres localizadas sobre os morros ou nas ruas bifurcadas que dão acesso a localidades mais precárias, frequentes nas Zonas 3 e 4, mais baixo o *status* do morador e de sua família.

Essa distribuição de prestígio acompanha diretamente a mudança por que passa a paisagem urbana local, que cada passo em direção à periferia mais interior implica avançar rumo à precariedades e exclusões. Nitidamente quanto mais avizinjado à Av. Norte, como a Zona 1, melhores são as infraestruturas do bairro, com boas casas para morar, quarteirões padronizados com ruas asfaltadas e calçadas. Com traços muito similares aos espaços de Casa Amarela, os moradores dessa área cultivam forte identidade com o bairro popular vizinho, mais enobrecido, e muitas vezes afirmam essa identificação por meio da negação de seus vínculos com a moradores das partes mais pobres do Vasco, sobretudo das Zonas 3 e 4, evitando, em

alguns casos, manter relação constante com parentes que habitam num dos morros ou em outras áreas estigmatizadas.

A variabilidade geográfica entre a pista nas localidades planas e os morros dentro da periferia se traduz numa diferença talvez difícil de ser captada por quem não está habituado com a vida local do Vasco da Gama nos dias correntes. Para quem frequenta os espaços de interação existentes no bairro sabe que há aspectos e comportamentos que efetivamente indicam “quem é quem na ordem do dia” e o conhecimento prévio do local de moradia é fundamental para a definição de que lugar o indivíduo observado está situado na organização social instituída: se membro de uma família mais pobre, residente em um dos becos ou ruelas dos morros ou se membro de uma parentela da rua principal, especialmente no seu trecho que passa pelas Zonas 1 e 2, a quem é oferecido reconhecimento por provavelmente fazer parte das famílias mais antigas ou mais endinheiradas da região³².

Não é por acaso que a área plana do início do bairro goza de maior prestígio: é nela que se inicia a Rua Vasco da Gama e em que estão localizadas as melhores residências, onde moram as famílias detentoras de maior quantidade de capital econômico e cultural. Embora a rua principal corte todo o bairro, serpenteando todo o território até Nova Descoberta, quando alcança a Zona 2, passa a representar as desigualdades entre os morros e o asfalto, pois passa a ser margeada pelas colinas argilosas que avançam pelas Zonas 3 e 4. Nas encostas dessas colinas verifica-se hoje a formação de um conjunto de domicílios mais simples, feitos sobre terrenos ocupados, alguns considerados áreas de risco devido à probabilidade de deslizamentos de terra que causam soterramento de imóveis e mortes em épocas chuvosas. Em sua maioria, os habitantes dessas casas não possuem uma situação estável no mercado de trabalho, muitos sobrevivem sob o regime de bicos ou possuem ocupações permanentemente pouco rentáveis, e vivem, desse modo, sob condições mais vulneráveis do que quem reside na rua principal, sobretudo se comparado à situação de quem habita numa das casas da “entrada do Vasco”, termo nativo utilizado para se referir à Zona 1.

A diversidade da vida popular no Vasco da Gama recebe seus contornos mais evidentes quando a intensidade da vida cotidiana abre margem para as contradições e a coexistência de diferenças diversas. As Zonas 2, 3 e 4 são exatamente os intervalos territoriais em que isso se

³² As diferenças entre os morros e a rua principal são esmiuçadas nos capítulos seguintes. Embora haja tópicos em que esse tema é o fio condutor da discussão, os fenômenos decorrentes dessa divisão permeiam toda a tese, especialmente porque a rua principal corta todas as zonas, produzindo em cada uma delas uma área mais prestigiada com a qual oposições e ambiguidades são instituídas. Nesse momento o mais importante é ter em mente a caracterização que essa variação interna implica, fundamental para a leitura dos conteúdos apreendidos no campo, a serem tratados em breve.

expressa empiricamente. Na Zona 2, verifica-se uma tensão constante nas relações de vizinhança que pode abrir caminho para contradições e acusações entre os moradores de um condomínio residencial particular, habitado por uma camada mais favorecida em termos materiais mas ainda integrada às classes populares, e os moradores do primeiro morro que se eleva no Vasco, em que uma pequena população estabeleceu residência ainda durante o processo gradativo de autoconstrução de moradias nessa região periférica. As incongruências entre os atores aí encontrados dão lugar a recorrentes conflitos, motivados por desentendimentos mútuos, que podem se desdobrar em suspeitas e preconceitos. Em geral, os moradores do condomínio acusam a vizinhança do morro de “problemática”, especialmente porque entre seus membros estão jovens que frequentam o Clube Treze, uma casa de espetáculos, localizada em frente ao condomínio, que é vista pelos condôminos como motivo de desvalorização da Zona 2, por ser o lugar em que ocorrem os shows de *MC's* do *bregafunk*, estilo mais consumido pela juventude das Zonas 3 e 4 e provavelmente dos bairros periféricos do Recife.

Às metamorfoses por que passa o Vasco da Gama em seu interior que se expressam, em primeiro lugar, entre a Zona 1 e o restante do território e, em seguida, entre os morros e a rua principal, indicam maneiras distintas de estar inserido na periferia e de experienciá-la, configurando um cenário historicamente estabelecido no qual diferentes modos de vida coexistem no interior das classes populares urbanas, possibilitando uma coexistência territorialmente circunscrita com grande possibilidade de emergência de conflitos e de contradições. Da variabilidade das condições objetivas de vida e dos sentidos dados a essas condições, verifica-se no Vasco uma teia de significados que se assenta num sistema classificatório criativo do qual não escapam nem moradores, nem espaços, que faz o bairro ser experienciado diferencialmente de acordo com o lugar em que nele se encontra ou frequenta.

Na sua parte central, onde está a Zona 3, as ruas durante o dia e a noite são extremamente movimentadas. É aí em que se encontram os principais estabelecimentos comerciais, como minimercados, farmácias, lojas de roupas e quitandas. O trânsito de pessoas, portanto, é intenso e, embora o perfil dos transeuntes mude ao longo do dia e da semana, o número maior é de homens e mulheres adultos, seja porque aí moram, trabalham, seja porque estão atentos a oportunidade de conseguir um biscate para ganhar um dinheiro. Crianças são vistas mais na Zona 4 e nas ruas paralelas à rua principal, nas ruelas dos morros em que via pública e quintais se confundem, mas por onde não passam carros ou motocicletas em alta velocidade. Na Zona 3, as crianças em sua maioria passam a caminho da escola, embora haja aqueles que, pelas

dificuldades financeiras de casa, por ali ficam para ganhar uma moeda fazendo frete de feira, carregando peso entre os minimercados e quitandas e a casa de um morador, normalmente mais velho e sem saúde para transportar as suas compras sozinho.

São vistos ainda taxistas, mototaxis, homens atuando na segurança das lojas e muitas mulheres a frente de negócios próprios, atuando, especialmente no varejo. Durante a pesquisa contabilizei no Vasco um número de 17 lojas de roupas de propriedade e geridas por mulheres do bairro, além de uma padaria de médio porte e estabelecimentos alimentícios, em que a presença feminina já era conhecida. A dinâmica comercial de roupas atrai para o Vasco um número considerável de consumidores de outras áreas periféricas, mas também há comerciantes com clientela de mulheres residentes em Casa Amarela e Casa Forte, cujas relações revelam encontros e desencontros de gosto em matéria de estética e de estilo, que são percebidas e ponderadas pelas comerciantes para obter êxito em suas vendas.

A proximidade entre as Zonas 3 e 4 permitem um constante ir e vir de pessoas entre as duas áreas. Os moradores da Zona 4 não apenas percorrem as Zonas 3 quando precisam sair do Vasco – o que implica atravessar também as Zonas 1 e 2 – e ir para os bairros mais centralizados do Recife. Eles também realizam trajetos para a Zona 3 para adquirir os bens e produtos fundamentais para o funcionamento das suas casas. Nesse sentido, é muito comum encontrar pessoas da Zona 4 nas outras partes do bairro, diferente do que ocorre com quem mora na Zona 1, e confundi-los com os moradores da Zona 3, especialmente com aqueles que atuam no comércio e tendem a estarem sempre no entorno de suas lojas e pontos comerciais.

Em contrapartida, quem frequenta mais assiduamente a Zona 4 são, além de quem nela mesma reside, os habitantes dos altos mais estigmatizados, como o Alto Treze de Maio e do Alto do Eucalipto, cujos acessos para veículos estão localizados na Zona 3. A Zona 4 é a maior área do bairro, mais pobre e precária, conhecida pelos moradores das outras partes do bairro como uma “péssima localidade pra crescer” por que nela já houveram problemas decorrentes do tráfico de drogas e da atuação de grupos de extermínio. Não é difícil ouvir histórias de crimes, de agressões e de outros tipos de violência no Vasco e a Zona 4 muitas vezes é o cenário no qual tiveram lugar esses acontecimentos. É claro que há partilhada uma representação da violência que é fixada a essa zona, mas nela há muito mais elementos que precisam ser considerados para compreensão do seu encaixe na arquitetura que constitui o Vasco da Gama.

Cada uma dessas zonas forma um universo particular, mas sua análise precisa ser feita colocando-as em constante relação. A melhor forma de proceder nessa direção é por meio da experiência dos indivíduos e dos olhares cruzados para o bairro emitidos a partir de cada parte

do território. As impressões, as percepções e a história territorializada tornada história pessoal abre caminho para decifrar o tecido social de que participam todos os residentes, que atuam não apenas a partir do desempenho de papéis distintos, como também por meio de distintas formas de conceber a própria realidade que se impõe a todos na periferia urbana de que o Vasco faz parte. É preciso, por isso, adentrar em cada zona e através de cada uma delas encontrar os mecanismos que dinamizam a vida coletiva do bairro e é nessa direção que seguirei a partir do próximo capítulo, dedicado à análise dos moradores da Zona 1 e da maneira como eles percebem o lugar em que vivem e elaboram sua representação entre a afirmação de uma pretensa distinção, a busca por inserção nas classes médias e a negação dos vínculos com o mundo popular.

2 A ENTRADA DO VASCO

*Aqui se vive bem melhor, sabe?
Dou graças a Deus por ser dona dessa casa e de ter criado meus filhos aqui.
Mas não vou dizer que foi fácil...
no começo, não me sentia bem-vinda aqui.*

Dona Jô, 60 anos, Zona 1.

2.1 Observando o Vasco da Gama de perto e de dentro

A jornada feita até aqui serviu para ofertar as bases contextuais – históricas, geográficas e ecológicas – necessárias para que o leitor olhe para o Vasco da Gama e para os seus moradores com as mesmas lentes com as quais me debrucei ao interpretá-los tendo em vista o modo como suas experiências e suas trajetórias se imbricam ao cenário urbano e sociocultural que os circunda. Mantive uma discussão calcada numa relativa distância, olhando a região retratada a partir da consideração de seus vínculos com fenômenos mais gerais, especialmente aqueles relacionados às condicionantes que desencadearam a ocupação e a autoconstrução espontânea de moradias na periferia do Recife em virtude do crescimento excludente e da urbanização seletiva da cidade. Agora é preciso ir além e entrar nesse mundo social por meio da exploração das suas dimensões mais sensíveis, isto é, socioantropológicas, cujo acesso requer a apreensão dos vínculos entre os indivíduos e os cenários por que passaram ao longo de suas trajetórias e circulam em seus trajetos, refletindo sobre como os atores, a partir da posição que ocupam no território e no espaço social, passam a perceber a sua realidade e a lidar com as dinâmicas locais no cerne das quais suas existências ganham significado.

Para tanto, neste e nos próximos capítulos, altero o ângulo de visão: saio de um ponto de vista “de longe e de fora” para uma perspectiva mais próxima da experiência dos agentes, buscando apreender, a partir dos seus pontos de vista, as zonas existentes no bairro “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002; 2003), sem perder de vista, nesse movimento, os ordenamentos mais gerais revelados pelas proximidades, distâncias e assimetrias locais. Para desenvolver e operacionalizar isso na pesquisa empírica foram necessários esforços distintos de inserção no campo, cujas estratégias variaram segundo o grau prévio de conhecimento que portava comigo acerca dos perfis dos moradores, dos tipos de sociabilidade existentes nas diferentes partes do bairro e do modo como espaços internos passavam a ser representados e compreendidos como zonas relativamente autônomas, dotadas de características e significados particulares, que as

fazem ser experienciadas diferencialmente em virtude do modo como nelas os atores se inserem.

Ainda que antes da pesquisa eu mesmo tivesse feito parte, como morador, das redes de relações locais ao longo de quase três décadas, a realidade local não era, de modo algum, vista por mim de modo a alcançar o seu significado global ou mesmo os diferentes sentidos que a faz ser percebida distintamente por observadores diferentes³³. Em seu interior ocupava, como os demais residentes, uma posição específica a partir da qual adquiri espontaneamente um conhecimento nativo, restrito aos trajetos cotidianos e às relações mais ou menos duráveis de que participava, que me condicionavam a ter uma percepção e um modo de apreciação parcial do Vasco da Gama. Agora como sociólogo interessado em compreender essa realidade em termos socioantropológicos³⁴, não podia escapar da tarefa de deslindar seus diferentes contextos e ambientes, tanto no que se refere aos que figuravam em minha memória pessoal, mais naturalizados enquanto tal, quanto àqueles nos que entraves objetivos e barreiras simbólicas eram esperados de maneira mais fortemente ao precisar analisá-los³⁵ em seus próprios termos,

³³ Nesses termos, a pesquisa realizada não se descola dos interesses da sociologia do conhecimento, cujo principal problema, ao menos naquela sociologia do conhecimento idealizada por Mannheim (1986), é compreender a maneira como uma mesma realidade passa a ser percebida diferencialmente por aqueles que dela participam. Ao mesmo tempo, isso justifica o vínculo que a atitude metodológica levada adiante mantém com o enunciado bourdieusiano de que a sociologia precisa ser sempre praticada de modo a iluminar seu objeto sem perder de vista a reflexão sobre si mesma, isto é, sobre os modos por meio dos quais realiza a sua operacionalização e produz o conhecimento sociológico a partir da aquilo sobre o que reflete (BOURDIEU, 1989).

³⁴ A posição de pesquisador e o interesse em investigar essa realidade somente foram percebidos como sintomas da distância entre mim e minha origem social após estabelecer uma atitude reflexiva diante dos registros dos momentos emocionalmente mais fortes vividos no trabalho de campo que demonstravam como as minhas disposições foram modificadas durante a experiência de mobilidade socioeducacional ascendente que percorri ao longo dos últimos anos. Os estranhamentos vividos no campo mostraram-me que, de certa maneira, para os moradores, a minha presença representava a permanência no bairro de “alguém que não precisava mais estar” ali, como me disse uma senhora idosa próxima à minha parentela matrilinear residente, que, ciente do meu percurso, demonstrava preocupação com meu interesse em querer recontatar rapazes que, segundo ela, ou “não queriam nada com a vida” ou tinham “dado para coisa errada”, referindo-se, respectivamente, aqueles que raramente estão ocupados, sempre localizados nas esquinas entre as Zonas 3 e 4, e aos que tinham se envolvido com o crime, como o tráfico de drogas ou com grupos de extermínio, alguns dos quais podiam estar cumprindo pena em um dos presídios estaduais ou terem perdido suas vidas devido aos riscos a que se expuseram em suas atividades.

³⁵ Os momentos de relação mais espontâneos com o bairro sugeriam a permanência ao longo do tempo de vínculos anteriormente tecidos com determinados cenários e habitantes, cujos reencontros ao longo da pesquisa eram marcados por resgates de recordações partilhadas que em si mesmas abriam caminho para o reestabelecimento de ligações afetivas importantes para novamente acessar o universo sociocultural e a memória coletiva da comunidade. A distância, porém, se impunha quando estava ausente essa possibilidade de liberação e reconexão emocional, ocorridos ao precisar lidar com ambientes e pessoas com as quais antes não mantinha qualquer tipo de convivência continuada, porque com elas não havia por que manter contato maior do que aquele exigido pela condição comum de habitar o mesmo lugar na cidade. Para esses espaços e moradores, durante a pesquisa, eu não passava de um desconhecido cujas credenciais locais - referências familiares ou indicação do local em que anteriormente morei - não funcionavam como chave de acesso e de aproximação, podendo, inclusive, em algumas casos fazer emergir fronteiras ásperas e insuperáveis. As informações sociologicamente mais importantes para responder as questões da pesquisa necessitavam, assim, levar adiante o enfrentamento de tarefas muito similares àquelas do sociólogo e do antropólogo mais tradicionais, que recorriam a ferramentas metodológicas e epistemológicas capazes de inseri-los em contextos para eles distantes e distintos dos seus, especialmente por não

cujas visões de dentro não poderiam ser negligenciadas se minha pretensão era a de alcançar o campo de possibilidades que predetermina as situações biográficas e condiciona a individuação (SCHUTZ, 2012, p. 85; VELHO, 1994, p. 31) por que podem passar os moradores ao longo de suas existências e experiências vividas nos territórios que fazem parte deste bairro popular.

Desse modo, foi preciso explorar todas as zonas e encontrar em cada uma delas a maneira como o Vasco da Gama é vivido, ao mesmo tempo em que tornado objeto de uma justaposição de sentidos que concorrem, relacionam-se e produzem uma realidade social complexa e problemática que obriga os indivíduos a lidarem com provas sociais que os afetam diretamente, moldando o modo como interagem uns com os outros e com o lugar: condicionando suas narrativas biográficas, suas decisões diárias, seus trajetos urbanos e as projeções que fazem de si, de seus pares e do seu bairro para um futuro mais ou menos distante, que em alguns casos parece soar como algo opaco e incerto, enquanto em outros extremamente previsível e inevitável.

Para alcançar este nível de análise, mais perto da experiência dos atores sem perder de vista as dimensões sociológicas cuja análise abre espaço para compreendê-los na realidade em que suas vidas ganham sentido, passo a enveredar por uma apresentação mais descritiva da experiência propriamente dita do trabalho de campo e da vida dos moradores que abriram as portas de suas casas para que a pesquisa pudesse ser realizada. Neste capítulo, especificamente, discuto a relação que os moradores residentes da “melhor área do bairro” estabelecem com o Vasco da Gama, concentrando-me na história da principal informante que me acompanhou na fase da pesquisa dedicada a esta área do bairro, Josiane, uma conhecida moradora da Zona 1, que abriu não apenas abriu para mim a porta da sua casa, mas também permitiu-me conhecer sua história e a sua família. Detenho-me, de maneira particular sobre a sua trajetória de vida e sobre a família que com ela atualmente mora na entrada do Vasco, na medida em que o caso permite visualizar múltiplas dimensões que permeiam a Zona 1 e contribui para compreender tanto as relações que predominam entre os residentes que nasceram e continuam a se reproduzir sob as melhores condições de vida com a realidade local quanto as maneiras como aqueles que trilharam percursos marcados por experiências de ascensão nas camadas populares, que chegaram à Zona 1 ao se afastarem das suas zonas originárias, tensionando a concepção predominante da vizinhança que passaram a integrar.

terem os elementos biográficos capazes de converter sua subjetividade em um mecanismo plausível de compreensão aprofundada da realidade a que buscava desvendar.

2.2 A Zona 1: particularidade e distância (in)diferencial

Foi com o intuito de me inserir numa área com a qual não possuía níveis profundos de familiaridade que ocorreu a fase da pesquisa dedicado à Zona 1, a “entrada do Vasco”, como é definida pelos nativos a área residencial localizada na triangulação formada pelo encontro do Vasco da Gama com a Av. Norte e o bairro de Casa Amarela. Refiro-me especificamente à zona residencial localizada exatamente na fronteira dos mundos sociais que o Vasco da Gama separa, a periferia e os bairros mais urbanizados, das classes médias e altas da cidade. Por não ter com essa zona um conhecimento antecipado que me ofertasse os pontos de partida para visualizá-la a partir das perspectivas dos seus habitantes, era preciso vivenciá-la profundamente para apreender o modo como o bairro é por eles vivido a partir da área tida como mais urbanizada, na qual mora a parcela residente mais escolarizada, de que fazem parte as famílias detentoras de maior poder aquisitivo, entre as quais muitas também possuidoras de elevado prestígio social dentro da periferia da cidade.

Com esse perfil, a entrada do Vasco apresenta-se como o local onde estão as melhores residências do bairro, feitas em infraestruturas urbanas muito distintas daquelas predominantes no restante da periferia da zona norte. As casas que nela podem ser encontradas são consideradas mais apropriadas para a habitação permanente de agregados familiares mais extensos, mesmo que não seja comum encontrar ali famílias tão numerosas habitando sob um mesmo teto, como são encontradas com recorrência nas áreas mais pobres, localizadas nas partes mais adentro do bairro e em seus arredores, como nos bairros de Nova Descoberta e nas pequenas vizinhanças pobres formadas sobre os morros.

No início da pesquisa, a minha relação com os moradores dessa parte do bairro era muito limitada e o conhecimento prévio da vizinhança se reduzia a uma consciência muito superficial dos acontecimentos mais emblemáticos que nela ocorrera no período em que morei na Zona 4. Entre a Zona 1 e a Zona 4 estabelece-se uma forte oposição simbólica e material, em que a Zona 1 figura como a melhor área para morar e a Zona 4 como aquela em que muitos não desejam viver. Enquanto na Zona 4 residem as famílias mais empobrecidas e socialmente vulneráveis, que sofrem mais diretamente com as consequências das práticas criminosas, como o tráfico de drogas, e da distribuição precária de serviços essenciais, como a falta recorrente de água potável e de energia elétrica, na Zona 1 encontram-se os grupos familiares economicamente mais

abastados, muitos residentes em casas do tipo “duplex com garagem”, edificadas em terrenos planos já urbanizados que lhes garantem, entre outras facilidades, acesso adequado a serviços importantes com maior frequência — transportes, escolas, atendimento médico — que a distingue assim das zonas vizinhas e áreas adjacentes.

À medida em que se percorre o perímetro existente entre a Zona 1 e a Zona 4, atravessando os territórios das Zonas 2 e 3, sente-se gradualmente a constituição de uma distância que as afasta e as diferencia, não apenas no que se refere aos seus aspectos concretos, isto é, urbanos, mas também em termos de suas dinâmicas de sociabilidade, perceptível por meio das práticas que nelas são regularmente efetuadas por seus residentes e frequentadores. Nesse sentido, não é difícil deduzir os motivos que no passado me mantinham afastado do cotidiano dos moradores da Zona 1: pouco havia em comum entre nós, a não ser o fato de residirmos oficialmente em um mesmo bairro, o que não anulava o fato de que raramente há contato contínuo entre os residentes da entrada do bairro e as pessoas situadas em suas áreas mais pobres, tidas muitas vezes como problemáticas, como eram as que eu mais circulava por residir numa casa do Visgueiro, na Zona 4. Para mim, o início do Vasco sempre tinha sido experienciado como um pórtico através do qual se passava para ir e vir de casa e transitar entre a periferia e as outras partes do Recife, onde estão estabelecimentos escolares de nível médio e universitário, por exemplo, que frequentei na juventude, cujo trajeto até eles me obrigavam a passar em frente às casas da Zona 1.

Em termos teóricos, a distância geográfica entre a Zona 1 e a Zona 4 é traduzida em uma distância sociologicamente diferencial, que se expressa desde a variação das condições urbanas que as compõem até os modos como os indivíduos que nelas residem experienciam a vida social, em particular a vida que se desenrola no Vasco da Gama. Essa distância diferencial torna-se mais sólida mediante a observação dos dados referentes às variáveis de renda e de pobreza da população residente no bairro, que, ao serem computados, indicam uma significativa assimetria interna à população residente, como pode ser constatado a seguir:

Tabela 1 - Diferenças de renda e pobreza, em 2010, entre a Zona 1 e as demais zonas do Vasco da Gama

Indicadores de renda e pobreza	ZONA 1*	ZONAS 2, 3 e 4
Renda per capita	692,09	362,15
% de extremamente pobres**	5,29	7,52
% de pobres***	10,97	18,00
Índice de Gini	0,53	0,41

Legenda: *Os dados referentes a Zona 1 são disponibilizados no Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil agregados aos dados relativos a uma área geográfica que abrange, além dessa parte do Vasco da Gama, os bairros de Casa Amarela e o Alto do Mandú.

** O Atlas define “extremamente pobres” os indivíduos com renda domiciliar *per capita* igual ou inferior a R\$ 70,00 mensais, em reais de agosto de 2010.

*** O Atlas define “pobres” os indivíduos com renda domiciliar *per capita* igual ou inferior a R\$ 140,00 mensais, em reais de agosto de 2010.

Fonte: ATLAS DE DESENVOLVIMENTO HUMANO, 2013.

Conforme pode ser percebido nessa tabela, as condições materiais de existência pioram quando a casa em que se mora está situada fora da Zona 1, sugerindo que a posição em que se habita no bairro condiciona as condições de acesso à renda e a sua consequente proximidade ou distância da situação de pobreza. Entre outras coisas, isso indica que os indivíduos na entrada do Vasco vivem economicamente melhor do que quem mora nas Zonas 2, 3 e 4, o que em si aponta para a sua maior capacidade em converter o capital econômico que possuem em recursos e elementos simbólicos essenciais para a competição social, sobretudo no que se refere ao êxito escolar, primeiro passo para que deem continuidade aos estudos ao longo das trajetórias de vida, dado importante para o entendimento dos tipos de provas e do campo de possibilidades biográficas que os moradores da entrada enfrentam em virtude das experiências por que tendem a passar por viverem no limiar entre o bairro popular e os bairros nobres da zona norte da cidade. Além da desigualdade econômica, que a Tabela 1 aponta e indica que a renda *per capita* na entrada do Vasco é quase o dobro das áreas localizadas mais adentro do Vasco, as assimetrias desdobram-se e são verificadas também no âmbito da configuração educacional da população residente, em que a distribuição dos graus de instrução revela igualmente que a Zona 1 detém e concentra a parcela dos moradores com os mais elevados graus de escolaridade, dentre os quais indivíduos portadores de nível superior completo, algo ainda raro nas zonas mais pobres, como pode ser verificado na tabela seguinte:

Tabela 2 - Distribuição dos graus de escolaridade da população de 25 anos ou mais em 2010

Níveis de escolaridade	ZONA 1*	ZONAS 2, 3 e 4
Fundamental incompleto e analfabeto	6,6%	11,7%
Fundamental incompleto, mas alfabetizado	29,5%	43,2%
Fundamental completo, médio incompleto	17%	17,1%
Médio completo e superior incompleto	32,1%	25,5%
Superior completo	14,8%	2,5%

Nota: *Os dados referentes a Zona 1 são disponibilizados no Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil agregados aos dados relativos a uma área geográfica que abrange, além dessa parte do Vasco da Gama, os bairros de Casa Amarela e o Alto do Mandú.

Fonte: ATLAS DE DESENVOLVIMENTO HUMANO, 2013.

De acordo com essa tabela, enquanto a Zona 1 é caracterizada como a área com maior percentual de moradores detentores de ensino médio completo, juntas as outras zonas têm sua maior concentração numa parcela que, embora alfabetizada, não concluiu o ensino fundamental. Embora os dados indiquem uma cifra equilibrada de indivíduos com ensino fundamental completo não detentores de ensino médio, um maior número de analfabetos é verificado nas zonas menos urbanizadas e mais pobres, especialmente sobre os morros que se espalham pelas áreas mais periféricas da região, conforme comprovei em meu trabalho de campo. Não obstante isso ser um dado que ilumina a singularidade da Zona 1, o percentual de moradores com ensino superior completo aí residente e sua quase ausência nas restantes zonas implica não apenas no fato de que os moradores da entrada do bairro tendem a ocupar posições mais estáveis no mercado de trabalho, mas também que o modo como vivenciam as experiências do lugar em que vivem é marcada por uma relativa distância daquelas que ocorrem nas partes mais internas, marcadas por vulnerabilidades sociais diversas, especialmente o desemprego e a informalidade.

De fato, se quando se está na entrada do Vasco se percebe sem muita dificuldade condições muito singulares de moradias e de rotinas cujas características tendem primeiramente a repousarem sob as dimensões materiais visíveis a toda e qualquer pessoa que decide observá-la a partir de dentro, ao visualizá-la de perto se nota que seus moradores se percebem distintos dos vizinhos localizados nos outros intervalos que circundam a rua principal ao longo do perímetro mais interno, onde se formam as outras zonas³⁶. Por um lado, dentro da vizinhança

³⁶ De diversos modos, o problema sociológico que a Zona 1 traz consigo aproxima o estudo do Vasco da Gama da configuração identificada por Elias e Scotson (2000) em seu clássico trabalho sobre Wiston Parva, a pequena comunidade inglesa no interior do qual identificaram instituída uma hierarquia entre as vizinhanças, que formavam grupos de estabelecidos e de *outsiders*, assim definidos em função do tempo de chegada ao bairro. Apesar do

da Zona 1, os residentes encontram-se em uma posição favorecida no bairro por que usufruem tanto de uma localização geográfica que favorece a sua circulação na cidade quanto por que se encontram numa área adequadamente urbanizada para fins residenciais. Por outro lado, detentores de uma renda mais alta e de um nível de escolaridade igualmente maior, os moradores aí localizados expressam estilos de vida que os coloca em posições mais bem localizadas na hierarquia social, sobretudo em sua especificação local, cujas práticas por eles realizadas tendem a corresponder ao cumprimento das necessidades subjetivas dos agentes, especialmente quando se trata do consumo de bens materiais e simbólicos valorizados nas famílias das classes populares, como o carro particular e a casa própria. A expressão desses estilos de vida se passa como se estivessem distantes dos gostos de necessidade que predominam entre as parcelas menos favorecida do Vasco da Gama e isso traz consigo um prestígio que legitima a ideia de que somente sob condições muito raras um residente dessa área trilhará um percurso de envolvimento com o mundo do crime ou com outros domínios moralmente condenáveis segundo os critérios e valores culturais existentes em contextos sociais em que a pobreza e a vulnerabilidade são aspectos inevitáveis (SARTI, 2017).

De acordo com os dados obtidos por meio das entrevistas, para quem não vive ou frequenta a entrada do Vasco, quem aí reside tende a ser visto como detentor de maior poder aquisitivo e provavelmente pertencente a uma das famílias residentes mais antigas, associadas sempre às melhores casas, muitas delas adquiridas como herança transmitida pelas gerações passadas, sobretudo por aquela imediatamente anterior à atual residente. “Classe média pra mim é que nem quem mora na entrada do Vasco, que deixa herança pros filhos. Pobre mesmo só deixa doença e dívida” (Zico, 47 anos, Zona 4); “Quem vive bem mesmo aqui é quem mora no início da rua, né? Tem seu carrinho, sua casa, tem como colocar seus filhos nas escolinhas privadas, tem muitas em Casa Amarela” (Juliana, 30 anos, Zona 4). Frisam também que o comportamento dos moradores da entrada do bairro passa a impressão de que eles têm mais acesso a recursos materiais e simbólicos que lhes permitem experienciar o que outras partes da cidade ofertam em termos de lazer, uma vez que suas condições materiais de existência lhes abrem caminho para que tenham uma “boa vida”, no sentido de dispor de tempo livre e recursos para devidamente aproveitá-lo. “Já fiz serviço em casa ali. Vivem bem mesmo. Como seu Fábio [seu cliente] já me conhece, ele viajou com a família e deixou a chave comigo. Eles sempre

tempo ser um fator importante para o caso pesquisado, no Vasco da Gama, além dessa propriedade, outras foram importantes para entendimento da Zona 1, como demonstro abaixo, especialmente quando passar a observar essa vizinhança por meio dos olhos de uma moradora que, ao longo da vida, passou de *outsider* para estabelecida, por assim dizer, em meio às famílias que moram ao seu lado.

viam pra granja que eles têm, acho que fica numa praia da Paraíba” (Wellington, 40 anos, Zona 4).

Embora essa visão pareça ser permeada pelo reconhecimento das posses e, de certa forma, marcada por admiração pela vida que os moradores da Zona 1 levam, para muitas das pessoas residentes na Zona 4, os residentes da Zona 1 conduzem suas vidas em contraposição às suas, como se representassem um grupo social que nega o seu pertencimento ao lugar em que moram em nome de uma contínua luta para melhorar cada vez mais de vida, luta essa não raramente associada a certa soberba comportamental, em sentido próximo daquele que a atitude *blasé* de que fala Simmel (1967) expressa: “Eu não falo com o povo dali. Antes eu falava, dava bom dia, boa tarde, ninguém respondia, acredita? Não cumprimento mais” (Jéssica, 40 anos, Zona 4); “Tem gente ali que só por que vive melhor pensa que é melhor do que quem mora aqui em cima. Eu nem dirijo a palavra” (Tiago, 32 anos, Zona 4); “Uma vez, quando vinha do trabalho, descí na Av. Norte e subi andando. Uma mulher fechou a porta correndo quando me viu na calçada ao lado dela. Me senti ofendido, parecia que eu era ladrão. Quando ando ali, não me sinto bem” (Augusto, 29 anos, Zona 3).

Não surpreende que os residentes da Zona 1 sejam com recorrência identificados pelos moradores das adjacências vizinhas como parte de uma pequena parcela economicamente privilegiada que “não se mistura” com os “problemas do bairro”, que quase não transita pelos lugares mais adentro da periferia. Para além do que indicam os dados de renda e escolaridade, a observação direta da vida cotidiana dos moradores respalda e reforça as frestas existentes no tecido social do Vasco da Gama. A disparidade entre a Zona 1 e o restante do bairro faz com que haja uma concentração dos vínculos dos moradores mais escolarizados e detentores de rendimentos mais estáveis entre si, formando um universo particular que pouco se imbrica, para além do inevitável contato cotidiano que a vida num lugar comum os obriga a ter com os residentes das ruas mais adentro ou dos morros, como era o meu caso no passado.

É claro que essa atração e retraimento dos residentes da Zona 1 não pode ser explicado unicamente pela caracterização objetiva que os dados ofertam e requer saber como se dá o jogo de estar no bairro aparentando não querer com ele cultivar vínculos mais profundos, inclusive com as vizinhanças relativamente mais próximas, como as da Zona 2. Quando passei a frequentar a Zona 1 com a intenção de adentrar a realidade dos seus habitantes e entendê-los em sua relação específica com a periferia em que moram, compreendi que algumas das noções que permeiam o imaginário dos outros moradores do bairro acerca dessa área não correspondem inteiramente ao que se passa dentro das casas das pessoas que aí residem. Mesmo que por meio

de uma aproximação a essa vizinhança muitas das concepções socialmente compartilhadas se confirmassem, como o fato das famílias que a compõem terem mais acesso a bens e serviços que quase inexitem nas zonas restantes, outras convicções se revelam ideias preconcebidas, como a noção de que as rotinas e os trajetos dos indivíduos da Zona 1 nada tem a ver com as dinâmicas mais internas do Vasco. Embora isso seja exemplificado no caso que discutirei nas páginas seguintes, cabe aqui indicar alguns pontos fundamentais para a contextualização mais ampla desses preconceitos, das suas dinâmicas e formas de reprodução.

Os moradores da Zona 1 estão, como indiquei no capítulo anterior e ainda a pouco, localizados de maneira mais evidente entre dois mundo sociais distintos, os das classes médias e populares. Com base nos fatores que constituem a vizinhança da Zona 1, especialmente os dados sobre seus aspectos econômicos e educacionais, eles são, em si mesmo, parte de uma fração específica das classes populares urbanas e estão situados, quando postos em relação com a distribuição assimétrica dos territórios do bairro, no topo de uma hierarquia simbólica que mantém relação direta com o seu traço socioeconômico. Nesse sentido, esse agrupamento integra-se à realidade local do Vasco da Gama de modo muito particular, constituindo-se em um microuniverso dotado de ambiguidades e contradições quando se trata do modo como seus membros lidam com o cotidiano do bairro, sobretudo com aquilo que identificam como problemático, e pela maneira como são expressados sentimentos e motivações que legitimam um tipo de engajamento pessoal e familiar direcionado à busca por uma vida melhor, não raras vezes identificada pela conquista de uma casa para morar fora do Vasco da Gama e da periferia, ou seja, situada do outro lado da Av. Norte ou mais além.

Como a Zona 1 está localizada nas proximidades dessa avenida e seus moradores mantêm contato contínuo com o que os bairros enobrecidos oferecem, o desejo por cruzar a pista e viver num deles funciona como um motivador constantemente revelado por aqueles que percebem que possuem as condições para vivenciar uma experiência ascendente de mobilidade social e econômica, seja porque tem vivido uma estabilidade no mercado de trabalho, seja porque sua trajetória em instituições de ensino indicam que há chance ter uma vida marcada por sucessivo sucesso escolar, cuja consequência poderá ser, dentre outras, a de abertura de caminhos rumo à oportunidades de vida antes situadas fora do campo de possibilidades objetivas que marca as suas condições originárias de vida na periferia e nas classes populares.

As contradições e ambiguidades aí implicadas, por um lado, podem emergir quando os atores refletem sobre as dificuldades por que suas famílias no passado passaram e sentem uma obrigação moral em dar continuidade aquilo que foi conquistado por quem para eles são

biograficamente importantes, normalmente os pais ou os avós, agora representados, no caso dos já falecidos, nos bens por eles deixados, como a casa que eles construíram para morar, esteja ela edificada na melhor área do Vasco ou em partes mais humildes do bairro, como no caso daqueles que já experienciaram algum grau de mobilidade social dentro do próprio Vasco. Por outro lado, embora imbuídos de uma vinculação a seus outros significativos, muitos dos mais jovens acabam por tensionar essa continuidade ou reprodução social ao estarem empenhados na concretização de projetos individuais que os descolam cada vez mais dessa obrigação moral, num processo de individualização, especialmente quando se trata daqueles que ingressaram em cursos de formação superior e que tiveram êxito em suas áreas de atuação, que os leva a “buscar algo melhor” para si, condizente com as expectativas que possuem sobre si mesmos e com os novos parâmetros de qualidade de vida que têm em mente.

A maneira como se processa, na experiência concreta de habitar o mesmo bairro, a relação entre os membros da Zona 1 e os outros moradores, produz uma fenda que leva quem mora nas Zonas 2, 3 e 4 a acusar quem é da Zona 1 como “amostrado”, “metido a rico” ou “esnobe”, reduzindo a complexidade daqueles que vivem no ambiente popular em melhores condições materiais potencialmente capazes de fazê-los transitar por outras condições de classe a um estereótipo simplório do exibicionismo individualista seja em termos de exposição gratuita dos bens, seja na ênfase continuada do prestígio que o lugar tido como melhor do bairro parece automaticamente ofertar para quem nele reside. A simplificação da existência do outro e a sua classificação acusatória acaba por ser reforçada quando há conflitos de interesse ou quando a assimetria socioeconômica se concretiza nas interações eventuais e diárias, mas a maneira como cada um lê a realidade em que está inserido pressupõe o estoque adquirido de conhecimentos relativos às zonas que frequentou em algum momento da vida e que consigo carrega as disposições nelas cultivadas. Dito de outro modo, para quem não é da Zona 1, essa área passa a ser experienciada como a área em que os riscos de passar por discriminação e humilhação se forma e se impõe e a resposta para isso é tratá-la como aquilo que ela parece ser, reforçando a própria impressão que parte da vizinhança da entrada do Vasco enfatiza quando falam de si mesmos, ainda que isso seja destituído de sua garantia pelas práticas que realizam dentro do próprio bairro, como a frequência a um estabelecimento, a uma casa ou o sentimento de pertencimento a um grupo social formado por moradores de diferentes partes do cenário mais amplo, o Vasco da Gama.

Diferentemente do que se passa na cabeça dos moradores das áreas mais pobres quando refletem sobre a Zona 1, perceber as especificidades da vida social dos residentes da entrada do

Vasco exige abertura para a visão de mundo de quem nela mora, de um tipo de aproximação genuinamente destinada a compreendê-los a partir de suas experiências, uma atitude que acabava por ser evitada pelos outros moradores devido à distância diferencial existente entre as zonas, mas que poderia ser realizada no desenrolar de um trabalho de campo intensivo como o que busquei realizar³⁷.

Considerando que com os moradores dessa zona anteriormente não mantinha um convívio permanente que pudesse ser mobilizado como recurso para reestabelecer graus eficientes de familiaridade, encontrar rotas de acesso às suas vidas exigia descobrir formas legítimas de participação da sua vida cotidiana que trouxessem consigo oportunidades para a conquista da confiança da vizinhança. Uma estratégia para isso acontecer dependia do despreendimento dos próprios pressupostos introjetados pelas experiências vividas no bairro condicionadas pela moradia na Zona 4 a que estive sujeito, sobretudo porque era preciso reconhecê-los para superá-los para, posteriormente, tornar-se alguém familiar aos residentes da Zona 1, na medida que — ou melhor, no *limite* em que — isso pode ser feito mediante a presença no dia-a-dia das ruas que circundam as casas existentes.

Dessa forma, por elas passei a transitar com regularidade suficiente para observá-las em suas dinâmicas próprias, no ritmo de quem nelas se deslocam e, principalmente, buscando identificar quem nelas residem. A ideia de olhar e ser visto, identificando os locais e as estações em que ocorrem os encontros rotineiros dos moradores e as pessoas que as frequentam me daria os primeiros dados para incorrer em aproximações às pessoas encontradas, buscando com elas estabelecer vínculos capazes de abrir caminho às suas casas e às suas vidas. Contudo, os vínculos mais apropriados a uma observação de perto e de dentro careciam da licença dos indivíduos por ali encontrados, que são exatamente os detentores das experiências, das memórias e das concepções que procurava analisar para compor o mapa simbólico da Zona 1, cuja permissão de entrada pressupunha a conversão gradual de quem comigo falava em informante(s) capaz(s) de abrir caminho para explorar a primeira parte do bairro.

Com o passar do tempo frequentando a Zona 1, paulatinamente as relações de vizinhança que antes não percebia passaram a ganhar sentido, atribuindo a meu olhar propriedades capazes de perceber quem era morador e quem era frequentador, mas também as

³⁷ Sem dúvida, a realização do trabalho de campo na Zona 1 foi possível em função do afastamento estabelecido entre mim e o bairro ao longo do meu percurso escolar e profissional. Antes, como morador da Zona 4, o modo como estava inserido na realidade do bairro me colocava em uma posição do espaço geográfico que se desdobrava numa distância afetiva em relação à Zona 1, o que implicava na mesma indisposição identificada nos entrevistados das áreas mais pobres quando a eles perguntava se tinham interesse em cultivar laços com as famílias da entrada do Vasco, para eles vistas como “gente que vive bem” e até como parte da “classe média”.

trocas e conflitos mais recorrentes na entrada do bairro, bem como quais estabelecimentos são referenciados pelos habitantes e quais acabam por ganhar significado negativo, como espaços mal falados e que não se deve frequentar. Ter um mapa cognitivo da área — e isso vale também para as outras zonas e suas manchas — colaborava fundamentalmente para perceber como conectar as experiências individuais ao cenário no qual trajetos e trajetórias eram estruturados, cuja compreensão era a chave para a decifração do contexto a partir do qual emergem os problemas, objetivos e simbólicos, percebidos pelos residentes da Zona 1 como desafios comuns que o bairro a eles impõe (ARAUJO, MARTUCCELLI, 2012a; 2012b), cujas formas de enfrentamento por eles acionadas revelam como mobilizam seus estoques de conhecimento em função dos seus projetos de vida, profundamente marcados pela busca por ascensão socioeconômica, imbricada ao desejo de partir para o lado nobre da Av. Norte.

Nas incursões iniciais que realizei no trabalho de campo percebi que no intervalo que se estende da rua principal do bairro às primeiras ruelas paralelas as chances de contatar residentes era maior do que naquelas ruas mais estreitas cujo acesso às casas requeririam um contato prévio com seus residentes. Isso porque, na rua principal há estabelecimentos comerciais e largas calçadas em que é possível transitar sem se tornar algo suspeito para quem mora na Zona 1, uma vez que é comum o trânsito de pessoas indo e vindo por aquela área ao longo de todo o dia, sobretudo nos horários de pico, quando se dão as chegadas e partidas dos trabalhadores e dos estudantes da periferia. Assim, estar no trecho da Rua Vasco da Gama, nas proximidades de uma loja ou de um estabelecimento qualquer, como em frente ao posto de saúde ou ao redor do edifício do Serviço Nacional da Indústria (SESI), permitia contemplar o fluxo da vida cotidiana, ao mesmo tempo em que abria espaço para tentar conversar com os atores identificados, especialmente quando algum lojista ou morador aproximava-se oferecendo ajuda por pressupor que eu estava a procura de algum lugar ou de alguém.

Embora parar numa das esquinas permitisse iniciar a recolha de informações acerca da rua, observando as pessoas e suas práticas nas estações existentes e também contatá-las com perguntas sobre a localização de um ou outro ponto de referência, isso em si se mostrava insuficiente para recolher dados para a análise da Zona 1. Era preciso estabelecer um diálogo mais duradouro capaz de produzir as condições para cultivar afinidades com os residentes encontrados, o que requeria o cultivo de relações que aos poucos se transformasse em um estado de confiança interindividual. O tempo exigido para isso, porém, nem sempre estava a favor da disponibilidade dos moradores e a pesquisa, como se sabe, muitas vezes avança pela persistência de estar lá entre aqueles que se quer investigar, sobretudo quando se trata de se

identificar pessoas propícias ou dispostas a falar sobre si mesmas, sobre sua família, sobre sua casa e sobre o seu bairro.

Os tipos de encontro capazes de gerar isso muitas vezes são condicionados por afinidades subjetivas que nem mesmo temos plena consciência de que vivenciaremos no trabalho de campo e ocorrem não por acaso em circunstâncias inesperadas e contingenciais que fazem parte do cotidiano em seu aspecto problemático, sobretudo quando se está inserido em um contexto urbano popular (cf. ZALUAR, 1985; CAVALCANTI, 2008; CORRÊA, 2015; MENEZES, 2015)³⁸. Comigo ocorreu quando, misturando-se aos transeuntes e aos frequentadores da Zona 1, estive suscetível à observação de uma moradora que permitiu acesso à sua vida, concedendo-me ricos depoimentos e entrevistas sobre si e sobre sua família, revelando-me a trajetória que trilhou dentro do Vasco da Gama ao longo das últimas seis décadas.

O encontro ocorreu em um dia em que pensava ser necessário modificar os planos de inserção no microuniverso da entrada do Vasco, quando pensei que a presença física no território não traria consigo as condições de possibilidade para a condução do inquérito numa distância mais próxima dos atores da Zona 1³⁹. Como as residências dessa área possuem uma arquitetura que distancia quem está na calçada da sua parte mais interna, mantendo-se em sua maioria fechadas durante o dia, estar lá parecia não colaborar para ser visto, muito menos para acessar a vida doméstica dos residentes. Assim, por acaso, diante da aparente ineficácia das escolhas dos procedimentos mais básicos do trabalho de campo, a presença de uma moradora

³⁸ É claro que nas idas e vindas pela entrada do bairro encontrei pessoas nas ruas e nos locais existentes dispostas a comigo falar. Contudo, muitas delas não se enquadravam para os fins pretendidos na pesquisa, seja porque não residiam nessa área, seja por que com a vizinhança não mantinham nenhum tipo de relação durável que as qualificassem como parte do tecido social local. Muitas eram transeuntes que por ali passavam de modo fortuito, não residentes que percorriam por dentro do Vasco para chegar até a Av. Norte, moradores de outras regiões da periferia. Outras estavam saindo de alguns dos estabelecimentos ou instituições existentes, para os quais tinham ido buscar atendimento médico em uma clínica privada que oferece serviços à preços mais acessíveis ou participar de alguma formação que ocorria no SESI. Embora tenha conversado com várias dessas pessoas, percebi que seus comentários situavam-se em um campo muito superficial ou mesmo do desconhecimento sobre a Zona 1 ou mesmo sobre o bairro, algumas limitando-se apenas a dizer o motivo de sua visita, dado que, embora oferecesse informações para o registro das atividades que ocorrem na entrada do bairro — e que, como tal, está contida nas descrições deste capítulo —, não traziam consigo elementos capazes de analisar como os ordenamentos eram experienciados pelos indivíduos que possuem vínculos com o bairro e sua gente.

³⁹ Inevitavelmente entrava em um estado de reflexividade que todo pesquisador tende a experimentar quando se trata da busca por caminhos para se inserir em um universo do qual não faz (integralmente) parte, difíceis de serem explorados e convertidos em objeto de estudo. A transformação de momentos críticos do trabalho de campo, contudo, podem ser convertidos em um tipo de conhecimento socioantropológico válido na medida em que incorporados à discussão sobre os procedimentos práticos realizados, neste caso correspondentes aos encontros e desencontros se davam entre as inquietações que ocorriam entre mim e o mundo exterior, isto é, a Zona 1 do Vasco da Gama, e interior, ou seja, que emergiam na reflexão que tinha sobre mim mesmo como parte relativa do cenário que buscava objetivar. Para uma discussão acerca desse tipo de experiência em trabalhos de campo de cunho socioantropológico, conferir DaMatta (1978) e Velho (2004).

em seu quintal em certo momento do dia emergia como oportunidade de aproximação sistemática a alguém que poderia se enquadrar no perfil procurado. Foi assim que Josiane ganhou relevância diante da movimentação de usuários-transeuntes, não por estar se movendo, mas, ao contrário, por estar parada em frente à sua casa, ocupando o centro da minha atenção até se tornar a chave de acesso à vida social da Zona 1, embora sua biografia não limite-se nem a entrada do Vasco, nem aos momentos que marcam sua existência vividos no lugar em que mora na cidade.

Foi por causa das nossas afinidades que Josiane me acompanhou durante essa fase da pesquisa, oferecendo-me detalhes de sua vizinhança que me orientaram à objetivá-la, facilitando alcançar seu significado sociológico no âmbito da realidade que passei a perceber no Vasco da Gama. Em grande medida, a imagem alcançada do bairro nessa pesquisa deve a Josiane muitos dos seus aspectos, especialmente por que, como discutirei abaixo, seu estoque de conhecimento trouxe elementos não apenas acerca da vida dos economicamente mais abastados, mas também daqueles que vivem sob condições desfavoráveis nas áreas mais pobres do bairro. Suas entrevistas ofertaram-me desse modo elementos sobre dimensões distintas da vida popular, tornando menos poroso o seu caráter complexo, especialmente acerca dos encontros e desencontros que representações distintas da realidade estão sujeitas ao empiricamente se manifestarem de maneira imbricada, por coexistirem em uma mesma periferia urbana. Como discorrerei abaixo, Josiane recebeu-me em sua casa e me apresentou a sua família, permitindo o acesso à sua memória individual, às suas inquietações existenciais e às pessoas que fazem parte da sua rede de relações locais. Por meio da interpretação da sua trajetória de vida e do seu trajeto percorrido no interior do bairro, Josiane me aproximou do ambiente sociocultural de que não me integrava, possibilitando-me apanhar perspectivas que tornava inteligível os atores da Zona 1, mas também de outras localidades, cujos depoimentos foram incorporados à análise na medida em que contribuía para a compreensão tanto da minha informante quanto dos aspectos circundam a casa em que hoje mora no Vasco da Gama.

2.3 Uma vida por trás de um muro ou a Zona 1 consubstanciada em uma moradora

Com um semblante despreocupado e uma expressão serena, Josiane diariamente surgia no portão de uma das melhores casas da entrada do Vasco. Em torno das 17h30, quando o sol já estava a se pôr, ela aparecia por detrás do muro de meia altura que separa o pequeno quintal de uma das melhores casas da Zona 1 da calçada da rua principal do bairro. Durante o tempo

em que ela permanece de pé, com os braços sobre a mureta, observando a movimentação da rua principal, pessoas dos mais variados tipos que por ali passam lhe enviam acenos, enquanto outras param seus trajetos para conversar durante alguns minutos com ela, para logo em seguida seguirem adiante retomando seus destinos, seja para dentro ou para fora da periferia norte da cidade. Daquele ponto do quintal Josiane acompanha o escurecer do dia, contemplando o vai e vem de pessoas e de veículos que transitam em frente à sua casa, como se aquele horário fosse um instante do tempo da jornada diária reservado para um breve descanso depois de cumpridas a maior parte das tarefas domésticas que compõem a rotina das donas de casa do bairro.

Eu não conhecia Josiane antes de dar início ao trabalho de campo concentrado na Zona 1. Talvez tivéssemos nos visto anteriormente, mas ela certamente não era uma das pessoas previamente conhecidas que, devido aos prolongamentos da minha relação com o bairro, especialmente com a Zona 4, integrou a amostra da pesquisa. Embora me passasse uma sensação familiar, afinal, havia chance de nossos caminhos já terem se cruzado no passado, uma vez que sua casa está localizada numa passagem obrigatória para quem precisa sair da periferia e ir ao bairro de Casa Amarela, foi apenas quando intencionava encontrar alguém que pudesse facilitar a adentrar na vida dos moradores da Zona 1 que passei a observá-la atentamente.

Ao longo dos meses em que estive mais detido ao cotidiano da entrada do Vasco, passei a avistar Josiane com frequência quase diária quando chegava a hora de voltar para casa, sempre depois de realizadas as atividades programadas na fase dedicada ao registro das práticas e dos tipos de sociabilidade existentes na vizinhança mais abastada do bairro. No momento em que caminhava para o ponto de ônibus, Josiane surgia, estando visível ao meu olhar sem se dar conta de que eu a tomava como “objeto” observável, como parte do cenário cujo contexto ainda me era difícil apreender, mas que de algum modo Josiane o humanizava, nele se encaixando exatamente quando parecia relaxar também ao observar o entorno da sua casa. Sua presença parecia contribuir para consubstanciar o lado pacato da rua que naquele horário começava a adentrar no pico da sua movimentação, em que o tráfego se tornava intenso e agitado, propício a emergência de conflitos entre aqueles que nele se viam presos.

Pela frequência com que via Josiane ali parada e por perceber que muitas pessoas a cumprimentavam, recebendo de volta, com o gesto de um aceno, um sorriso ou “dois dedos de prosa”, o contato emitido, resolvi abordá-la mediante um comentário sobre o trânsito, cujo caráter problemático poderia abrir espaço para a exploração de elementos que configuram a rotina e marcam a experiência comum de residir naquela que é percebida, enfaticamente por quem mora mais adentro no bairro, como a melhor área para morar no Vasco da Gama. É claro

que era preciso racionalizar a abordagem a ser feita à Josiane, especialmente por que não nos conhecíamos e por que talvez utilizar como recurso o dado que me conectava à Zona 4 poderia não ser bem visto por uma moradora da Zona 1⁴⁰. Era preciso estar atento ao “clima”, buscando reconhecer a oportunidade e a melhor forma para chamar a sua atenção e, assim, no caso de êxito, ter acesso à sua vida, às suas perspectivas e à sua rede de relações locais. Para isso, era necessário antes de tudo saber quem era aquela moradora que eu não conhecia, mas que tantas outras pessoas facilmente interagem, de modo a estar apto para saber lidar com as oportunidades que uma moradora que parecia gozar do privilégio de ser bem conhecida poderia consigo trazer.

A observação direta, mesmo que distanciada, colocava-se como atitude evidente para transformar o conjunto de cenas observáveis em um quadro que pudesse servir à preparação da aproximação àquela que parecia ser peça importante daquele microuniverso que pouco conhecia⁴¹. Assim, a partir do ponto de ônibus localizado em frente à sua casa, enquanto aguardava as linhas de ônibus que me serviam para voltar para casa, passei a apreciá-la e foi entre as pessoas que também frequentam este ponto que percebi que quando Josiane era referida no discurso nativo não era identificada pelo seu nome: quem a ela se dirigia utilizava sempre o apelido que a identificava e a distinguia entre as donas de casa da entrada do Vasco. Para os moradores e transeuntes que a conhecem, Josiane é a dona Jô, uma das mais antigas moradoras do início da rua principal, cuja família é conhecida e reconhecida como um dos grupos

⁴⁰ As dificuldades enfrentadas no trabalho de campo realizado na Zona 1 em grande medida estão associadas às barreiras que se colocavam quando revelava às pessoas abordadas que já tinha sido morador da Zona 4. A distância diferencial entre as duas zonas implica, como mencionei no tópico anterior, em uma mutualidade de incompreensões e preconceitos. A percepção disso, porém, foi sentida na pele quando, na tentativa de produzir um contexto de confiança com residentes da entrada do Vasco e recorria ao dado de meu vínculo passado com a área mais pobre, ouvia como resposta que “não tinha interesse” ou “não queria falar porque não sei bem qual a intenção disso”. Poderia ser uma desconfiança comum a qualquer abordagem investigativa não fosse a tom das respostas, uma delas acompanhada de um “prefiro não falar contigo sobre isso por questão de segurança”.

⁴¹ É sabido que a moral nos diferentes universos de classe é uma dimensão que precisar ser considerada quando se pretende compreender e participar, como era o meu caso, das lógicas que dinamizam os ordenamentos da vida cotidiana que seus membros levam, sobretudo quando se intenta adentrar um contexto popular (ZALUAR, 1985; SARTI, 2011; SCOTT, QUADROS, 2009; SOUZA, 2012; PONTES, 2015; ALVES, 2018). Foi ao considerar a dimensão moral como aspecto revelativo de princípios sedimentares das relações sociais de vizinhança que identifiquei nas formas como as pessoas interagem e são nomeadas entre seus pares pistas facilitadoras para o reconhecimento dos seus papéis na comunidade, da sua posição na família de que faz parte e do seu prestígio entre os residentes e frequentadores das ruas que avizinham sua casa. No caso da Zona 1 isso foi fundamental. Se o fato de que eu ser um ex-morador da Zona 4, a área mais pobre do bairro, facilitava o acesso aos domínios mais excluídos e estigmatizados do Vasco da Gama, na Zona 1, a priori, era um dado biográfico que poderia causar dificuldades para a conquista da confiança dos atores. Perceber que os princípios e valores morais que sustentam suas condutas ofertava a chave para a decifração das formas de aproximação, especialmente por habilitar a saber jogar com seus próprios códigos e assim “ter noção das coisas”, sabendo “entrar e sair sem incomodar” das casas da Zona 1, como habilmente me aconselhou um chaveiro que tem uma pequena loja de atendimento na mancha comercial da Zona 3, que, por ter prestado serviços a algumas famílias da entrada do Vasco, parecia conhecer bem seus hábitos.

familiares mais “organizados” do bairro. Organizado porque, ao perguntar a algumas pessoas se ela era alguém importante, o elogio era acompanhado com a ressalva de que se tratava de alguém que chefiava uma família cujos membros sempre viveram em harmonia, que além de viverem bem entre si, também viviam bem em termos materiais.

Nesse sentido, a família de dona Jô, uma família organizada, atendia à imagem predominante que os moradores têm daqueles que habitam na Zona 1. No discurso nativo, apareciam como um grupo familiar que se reproduz sob uma condição de “tranquilidade” econômica, mas também de “união”, que lhes permitia expressar um estilo de vida distante dos princípios dos “gostos de necessidade” (BOURDIEU, 2008, p. 351), traço que abria espaço para ambiguidades, prestígio e admiração. Ao mesmo tempo, entre os mais pobres que não conheciam a família de dona Jô, ela e seus parentes surgiram algumas vezes como alvo de críticas e a acusações relacionadas à representação do “morador-metido”, que deseja se afastar do bairro, dos seus problemas e, sobretudo, de sua gente⁴².

A abreviação do seu nome de Josiane para Jô registraria apenas certo grau de familiaridade e informalidade no trato pessoal predominante entre moradores que se conhecem não fosse a sua associação ao pronome “dona”, que sublinha neste caso um tom de respeito à pessoa referida, porque dona Jô é reconhecidamente alguém que ocupa um papel central no seio de uma família e de uma casa situada no bairro. O pronome que é espontaneamente atribuído a ela remete à ideia de que as mulheres com idade mais elevada nos meios populares, sobretudo as que têm filhos, são vistas por meio de uma ambígua combinação entre, de um lado, a identificação da importância da sua posição na rede de relações familiares de que faz parte e, do outro lado, da pressuposição das responsabilidades domésticas a elas atribuídas por ocuparem essa posição, o que denota o significado concatenado ao gênero feminino segundo os valores morais tradicionalmente identificados em pesquisas realizadas em bairros populares brasileiros (SCOTT, QUADROS, 2009; SARTI, 1985; 2011; LAGE, 2007; BERG, 2012).

Percebendo a dimensão moral que circunda uma pessoa como dona Jô, dirigi-me à sua casa logo que a avistei em seu muro com o objetivo de explicá-la o que estava realizando no Vasco da Gama. Como ela parecia ser uma senhora fácil de puxar conversa, pensei que apresentá-la formalmente a pesquisa que estava realizando poderia abrir espaço para a sua curiosidade e, assim, expandir o assunto até que ela própria estivesse envolvida em meu

⁴² Embora essa última representação tenha surgido nas conversas com algumas pessoas que sondei antes de me aproximar de dona Jô e sua família, a observação da interação da moradora com os transeuntes demonstrava que ela, ao contrário, mantinha intensa relação com a vida local, na medida em que, como disse, muitas pessoas tendiam a parar em frente à sua casa para conversar, muitas delas acessando o interior da residência e lá permanecendo por um bom tempo, conforme registrei em minhas anotações de campo.

trabalho de campo. Contudo, antes que eu desse início à conversa, ela, sem muitos rodeios e de dentro do seu quintal, lançou-me uma pergunta logo que apareci em seu portão: “você é novo aqui, não é? Sempre te vejo aí na frente pegando ônibus à noite”. Sua fala me deixou surpreso por evidenciar não apenas que eu a observava, mas que ela, ali de sua casa, havia também me percebido no cenário da sua vizinhança, nela despertando, em similaridade ao que ocorria comigo, uma intenção de saber mais sobre o outro que de algum modo participava da vida local. Nesse sentido, eu parecia deixar de ser sujeito da pesquisa e me convertia em objeto observável pela moradora nativa, precisando a ela apresentar não apenas minhas intenções formais, mas também dizer quem eu era, a nível pessoal, que me situava no contexto do bairro, sem com isso perder de vista o enquadramento que dava sentido à nossa interação.

Dona Jô, com um ar simpático, continuou revelando que percebia minha presença em sua vizinhança, destacando que sempre me via esperando o ônibus no início da noite no ponto que fica em frente à sua casa e que, pela demora que ali passava, devia “pegar o Boleiro ou o Nova Torre”, que são as duas linhas mais escassas que circulam pelo Vasco e que, de fato, serviam-me para voltar para casa. Isso significava que dona Jô não apenas me notava, mas também deduzia a direção do meu trajeto no final do dia, na medida em que essas duas linhas são as únicas que realizam o caminho do bairro à região de Casa Forte, onde moro no Recife. Embora ela não soubesse ao certo quem eu era, qual meu papel no bairro ou para onde seguia naquele horário mencionado, surpreendia-me a sua atenção à rua, a sua perspicácia em indicar com precisão onde eu ficava, levando-me a pensar no que lhe responder acerca das suas desconfianças que me deixavam numa posição distinta daquela que esperava estar ao me aproximar propositadamente da sua casa.

Era preciso negociar a situação a partir do jogo com o imaginário local, no qual sabia previamente que há perfis possíveis para os atores em função de aspectos como a idade, o local de moradia, a ocupação e a cor da pele. Considerei que ela talvez estivesse supondo que eu realmente fosse um morador recém-chegado em sua vizinhança, que estivesse ainda conhecendo as pessoas da área, e que trabalhava, como muitos adultos jovens que residem no Vasco, em uma das lojas situadas na área nobre, como nas do Shopping Plaza, em Casa Forte, para onde muitos vão diariamente para cumprir suas jornadas de trabalho. Talvez, porém, ela pensasse em outra direção, na qual eu teria uma ocupação no bairro, em uma escola ou em uma instituição como o SESI, uma vez que muitas vezes estava vestido com roupas que os nativos percebem como “de sair” (calça, tênis e camisa) e portava objetos associados ao universo educacional (caderno, caneta e mochila). Compreendendo essas possibilidades e consciente de que dona Jô era uma das pessoas mais conhecidas daquela área, tentei atender às expectativas

que poderiam favorecer uma boa recepção das minhas intenções, ao mesmo tempo em que invertia a relação que ela indicava entre mim e o bairro, explicando que não era novo morador, embora ali já tivesse vivido, mas que agora ia para o Vasco para trabalhar, e que no horário que ficava em frente à sua casa realmente aguardava as linhas demoradas, as únicas que me permitiam voltar para casa.

Curiosa em saber com o que trabalhava, quando soube que eu era sociólogo e que estava conduzindo uma pesquisa sobre a vida das pessoas da sua vizinhança, soltou: “já era hora de alguém falar sobre isso aqui, aqui tem muita história pra contar, e não vejo ninguém lembrar da gente”. Em seguida complementando: “mas vou logo te dizer, hoje isso aqui não é mais como antigamente, que era tranquilo, só tinha gente honesta, todo mundo se dava bem, sabe, agora não pode dar bofeira, as vezes a gente não conhece nem quem mora do nosso lado, né?”⁴³.

Dona Jô parecia aberta a conversar sobre o bairro, especialmente porque, como confirmei mais adiante, as queixas sobre o cotidiano atual estavam ancoradas em uma representação nostálgica do passado que, para ela, indicava um “tempo bom” do Vasco da Gama, em contraposição ao presente visto com ambiente “difícil” de conviver porque “aqui tem agora todo tipo de gente”. “Todo tipo de gente” significa que dona Jô sentia algum incômodo com a diversidade e com as assimetrias existentes no bairro, que foram acentuadas com o crescimento urbano e populacional da periferia de que o Vasco faz parte, que agora era um fenômeno difícil de lidar devido à complexidade que trazia à realidade local, em que podem ser encontradas pessoas que “trabalham, outras dão pra coisa errada, outros não tem paz”, tem também “quem vive bem” e muita gente que “vive muito mal, passando necessidade, e ninguém vê isso”. As primeiras falas de dona Jô sobre o bairro confirmavam para mim que ela seria uma boa informante na Zona 1 e precisava sistematicamente retornar à sua casa para aos poucos obter dados a partir de suas impressões sobre a sua vizinhança, em particular, e sobre o bairro, em geral.

Em nosso diálogo inicial, conversamos por cerca de meia hora. Nesse intervalo, entre uma breve apresentação pessoal e da pesquisa que realizava, ela discorreu espontaneamente sobre as questões que os moradores precisavam lidar nos horários de pico do Vasco, especialmente quando precisavam retornar dos seus locais de trabalho utilizando a pista

⁴³ Embora uma senhora humilde, dona Jô demonstrou sensibilidade para o que eu pretendia. Depois eu compreendi que sua abertura para mim, especialmente quando soube que eu tinha interesse acadêmico, relacionava-se ao fato de que uma de suas filhas também frequentava a universidade, cursando biomedicina na UFPE, o que tornava o motivo da minha presença algo próximo do universo dos possíveis da sua casa, diferente do que muitas vezes ocorria quando estava lidando com agrupamentos mais pobres e vulneráveis das Zonas 3 e 4, cuja realidade os distancia significativamente do mundo acadêmico.

principal do bairro, que costumava estar congestionada devido ao alto volume de veículos que por ela passam nesses intervalos diários, como era aquele em que nos encontrávamos. Foi por meio das suas reflexões sobre os problemas que os moradores enfrentam na Zona 1 que dona Jô reforçou a sua habilidade para tratar da realidade local, exemplificando circunstâncias ocorridas em torno da sua casa, citando nomes de vizinhos e parentes, frisando que ela muitas vezes é acionada para resolver problemas da localidade devido à confiança e consideração que têm entre seus pares. Para ela, seus vizinhos sabem que:

Aqui em casa somos amigos de todo mundo. Se precisar de alguma coisa, se a gente puder ajudar, todo mundo sabe que pode contar comigo. Eu consigo falar com os vizinhos, sensibilizar, evitar problemas maiores aqui na rua. As vezes não dá certo, porque tem sempre aqueles que gostam mesmo é de viver brigando com os outros. Uns querem ser homem de mais e não dão o braço a torcer. Querem ser o próprio dono da rua. [...] Mas tem muita gente de bom senso. Como eu sempre tô em casa, eu acabo assumindo essas responsabilidades, porque ninguém mexe comigo. Me respeitam. Não sei se é porque moro aqui a muito tempo, ou se é porque eu sou intrometida mesmo (Dona Jô, 60 anos, Zona 1)

Com uma atitude muitas vezes pragmática para resolver os problemas que percebe no Vasco, particularmente na Zona 1, ela me diz que o que é mais difícil é não se deixar envolver em conflitos, porque “ninguém quer tá errado” e, devido à diversidade dos tipos de moradores, a pluralidade local pode dar lugar rapidamente às incompreensões, discriminações e preconceitos que abrem as portas para circunstâncias propícias à brigas físicas, com agressões e xingamentos. Ao mesmo tempo em que os conflitos precisam ser apaziguados para que seja possível conviver, segundo ela, são esses momentos que ficam na “cabeça do povo”, que se torna parte da memória coletiva, e são nessas circunstâncias em que muita gente se revela, “que a gente fica sabendo quem é quem de verdade, porque a gente vê até onde a pessoa pode é capaz ir”.

Devido ao número de indivíduos que fazem parte da população do bairro, não é realístico dizer que dona Jô sabe quem são todas as pessoas, mas, pelo conhecimento nativo que porta consigo, é capaz de pressupor os perfis dos moradores, bem como dos grupos e dos locais que frequentam pelo modo como se comportam em público, sobretudo nas circunstâncias marcadas por atritos, como aqueles que não tardam a acontecer entre os motoristas presos no engarrafamento que se forma diariamente em frente à sua casa. Algo assim ocorreu exatamente durante a nossa primeira conversa, quando um grupo de jovens em motocicletas começaram a buzinar em conjunto, agitando o lugar, com o intuito de obrigar os motoristas dos carros congestionados a se afastarem para que eles pudessem passar pelas estreitas brechas existentes

entre os veículos, costurando a rua⁴⁴ pelas fendas que se formam entre os carros, visando avançar em seus percursos no trânsito do bairro. Registrei esse acontecimento em meu diário de campo, na medida em que a reação de Josiane aprofundava meu interesse em tê-la como informante da Zona 1, o que em minha metodologia pressupunha também compreender a sua história de vida e suas redes de relações locais, elementos necessários para contextualizar o seu ponto de vista acerca da realidade em que ela está inserida.

A maneira como se deu o momento conflitivo e o modo como dona Jô comentou os seus possíveis desdobramentos trouxeram consigo pistas para a identificação de categorias nativas importantes não apenas para entender a entrada do Vasco, mas para iluminar o modo como as famílias que vivem em condições mais estáveis se relacionam com os demais moradores do bairro. Algumas formas de classificação nativas estão presentes nesse registro e as acusações que as acompanham se relacionam com as noções de pessoa e de indivíduo (DUARTE, 1988), inferida no interior do universo estudado nos momentos em que agentes situados em condições muito assimétricas se defrontam em virtude do choque dos seus interesses individuais ou coletivos. No trânsito, as coisas assim ocorreram:

Enquanto falava com dona Jô sobre o trânsito, fomos interrompidos com o barulho das buzinas de um conjunto de motocicletas pilotadas por jovens, que pareciam transitar propositadamente juntos, ou que compartilhavam algum tipo de solidariedade entre si no trânsito. Eles faziam barulho e aceleravam as motos em torno de um carro, no interior do qual havia um homem jovem, bem vestido, que dona Jô reconheceu como morador da sua vizinhança. Um dos jovens motoqueiros gritou acusando o motorista do carro de tê-lo “trancado”, isto é, de não deixá-lo passar pela brecha existente entre dois veículos via faixa lateral. Um dos jovens na motocicleta xingava o motorista, dizendo que ele queria derrubá-lo de propósito com o carro. Dona Jô, interrompendo o que vinha me dizendo, soltou: “vai começar mais uma confusão, olha”, sugerindo que esse tipo de conflito ocorria com alguma frequência por ali nos momentos de trânsito mais intenso. Ficamos olhando a discussão e o motorista do carro, após pedir desculpas, deu ré em seu automóvel, permitindo que o motoqueiro indignado passasse e, junto a ele, todas as outras motos que buzonavam ao seu lado. Dona Jô disse que o vizinho não era de confusão. O rapaz era filho de um amigo dela, cuja família era direita, isso quer dizer, que fazia parte de uma família que não se envolvia com universos problemáticos da comunidade, especialmente se tivessem relação com práticas violentas ou criminosas. Ela concluía que o rapaz deu ré porque era “tranquilo”, mas que certamente deve ter se sentido intimidado pelos jovens nas motos. Ela justificou isso dizendo que “nunca se sabe quem está aí rodando de moto, se é gente que tá vindo do trabalho, se é gente metida com coisa errada, ou se são

⁴⁴ Expressão utilizada pelos usuários de motocicletas ao se referirem aos percursos que trilham entre os carros em congestionamentos, de modo a evitar que fiquem também parados no trânsito. Para eles, costurar o trânsito garante agilidade e economiza tempo, mesmo que seja algo arriscado e fator evidente de acidentes. As manobras que precisam realizar para isso, claro, vão na contra-mão do código de trânsito vigente. Para os motoqueiros, aqueles que não “costuram” entre os carros não sabem pilotar motocicletas e são vistos como trouxas, já que, em seus pontos de vista, a moto deve ser utilizada para garantir o menor tempo possível entre um ponto e outro da cidade, alcançando o mais rapidamente possível os destinos pretendidos. Essa nota deve ser tida em mente para quando surgir na análise os moto-táxis, uma das principais formas de locomoção urbana privada utilizada pelos moradores das Zonas 3 e 4.

apenas jovens juntos se divertindo”. O seu comentário me chamava a atenção sobretudo por sublinhar possibilidades específicas para definir os agentes em cena: podiam ser bandidos, trabalhadores ou jovens que se divertiam. Três tipos particulares de atores que emergiam a partir de um único grupo. O motorista do carro, que ela conhecia, certamente, em sua visão, era um “rapaz tranquilo e direito”, que nada tinha a ver com aqueles outros jovens, pois “deve tá chegando da faculdade”. Dona Jô possui um estoque de conhecimentos capaz de saber que esses jovens poderiam ser definidos num conjunto limitado de grupos possíveis, não em outros. O motorista que deu ré em seu carro provavelmente também sabia disso em relação aqueles que estavam nas motos e deve ter deduzido que não valia a pena entrar sozinho numa discussão quem poderia ter envolvimento com práticas criminosas. De todo caso, o fato é que a diversidade entre os moradores não é infinita, mas está sujeita aos limites de um campo de possibilidades específico à realidade popular, na qual é importante saber com quem se fala, com quem se discute e com quem se estabelece laços de amizade e de inimizade.

Sem dúvida esse acontecimento foi fundamental para selar as primeiras identificações entre mim e dona Jô, na medida em que estávamos situados diante da cena em uma posição similar, sobretudo porque tivemos opiniões que se associavam e tendiam na mesma direção. A possibilidade da discussão avançar e se tornar uma briga física nos deixava em alerta, afinal, como ela disse, “são nessas que de repente alguém saca uma arma e atira, atingindo quem estiver pela frente”. Dona Jô dizia que um conflito como esse, motivado por interesses corriqueiros, deram lugar, em outras ocasiões, a consequências fatais e, por isso, era preciso “pensar duas vezes se deve se meter” entre aqueles que discutem ou brigam. Era para mim um tipo de ressalva, pois ela continuava afirmando que “nessas horas se for fazer alguma coisa, tem que saber como interferir, melhor se for alguém que respeitam”.

Muitas das ocasiões que ela testemunhou como essa, foram apaziguadas por outros moradores que presenciavam o bate-boca, mas ela conta quando envolvia alguém que fizesse parte das pessoas com quem tem alguma relação, normalmente se envolvia. Embora dessa vez não tenha se lançado à tarefa de resolver a questão, sua fala acerca da emergência de conflitos na vida cotidiana do bairro transpareceu — e isso foi confirmado posteriormente — a ideia de que ela sabia utilizar os ordenamentos valorativos locais em favor das suas intenções, sobretudo porque era capaz de recorrer à sua posição de dona de casa e de moradora antiga do bairro como fontes de legitimação da sua ação direcionada à coibição dos atritos potencialmente violentos. Como ela me disse, quando perguntei se não temia represálias se tivesse que lidar com algum bandido ou alguém próximo a grupos criminosos, “ninguém aqui mexe comigo não, sabe, por que não se deve ofender uma pessoa da minha idade, antiga aqui”. Sua confiança não se sustentava apenas na crença de que a cultura local isenta as pessoas mais velhas da violência, mas no fato de que em sua família há homens que são conhecidos no bairro como capazes de infringir à lei, que poderiam tomar uma atitude “em caso de necessidade”, nomeadamente dois dos seus irmãos, que são policiais militares.

O que eu observava quando estava no portão da casa de dona Jô era a presença de uma série de indicativos de que a Zona 1 podia ser esmiuçada por meio da vida dessa moradora e de sua família, cuja trajetória individual e a configuração familiar passava se tornar um exemplo que dava conta dos meus interesses em entender como se dava a negociação da realidade entre os moradores da entrada do Vasco e o modo como eles percebem, sentem e agem no interior do contexto que os compreende. A história da sua família, nesse sentido, tornou-se um caso possível, cujo percurso confirmava algumas hipóteses que me orientaram no trabalho de campo e na análise do material produzido, especialmente relativas aos trajetos ocorridos dentro do bairro, especialmente quando permanentemente muda-se de um lugar precário para outro percebido como melhor para viver, como foi o caso de dona Jô⁴⁵.

Nesse sentido, a história de dona Jô e de sua família no Vasco da Gama oferece uma oportunidade para explorar a Zona 1 e o modo como a sua vizinhança, aparentemente homogênea, expressa uma certa pluralidade de formas de existência nas camadas populares, exemplificando, num estrado socioeconômica mais elevado entre aqueles existentes no Vasco, a maneira como os indivíduos passam a se orientar no lugar em que vivem a partir da interpretação que fazem da sua própria história. A partir do ponto de vista de dona Jô sobre o bairro, que — como qualquer indivíduo — tem como base as experiências por que passou ao longo de sua trajetória social, e as dinâmicas que enlaçam e causam problemas entre ela e sua família, é possível identificar alguns mecanismos capazes de iluminar a visão de mundo que permeia a vizinhança de que faz parte, revelando dinâmicas específicas da Zona 1 e o modo como seus habitantes adentram e se relacionam com o contexto no cerne do qual todos os indivíduos e zonas ganham sentidos.

Tendo como fio condutor a existência de dona Jô nessa realidade e do modo como ela interpreta o pertencimento de sua família ao Vasco, bem como considerando a narrativa que ela constrói sobre si mesma, alguns elementos do campo de possibilidades historicamente produzido no bairro podem ser visualizados, especificamente aqueles que permitem a expansão dos projetos de vida em circunstâncias que previamente tendem a coibir a elaboração de planos de longa duração relacionados à estratégias racionais de ascensão social. Como veremos, dona Jô transitou de uma vida marcada por dificuldades materiais para uma situação socioeconômica

⁴⁵ As experiências vividas em diferentes zonas podem ser sintetizadas em uma única narrativa, como no caso de Josiane, cujo conteúdo é capaz de expressar elementos distintos que participam da constituição do tecido social do bairro. Não obstante isso, as maneiras como aspectos da realidade local são reorganizadas quando um morador reflete sobre sua própria vida demonstra como, em nível individual, acontecimentos, eventos e estados estruturais passados das zonas se imbricam em uma única vida, condicionando os rumos trilhados do agente ao longo do curso de vida, articulando-se no processo de individuação define as particularidades do indivíduo e de sua relação com a realidade em que está inserido.

familiar estável, com forte expectativa de que a geração seguinte a sua passe a ocupar posições sociais nas classes médias urbanas, apesar de ainda morarem na franja do mundo popular. A sua trajetória e seu trajeto no bairro contribuem para compreender o enraizamento de alguns moradores na Zona 1, colocando em evidência os traços típicos dessa área sem perder de vista as especificidades da sua vida individual e familiar, que passo a explorar a seguir⁴⁶.

2.4 Dona Jô: o trajeto para a Zona 1 e a sua história de vida

Fazendo parte da segunda geração de habitantes do Vasco da Gama, Dona Jô é hoje uma das moradoras mais antigas da Zona 1, e, devido ao trajeto que trilhou dentro do bairro, passando de uma das áreas mais pobres para a área mais nobre, ela e seus parentes tornaram-se pessoas muito conhecidas tanto entre quem usufrui de condições de vida mais favoráveis quanto entre aqueles que se reproduzem sob circunstâncias socioeconômicas mais humildes. Foi em uma pequena área empobrecida da Zona 3, chamada Córrego do Botijão, localizada nas proximidades da mancha comercial do bairro, que dona Jô cresceu ao lado dos seus irmãos, sob os cuidados dos seus pais, na primeira casa em que habitaram no Recife. Com 59 anos de idade, hoje ela vive na Zona 1 com a família que construiu ao lado de Filipe, 60 anos, seu marido, na casa em que foram morar logo após se casarem, em 1981, cuja aparência atual resulta de uma longa reforma que eles fizeram pensando em ter uma estrutura para acomodar todos os seus três filhos: Fabiano, 38 anos, Bruna, 30 anos, e Beatriz, 28 anos⁴⁷.

No Vasco da Gama Josiane vive desde a infância, desde que chegou trazida ainda bebê pelos seus pais, migrantes do município de Serra Talhada, nos finais dos anos de 1961, pouco tempo antes da seca que assolou o sertão pernambucano em 1963 e que atingiu sobretudo a sua terra natal. Como muitas das primeiras famílias que se estabeleceram no Vasco, a vinda dos seus pais para o Recife foi motivada pela busca de uma vida menos sofrida do que aquela que

⁴⁶ A reconstrução da trajetória de dona Jô foi possível graças às entrevistas de caráter biográfico que ela me concedeu durante diversas visitas que realizei à sua casa. Visando alcançar as condições adequadas para aplicação de entrevistas de caráter biográfico, procurei, durante visitas que passei a realizar à sua casa, a apanhar depoimentos de dona Jô e de sua família sobre o bairro, explorando mais propriamente suas perspectivas em relação ao entorno da casa em que moram do que sobre o que se passou em suas vidas ao longo do tempo. Somente após sentir que nossas conversas se davam de maneira espontânea e que, de certa maneira, não era mais recebido com a formalidade com que os moradores da Zona 1 tendem a receber uma pessoa estranha em suas casas, foi que propus a dona Jô me contasse a sua história de vida. Embora não tenha sido a primeira atividade que realizei com ela, optei apresentá-la logo de início na medida em que o conhecimento do seu curso de vida e do seu trajeto no bairro oferece dados fundamentais para a compreensão dos seus pontos de vista sobre o lugar em que vive e das atitudes por ela tomadas em relação ao modo como conduziu a criação dos seus filhos no Vasco da Gama.

⁴⁷ Para uma discussão etnográfica das obras entre trabalhadores urbanos brasileiros, ver, especialmente, a etnografia realizada por Araújo (2017) no Rio de Janeiro.

tinham no sertão, esperançados pela ideia de que na capital, devido a existência de um mercado de trabalho mais dinâmico, poderiam encontrar oportunidades que garantissem os recursos necessários à manutenção básica da vida individual e familiar. Seu pai, que atuava em atividades rurais em Serra Talhada, criando animais e cultivando a terra para a agricultura de subsistência, na urbe tornou-se parte da difusa mão de obra desqualificada que se formava entre os pobres que se aglomeravam nas áreas não urbanizadas da capital, como era o Vasco da Gama, passando a sobreviver dos biscates que conseguia no bairro em que fixou residência com a família. Conhecedor das técnicas de construção de moradias nos meios rurais, trabalhava por conta própria oferecendo serviços de construção e reparo das casas de taipas então existentes, tendo edificado a aquela que foi a primeira em que habitaram na parte mais interna do bairro.

A construção das moradias muitas vezes ocorriam por meio da relação de ajuda mútua entre famílias vizinhas. Em alguns casos, como quando alguma casa desabava ou era soterrada pelo deslizamento das terras das colinas argilosas, a reconstrução se dava por meio de verdadeiros mutirões. O pai de Josiane era figura importante nessas ocasiões, convertendo-se entre os vizinhos em uma espécie de liderança comunitária. Isso acarretava à família certa visibilidade social, cujos membros eram facilmente reconhecidos entre as áreas pobres adjacentes ao local em que residiam. Não é por sorte que Dona Jô conta que nunca passaram fome, pois o prestígio que a família gozava trazia como benefício uma rede de amparo em caso de estarem sem recursos para a compra de alimentos e outros bens essenciais. Muitas vezes, as refeições não variavam, limitando-se ao consumo de produtos farináceos como pão e grãos como o feijão, que era o que seus pais podiam comprar nas quitandas do bairro com o pouco recurso que tinham⁴⁸, porém era comum contar com doações de pessoas com quem haviam construído vínculos de amizade. Segundo ela, os vizinhos ajudavam porque alguns deles moravam em terrenos em que era viável cultivar árvores frutíferas, como a bananeira e a mangueira, e foi com o recebimento de doações de alimentos como esses que a família continuou a morar no Vasco, em um contexto em que as trocas abrandavam a condição de pobreza, diferente do que teria sido se fosse “cada um por si e Deus por todos”, como ela diz.

⁴⁸ A pesquisa de Castro (2015) feita na década de 1930 no Recife sobre os hábitos alimentares das classes populares, especialmente concentrada nas condições de vida das famílias residentes bairros operários, demonstra similaridade dos bens alimentícios destacados por dona Jô em sua narrativa sobre o início da reprodução familiar no Vasco da Gama, entre as décadas de 1950-1960, e aqueles consumidos pelos trabalhadores pobres das fábricas no Recife. Embora Castro não tenha estudado as famílias residentes no bairro objeto dessa tese, parte de sua amostra foi composta por famílias de trabalhadores das fábricas têxteis, residentes dos bairros da Torre e de Santo Amaro. No bairro da Torre, como informei no capítulo anterior, localizava-se a fábrica homônima enquanto que nas proximidades do bairro de Santo Amaro operava a Fábrica Tacaruna, situada entre o Recife e Olinda. No Vasco da Gama, parte das famílias residentes à época da chegada da família de dona Jô ao Recife trabalhavam na Fábrica da Macaxeira, local em que seu pai, como destacarei a seguir, conseguiu seu primeiro trabalho por conta de outrem no meio urbano.

Foi com a ajuda de um vizinho, já falecido, porém, que o aspecto econômico da casa melhorou. Esse vizinho era operário da Fábrica da Macaxeira e, em contrapartida às ajudas que a mãe de Josiane lhe prestava quando ele e sua esposa precisavam confiar a alguém o cuidado dos seus filhos, mediu a contratação do seu pai na mesma fábrica, possibilitando à família pela primeira vez contar com uma renda fixa que mudaria a condição de vida familiar. Dona Jô contou-me que:

Antes do meu pai trabalhar na fábrica, saía pra procurar bico e, quando encontrava, entrava algum dinheiro, mas como nem todo dia tinha [trabalho] muitas vezes minha mãe saía pra lavar roupa de quem podia pagar por isso. Ela recebia pra lavar as roupas. Não ganhava muito, mas já era um dinheirinho. Mamãe levava a gente junto, que era pra tomar conta, porque meu pai podia sair a qualquer momento, caso alguém chamasse ele pra fazer um serviço. Aí todo dia era sem saber se ia ficar em casa ou se ia pra algum lugar. Depois que meu pai começou a trabalhar na fábrica, mainha ficou mais em casa, porque sabia que tinha um dinheiro certo, uma garantia. Só as vezes é que ela ia lavar a roupa dos outros. Meu pai já tinha tentado trabalhar na fábrica, mas como não sabia mexer nas máquinas, não conseguia, aí, seu Everaldo, que trabalhava lá, ajudou ele. [...] Os filhos dele [de seu Everaldo] ficavam muito lá em casa brincando com a gente e minha mãe gostava muito deles. Ele agradecia muito a meus pais por deixarem os meninos ficar lá quando tava na fábrica. Se preocupava, né? [...] A mulher dele tinha falecido já e os meninos deles ainda eram pequenos. (Josiane, 60 anos, Zona 1)

Durante o período em que seu pai esteve vinculado à Fábrica da Macaxeira, os subsídios básicos para a sobrevivência não faltavam em casa, embora não usufríssem de nenhum luxo, seja em termos de bens alimentícios, seja em termos de vestuário ou mobília. A casa em que moravam na Zona 3 era uma pequena edificação de dois cômodos, em que um servia como quarto e sala e o outro como a cozinha. O banheiro ficava na parte de trás, no quintal, e era acessado pela porta da cozinha. “Era ruim ir lá de noite, porque não dava pra ver nada e quando chovia ficava tudo cheio de lama, porque tudo aqui no Vasco era de terra, né, a rua Vasco da Gama, essa aqui da frente, era de barro, algumas casas, eu me lembro, dentro tinha chão de barro, era mais lá perto de onde a gente morava isso”. Embora durante a infância tivesse residido nessas condições, como o seu pai era hábil na construção das casas de taipa, ao ser empregado na fábrica e contar com uma renda regular, a residência aos poucos foi ampliada, continuando ainda a ser de taipa, mas utilizando melhor o terreno a sua volta. Contava agora com uma distribuição dos espaços mais adaptada à realidade da família que havia aumentado para seis membros depois do nascimento dos meninos mais novos⁴⁹.

⁴⁹ Nessa casa residia Josiane, seu pai, sua mãe e seus três irmãos mais novos, todos nascidos depois da chegada no Vasco da Gama. Até a saída de Josiane dessa casa para morar com seu marido na Zona 1, todos vivam juntos.

Depois a casa ficou melhorzinha. Tinha quatro cômodos. Cinco se contar o banheiro. Dois quartos, uma sala, a cozinha. O banheiro era fora. Um quarto era da gente, dos filhos. Era apertado, mas era um cantinho separado pras crianças. O outro era dos meus pais, perto da cozinha. A sala era pequena, tinha um sofá, uma mesinha onde ficava a bíblia da minha mãe. Eu tenho essa bíblia até hoje! Acho que era o único livro que tinha em casa [risos]. Na sala tinha também uma janela, uma janela que dava pro lado, pra casa de seu Everaldo. Lembro que a janela era de madeira e abria inteira, sabe, que fecha com um ferrolho grande no meio. Nessa época a casa já tinha reboco por dentro e era pintada, pintada assim, de cal, né, não existia tinta por aqui. Eu gostava de dormir na sala, era mais ventilado do que no quarto com os meninos. Naquela época dava pra dormir com a janela aberta. Isso aqui era muito calmo. Hoje é isso tudo aí que tu conhece. Não dá mais pra ficar de porta aberta assim. Se ficar, alguém vai e entra! (Josiane, 60anos, Zona 1)

Durante os 20 anos que Josiane morou com sua família na área mais pobre, inúmeras casas foram autoconstruídas nos morros que rodeiam a rua que dá acesso ao Córrego do Botijão. Muitos moradores naquela época acreditavam que aquele seria um bom lugar para viver, porque tinha uma parte baixa, que ligava a área diretamente à rua principal do bairro, exatamente para o ponto onde aos domingos era montada a feira livre de frutas e verduras, que depois deu lugar a pequenos estabelecimentos comerciais permanentes que comercializavam produtos do mesmo gênero. A casa da família de Josiane estava situado na base de uma das colinas argilosas do Córrego do Botijão, em um vão entre duas outras casas cujo espaço foi suficiente para a edificação da moradia de taipa em que viviam. Segundo Josiane, seu pai acreditava que tinham sorte por ter conseguido ficar naquele terreno, porque como o bairro começava a ser cada vez mais procurado por pessoas que recém-chegavam à cidade ou dentro da urbe se locomoviam em busca de um pedaço de chão, os terrenos baldios com acessibilidade poderiam se tornar objeto de disputa, uma vez que se tornavam cada vez mais valorizados.

Nessa época, que refere-se aos anos de 1970-1972, essa área pobre não carregava o estigma de lugar perigoso e violento que hoje tem. Durante o trabalho de campo na Zona 1, quando já estava em contato com outros moradores, ao lhes pedir que dissessem quais lugares do bairro consideravam mais problemáticos em matéria de violência, as respostas mais rápidas eram: Córrego do Botijão, Alto da Foice e Visgueiro — não necessariamente nessa ordem. Os que não sabiam que dona Jô tinha crescido naquela área da Zona 3, demonstravam-se surpresos, porque, para eles, ela sempre havia morado na Zona 1 e feito parte de uma família originariamente aí estabelecida. Isso me chamava atenção porque, embora alguns fossem amigos de longa data de dona Jô, não era maioria os que conheciam a sua história, muitos inclusive desconheciam quem eram seus irmãos, um deles residente na área pobre e precária mencionada.

Na Zona 3, porém, dona Jô e seus irmãos são ainda bem conhecidos. Ela, especialmente, embora tenha deixado essa área há 39 anos, permanece a usufruir do reconhecimento daqueles que sabem que ela, como irmã mais velha, cuidou dos irmãos para que os pais pudessem trabalhar para sustentar a casa. Dos seus três irmãos, todos homens, apenas dois moram no Vasco, um deles, o caçula, na mesma casa em que cresceram, que lhe foi “naturalmente” confiada por ter sido quem continuou a habitá-la após a morte dos pais. Segundo dona Jô, o irmão mais novo “não tinha nada quando os [seus] pais morreram” e a família decidiu por “não vender a casa porque ele ainda precisava morar lá”. Depois de refletir sobre isso, ela me disse que também o fato da casa lembrar os pais, o “tempo em que vivia todo mundo junto”, era motivo para que não se desfizessem do imóvel, principalmente agora que a casa estava remodelada “toda na cerâmica” como seus pais gostariam de terem feito. Pensativa, ela diz: “Sabe, Rodrigo... acho que a gente nunca vai se desfazer daquela casa, mesmo que meu irmão se mude um dia pra outro lugar, porque é onde a gente cresceu, onde meus pais viveram”.

A memória afetiva do passado, que faz com que a moradora da Zona 1 recorde-se dos pais a partir da reflexão sobre a casa em que cresceu, traz consigo também informações sobre a rotina laboral da família, quando ainda fazia parte de uma das áreas mais pobres do Vasco da Gama e é importante para compreender a vida de Josiane. Ainda muito nova ela precisou assumir responsabilidades que não fazem parte das competências naturalmente imputadas às crianças e aos adolescentes hoje em dia, embora, no Vasco e em lugares similares, especialmente entre as famílias mais pobres, isso ainda persista em acontecer. Ela relata que ainda na infância “fazia as coisas de casa” porque, os seus pais lhe diziam que “era preciso saber se virar sozinha”, especialmente ela, que era a “filha menina e a mais velha”:

Cuidava dos mais novos, limpava a casa e, quando fiquei um pouco mais velha, comecei a fazer comida também. Isso já na adolescência. Quando eu era pequena, minha mãe não deixava eu mexer no fogão, porque era um fogão de lenha, sabe? Pode queimar se não souber fazer porque fica bem quente. Como eu tinha muitos irmãos, eu ficava mais com os meninos. Minha mãe cozinhava, lavava a roupa. Meu pai trabalhava fora. Eu acho que eles eram cuidadosos com a gente, era o que podia fazer, né? E eu era a mais velha, tinha que ajudar porque os meninos não sabia fazer nada. Alguns deles até hoje são tão enrolados na vida... [risos]. (Josiane, 60 anos, Zona 1)

Na juventude, com cerca de 13 anos, a demanda de trabalho doméstico foi acentuado por que sua mãe, visando complementar a renda familiar, começou a trabalhar fora de casa. Antes ela aceitava serviços de lavagem de roupa de famílias que podiam pagar para que alguém lavasse as suas roupas à mão, em sua maioria residentes de outros bairros, mas algumas da Zona 1. Depois, com a filha na adolescência, a sua mãe conseguiu um trabalho fixo na casa de uma

família, em Casa Amarela. Nas horas em que estava no trabalho, a casa ficava por conta da filha, que passava a ter integral responsabilidade sobre o imóvel e sobre seus três irmãos.

Minha mãe fazia a comida quando chegava, de noite, e eu só fazia esquentar durante o dia. Quando ela chegava, ia pra cozinha. Só não era pior porque eu deixava tudo limpinho: os pratos lavado, os meninos prontos pra dormir. Tinha que ajudar porque era ela e meu pai trabalhando pra sustentar a casa. Mesmo assim a gente era bem pobre, não tinha luxo, nada disso que minhas filhas têm hoje. Meu pai fazia só serviço de homem, né, quando quebrava uma coisa, ajeitava. Se tivesse que buscar água, carregava. Essas coisas. Quando tinha tempo livre, saía pras vendas, pra beber com os amigos. Minha mãe não ia. Mas meu pai sempre foi bom pra gente. (Josiane, 60 anos, Zona 1)

Nesse sentido, enquanto seu pai estava cumprindo sua jornada de trabalho na fábrica e sua mãe trabalhando na casa de uma família em outro bairro, Josiane assumia as tarefas domésticas e o cuidado dos irmãos. Quando sua mãe começou as atividades externas, ela praticamente deixou de ter tempo para fazer as coisas de que gostava, que era de brincar na rua e de ir para a casa de vizinhos que tinham filhas de sua mesma faixa etária. Como o vínculo laboral da sua mãe era regido por um contrato “de boca”, isto é, sem carteira assinada ou qualquer outro tipo de comprovativo sobre os serviços prestados — diferente do que acontecia com seu pai — era comum ficar no seu local de trabalho horas a fio, chegando muitas vezes a nele dormir a “pedido” dos patrões⁵⁰. Dona Jô lembra detalhes dessa fase da vida familiar e, sobre esse contexto, discorre:

Minha mãe conseguiu um trabalho na casa de uma família lá de Casa Amarela. Ali em Casa Amarela o povo vivia muito bem, melhor do que agora. Foi uma amiga dela que indicou ela pra trabalhar lá, como empregada doméstica. Esse trabalho ela conseguiu por causa de uma amiga dela, que trabalhava lá também, em uma casa perto da que ela trabalhou. [...] Tinha dia que minha dormia no trabalho, aí eu não dormia direito, ficava acordando pra olhar os meninos. Meu pai não gostava, né, mas a gente precisava e ele não dizia nada, não na minha frente. Não sei se eles já brigaram por conta disso. Acho que não, nunca vi. Eu não tinha tempo pra nada, ia pra escola e depois tinha que voltar pra casa pra fazer as coisas, pra cuidar dos meninos. A vizinha da gente ajudava que só. As vezes eu nem pedia e ela ficava com meus irmãos pra que eu fosse pra escola. Uma vez quase perdia o ano. Mas eu gostava de ir pro colégio, era onde eu podia brincar, né? [risos] Em casa eu só trabalhava. Deus me perdoe, não tô reclamando não. Minha mãe contava comigo. Às vezes ela era dura, mas a gente sempre se deu bem. Minha família sempre foi muito organizada. Sem problema, sabe? Acho horrível família desunida. Aqui tem várias. Eu acho que minha mãe sentia remorso as vezes porque eu ficava sozinha com os meninos. Dona Elma [a vizinha] ficava olhando meus irmãos quando eu ia pro colégio e minha mãe sempre agradecia a ela por isso. Eu acho que só estudei por causa dela que olhava os meninos. Se não,

⁵⁰ Ao longo das entrevistas que realizei com dona Jô descobri que sua mãe trabalhou durante duas décadas na casa de uma mesma família, residente em Casa Amarela, mas sua aposentadoria somente foi possível por invalidez adquirida em virtude das consequências da diabetes. Não havia nenhum documento comprobatório do serviço prestado durante duas décadas à mesma família, que nunca procedeu ao registro da atividade laboral prestada pela mãe de dona Jô.

não tinha com quem deixar. A gente não tinha nenhum parente aqui naquela época. [...] Todo mundo era pobre, mas se ajudava naquilo que podia. Hoje não é mais assim. Hoje o povo tem muita inveja um do outro aqui. Dona Elma gostava dos meninos, sempre gostou de criança e ela gostava de mim também. Era praticamente da família. A gente chamava ela de tia até. Dona Elma era uma santa, sempre tava ali pra ajudar a gente. Ela foi como uma segunda mãe pra mim. Que Deus a tenha, que Ele também tenha os meus pais, que em vida me deram de tudo que podiam. (Josiane, 60 anos, Zona 1)

Dona Elma, sua vizinha já falecida, foi muito importante para que dona Jô pudesse concluir o ensino médio, “na época era científico”, e valorizar a educação do seu filho e das suas filhas. Ela me contou ao longo das diversas conversas que tivemos que Dona Elma não sabia nem ler e nem escrever, “sabia só assinar o nome” e que talvez por isso desse tanto valor à educação, ajudando a então jovem na época para que não trilhasse o mesmo caminho na vida, reproduzindo a condição não escolarizada tanto da vizinha quanto dos pais.

Ela nunca teve filhos, mas sonhava em ter. Dizia que devia estudar, saber ler, escrever, pra não depender dos outros. Minha mãe mesmo só sabia assinar o nome. Meu pai até lia algumas coisas. Eu acho que eu valorizei a escola por causa de dona Elma. Nunca deixei meus filhos sem escola. Eu dizia a eles: é a única obrigação de vocês (Josiane, 60 anos, Zona 1).

A conclusão do ensino médio acarretava em um distanciamento em relação aos seus pais em termos de oportunidades de vida, mas também em matéria de disposições, mesmo que não significasse uma ruptura em relação ao universo simbólico das classes populares urbanas. Josiane não chegou a frequentar cursos de nível universitário, mantendo-se em um campo de possibilidades que não passava por circunstâncias geradoras de estranhamentos capazes de levá-la a desenvolver capacidades reflexivas que viessem cindir com seus laços familiares. Para ela, naquela época em que estava em fase escolar, pensar em ir para a universidade “não era algo que se falava sobre... nem sabia que podia fazer isso, como hoje minha filha faz”. Na juventude, sua rotina continuava a ser propriamente vivida dentro do Vasco da Gama, limitando-se a percorrer um trajeto que se dava entre a casa em que cresceu, no Córrego do Botijão, a mancha comercial e a Igreja do bairro. As idas aos estabelecimentos comerciais basicamente eram motivadas pela necessidade de fazer compras para casa, especialmente frutas, verduras e outros bens alimentícios que aos poucos foram incorporados à mesa. A frequência à instituição religiosa era definida tanto pela crença religiosa em que foi socializada dentro de casa, predominante entre as famílias pobres daquela época, quanto pelo fato da Igreja Católica da região ser vista como espaço de sociabilidade para interação com outros jovens, dando oportunidade para o cultivo de vínculos de amizade e relacionamentos afetivo-amorosos. Foi

por meio das relações estabelecidas com outros jovens que iam regularmente à Igreja que Josiane conheceu Filipe, com quem se casou e teve três filhos, evento biográfico que a levou posteriormente a viver na Zona 1, onde a encontrei em minha pesquisa.

Filipe sempre morou na entrada do Vasco, onde seus pais tinham uma boa casa para os padrões daquele tempo. Seu pai era comerciante e se dedicou durante toda a vida ao comércio de materiais de construção. As transações desse tipo de produto proporcionaram à família de Filipe uma condição de vida materialmente confortável, uma vez que a casa em que morava tinha “tudo do bom e do melhor”, já que o pai sempre tinha disponível os produtos para fazer melhorias que julgava necessário em sua casa, mas também uma rede de contato com pedreiros dispostos lhes prestar favores ou trabalho a custos mais baixos. Isso porque, por ser um dos principais comerciantes do Vasco da Gama e atuar no setor comercial procurado por empreiteiros, sua influência em conseguir trabalho para os moradores do bairro trazia consigo privilégios como pedreiros disponíveis para atender seus chamados para o atendimento de demandas pessoais.

A família de Filipe vivia em condições de vida muito distintas daquela que predominava no Córrego do Botijão, onde Josiane vivia. Seus pais não deixavam ele frequentar aquela área, de acordo com Josiane porque “eram preconceituosos”, segundo Filipe por que “eram muito cuidadosos”:

Meus pais só deixavam eu sair de casa pra escola, pra Igreja e pro armazém. Eu ia pra lá [para o armazém] mesmo sem querer ir, meu pai obrigava. ‘Bora, bora, tem que ir comigo pra aprender a trabalhar’. Aquela história de que tinha que dar valor [...]. Ele não deixava eu ir pra onde Jô morava, não gostava de lá. Quando eu ia, pra ver ela, ia escondido. Se minha mãe soubesse e dissesse pro meu pai, ia levar uma surra e ficar de castigo sem sair: iam dizer que tava andando com gente que não quer nada com a vida, que ia me prejudicar na vida, essas coisas. Uma vez ele disse que ‘até tem gente honesta ali, mas a maioria não presta pra nada’.

Não é por acaso que o relacionamento entre Filipe e Josiane não agradou e não foi inicialmente aceito pelos pais do rapaz da Zona 1. Eles queriam que o filho, que estudava em uma boa escola privada da cidade, se preparasse para dar continuidade ao negócio da família, que tinha deixado de ser uma loja de pequeno porte que atendia as demandas dos moradores que chegavam à periferia e tinha se transformado no principal armazém de construção da zona norte, situando-se no início da Rua Padre Lemos, em Casa Amarela. Filipe disse-me em certo momento que admirava o pai pela sua sensibilidade em “fazer dinheiro”, “desconfiava que uma coisa podia dar certo e fazia acontecer”, mas o temperamento autoritário que imperava no

tratamento com a família dificultava para que eles tivessem uma boa relação, no sentido de uma relação marcada pela transmissão evidente de afetos.

Por meu pai, eu não só ia trabalhar no armazém, eu ia viver pra aquilo, como era a vida dele, mas eu não me via ali. Foi por isso que eu acho que ele era contra meu namoro com Jô. Ela era pobre, morava num casebre lá no Córrego do Botijão. Uma vez ele disse que ela queria era se dar bem, me enganando, ,ia dar o golpe da barriga, sabe? [riso] Meus pais se achavam que ricos aqui! Acho que no passado isso aqui era tão pobre que era capaz da gente já ter sido rico. Os pais de Jô eram muito trabalhadores. O pai dela conhecia o meu pai, mas era assim, né, conhecia porque como ele construía casa, era pedreiro de mão cheia, comprava coisas pros serviços lá no armazém. Imagina, o filho do dono do armazém casar com a filha do pedreiro? Seu Firmino [nome do seu pai] nunca ia aceitar isso. [risos]. Ele e minha mãe achavam que eu quando crescesse ia continuar com o armazém e morar longe daqui do Vasco. (Filipe, 61 anos, Zona 1)

Para Josiane, os pais de Filipe não iam deixar o filho namorar uma jovem da Zona 3. “A gente só ficou junto por que não tinha mais jeito. Eu tinha 15 anos quando nos conhecemos. Quando fiz 20 anos, Fabiano nasceu, meu primeiro filho”. Quando foram morar juntos, Josiane e Filipe não eram financeiramente independentes, mas, como a família dele tinha o armazém como principal meio de vida e moravam numa boa casa na entrada do Vasco, o rapaz decidiu trazer a namorada para dentro de sua casa, “nos amigamos, juntamos nossas coisas”, diz dona Jô, deixando os sogros sem opção de escolha porque ela estava grávida, “não iam deixar o neto passar necessidade e não iam deixar o filho ir morar comigo lá no Botijão”, reflete dona Jô. A respeito disso, Filipe disse que.

Quando eu tava com 20-22 anos, queria somente ter um trabalho certo, porque foi quando Jô engravidou e veio Fabiano, nasceu em 1981. Era isso. Nasceu em março de 81, ele nasceu. Aí a gente decidiu morar junto e eu trouxe ela aqui pra casa dos meus pais. A gente morava todo mundo aqui: meu pai e minha mãe, eu e Josiane. Aí danosse [riso]. Eles não queriam que a gente namorasse e de repente ia ter o primeiro neto! Claro que ficaram com raiva, mas depois que Fabinho nasceu as feras se acalmaram. Criança acaba com qualquer um, né? [risos]. [...] Jô se mudou pra cá, mesmo sem querer vir. Ela não queria morar aqui, comigo e meus pais. Ia ficar lá na casa dos pais dela, que nunca foram contra nosso namoro. [...] Eu trabalhei a sério no armazém pra sustentar meu filho, mas lá nem parecia trabalho porque tudo era com meu pai, que sempre tava lá à frente de tudo. A gente discutia muito lá. Não era bom pra família. Depois eu fui conseguindo umas coisas fora, fazendo um trabalho aqui, outro ali, até começar a dirigir pra Prefeitura. Não era difícil entrar na prefeitura, como é hoje, que tem concurso, precisa estudar pra passar. Era só tá por ali, conhecer as pessoas certas, ir ficando. De repente tava dentro. Entrei lá em [19]83. Em 1995 eu fui pro trabalho interno. Aí fiz faculdade, me formei, já grande, já. Aí fui transferido pra parte administrativa e tô lá até hoje, graças a Deus. Mas não segui com o armazém, que fechou antes do meu pai falecer (Filipe, 61 anos, Zona 1).

A casa em que hoje moram é a mesma em que Filipe cresceu com seus pais, que foi por ele herdada após o falecimento da sua mãe. Quando passaram a ser proprietários do imóvel, o

casal já usufruía de uma situação econômica estável e Filipe tinha um “bom dinheiro guardado” cujo destino seria a compra de uma outra casa, fora do Vasco. Porém, com a casa em seu nome, já nos anos 2000, decidiram reformar o imóvel em que viviam, economizando a poupança que tinham feito ao longo dos anos, que poderia ser utilizada em caso de uma urgência. “A gente pensava sempre nas crianças, de repente tá doente, precisa ter dinheiro, essas coisas”. A Zona 1 tinha infraestrutura urbana e a localização da casa nela a valorizava. Então, optaram por ampliá-la ao invés de vendê-la, buscando adaptar a habitação para da família constituída por cinco pessoas, de modo a terem condições de receber os filhos mesmo quando esses tivessem suas próprias casas e decidissem visitá-los no Vasco da Gama.

2.5 A Zona 1 pelo prisma de uma casa: os ruídos da melhor parte do bairro

Como a trajetória de vida e o trajeto percorrido por dona Jô indicam, hoje ela usufrui de uma condição muito distinta daquela em que viveu nos vinte primeiros anos da sua vida, cuja bifurcação em sua biografia está ancorada no evento significativo da gravidez do seu primeiro filho, que motivou o casamento com Filipe, que a levou para morar na casa em que residia com seus pais, na Zona 1. A mudança da Zona 3 para a entrada do Vasco não foi algo devidamente planejado, uma vez que a vinda do primeiro filho não esteve associada a qualquer tipo de racionalização da esfera da intimidade, e trouxe consigo dificuldades que condicionaram o olhar de dona Jô sobre as famílias que passaram a viver ao seu redor, oriundas de condições materiais diferentes das suas. As descrições que dona Jô faz sobre o trecho da rua principal em que passou a morar são sempre conduzidas com base em um senso de comparação que frisa os traços distintos e distintivos dos comportamentos entre quem habita em zonas diferentes, entre seus vizinhos na Zona 1 e aqueles com quem convivia no Córrego do Botijão, na Zona 3, que para ela emerge como referência às suas interpretações.

Aqui na entrada do Vasco sempre foi assim. As pessoas não se misturam com as coisas que acontecem dentro do bairro. Vivem olhando pra fora. Vejo pouca gente, até hoje, dizer assim, ‘eu moro no Vasco da Gama’, com a boca cheia de orgulho. Isso não existe aqui. Lá dentro é diferente. Só quem sabe a dificuldade que é morar em lugar ruim, que não tem ônibus, que falta água, as coisas básicas, é que sabe: morar no Vasco é muito bom. Seu eu ver minhas filhas, que moram aqui, dizer pra alguém que mora em Casa Amarela, eu ia ficar com raiva. Ia dizer, ‘é o quê mocinha? Você mora é no Vasco da Gama!’. Ia fazer passar vergonha. Mas não tem motivo pra ter vergonha daqui. Aqui tem muita gente boa, admirável. Lá dentro eu vejo muita gente ajudar os outros, gente que não tem muito, mas se puder ajuda. Aqui onde eu moro não é assim, sabe. Parece que quanto mais a pessoa tem, mais egoísta fica. Eu nunca fui assim, nem vou ser, e criei meus filhos pra saber que é preciso ajudar os outros, estender a mão ao próximo. Se um vizinho aqui passar por dificuldades e eu souber, se eu puder

ajudar, ajudo. Não sei se posso dizer que fariam o mesmo. Cada um com sua consciência.

Para dona Jô, as pessoas que residem na entrada do Vasco são, em sua maioria, diferentes dela e têm conduzem suas vidas com base em valores distintos daqueles que ela considera ideais para viver bem. Sem dúvida, o fato dela ser alguém que viveu o cotidiano de uma vizinhança pobre e vulnerável, cuja sociabilidade possui uma outra configuração daquela predominante entre as famílias que residem em casas de estrutura mais fechadas, com muros que impedem o fácil acesso ao seu interior, explica seus pontos de vista sobre a Zona 1, mesmo que ela aí já esteja a habitar há 39 anos. Quando já tínhamos mais proximidade, dona Jô me disse que quando ela chegou na Zona 1 para morar com seus sogros, algumas famílias vizinhas, que eram próximas da família do marido, lhe tratavam mal, porque, segundo ela, sua sogra costumava contar mentiras a seu respeito, acusando-a de ser uma má mãe para os netos e má esposa para Filipe.

Em uma das entrevistas que realizei com dona Jô sobre a sua família, em que explorava a percepção que ela têm do seu marido e de cada um dos seus filhos, pedi para que ela me descrevesse a sua configuração familiar e, se pudesse, falasse um pouco como foi a criação dos seus filhos na Zona 1. Considerando que as declarações que ela tinha me feito sobre as dificuldades com a sua sogra e a vizinhança no passado, meu objetivo era o de levá-la tanto a refletir sobre a socialização dos filhos na entrada do Vasco quanto trazer novos elementos que pudessem colaborar para interpretar quem mora ao redor da sua casa. Eu já tinha dados sobre a sua família. Sabia que dona Jô representava o perfil da moradora que tinha ascendido dentro do bairro e Filipe, seu companheiro, figurava como um caso de imobilidade interna, cuja trajetória era constituída por experiências sociais comuns ao lugar em viveu sempre esteve situado. Os filhos do casal, por terem crescido na Zona 1, estiveram intenso contato com os avós paternos, e carregavam consigo, cada um a seu modo, traços da atual geração de jovens adultos que tiveram acesso a mais recursos econômicos e simbólicos no Vasco da Gama. Fabiano, o mais velho, porém, possuía certa variação nesse sentido, por ter forte afinidade com as disposições da família materna, por que dona Jô sempre o levou para a casa dos tios, inclusive o que ainda mora no Córrego do Botijão, com os quais Fabiano mantêm forte ligação emocional. As duas filhas, por sua vez, estiveram mais próximas dos avós paternos, herdando deles inclinações que as faziam não querer manter relações de proximidade maiores do que o necessário com quem vive mais adentro do bairro, mesmo que em suas narrativas a figura da mãe apareça como algo substancialmente relevante. Embora extenso, reproduzo abaixo o trecho da entrevista em que

dona Jô fala sobre a sua família e correlaciona a criação dos seus filhos ao modo como foi tratada quando chegou à Zona 1 e aí se estabeleceu:

Dona Jô: Olha, Rodrigo, vou te falar. Minha família é uma bênção na minha vida, mas se eu disser que não deu trabalho criar meus filhos aqui eu tô mentindo, viu? Foi muito difícil, mesmo, morando nessa parte do Vasco. Minhas maiores dificuldades não veio da rua, era dentro de casa, com minha sogra e com as vizinhas próximas dela. Quando vim morar com Filipe, minha sogra era dona da casa, né, então, eu não me sentia a vontade. Não era minha casa, era dela. Meu sogro era complicado, mas não me tratava mal. Mas minha sogra e as amigas dela... Até tentava agradar, mas era cada *fora* que eu levava. Quando Fabiano nasceu, eu já imaginava, ela se metia o tempo todo na criação dele. Falava que ‘a avó sabe o que faz’. Pra ela e pras amigas dela, eu não sabia cuidar do meu filho. Acredita? Ela dizia pras amigas que eu não cuidava direito dele. Aí eu não ficava aqui. Ia pra casa dos meus pais, porque lá no Córrego eu tinha minhas amigas, minha mãe que me ajudavam, meus irmãos. Ela [a sogra] ficava indignada, dizendo que meu filho ia ‘crescer sem saúde por que não comia certo’ e ia ‘ser mal educado como os meninos lá de dentro’... Era o que ela achava de mim e dos meus irmãos. A gente era tudo mal educado pra ela. Filipe sabe da mãe que tem, eu falava pra mim mesma [risos]. Ele não pensava essas coisas. Não tava doido, né? Se pensasse, eu tinha ido embora com meu filho, voltava pra casa dos meus pais. Hoje é diferente porque eu sou dona da casa, né? E eu moro aqui faz tempo. Hoje ninguém me trata mal. Me respeitam. Depois eu criei minhas filhas. Se minha sogra se metesse, eu que dava *fora*. Aí ela ficou na dela. Mas não era fácil não.

Rodrigo: *E as vizinhas daqui, amigas da sua sogra, o que elas falavam pra senhora?*

Dona Jô: Elas davam apoio a mãe de Filipe. Eu ficava muito arretada. Naquela época, essas mulheres aqui eram tudo igual, pensavam tudo igualzinho. Era uma panelinha. Quem mora aqui sempre se acha melhor do que todo mundo. Elas achavam que eu tinha dado um golpe, que queria o dinheiro do meu marido. Quem tinha dinheiro era o pai dele, meu sogro. Filipe nunca quis nada dele. Ele que me sustentava, porque eu não trabalhava e tinha que cuidar de Fabiano. Uma vez eu ouvi uma vizinha dizendo pra minha sogra que eu podia roubar a casa. Eu não fiquei calada. Soltei o verbo. Só quando eu me arretei elas pararam com isso.

Rodrigo: *A senhora comentou sobre quando teve Fabiano, quando as meninas nasceram, as dificuldades continuavam as mesmas?*

Dona Jô: Mais ou menos. Eu aprendi que não podia ficar socada aqui dentro. Daí eu sempre fiquei andando pelo Vasco, quando tinha tempo, né? Vou pra todo canto e levava meus filhos comigo. Ia no Córrego, pra Igreja, pra casa das minhas amigas, ia ver meus irmãoes. Hoje ainda faço tudo isso, porque tenho saúde e não gosto de ficar o dia todo em casa. As meninas eram mais caseiras, sempre foram preguiçosas pra andar. Meu marido é do trabalho pra casa. Quando muito vai aí na frente conversar com os vizinhos. Fabinho não mora mais aqui e não é mal educado como a avó falava que ia ficar [risos]. Ele não tem muito amigo aqui, mas lá pra dentro, no Córrego e no Visgueiro, todo mundo conhece ele até hoje. As vezes ele tá por lá e eu nem sei. Ele é muito ligado aos tios dele, que moravam lá dentro quando ele era pequeno. Ele virou policial porque achava bonito a roupa do tio que é PM também. Minhas duas filhas são muito diferente dele. Elas nunca gostaram de ir pra lá. Sempre foram mais daqui mesmo, as amigas são tudo daqui. Elas não gostam do irmão ser da polícia. Bruna tá na faculdade, que nem tu. É estudiosa, mas é preguiçosa pras coisas de casa. A avó [mãe do meu marido] sempre fez as vontades dela. Era a neta preferida. Mimou demais aquela dali. Ela lembra muito minha sogra. É chata igualzinha [risos]. Hoje passa o dia na faculdade, sai de manhã, só chega de noite. Só durmo depois que ela chega. Beatriz é a que sempre tá aqui. Me deu muito trabalho com a escola. O que Bruna me deu de tranquilidade, Beatriz me tirou. Só queria saber de sair pras festas com as colegas. Meu medo era ela engravidar cedo, né? Os amigos dela é tudo de

Casa Forte, Espinheiro, Boa Viagem. Eu não confio não... Ela é muito ‘Maria vai com as outras’, sabe? E esses meninos desses lugares parecem tudo bonzinho, mas fazem muita coisa errada. Os pais têm dinheiro, né? Tem um mesmo que o pai é juiz. É o que eu menos gosto. Muito metido pro meu gosto. Mais do que os piores daqui [referindo-se a vizinhos da Zona 1]. Agora Beatriz é inteligente. É preguiçosa pra estudar, mas pega as coisas fácil. Tá agora dizendo que vai estudar pra concurso. Quero só ver... Bruna diz que ela devia era fazer um cursinho pro Enem, ir pra faculdade também. Elas se dão bem, mas quase não saem juntas. Cada uma tem seu grupinho. É engraçado, Rodrigo. Aqui em casa a gente vive muito bem. Não falta nada. A casa é própria, tem carro. Meu filho e minhas filhas tudo estudaram em escola particular. Dois tão encaminhados na vida. Falta a mais nova, né, Bia? [Beatriz chega na sala]. Mas a gente não briga. Incrível, né? Mas é cada um de um jeito.

Rodrigo: *Hoje em dia, a vizinhança é diferente dona Jô?*

Dona Jô: É mais ou menos. Comigo, ninguém trata mal. Nem tratam mal ninguém aqui de casa. Respeitam a gente. Mas tem muita gente metida aqui sim. Muitos vizinhos nem sabe mais que eu morava lá no Córrego. Pensam que eu sempre fui dona dessa casa. Acho que isso faz diferença, porque eu vejo que as vezes eles distratam gente pobre. Aqui do lado mesmo [casa à direita da sua] teve uma obra e o dono da casa falava com o pedreiro de um jeito horrível. Você via que era na maldade, só pra humilhar. Eu via a hora o pedreiro se arretar e bater no homem com uma pá, com um tijolo. Imagina! Aí o povo aqui ia izer ‘olha, que ruindade, matou seu fulano a sangue frio, era uma boa pessoa’. Quem morre aqui vira santo [risos]. Não acho que é pra matar, né, [risos], mas ninguém merece ser humilhado, passar vergonha e ficar calado, muito menos quem tá trabalhando. A outra vizinha daqui, dessa outra casa [lado esquerdo], é outra... Essa pensa que todo mundo trabalha pra ela! A família vive bem, mas é tão metida que meu deus... Eles têm dinheiro, pelo manos parece que tem. Parece que ela e o marido são advogados. São ‘crente’ também. Tu sabe, né, ‘crente’ adora um dinheiro [risos]. Eu aqui de casa escuto eles. Ninguém sabe, mas vivem com problema em casa. O filho dela é metido com droga, o mais velho. Deve ter a idade de Beatriz. De vez em quando tá alterado em casa. É cada briga que escuto daqui. Eu tenho pena do menino. A mãe e o pai querem que ele volte pra Igreja. E igreja resolve isso? Tem que levar o menino é pro médico, pra um psicólogo! Parece que não pensa. A mãe uma vez tava aqui conversando com a gente, falando que iam viajar num sei pra onde. Eu só pensando, ‘viaja, mas não ajuda o filho que tem problema’. Ela não sabe que eu sei, né? Não ia dizer nada. [...] Tu acredita que eu já vi ela falando mal do Bolsa Família? Pra tu ver como o povo daqui é [referência aos moradores da Zona 1]. Eu não me agüentei, acabei me metendo: ‘tu é contra por que pensa que é rica’. Se fosse pobre, passasse necessidade, queria ver se ia ser contra. Tenho pouco vizinho que presta, visse? Conto nos dedos.

Os momentos em que dona Jô esteve dedicada à criação dos seus filhos foi marcado por situações dramáticas devido ao fato dela ser vista como uma *outsider* pelas pessoas que fazem parte dessa vizinhança, o que acentua que, mesmo que tenha crescido no mesmo bairro, não era percebida como indivíduo integrado à realidade. De fato, dona Jô foi socializada na Zona 3 e as privações materiais e simbólicas por que passou em sua vida naquela área trouxeram consequências e efeitos inegáveis sobre suas inclinações, sobre suas expressões, sobre suas atitudes e suas ações, destoantes daquelas que na Zona 1 eram tidas como naturais na medida em que harmonizadas com as expectativas dos atores que dela já faziam parte. As discriminações a que ela esteve sujeita dentro da casa em que foi morar tinham mais a ver com isso do que com o fato dela não ser uma mulher branca - e não é possível afirmar seguramente

se assim fosse teria sido diferente - pois há evidente similaridade em sua cor da pele e a cor do seu marido e filhos, mantendo-se, nesse âmbito, muito próxima dos fenótipos que existem na Zona 1⁵¹. Nesse quesito, a dona de casa não recorda ter sido objeto de qualquer forma de discriminação, diferente do que sublinha quando resgata as críticas que sua sogra e o grupo que com ela se afinava faziam a respeito do comportamento, das roupas que usava e da maneira que falava.

Durante as reflexões de dona Jô sobre seus filhos, especialmente sobre suas filhas, a percepção de que elas têm um trejeito naturalmente elegante, que “gostam de coisas boas”, indica, demarca e reconhece as distâncias e as diferenças entre as gerações, por um lado, e aquilo que é parte de uma zona e não de outra. Dona Jô diz que sempre era criticada pela sogra pelo seu “jeito de ser” corresponder àquilo que era imputado às mulheres mais pobres, que cuidam dos filhos pensando antes em prepará-los para a vida, “eles têm que saber o que vão ter que enfrentar”, sem mimá-los em excesso, para que não venham ser o tipo de “gente que tem o rei na barriga”. Ela diz que as meninas “puxaram muito à avó: são muito vaidosas, gostam de comprar roupa, sabem se vestir bem, levam jeito pra isso” mas, diferente da sogra, “elas têm os pés no chão e não são preconceituosas com gente mais humilde”.

A informação segundo a qual as suas filhas não “gostavam de ir lá pra dentro” do bairro sublinha porém que elas não foram levadas a cultivar afinidades significativas com a Zona 3, não por “desejar mal a quem mora lá ou por achar que somos melhores do que qualquer pessoa, mas por que não tem nada a ver comigo, nada que me faz querer ir lá, a não ser quando tem alguma coisa na casa do meu tio”, disse Beatriz. Para sua filha mais nova, o fato da mãe se relacionar com pessoas mais pobres não é um problema, inclusive considera “bonito esse jeito dela ser assim”, o que é “complicado é ter que toda vez ‘fazer sala’ quando mainha recebe alguém aqui em casa, por que ela me chama e eu não tenho nada pra falar pra pessoa”. Naturalmente a ausência de assuntos para serem dialogados não surpreende, uma vez que Beatriz sempre experienciou a vida nas classes populares a partir das condições existentes na Zona 1, cujos ordenamentos distinguem-se do restante do Vasco, assim pouco se misturando com o que ocorre nas partes mais internas do lugar em que mora, sobre as quais pouco sabe falar e onde pouca gente conhece: “quando tem gente amiga de mainha aqui em casa eu sempre

⁵¹ Quando perguntei a dona Jô como ela se concebia em termos de cor/raça sua resposta foi rápida: “parda”. Segundo os dados do IBGE (2010), no Vasco da Gama, a população residente é predominantemente classificada como parda, 55,4%, enquanto 33,2% são brancos e 10,2% pretos. Dona Jô encontra-se no grupo majoritário, tal como a família de seu marido.

trato com educação, mas não tem muito assunto, fico sorrindo e ouvindo elas conversarem, até ter uma brecha pra voltar a fazer minhas coisas, ir pro meu quarto”⁵².

Bruna, a filha que frequenta universidade, diz que a avó era muito presente em sua vida. Dona Jô tinha receio que a sogra mentisse para a filha e a fizesse, de algum modo, não gostar dela. Para Bruna, as diferenças entre a mãe e a avó refletiam a maneira da sua avó lidar com as pessoas que pareciam querer se aprovar da família, o que a incomodava, o que a fez falar sobre isso com a mãe, para saber se já tinha acontecido algo no passado entre elas que ainda não sabia. “Eu sei que minha mãe teve meu irmão sem estar casada com painho, mas isso não era motivo pra minha avó não gostar dela, até porque minha avó adora Fabiano”, advertiu Bruna. Disse também que achava que esse até poderia ser o motivo inicial delas não se darem bem, mas a partir de um determinado momento passou a acreditar que tinha se tornado “uma disputa da minha avó pra ter a atenção da gente, minha e de Beatriz, que ela queria sempre tá junto, que a gente fosse só pra onde ela queria ir, mas quando a gente ia pra festa dos meus tios, lá no Botijão, ficava logo de cara feia. Minha avó nunca ia pra qualquer coisa que tivesse do lado da família da minha mãe”.

Para as duas filhas, o pai ficava numa situação difícil, porque tentava evitar os conflitos, mas também não queria tomar partido de nenhuma das duas. Bruna afirma que o pai gostava muito da sua avó, era muito apegado a ela, e, para não se indispor em casa, dizia que “não ia perder tempo com essas besteiras”. Filipe tem uma boa relação com a família da esposa, convivendo com os cunhados, que sempre contaram com a sua ajuda quando precisaram, algo que dona Jô admira no marido. “Nunca deixou faltar nada em casa e sempre que minha família precisou de uma ajuda, se ele pudesse ajudar, não faltava com ninguém. Meus irmãos gostam muito dele. É da família”, contou-me Dona Jô. A despeito disso, Filipe, que desde que começou a trabalhar na prefeitura passou a gozar de estabilidade econômica e se tornou independente em relação aos pais, embora morasse com a sua companheira na casa em que cresceu, compreende não “ter feito mais do que seu dever, porque se eu tinha, não ia deixar ninguém passando necessidade”.

⁵² Quando conversei com Beatriz sobre esses assuntos sua mãe não estava próxima. Na presença de sua mãe, tanto ela quanto Bruna, respondiam minhas questões de maneira a atender as expectativas da mãe. Parecia-me que isso estava mais relacionado à tentativa de não desagradar dona Jô, que sempre diz que as filhas lhe dão muito orgulho, do que por não se sentirem à vontade com as perguntas que eu acabava espontaneamente a elas realizando quando das visitas à sua casa. Como também eu não morava mais no Vasco, mas em um dos bairros em que Beatriz aparentemente têm muitos amigos, chegando a frequentar estabelecimentos da área nobre, não era difícil prolongar nossas conversas, de modo que ela, ao estar sozinha, sentia-se mais segura para revelar opiniões que diante de sua mãe certamente omitiria ou guardaria para si.

Ele me diz, porém, que muitos dos seus amigos de infância, que são também da Zona 1 e que usufruem de melhores condições do que ele, não ajudam ninguém e ainda disputam entre si quando o assunto tem a ver com dinheiro de suas famílias. Filipe me relatou, enquanto fazia trabalho de campo na Zona 1 e frequentava no final do dia a sua casa, que um conhecido dele, residente numa das melhores casas do quarteirão situado do outro lado da rua, quase em frente à sua casa, tinha colocado a irmã na justiça após a morte do pai, que era proprietário de um supermercado. Indignado, ele soltou “como é que pode o cara colocar a irmã a própria irmã na justiça? Se ele faz isso com ela, imagina o que não é capaz de fazer comigo, que sou só seu vizinho?”. O motivo do processo judicial era a herança do apartamento do pai falecido, que se localizava em Boa Viagem, que Filipe já tinha frequentado em ocasiões festivas à convite do amigo.

Eu conheço aquela família desde sempre. Eu vi o pai dele crescer na vida. O apartamento que ele tá querendo pra ele é fantástico, mas não vale a pena criar uma confusão na família por causa daquilo. E pelo que eu sei, ela nem tava fazendo questão, com certeza ia propor vender e dividir o dinheiro, mas ele é fogo. Ganancioso demais, né? (Filipe, 61 anos, Zona 1)

Dona Jô contou-me também sobre outros acontecimentos familiares de sua vizinhança, que somam-se a esse que seu marido discutia e reforçava não apenas as questões que permeiam a sua vizinhança, mas também revelam a maneira como em seu universo, aparentemente definido por uma distribuição econômica e educacional razoavelmente harmônica, possui em seu interior certa diversidade que se deixam perceber mais propriamente por meio das particularidades individuais e familiares. Em sua própria família isso revelava-se tanto nas variações das personalidades entre seus membros quanto em virtude das experiências biográficas por que cada um passou ao longo de suas vidas, em que o fato de ter nascido na Zona 1 ou para essa área ter ido mais tarde, como era o caso da própria dona de casa, era um dado crucial à compreensão dessas variações.

Nas outras casas isso também era um elemento importante, que se associava às demandas singulares de cada agrupamento familiar. Dona Jô, sabendo do meu interesse em saber o que se passava nas casas vizinhas, me falou, por exemplo, do caso de um morador, chamado Jurema, 58 anos, que tinha acumulado bens, especialmente imóveis dentro do bairro, por meio da exploração de pessoas que para ele trabalhavam, especialmente homens jovens que passavam por dificuldades financeiras em suas famílias, que eram contratados para dirigir uma pequena frota de táxis em troca de valores muito abaixo das diárias normalmente recebidas por esse tipo de serviço, mantendo-se em uma condição vulnerável reforçada pelo trabalho precário

em que trabalhavam. Segundo ela, Jurema tinha contatos em uma autoescola que facilitava a esses jovens a retirada da carteira de motorista, mas, em troca, os rapazes passavam a trabalhar para ele quase de graça por um período acordado pelas partes. Com o ganho de dinheiro ao longo de vários anos, dona Jô me disse que Jurema havia comprado pequenas casas antigas da Zona 4, “becos inteiros”, transformando-os em corredores de quarto que eram alugados por pessoas pobres que não podiam alugar uma casa completa para viver com suas famílias. Entre os moradores desses quartos, ela supunha que haviam jovens que trabalhava para Jurema, cujos pagamentos deviam ser calculados considerando o valor devido pelo quarto, submetidos a um esquema de dependência e exploração⁵³.

Não raras vezes dona Jô me relatava sobre a vida de pessoas que eu ainda não conhecia, mas que, por residir nas proximidades da sua casa, passavam a ser avistadas enquanto conversávamos, cuja vida ganhava significado à medida em que ela me explicava quem eram, situando-me nos contextos particulares em que estão inseridos, sobretudo em termos de condições e locais de moradia no Vasco da Gama. Foi assim que ela colaborou para que eu tivesse acesso a outras casas da sua vizinhança, em que pude realizar entrevistas com outros homens e mulheres considerados responsáveis por famílias residentes. Inicialmente, tratavam-se de residentes com os quais dona Jô afirma ter boa relação pessoal, que seriam diferentes daquelas pessoas que ela acusava de “metido a rico” capaz de “diminuir quem é pobre”. Contudo, por meio de sua rede de relações, aos poucos, pude avançar e superar os contatos de dona Jô, podendo alcançar aquelas que eram enquadradas no perfil predominante que ela percebia como dotado de um jeito particularmente próximo daquele que associado ao da sua falecida sogra.

Com as entrevistas que pude realizar com esses moradores, pude perceber como a família de dona Jô era representativa das variações locais existentes. Isso porque, muitos chefes de família e donas de casa ou moravam na Zona 1 em virtude do recebimento do imóvel como herança deixada após a morte dos pais ou para ali tinham se mudado por melhorar de vida, migrando, seja do Vasco ou de outros bairros da periferia próxima, para a entrada do bairro.

⁵³ Esse vizinho de dona Jô mora em um imóvel amplo da Zona 1, em que na parte superior está a sua casa e no térreo dois pontos comerciais a serem alugados para fins comerciais. Embora com ressalva, ela me levou para conhecê-lo pessoalmente, avisando-me que provavelmente não conseguiria entrevistá-lo. Ao explicá-lo minhas intenções com a pesquisa, cujos dados seriam anônimos e os nomes das pessoas modificados, mesmo desconfiado, aceitou o convite. Contudo, essa entrevista nunca foi realizada de fato, na medida em que Jurema sempre se esquivava das ocasiões em que tínhamos a oportunidade de realizá-la, como quando nos encontrávamos em frente à sua casa em momentos em que eu estava a transitar pela Zona 1. Contudo, quando realizei a etapa da pesquisa na Zona 4, pude conhecer alguns moradores dos quartos que aluga no Visgueiro, com quem pude conversar sobre como era a dinâmica de trabalhar para morar a que estava submetido desde que começou a dirigir os carros do morador da Zona 1 que me evitava. Por tanto, retomarei esse assunto no capítulo 5.

Nesse sentido, entre indivíduos originários de uma geração anterior que já usufruía de condições de vida materialmente estáveis e outros advindos de condições adversas que, por caminhos muito distintos, que variavam entre casamentos, ascensão via atuação no âmbito do comércio etc., saíram das vizinhanças em que foram socializados para as proximidades da Av. Norte, por ser, como até frisei, uma área urbanizada, carregada de elementos que conferem prestígio a quem nela tem uma casa para morar.

Abaixo, sintetizo as perspectivas identificadas entre os outros residentes da Zona 1, de modo a corroborar a discussão feita a partir do caso de dona Jô e sua família, apresentando, primeiro, no Quadro 1, as concepções predominantes entre aqueles que sempre viveram nessa área. Nele, a maneira como a entrada do Vasco é percebida por seus moradores vai em grande medida de encontro com a concepção que dona Jô tem dessa vizinhança, ao mesmo tempo em que frisa uma visão preconcebida das áreas mais internas, onde moram os indivíduos e as famílias mais pobres e vulneráveis, tanto em matéria de condições objetivas de moradia quanto em termos de exposição à riscos sociais, como a violência e o desemprego:

Quadro 1 – Perspectivas dos moradores da Zona 1, que nasceram na entrada do bairro (continua)

Morador(a)	Perspectivas
Marta, 42 anos, dona de casa. Nasceu na Zona 1.	Eu gosto de morar aqui [na Zona 1]. Sempre morei, né? Mas, se pudesse morar em um lugar melhor, moraria. Quem não moraria num lugar melhor? [...] Um lugar melhor pra mim seria num apartamento. Eu acho lindo apartamento. Podia ser aqui na Zona Norte, não gosto de Boa Viagem. Tem gente que diz que Boa Viagem é o melhor bairro, mas não gosto de lá não. Acho feio. Moraria Casa Amarela, ali na [rua] Padre Lemos, na Estrada do Arraial, do Estrada do Encanamento, é tudo perto daqui, mas lá é outra coisa, né? Ali tem tudo. Aqui em casa eu não sinto falta de nada. Na casa mesmo, não sinto não. Sinto aqui no bairro. Aqui melhorou muito, mas ainda falta coisas, principalmente pra quem mora lá pra dentro. Eu quase não ando lá dentro, no Visgueiro, aquelas áreas lá. Nunca frequentei. [...] Pra lá eu não tenho familiares, conheço quase ninguém. Minha vida é daqui [da Zona 1] pra fora. Sempre foi.
Ferreira, 50 anos, comerciante, Nasceu na Zona 1	Rapaz, é o seguinte, isso aqui é bom, podia ser muito bom, mas o povo desse bairro é muito mal educado. Você vê, passa caminhão de lixo aqui sempre, mas olha ali, aquilo ali, vê quanto lixo no meio fio. Aí quando chove, quem se ferra é a gente que mora aqui [na Zona 1]. Pra mim é o maior problema do bairro, é a falta de educação e a sujeira. [...] Quem mora nos altos, claro, também sofre, já teve queda de barreira, tinha mais antes. Mas esse mesmo povo é que quando passa por aqui suja a rua, joga lixo no chão. Se cada um fizesse a sua parte, respeitasse o vizinho, todo mundo vivia bem. Mas, aqui é assim, se você frequenta aqui e vai lá pra dentro, você vê a diferença. [...] Lá dentro mesmo, se tiver uma festa de rua, carnaval, essas coisas, pode ter certeza, em algum momento vai ter briga e se você ficar perto sobra pra tu também. Tu vai fazer entrevista lá dentro? Cuidado por lá, ficar com o celular na mão não dá certo. Pode dar vacilo não.
Joana,	Assim... Eu não fico muito aqui em casa não, por causa do trabalho. De segunda a sexta só fico de noite. No fim de semana tô em casa, aí não posso falar muito como é aqui durante a semana. Mas no fim de semana, a entrada do Vasco é tranquila. Aqui não tem comércio, nem tem barzinho, essas coisas. Era até bom que tivesse

<p>34 anos, secretária, Nasceu na Zona 1</p>	<p>algun, porque já animava. O ruim é que se fosse como um bar como os que tem lá dentro, perto de onde tinha a feira, perto do Córrego ou mais perto, depois do Treze [o clube], não ia prestar, né? Só ia trazer problema pra quem mora aqui na frente. Eu mesmo não ia frequentar, não me misturo com o que não presta. Já fosse num bar daqueles lá? As pessoas bebem e perdem o respeito, as músicas são um baixaria, as mulher nem se fala. Eu tenho até pena. Aí eu não saio aqui pelo Vasco. Eu vou sempre pra lugares longe. Com meus filhos, vou pro Plaza, pro cinema. A gente vai muito pro cinema. Quando não é isso, vou com meu marido tomar uma cervejinha ali na Av. Norte, perto da Estrada da Harmonia, ou pra um restaurante. Semana passada mesmo a gente foi num sushi lá do Espinheiro. Mas aqui mesmo, a gente não vai. Até teve já lugar bom, mas aí começa a vir aquelas pessoas que não sabem aproveitar e acaba estragando o lugar.</p>
<p>Maurício, 30 anos, contabilista, Zona 1</p>	<p>Meus amigos são todos aqui de perto. O que considero um irmão, mora ali nos prédios, que fica na frente do Treze [o clube de shows, na Zona 2], sabe onde fica? [...] Ele sempre frequentou minha casa, desde pequeno. Meus pais deixavam eu ir pra casa dele, é aqui perto, mas tinha hora pra voltar e não podia ir de lá pra outro lugar. A gente estudava na mesma escola. Quando ia pra lá, era aquela moda de jogar em fliperama, todo menino queria jogar. Não sei se tu lembra disso. Por trás dos prédios tinha num bar que que tinha uma máquina com o jogo que a gente mais gostava. A gente ia, mas se minha soubesse, tava lascado. Ela ficava dizendo que por trás dos prédios era perigoso essas coisas. Eu ficava logo de castigo se fosse. [...] Eu sempre me dei bem com todo mundo aqui, homem sai pra jogar bola já volta com amizade. Quando já era maior, tipo uns 18 anos, ia pra quadra [Zona 3] e, já fui até pro campo [Zona 4]. Se eu fosse pirralho meus pais iam me matar se eu fosse pra lá. Também, né, olha o nome do campo, Maconheirão. Pô, não ia rolar. Nunca tive amigos de lá não, mas ia porque a turma se animava quando era pra jogar bola no campo, que é grande. [...] Aquela área lá mudou muito, eu fiquei sabendo que agora tem um projeto da prefeitura lá, Academia da Cidade. Era muito feio aquilo ali, uma pobreza só. Não dá nem pra comparar com aqui na entrada. Aqui é outra realidade, muito mais estruturado.</p>

Fonte: O Autor, 2020.

Entre esses quatro moradores, todos nascidos na Zona 1, percebemos que dona Jô tem motivos para sentir o que expressa quando fala da sua vizinhança, que, embora seja respeitada, ainda permanece um sentimento de que quem advém de uma família que vivia antes em condições materiais estáveis, tende a olhar para as zonas mais internas como perigosas e oferecedoras de riscos a quem as frequenta. Não obstante isso, a distância demarcada entre quem não tem motivos para ir as partes de dentro do bairro justifica o seu desconhecimento, por um lado, mas também seus preconceitos por outro, na medida em que pressupõe que uma das práticas que mais causam problema no Vasco da Gama é consequência da “falta de educação” de quem mora nas vizinhanças mais pobres e vulneráveis das Zonas 3 e 4.

Não é surpresa, nessa lógica, entender porque, como nota dona Jô, muitos dos seus vizinhos distratam os moradores mais pobres, como o caso do vizinho que maltratava o pedreiro que realizava serviços ou ela própria que precisou conviver com a não aceitação de seu casamento com Filipe devido à visão que sua sogra tinha dela, da sua família e do próprio bairro. Os mais jovens, como suas filhas, embora não destilem preconceitos em relação aos pobres do

bairro, encaixam-se na percepção que Joana, moradora cuja percepção está sintetizada no quadro anterior, quando tratam dos seus gostos em matéria de lazer, uma vez não têm interesse e não se identificam com o que o Vasco tem a oferecer nesse domínio, a não ser quando se trata de alguém relativo às relações familiares que se estendem da Zona 1 ao Córrego do Botijão.

É preciso, claro, trazer também para cena aquelas percepções da realidade local que derivam dos atores que foram produzidos em cursos de vida que lhes permitiram não apenas transitar dentro do bairro, mas também experienciar uma micromobilidade social ascendente. É o caso daqueles que nasceram numa zona mais interna do Vasco da Gama, normalmente em ruas e ruelas em que são encontradas casas muito mais simples do as que hoje moram, aproximando-se biograficamente do tipo de morador da Zona 1 que é a dona Jô, apesar de terem chegado à entrada do Vasco e lá permanecido em diferentes momentos da história local e por caminhos muito distintos daquele que a moradora central deste capítulo percorreu, relacionado ao casamento com Filipe, um rapaz “bem-nascido” no contexto do bairro. Sintetizo a seguir algumas dessas perspectivas:

Quadro 2 - Perspectivas dos moradores da Zona 1 que viveram em outras zonas do bairro (continua)

Morador(a)	Perspectivas
Vitória, 40 anos, dona de casa. Nasceu na Zona 3. Vive na Zona 1 há 15 anos	Eu vim morar aqui depois que aluguei essa casa. Eu não gostava de morar lá em cima, não no trecho em que morava. Era muito barulhento e depois que tive filhos pensei que não seria um lugar bom pra eles crescerem, comecei a ficar preocupada de um dia acontecer alguma coisa com eles. [...] Aluguei minha casa de lá e hoje a gente junta o que a gente tira do aluguel com uma parte da nossa renda e paga essa casa aqui. Primeiro moramos em uma outra, aí depois viemos pra essa, porque é muito melhor. Aqui a gente paga 900 reais. É caro, mas vale a pena, porque fico mais tranquila com meus filhos. A única coisa ruim é que nem todo mundo trata a gente bem. Meus filhos não, nem meu marido, mas eu acho que tem umas vizinhas que não gostam de mim. Sei lá... é o que eu acho. Aqui mesmo eu falo somente com dona Jô, que todo mundo conhece, né? [risos], com a dona da casa, que mora aqui em cima [mora no térreo e a proprietária no primeiro andar, com entrada independente para cada casa] e com outras poucas. Tem umas que nem vejo e acho tudo metida a besta, até os maridos delas, eu não gosto.
Jefferson, 50 anos, Técnico em Informática, Nasceu na Zona 4	No Vasco você encontra de tudo. Tem gente que vive muito bem. Tem casa, trabalho, teu seu carrinho, paga suas contas. Mas tem muita gente que não tem nem trabalho, nem dinheiro certo no fim do mês. Passando dificuldade. [...] Meus pais mesmo, a gente passou muita dificuldade. Eu consegui comprar essa casa aqui porque dei sorte. Muita gente acha que foi porque me dei bem. Eu trabalhei muito, mas tive a sorte de conseguir passar num concurso e [funcionário público estadual] e ganho bem. Ajudo meus pais, que ainda moram hoje numa casinha muito melhor do que a que cresci. Eles nunca quiseram vir pra cá [pra Zona 1]. Sempre quiseram morar lá dentro, onde tem as amizades deles, conhecem todo mundo. [...] Aqui da entrada do Vasco o melhor são as casas e a segurança, né? Você pede um Uber pra cá e te trazem. Pede lá pro Alto do Eucalipto, Alto Nossa Senhora de Fátima, ninguém vai querer levar se for de noite. [risos] A gente ri, mas é sério. Aí tem que pegar mototaxi pra chegar lá.

<p>Olga, 33 anos, advogada. Nasceu na Zona 2</p>	<p>Eu nunca tinha pensado em mudar de casa. Meus pais moram até hoje na rua onde cresci. A casa é deles, é própria, meu pai que fez. Assim, trabalhou, juntou dinheiro e de pouquinho em pouquinho comprou o material pra fazer a obra. Aí foi reformando. Fica aqui perto, junto dos prédios, ali em cima. Eu vim morar aqui depois que me formei e comecei a trabalhar. Comecei a trabalhar na minha área e com o tempo comecei a procurar um lugar pra morar. Achei essa aqui, onde moro sozinha. É bem tranquilo, quase não dá pra ver a casa, [risos], porque tem essa sala comercial na frente, onde eu atendo meus clientes, e do lado é onde coloco meu carro. Foi ótimo pra mim aqui porque é bem localizado, perto da Av. Norte e ainda continuo perto dos meus pais. [...] Eu vou mais pra lá ver eles do que eles vem me visitar aqui. Aqui na entrada do Vasco nunca foi um lugar que eu sonhei em morar. Assim, todo mundo sabe que aqui é melhor, porque tem ônibus na porta, é perto de Casa Amarela. Mas o melhor daqui, pra mim, é que eu consigo estacionar meu carro em casa e ainda tenho essa sala. Onde eu morava não tinha como deixar o carro porque a casa era numa escadaria e em baixo não tem rua larga pra deixar. Eu tinha que alugar uma garagem, pagar todo mês.... Eu já queria morar sozinha, aí achei aqui, porque sabia que aqui daria pra achar uma com garagem. Essa tem a garagem e ainda tem a sala. [...] Meus clientes são de fora, a maioria, mas tem muita gente aqui, mais simples, que procura também, porque tem muita gente aqui que tem parente preso, que precisa de ajuda, aí vem procurar alguém pra ajudar.</p>
<p>Lucas, 39 anos, comerciante. Nasceu na Zona 3.</p>	<p>Meu negócio fica aqui mesmo no Vasco. Eu tenho um açougue lá perto do mercadinho Dois Irmãos [Zona 3]. Comecei com uma loja pequena, trabalhando sozinho, aí comecei a entender do negócio e fui tendo cuidado com o dinheiro. [...] Eu gosto demais daqui do Vasco. Tenho muitos amigos aqui. Quem trabalha no comércio não pode ter inimidade, tem que ter jogo, manter todo mundo perto. Aqui na entrada do Vasco é muito tranquilo. Quase não vejo ninguém aqui na rua. Antes, quando tinha muita criança, até via. Agora, nada. As casas são assim, tudo fechada. Eu estranho porque onde eu cresci era maior zoadada, né? O vizinho aparece, conversa, entra em casa. Aqui eu sei só quem são dois vizinhos. A maioria da rua eu não conheço, vejo só chegar e entrar aí na garagem. Tem gente aqui que eu só conheço o carro. Nunca nem vi o dono. É cada um na sua. Tem seu lado bom, mas eu prefiro lá em cima que a gente ri mais. Mas morar aqui, numa casa dessas, quem não quer?</p>

Fonte: O Autor, 2020.

Esses quatro moradores foram encontrados com a ajuda de dona Jô e suas filhas. Vitória, por exemplo, nasceu nas adjacências do Córrego do Botijão e dona Jô a conhece desde pequena. Foi dona Jô que achou a casa em que ela mora agora na Zona 1 e só a aconselhou a morar neste lugar porque acreditava que a proprietária “sempre foi uma pessoa correta”. Pode-se verificar nas perspectivas destes moradores uma outra visão de quem mora mais adentro, naturalmente relacionadas ao fato deles mesmos terem vivido parte de suas vidas nas zonas mais internas, de estruturas urbanas mais precárias do que as que caracterizam o lugar em que hoje moram. Isso, porém, não deixa de demarcar alguma distância em relação às suas origens, seja porque, como ocorre com Vitória, nunca gostou de morar onde morava, seja como no caso de Jefferson, que reconhece a Zona 1 como um lugar mais seguro do que a Zona 4, de onde veio.

O modo como Lucas, comerciante proprietário do Açougue descreve a sua vizinhança de agora é curiosa a medida em que reconhece pontos negativos e positivos, mas que

relacionam-se mais diretamente com as práticas com as quais está habituado em termos de sociabilidade, de convivência mais aberta, que são encontradas mais facilmente entre moradores que residem em ruas cujas construções colaboram para relações mais intensas entre os vizinhos. Para utilizar o léxico da tradição disposicionalista, trata-se claramente de um descompasso de *habitus*, no sentido que Bourdieu (2008) confere ao famoso conceito. Da mesma forma, a realização dos desejos de Olga, que passou a ter automóvel ao ter acesso a uma renda em virtude da sua profissão, implicou em dificuldades para continuar a morar num local sem infraestrutura adequada para guardar seu carro, levando-a a buscar uma alternativa, encontrada naquela que é a parte mais fácil de circular com veículos no Vasco. Foi por meio de Bruna, a filha universitária de dona Jô, que cheguei até a Olga, cuja atuação como advogada no bairro será retomada mais adiante, na medida em que o fato de ser procurada por famílias mais pobres, que passam por problemas na justiça, foi explorado durante o trabalho de campo e trouxe interessantes dados para compreender os conflitos e dificuldades por que passam mães e pais que têm seus filhos cumprindo pena em regime fechado, como encontrei em algumas casas da Zona 4.

Antes disso, porém, é preciso avançar mais um pouco na rua principal, procurando entender as dinâmicas próprias das zonas que se formam segundo o olhar nativo a cada vez mais que se afasta da Av. Norte. Neste trajeto, dona Jô foi importante interlocutora, ajudando-me a entrar em um dos locais que considerava mais difíceis de serem pesquisados, que é na vida das famílias residentes no Conjunto Residencial Esperança, que já apareceu algumas vezes nas falas das pessoas entrevistadas que figuraram neste capítulo. A vida das famílias das classes populares em apartamentos privados é algo *sui generis* no tecido urbano do Vasco da Gama e não podia ser deixada de lado na busca por compreender as variações e os conflitos que dinamizam o campo de possibilidades dos moradores desse bairro popular.

Dona Jô não sabia, mas os prédios em que algumas das pessoas que ela começava a me apresentar moravam já ocupava meu interesse de pesquisa desde o planejamento do trabalho de campo e emergia sempre como um lugar em que seria mais problemático dar seguimento ao inquérito pelas próprias limitações que a estrutura edificada impõe. “Os prédios”, como os nativos chamam aquele condomínio, são exatamente o ponto de referência que sublinha o término da Zona 1 e o início da Zona 2. Contudo, indo adiante do que supunha dona Jô sobre essa área, ali não há somente “pessoas de bem” que “se dão bem com todo mundo”, como ela certa vez me disse. Há também conflitos relevantes para a compreensão da coexistência entre diferentes estilos de vida em um mesmo cenário. Se entre os moradores dos prédios foram registradas significativas diferenças, na relação que esses moradores estabelecem com o

entorno imediato em que moram, isto é, com os moradores do primeiro morro coberto de casas do Vasco da Gama, as assimetrias se revelam e se acentuam. Na Zona 1, as diferenças existiam, mas, como vimos, o contato contínuo com as famílias e moradores mais pobres não ocorriam numa aproximação física das casas, mas, sim, pelo trânsito de pessoas pelo próprio interior do bairro e pelos residentes da entrada do Vasco que trilham caminhos até esse ponto ao longo de suas trajetórias de vida. Como veremos a seguir, é na Zona 2 que os atritos são acentuados, na medida em que aí nesse pedaço do Vasco os tipos de sociabilidade concorrem entre si como em nenhum outro ponto do bairro, no sentido de um jogo de assimetrias da qual derivam fortes acusações interpessoais e intergrupos.

Cheguei até os prédios por meio de dona Jô, mas em seu interior tive diversas surpresas, inclusive reencontros com indivíduos previamente conhecidos que passaram a integrar a amostra da pesquisa, exigindo refletir sobre como utilizar a minha memória pessoal como elemento para a produção do tipo de conhecimento socioantropológico que deriva dessa pesquisa. Naturalmente, no próximo capítulo, tratarei disso, embora o foco da discussão não seja o meu pertencimento ao bairro em si, mas o bairro propriamente dito e a sua gente, suas dinâmicas, suas histórias de vidas e os seus conflitos, sejam eles externos aos agentes humanos ou internos ao que ocorre dentro de suas casas e de suas famílias.

3 ENTRE O MORRO E O ASFALTO

*Eu acho que eles têm motivo
pra não gostar das festas, por causa do barulho. Na moral, eu até entendo.
Só que daí a achar que a gente sempre tá errado, pior, que somos metido com coisa errada...
Aí eu não aceito.*

Marlon, 27 anos, Zona 2

3.1 No terreno das contingências

Se na Zona 1 foi preciso procurar formas para entrar em um universo de moradores com os quais não estava anteriormente familiarizado, na Zona 2 esse aspecto foi alterado para um grau de maior proximidade, embora ainda não idêntico àquilo que veio a acontecer quando retornei ao Visgueiro, na Zona 4, área em que havia morado com meus pais desde os fins da década de 1980. Quanto mais adentro do território do bairro, sabia que seriam mais elevadas as chances de ter que lidar, na condição de socioantropólogo, com lugares autobiograficamente importantes e com moradores previamente conhecidos, entre os quais pessoas que comigo compartilharam experiências que agora fazem parte das memórias mais propriamente individuais (HALBWACHS, 1990)⁵⁴. Ter isso em mente, quando comecei a explorar as áreas nas quais transitei com maior frequência no passado, foi metodologicamente importante para não incorrer na legitimação precipitada das pré-concepções que carregava comigo acerca da vida local, que precisavam ser por mim mesmo reconhecidas para que fosse possível converter o bairro em um “objeto” objetivável, a ser reconstruído pela análise dos sentidos que os atores que nele habitam produzem por estarem obrigados a participar da negociação da realidade de que fazem parte (VELHO, 1994).

Dona Jô, a principal moradora que colaborou para a realização do trabalho de campo na entrada do Vasco, foi ainda importante para que pudesse dar prosseguimento à pesquisa em outras partes do bairro, mais distantes de sua casa, na medida em que as suas relações com moradores de outras zonas abriam caminho para enveredar em um circuito com o qual eu não

⁵⁴ Embora não seja dito por Halbwachs (1990) quando discorre sobre a memória individual, como tal, encontros com lugares significativos e pessoas com quem foram compartilhados momentos que hoje figuram em minhas recordações sobre o bairro tanto acionaram elementos capazes de iluminar quanto de obscurecer a minha relação com o bairro e com seus moradores. Contudo, as reflexões de Pollak (1989) sobre a função do não-dito e de Lahire (2004) sobre a autobiografia na pesquisa sociológica contribuíram para estabelecer uma atitude capaz de lidar com as implicações metodológicas do recurso à memória individual e à história pessoal, conforme poderá ser percebido nos momentos dessa tese em que relato como precisei lidar com pessoas previamente conhecidas ou muito próximas à minha vida no Vasco da Gama.

tinha qualquer tipo de aproximação. Por ela ter vivido, como apresentado no capítulo anterior, uma trajetória de vida marcada por um movimento que a fez sair da Zona 3 para as margens da Av. Norte, experienciando assim uma mobilidade social ascendente materializada na chegada a melhor área residencial, a sua rede de contatos não se limitava ao entorno da sua casa. Ao contrário, como sugeri, suas conexões mais densas no Vasco ainda estão ancoradas em sua zona originária e, por isso, sua presença abria as portas de casas distribuídas em outras direções, prolongando-se tanto para moradores membros de famílias “estruturadas” quanto para indivíduos considerados “problemáticos” ou parte de famílias “desorganizadas”, para usar termos da gramática nativa identificada⁵⁵. Não obstante a contribuição fundamental da moradora da Zona 1, na segunda zona do bairro o reencontro com uma pessoa previamente conhecida, que comigo conviveu em um domínio das práticas que foi significativo para a minha experiência como morador do bairro, funcionou como chave de acesso para uma das vizinhanças mais fechadas do Vasco da Gama.

Foi por meio de dona Jô e de sua família, mas também do restabelecimento de relações com pessoas biograficamente importantes para mim, que algumas localidades puderam ser pesquisadas, entre as quais a Zona 2, onde é encontrada uma configuração muito peculiar a partir da qual é evidenciado como a proximidade entre grupos sociais distintos pode produzir um contexto propício a uma série de conflitos, sobretudo de caráter acusatório (VELHO, 2004). Como pude perceber a partir do momento em que continuei a avançar pela rua principal, o fragmento do território do bairro que aqui neste capítulo passa a ser central, é compreendido pelos moradores como um contexto particular que precisa ser considerado para o entendimento da realidade mais ampla na qual ele se encaixa. Como demonstrarei, os pontos de vista dos moradores que coabitam na Zona 2 se sustentam sob estoques distintos de conhecimentos (SCHUTZ, 2012) advindos de um campo de possibilidade complexo e contraditório, cujas experiências nele engendradas não necessariamente se intercomunicam. Isso significa dizer que, embora estejam situados geograficamente lado a lado, em um microcenário dentro do bairro, as condições de vida e os estilos de vida a que aderem indicam mais desencontros do que similitudes, traduzindo, na ordem das práticas, distâncias socioculturais cujo hiato abre espaço para a emergência de incompreensões, desentendimentos e conflitos diversos.

⁵⁵ Em grande medida, a noção de família estruturada ou organizada está imbricada ao reconhecimento de que uma determinada família vive bem, correspondendo às expectativas de uma vida familiar sem problemas densos entre os indivíduos que o integram. Nesse sentido, não relaciona-se somente à dimensão material sobre a qual o grupo se reproduz, que é algo também considerado para a enunciação dessa classificação, mas diz respeito sobretudo às condições propriamente existenciais que emanam e provocam um contexto de relações interindividuais com baixo grau de conflito e elevado nível de solidariedade.

3.2 A Zona 2: configuração urbana e organização social

Saindo da Zona 1, seguindo mais acima na rua principal, constatei, a partir do que tinha me dito dona Jô, como se materializa no Vasco da Gama aquilo que os moradores querem dizer quando falam que o bairro em que estão inseridos é um lugar “que tem de tudo um pouco” e “gente de todo tipo”, ou seja, que é um ambiente socialmente diversificado, no interior do qual múltiplos ordenamentos podem ao mesmo tempo existir e tensionar o caráter rotineiro da vida cotidiana. Basta caminhar cerca de 200 metros a partir da casa de dona Jô, afastando-se da Av. Norte, para perceber a mudança por que passa o cenário. Rapidamente, as casas em estilo duplex com garagem ou quintal desaparecem e em seu lugar surge um pequeno ambiente que a primeira vista se passa como um espaço de transição por meio do qual os moradores podem sair das partes mais internas do bairro para a sua parte inicial e, de lá, seguirem para outros bairros do Recife.

Entretanto, ao observá-la de maneira mais duradoura, nota-se que não se trata apenas disso. Como me disse dona Jô em uma ocasião em que lhe pedia para descrever o Vasco a partir do conhecimento que ela tem da realidade local, “ali mais em cima”, quando a denominação entrada do Vasco já não é empregada, “é onde têm os prédios e é onde também tem uma parte mais alta, em que mora muita gente”, o que significa dizer que “lá é diferente daqui”, da Zona 1, “porque ali tem até quem vive bem, mas tem gente que vive muito mal”.

Quem chega neste ponto do bairro, na Zona 2, caminhando pelas calçadas que margeiam a rua principal se depara, durante os dias da semana e em horário comercial, com um cotidiano muito parecido com aquele registrado na Zona 1, em que uma movimentação amena de transeuntes ocorre durante quase todo o dia, agitando-se nos horários de pico, especialmente no início da noite, em virtude do maior fluxo de veículos e de pessoas que retornam para suas casas depois de terem cumprido suas jornadas de estudo e de trabalho fora da periferia da cidade. Nessa localidade, a Rua Vasco da Gama mantém-se ainda ampla como na parte inicial do bairro, como em frente à casa de dona Jô e em sua conexão com a Av. Norte, e representa, por isso, um espécie de extensão da infraestrutura existente na Zona 1. Isso traz consigo um efeito positivo sobre a avaliação dos moradores mais pobres do Vasco sobre a Zona 2, notadamente entre aqueles que residem nas partes mais distantes da Av. Norte, que percebem esse intervalo territorial como uma área em que ainda “se vive” e “se mora bem”. Consequentemente, as famílias residentes gozam de certo prestígio social, especialmente as que moram nos imóveis

mais próximos da rua principal, cujas estruturas materiais relacionam-se com a ideia de que no início do Vasco são encontradas condições mais dignas de moradia, embora, no caso da Zona 2, não sejam as mesmas que garantem à Zona 1 a posição mais elevada no topo da hierarquia simbólica da comunidade.

Não foi difícil compreender a maneira como está estruturada a Zona 2, pois, como ex-morador, já possuía, em relação a essa zona, um conhecimento antecipado que me permitia identificar e apreender mais facilmente - especialmente se comparado à Zona 1 - a sua configuração urbana. Na adolescência, costumava frequentar algumas ruas que fazem parte dessa zona devido a ter colegas que aí moravam, o que me dava agora mais domínio para desenvolver hipóteses sobre a sua organização social e os atores nela implicados.

Sabia que, como a maior parte do Vasco, essa localidade está predominantemente voltada para fins de moradia, em sua maior parte resultante do processo de autoconstrução espontânea de moradias, mas com uma parcela de residências compostas de apartamentos, feitas pela iniciativa privada, que lhe garante particularidade dentro do Vasco da Gama, traço que em grande medida justifica a sua seleção como uma das zonas relativamente autônomas dessa realidade⁵⁶. Esse traço singular implica haver em seu interior dois grupos sociais coabitando lado a lado, cujas casas, distribuídas entre uma área plana e uma colina elevada, sinalizam como desigualdades sociais e urbanas se materializam em condições assimétricas de vida no seio de uma mesma localidade, tornando-a propícia a graus mais intensos de desentendimentos entre os vizinhos do que o que é visto nas outras zonas.

Nesse trecho do Vasco, de um lado, são encontrados os “moradores dos prédios”, expressão nativa para se referir aos residentes do Conjunto Residencial Renascer⁵⁷, que estão

⁵⁶ Ao longo das entrevistas realizadas com os moradores de diferentes áreas do bairro, antes de identificar cada uma das quatro zonas, solicitava-lhes que descrevessem o Vasco da Gama, indicando como eles apresentariam o lugar para alguém que nunca lá esteve. “Os prédios” que ficam na rua principal eram sempre indicados como uma área particular, não apenas por representarem um tipo distinto de moradia, mas por sua localização se associar automaticamente a outra edificação utilizada como ponto de referência para caracterizar o bairro, que é o Clube Treze do Vasco, situado do outro lado da rua, exatamente paralelo aos prédios.

⁵⁷ Nome fictício atribuído ao conjunto residencial. O condomínio resulta de um empreendimento privado ocorrido no bairro, que trouxe para o seu universo de moradores um significativo número de novas famílias, antes moradores em outras partes da cidade. Conforme as entrevistas que realizei com eles, a maior parte já vivia na Região Metropolitana do Recife (RMR), especialmente em cidades como Abreu e Lima, Camaragibe, Paulista e Cabo de Santo Agostinho. Outros fazem parte de uma pequena parcela vinda da própria periferia do Recife, não necessariamente da Zona Norte da cidade, como dos bairros do IPSEP, do Arruda e de Santo Amaro. À época da construção do condomínio, período em que ainda era morador da Zona 4, lembro-me dos comentários que circulavam entre os residentes a respeito da obra. Alguns diziam que era uma obra da Prefeitura para a deslocação de famílias de áreas de risco do Recife para o Vasco da Gama, o que abria espaço para receios dos já residentes que se traduziam em afirmações de que o bairro poderia vir a ter em seu interior um “favelão”, termo popular atribuído aos conjuntos habitacionais feito via programas sociais, como é o caso do Conjunto Habitacional Josué Pinto, construído no bairro Brejo de Beberibe, chamado de Singapura entre quem mora no Vasco. Outras pessoas

situados em uma das margens da rua principal. Localizando-se por detrás dos prédios, do outro lado, estão os moradores do Alto da Favela, a primeira colina argilosa que se eleva dentro do bairro, sobre a qual muitas famílias vivem há cerca de três gerações, o que corresponde ao período em que o território do Vasco da Gama começou a se tornar atrativo para quem buscava um lugar para viver nas proximidades das fábricas do Recife, quando a periferia da zona norte começou a ser cada vez mais ocupada por quem chegava à cidade ou tentava nela se manter.

Os moradores do Renascer, em sua maioria, chegaram ao Vasco da Gama mais recentemente, em 2001, quando foi concluída a obra dos edifícios em que hoje moram. O condomínio tem oito prédios de quatro andares e cada andar conta com dois apartamentos, totalizando 64 habitações familiares. O residencial ocupa quase todo o quarteirão que acompanha o perímetro da rua principal que passa pela Zona 2 e figura como um ponto de referência para indicar quando se chega à Zona 1: “antes dos prédios, é a entrada do Vasco”; “dos prédios pra cá, já é diferente” (Tiago, 32 anos, Zona 4).

Na rua lateral ao condomínio, os moradores da colina transitam para chegar às suas casas e os moradores dos prédios que têm carros circulam com eles para acessar o portão do estacionamento privativo aos condôminos. É o ponto em que se cruzam com mais frequência, o que não quer dizer que nesse instante interajam ou estabeleçam qualquer tipo de relação duradoura que pudesse gerar vínculos de amizade. Como pude perceber pela observação direta, as variações urbanas que demarcam os dois universos existentes na Zona 2 são importantes para explicar a distância existente entre as famílias que fazem parte dessa vizinhança. Claramente, nos apartamentos moram famílias que usufruem de condições materiais mais modestas do que aquelas encontradas na Zona 1, mas melhores do que o que é encontrado na maior parte dos grupos familiares das partes altas e nas Zonas 3 e 4. O Alto da Favela, por sua vez, é um lugar de infraestrutura urbana semiprecária, com uma rua central de paralelepípedo e inúmeras ruelas sem asfalto, nas quais são encontradas muitas crianças brincando, filhos de famílias antigas do morro, muitas delas chefiadas por homens e mulheres sem trabalho estável.

O Alto representa uma forte variação no cenário que abrange as partes planas das Zona 1 e 2 e por isso é vista como uma área habitada por gente pobre incrustada naquelas que são consideradas as melhores partes para morar no Vasco da Gama. As famílias que atualmente

afirmavam que a obra não era bem planejada, uma vez que da rua principal se podia ver as bases dos prédios a serem levantados, e acreditavam que ninguém deveria comprar um imóvel ali, sob risco de desabamento. Esse comentário perdurou durante muito tempo, especialmente porque, aproximadamente dois anos após a inauguração do condomínio, alguns edifícios apresentaram fissuras em suas paredes frontais, chamando a atenção dos transeuntes e afligindo os seus moradores, que precisaram solicitar revisão e realização de reparos no condomínio que acabara de inaugurar.

vivem sobre essa antiga colina são, em sua maioria, parte das duas gerações seguintes àquela que participou mais ativamente do processo de autoconstrução espontânea de moradias que modificou a paisagem da Zona Norte da cidade e muitos expressam orgulho por estarem ali “desde sempre”. Apesar disso, são poucos os que oferecem testemunhos baseados em memórias individuais sobre como foi formada a sua vizinhança, restringindo muitas vezes seus relatos à menção ao que lhes foi dito por idosos ou que já faleceram.

Apesar do clima pacato predominante na maior parte dos dias, não é por acaso que a Zona 2 é uma área residencial marcada por relações de vizinhança problemáticas, com desentendimentos e acusações de vária sorte entre as famílias residentes, especialmente quando se considera as interações entre quem mora nos prédios e quem vive numa das casas feitas em seu entorno. O convívio entre os dois grupos de moradores muitas vezes se dá em caráter conflitual, especialmente quando levados em consideração a maneira como julgam os hábitos, as práticas e os estilos de vida uns dos outros. Naturalmente, há variações internas a cada grupo, mas os dados coletados com as entrevistas relativas à maneira como percebem a realidade de que participam permitem sublinhar que há certo predomínio de uma visão negativa de um sobre o outro. Por exemplo, os condôminos, quando falam dos vizinhos, dizem que há práticas realizadas pelos moradores do Alto da Favela que causam problemas e desvalorizam os prédios em que moram, como o fato deles despejarem “lixos ao lado da porta da garagem dos prédio”, “fazerem barulho até tarde”, “chamarem gente que não ‘presta’ pra essa área aqui”, gerando “arruaças na rua de trás e daqui na frente”. Para quem é do Alto da Favela, quem mora nos prédios “não quer parecer que mora num lugar de pobre” e por isso age como se não quisesse “ter amizade com quem mora aqui”, que “por causa de uma festa, já querem chamar a polícia” porque “querem ser os donos da rua”.

Os atritos entre os vizinhos são intensificados quando o caráter residencial da Zona 2 é ressignificado nas noites dos fins de semana, quando a área residencial se metamorfoseia em uma mancha de lazer frequentada sobretudo pelos jovens do bairro e das localidades adjacentes. É em frente aos prédios, do outro lado da rua, que está localizado o Treze, a principal casa de shows da periferia de que o Vasco da Gama faz parte, e para lá vão, nos fins de semana, um número significativo de homens e mulheres jovens em busca de diversão, sempre associada a uma sociabilidade em que são verificadas fortes traços de expressões do etos de hipermasculinidade, neste caso não relacionado ao tráfico de drogas (ZALUAR, 2012), mas notadamente à exibição de si, à conquista das mulheres e ao consumo abusivo de bebidas

alcoólicas que abre margem para confrontos interindividuais e, eventualmente, entre grupos de jovens de diferentes localidades.

Nas noites de evento no Clube Treze, a calçada dos prédios passa a ser o local utilizado pelos frequentadores como estacionamento e sobre elas colocam suas motos, causando problemas com os moradores do conjunto residencial. Devido ao elevado número de pessoas, é difícil para os moradores conseguirem circundar o prédio para acessar o estacionamento privativo, de tal modo que até motoristas de ônibus que trabalham em linhas que passam pela rua principal procuram evitar por ali passar quando chega a hora de abertura da casa de shows⁵⁸. Entre os jovens que aí se reúnem, muitos são moradores do Alto da Favela, o que, sem dúvida, contribui para o acirramento dos ânimos entre suas famílias e quem mora nos prédios, que passam a ter motivações para acusá-los de serem agentes dos problemas que rodeiam a vida em torno do condomínio.

É entre a vida nos apartamentos e no Alto da Favela, cujas interações são intensificadas em frente ao Clube Treze, que a Zona 2 é dinamizada e adentra em uma lógica conflitual que se desdobra em uma contínua disputa pelo espaço, que pode chegar a contingências que afetam todo o bairro. Como se pode presumir, para realizar o trabalho de campo dentro deste quadro foi preciso recorrer a estratégias que pudessem amenizar as dificuldades existentes em um contexto de múltiplos interesses, especialmente que pudessem colaborar para alcançar cada um dos domínios e neles perceber como seus atores participam da negociação da realidade em que se veem entrelaçados. No âmbito prático, foi preciso ter particular preocupação com a conquista da confiança dos dois grupos de moradores, sabendo quando e como era viável transitar de um para o outro sem acabar se expondo aos julgamentos que permeiam suas disputas, que poderia me colocar em posição de algo suspeito.

Entretanto, com a ajuda de uma pessoa previamente conhecida que se tornou o principal informante da Zona 2, que reencontrei, para minha surpresa, na condição de condômino do

⁵⁸ Nesse caso, os ônibus buscam rotas alternativas, não por negociação da casa de shows com a prefeitura, mas pelo senso prático dos motoristas, que sabem, seja por ter experienciado seja por relatos de colegas, que o Vasco da Gama nos sábados à noite pode ter um dos seus trechos fechados pelos frequentadores do clube do bairro. As alternativas mais conhecidas utilizadas pelos transportes públicos para poderem chegar aos seus destinos é a Rua Dois de Fevereiro, uma rua que começa em um trecho da Av. Norte e alcança o centro comercial do Vasco, circundando outro bairro popular, o Morro da Conceição. Assim, os moradores da Zona 2 que utilizam ônibus ou precisam descer em algum ponto localizado da Av. Norte e caminhar até suas casas ou optar por saltar dos veículos quando chegam à Zona 3, voltando para a Zona 2 também a pé. Não obstante isso estar referido a quem utiliza os transportes públicos, quem possui automóvel particular se vê diante também de dificuldades para chegar até suas casas. Por exemplo, os moradores dos prédios que têm carros ou motos e estacionam seus veículos no estacionamento privativo do condomínio, em noites de shows no Clube Treze não conseguem deixá-los na área reservada para condôminos, uma vez que o acesso à rua que serve para chegar ao portão para automóveis costuma ficar intransitável devido à concentração de jovens que ali se forma.

Renascer, e contando com a intermediação de dona Jô para ter acesso à vida de outros moradores dos prédios que não faziam parte da minha rede de relações local que poderia acionar, pouco a pouco pude explorar o lado dos residentes da parte ainda urbanizada da Zona 2. Com a conquista desse grupo, quando os moradores do Renascer já tinham consciência dos meus objetivos, pude dar o passo adiante em direção às casas do Alto da Favela. No morro, dona Jô não era uma referência que pudesse acionar e os moradores dos prédios não possuíam relações que abrissem caminho para mim. Todavia, ter sido morador da Zona 4 me trazia - embora eu ainda não tivesse consciência disso - certo conhecimento sobre os domínios de interesse dos jovens do morro, conseguindo com eles conversar sobre suas práticas culturais e mobilizar, a partir disso, suas reflexões sobre as suas próprias condições de vida no bairro. Como demonstrarei adiante, quando tratar da vida de um desses jovens, os conflitos entre os moradores do morro e os condôminos somente pode ser compreendida quando se torna evidente o contexto a partir do qual cada um dos grupos se expressa, o que significa dizer que os dados obtidos apontam para uma contingência inevitável em virtude das visões distintas que movem cada um deles a fazer o que eles fazem em torno dos seus locais de moradia.

3.3 Os prédios e a rotina dos seus habitantes

A busca por uma entrada no condomínio Renascer manteve a estratégia inicialmente utilizada na Zona 1, quando passei a estar diariamente circulando pelo trecho da rua principal circunscrito à entrada do Vasco. Apesar de estar agora em uma área com a qual eu apreendia mais facilmente as suas características urbanas principais, especialmente por ela ter sido para mim durante muito tempo um intervalo de transição para que eu chegasse até a casa em que residi, a sua dinâmica residencial não era experimentada da mesma maneira como se dá para os atores que nela estão inseridos. Nada mais natural do que isso, posto que anteriormente não fazia parte diretamente do jogo que se desenrola no entorno mais imediato dos prédios, com os quais nunca havia estabelecido qualquer tipo de relação. Como a Zona 2, como área residencial, cumpre também uma função de pórtyco por meio do qual é preciso atravessar para ir da entrada do bairro para as suas áreas mais internas (e vice-versa), quando tinha diante de mim o desafio de explorar o modo como os moradores dos prédios experienciam e concebem a realidade social no Vasco da Gama, a atenção à rotina do conjunto residencial passou a figurar no primeiro nível das preocupações metodológicas a serem desenvolvidas no trabalho de campo, especialmente pela sua função de abrir caminho para obter maior familiaridade com o “mundo” dos

condôminos para nele entrar com mais chances de obter um material empírico suficiente para a análise dos pontos de vista dos seus moradores.

Como nas proximidades do Renascer começam a surgir os primeiros estabelecimentos comerciais do bairro, que aos poucos se avolumam até se aglomerarem na Zona 3, tornei-me cliente de algumas das lojas situadas nas redondezas, frequentando de pequenas lanchonetes e barracas até botecos precários frequentados pelos moradores do morro da Zona 2. A ideia era simplesmente a de observar as chegadas e as partidas dos condôminos, mas também tentar visualizar, mesmo ainda de fora dos seus muros, as práticas e a sociabilidade desenrolada dentro do perímetro do conjunto residencial. Com a rotina de observação, realizada em diferentes dias da semana e em diferentes horários, pude apanhar uma visão geral da regularidade da vida cotidiana dos condôminos, entendendo os usos que fazem do espaço em que moram. Ao mesmo tempo, com isso, começaram a surgir pistas importantes para o momento seguinte dessa fase da pesquisa, quando passaria a explorar o outro lado da organização social da Zona 2, em que se localiza o grupo dos moradores do Alto da Favela.

As anotações produzidas dessa estratégia para a observação direta da vida dos moradores do conjunto residencial trouxe consigo elementos que me permitem descrever de maneira mais precisa o lugar em que moram. Em linhas gerais, dentro dos muros que circundam os prédios, a dimensão concreta é constituída por materiais de construção que correspondem às expectativas estéticas mais simples quando em matéria de edificação condominial, com passarelas que circundam cada um dos oito edifícios feitas de lajota com canteiros para o cultivo de plantas, embora poucos fossem os que tinham ramos ou folhagens indicativas de que são utilizados para embelezar as áreas comuns. Logo após a portaria, na margem da calçada da rua principal do bairro, há diversos bancos de granito distribuídos lado a lado, situados em uma altura a partir da qual os seus usuários podem descansar enquanto apreciam o movimento da via pública, cujo ângulo permite visualizar, de um lado, parte da Zona 1, e do outro, o início da Zona 3. Os funcionários do conjunto residencial quase não são vistos, limitando basicamente à figura do porteiro, que não utiliza farda em seu expediente, misturando-se facilmente entre os moradores por não haver nenhuma indumentária que o diferencie além do fato de passar parte do dia dentro da cabine ao lado do portão principal de pedestres.

Durante as manhãs, nos dias úteis, pode ser visto um movimento razoável de moradores saindo a pé, caminhando para o ponto de ônibus localizado na calçada do prédio, entre os quais se veem muitos jovens, que parecem ter idades entre 15 e 29 anos. Muitos dos mais novos saem com fardamento escolar, outros, sobretudo as mulheres jovens, parecem seguir para seus locais

de trabalho, bem-vestidas, com cabelos arrumados e não raras vezes utilizando salto alto, apesar de estarem a espera das linhas de ônibus que servem para levá-las aos seus destinos. Em torno do meio dia, pouco movimento se vê entre os moradores dos prédios. Com sol forte e com áreas comuns sem cobertura, somente a figura do porteiro é vista em seu posto, que fica de plantão para abrir o portão para quem chega nesse horário do dia em casa. A rotina semanal somente vem a se tornar mais intensa no final da tarde, quando começa a escurecer e muitos moradores retornam dos seus compromissos diários. Contudo, somente em torno das 22h, é que algumas das pessoas vistas saindo de manhã cedo reaparecem, por que suas rotinas combinam turnos que passam pelo domínio do trabalho e a dedicação aos estudos, sejam em nível universitário, seja em nível técnico ou preparatório para concursos públicos.

Há também os mais velhos, entre os quais os adultos em idade ativa e os idosos. A maior parte dos adultos empregados não trabalham no bairro. Muitos são vistos também pela manhã, saindo para trabalhar utilizando o transporte público e caminhando em direção à Av. Norte, seja para apanhar uma das linhas que passam por essa via, seja para cruzá-la para chegar em Casa Amarela, por estar vinculado a algum trabalho no bairro vizinho. Muitos outros moradores ativos no mercado de trabalho saem sem serem vistos na rua principal, porque utilizam seus veículos particulares e saem pela porta da garagem, que permite uma rota diferente daquela frontal, alcançando a entrada do Vasco por meio de uma estreita rua paralela de casas que se inicia nas margens do Alto da Favela.

Entre o final da tarde e as 22h da noite é comum ver grupos de moradores, das mais diversas idades, interagindo na área comum em que estão dispostos os bancos, sobretudo nos finais de semana. Não raras vezes é possível avistar homens bebendo cerveja enquanto jogam dominó e cartas, alguns trajando apenas bermudas, chinelos e camisetas, outros aparecem descalços e sem camisa, indicando uma extensão do comportamento privativo aos apartamentos para os momentos de relaxamento nos tempos livres aproveitados entre iguais. Nas noites de sábado, em dias em que há shows no Clube Treze, muitos dos adultos, entre homens e mulheres, ficam nessa mesma área, consumindo bebidas alcoólicas e petiscos, improvisando uma espécie de camarote com visão privilegiada da rua. Poucas crianças são vistas nesses momentos, apesar de haver sempre aquelas que parecem aproveitar para esticar as brincadeiras para a noite, circulando entre os adultos que se divertem entre si enquanto acompanham a rua principal se converter em uma mancha de lazer frequentada por jovens da periferia, entre os quais não se vê quase nenhum residente do Renascer, embora os condôminos estejam por trás dos muros também curtindo a agitação que o Clube 13 provoca no bairro.

Soube mais tarde que muitos moradores adultos que se divertem no espaço dos prédios quando há shows no Clube 13 afirmam não gostar dos estilos de música predominante tocados nos espetáculos que ocorrem no bairro, especialmente quando se trata do *bregafunk*⁵⁹. A crítica mais frequente é a de que as letras das músicas são de baixa qualidade, depreciativas e fazem apologia ao sexo e ao crime, além dos movimentos da dança associados à batida eletrônica das composições serem exageradamente eróticos, sobretudo por que expõem demasiadamente as mulheres. Em suma, as músicas que tocam no Clube 13 são tidas como uma parte do domínio das más influências que se deve evitar deixar as crianças e os mais jovens gostar⁶⁰.

Na parte de trás do Renascer, onde são estacionados os carros e motos dos condôminos, não há acabamento apropriado para a circulação dos veículos. O chão é feito da mistura de terra e cascalhos e vagas de cada morador não obedece uma norma de sinalização clara. Baseia-se na lógica do hábito e do reconhecimento dos costumes, em que determinado espaço passa a ser associado a um apartamento pela frequência do seu uso. As vagas mais disputadas são aquelas em que há cobertas, que são de zinco e contribuem para o aquecimento da parte inferior. Muitas delas estão enferrujadas, outras aparentemente soltas e claramente oferecem riscos para quem por baixo delas transita. Como é a área mais espaçosa existente dentro do perímetro exclusivo, os adolescentes e as crianças utilizam-na para o lazer, especialmente para jogar bola. Enquanto o dia está claro, pode-se vê-los nesse espaço. Era comum ouvir, a partir do lado de fora dos muros, notadamente se estivesse circundando a área, as mães gritando das janelas dos apartamentos, dando ordem às crianças. Não era difícil escutar chamamentos em voz alta, em um tom misto entre o cuidado e a irritação, emitidos sem constrangimento, principalmente se se tratasse de alertar sobre a entrada de um carro na garagem, para evitar qualquer possibilidade de acidente e atropelamento. Se o portão da garagem for aberto, o jogo tem que ser interrompido. O barulho do motor do carro é o sinal de que se deve esperar quem chega transitar.

⁵⁹ Estilo musical produzido na periferia da cidade do Recife, que, como o nome indica, resulta da junção de dois estilos particulares, o *brega* recifense e o *funk* carioca. A maioria dos jovens que se identifica com esse gênero é estigmatizado entre quem diz não gostar das músicas e dos artistas que participam da cena. Voltarei a falar sobre o *bregafunk* ainda neste capítulo, especialmente para tratar das acusações que circundam um jovem morador do Alto da Favela, frequentador do Clube 13 e que se identifica fortemente com o *bregafunk*.

⁶⁰ Essa síntese da avaliação que os moradores dos prédios fazem acerca do *bregafunk* está ancorada em nível racional de suas respostas as perguntas que a eles eu fiz durante as entrevistas. Contudo, considerando a observação direta e a maneira como os momentos de lazer nos dias de shows ocorrem, pode-se dizer que esse sentido negativo presente em seus depoimentos estão no campo daquilo que “se deve dizer” e não do que efetivamente se passa em suas subjetividades ou no âmbito de suas atitudes mais espontâneas. Não obstante esse comentário, é preciso dizer também que essa percepção mais racionalizada não está presente em todas as narrativas. Há variações na maneira como os moradores dos prédios compreendem o universo que os rodeiam, como ficará mais claro quando discutir seus depoimentos ainda neste capítulo.

Das janelas os adultos, sempre as mulheres, apareciam para garantir a regra, controlando pelo olhar o comportamento dos mais afoitos dispostos a correr em frente ao automóvel.

Dos lugares a partir dos quais eu conseguia observar os prédios não tinha acesso ao que se passava dentro dos apartamentos. A minha presença dentro das casas veio a ocorrer somente mais tarde. Entretanto, seria ingênuo acreditar que o que pude observar ocorria da mesma maneira nos tempos de minha ausência dentro de suas casas. A minha presença em um apartamento certamente afetava todo o arranjo, condicionando em maior ou menor grau as interações que ocorriam entre quem eu entrevistava e os demais residentes. Quando passei a buscar efetivamente conhecer os moradores, entrevistá-los dentro de suas moradias, minha pretensão não era, de todo modo, obter uma material *in situ* a partir do qual pudesse derivar uma descrição densa das relações e práticas domésticas. Minha intenção apreender a maneira como os moradores responsáveis por unidades residenciais, assim identificados não apenas por se autodenominar como donas de casas ou chefes de famílias, mas, especialmente, por assim serem reconhecidos na comunidade de condôminos, concebem a vida que levam na Zona 2, pensam sobre o seu entorno e compreendem o Vasco da Gama.

A estratégia adotada especificamente nesse contexto foi a de realização de uma *snowball* (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSNAJDER, 1999), explorando o condomínio de acordo com as indicações que cada morador me fizesse de outra pessoa do conjunto residencial, até que fosse obtidas informações suficientes para apreender como eles refletem sobre a sua própria condição de morar em um bairro popular a partir de um conjunto residencial de origem privada que, nessa parte do bairro, figura como uma condição privilegiada, especialmente se comparada aos tipos de moradia existentes em seu próprio entorno⁶¹. Ao mesmo tempo, buscando entender o que os condôminos pensam sobre as suas vizinhanças, cujo sentido não delimita a priori aos moradores do Alto da Favela, pude entender como a visão que eles têm do bairro transita por uma negociação da realidade que têm no âmbito dos conflitos - por que passam ou que supõem estar sujeitos a passar - o fio que ordena os significados que conferem ao modo de vida que levam.

⁶¹ Esse procedimento metodológico não implica obter um número elevado de indivíduos para a composição da amostra que permita inferências de caráter probabilístico de suas perspectivas, de suas práticas ou de suas inquietações. Seguindo Alves-Mazzotti e Gewandsnajder (1999, p. 163), ao adotar a bola de neve como uma estratégia para a realização da pesquisa com os condôminos, procurei atingir “um ponto de redundância” a partir do qual não mais se justificaria a inclusão de novos elementos para analisá-los.

3.4 Um morador previamente conhecido

Se por um lado tinha consciência que podia contar com a intermediação de dona Jô para adentrar no circuito dos moradores do Renascer, entre os quais haviam alguns dos seus conhecidos, circunstâncias promovidas por estar realizando a pesquisa no bairro em que cresci proporcionaram outras rotas de acesso que se mostraram tão frutíferas quanto aquela que já estava assegurada. De um lado, dona Jô interveio acionando dois moradores do conjunto residencial, a partir dos quais pude encontrar mais pessoas disponíveis para a realização de entrevistas. Por outro lado, para minha surpresa, enquanto estava realizando a observação no entorno do Renascer, encontrei uma pessoa previamente conhecida, cujo percurso o levou a se tornar parte da comunidade de moradores dos prédios, tornando-se importante nessa e em outras fases do trabalho de campo. Trata-se de Robson, um instrutor de artes marciais com quem tive aulas entre a infância e a adolescência, enquanto frequentei a academia em que ele trabalhava, que se localizava nas proximidades da Zona 4. Devido à confiança preestabelecida entre nós e por ele agora morar no conjunto residencial que buscava explorar, Robson passou a ser um informante privilegiado, por que suas considerações sobre o lugar em que vive e sobre o seu entorno passaram a contribuir para a contextualização e compreensão das diferentes perspectivas que emergiam tanto a partir do condomínio quanto das áreas a sua volta. Por isso, antes de entrar na análise das entrevistas feitas com os moradores do Renascer, discorro brevemente sobre o papel de Robson no Vasco da Gama, justificando a sua entrada em cena, facilitando, como dona Jô, o desenvolvimento do inquérito entre os condôminos.

Robson é um homem negro, de estatura baixa, e tem 47 anos de idade. Ele me conheceu quando eu tinha aproximadamente 12 anos de idade. Não nos víamos há cerca de 10 anos até nos reencontrarmos durante o momento em que observava a rotina do conjunto residencial em que ele atualmente mora. Tínhamos nos distanciado em virtude do afastamento que o percurso que trilhei, após entrar na universidade, produziu entre mim e os espaços locais. No período em que fui seu aluno, Robson comparecia ao Vasco da Gama três dias por semana, quando ia para ministrar aulas na academia que eu frequentava. O bairro era, para ele, o lugar em que se situava o seu local de trabalho. Ao vê-lo com os moradores dos prédios, percebi que a sua relação com o bairro se expandiu, conforme aos poucos ele me contou.

Ainda quando estava olhando de longe o cotidiano do Renascer, o avistei na porta principal conversando com seus vizinhos. Apesar de fazer aproximadamente uma década que havíamos nos encontrado, no dia em que ele me viu nas proximidades da sua casa, não hesitou

em vir até mim, com um semblante alegre e surpreso, contente por me reencontrar ali. Parecia impressionado por me rever, agora em idade adulta, depois dos anos em que não nos falávamos. Ele sabia que eu não morava mais no Vasco da Gama, que tinha seguido carreira universitária e pensava, na ocasião, que estava ainda morando no Rio de Janeiro. Como ele me tinha entre seus contatos no *Facebook*, disse-me que sabia um pouco sobre o que tinha acontecido comigo por que acompanhava a minha “linha do tempo”, embora não comentasse “por que já fazia tanto tempo [que tínhamos nos falado] que não queria parecer intrometido”⁶². Como eu mesmo estava surpreso por reencontrá-lo, não pensava que dali em diante ele se tornaria um informante importante, como dona Jô, na facilitação do acesso ao residencial e a outras partes do bairro. Por isso, em um primeiro instante, a nossa interação esteve fixada em um plano menos racionalizado, descolado dos interesses da pesquisa, relacionando-se unicamente com a esfera das memórias que compartilhávamos acerca das experiências passadas.

Com o passar do tempo, por se tornar habitual nos encontrarmos, a minha presença no Vasco da Gama deixou de ser por ele presumida como uma visita à cidade, aos amigos e aos familiares residentes no bairro. Ele ainda não tinha consciência do que eu fazia de volta ao Vasco. Quando o expliquei que estava interessado em realizar uma pesquisa sobre o bairro e seus moradores, tentando entender as dinâmicas locais, as trajetórias e as experiências por que podem passar os residentes situados em diferentes vizinhanças, ele passou a se interessar pelo que começava para ele ganhar sentido, confessando-me que muitas vezes se percebia refletindo sobre a vida dos jovens que com ele hoje continuam a ter aulas em sua academia. Saber sobre os meus interesses o fez ter expectativas que, de algum modo, o que eu viesse a escrever trouxesse visibilidade para “os problemas do bairro”⁶³, que precisavam ser mostrados para que “alguém olhasse pro que acontece com os jovens”. Não obstante esse anseio surgir em um primeiro momento, não era isso que levou Robson a colaborar ativamente comigo durante a fase do trabalho de campo na Zona 2. Ao longo do tempo, quando já esclarecido os limites da

⁶² As atividades virtuais, sobretudo em redes sociais como o *Facebook*, ao longo da pesquisa, tornaram-se importantes meio para que eu pudesse buscar dados sobre as pessoas entrevistadas, especialmente aquelas que eram previamente conhecidas, com quem eu tinha tido algum tipo de relação no passado. Da mesma maneira, como essa passagem indica, os moradores que passaram a fazer parte da amostra que já tinham proximidade comigo ou com minha família tinham informações antecipadas a meu respeito, o que muitas vezes emergia em nossas entrevistas, não raras vezes me surpreendendo porque enquanto minhas informações circulavam entre eles, em minha página quase não apareciam as suas publicações. Quando percebi que acessar suas contas poderia auxiliar na contextualização de suas vidas, de seus pontos de vista e me capacitar para estar ciente dos acontecimentos por que passaram, passei a acompanhá-los mais detidamente nesses espaços.

⁶³ Frases como “se é pra teu trabalho, claro que a gente conversa” ou “se eu puder te ajudar, se for pra tu seguir em frente, pode contar comigo”, foram diversas vezes registradas entre pessoas previamente conhecidas que passaram a integrar a amostra da pesquisa e que, em maior ou menor grau, facilitaram, como Robson, o acesso a famílias e moradores com os quais antes não possuía nenhum contato.

pesquisa, a sua abertura se dava em uma chave relacionada à ideia de que estava me ajudando a ir ainda mais longe em minha trajetória, especialmente em um registro que tem no domínio do trabalho um valor central, especialmente por me conceber, como ele me disse, como um daqueles jovens que “se esforçam, que querem um futuro melhor”.

Desde nossa primeira conversa, Robson se ofereceu a me ajudar, dispondo-se a entrar em contato com moradores que integram suas redes de relações para convidá-los a participar da pesquisa, concedendo-me entrevistas sobre o que tinham a dizer sobre o Vasco da Gama. Embora ele ainda não estivesse ciente, para mim era mais uma oportunidade de adentrar no circuito dos residentes do Renascer, especialmente por que entre eles Robson gozava de uma posição de prestígio, por ser um dos moradores mais conhecidos tanto dentro do condomínio quanto em seu entorno. Isso porque o ensino de artes marciais no Vasco da Gama marcou uma geração dos seus moradores, em virtude da presença no bairro de um atleta de nível internacional que se tornou campeão mundial na modalidade esportiva do Tae Kwon Do. Com a ascensão desse atleta, que hoje mora nos Estados Unidos, Robson começou a expandir no bairro outras modalidades de artes marciais, reunindo em torno de si outros profissionais que passaram a conduzir a preparação de novas gerações de atletas na periferia do Recife em sua academia. O seu ginásio é por isso reconhecido como uma das principais instituições especializadas em artes marciais na cidade e ele, por isso, tornou-se uma personalidade no Vasco da Gama. Não obstante o reconhecimento que a visibilidade do espaço lhe trouxe, a percepção nativa de que os jovens que frequentam a sua academia não se envolvem em atividades ilícitas, por que impedidos devido às regras do espaço, proporciona a Robson e aos demais membros da instituição reconhecimento social e prestígio.

Atualmente Robson mora em um apartamento no terceiro andar de um dos prédios do Renascer, para onde se mudou em 2010. Para ele, “ter um apartamento [ali] é um privilégio”, porque, “além de ser um lugar seguro, fica muito perto da Av. Norte, do comércio e da academia”. Anteriormente, Robson morava próximo ao bairro do Arruda, numa localidade entre Recife e Olinda. Embora o Arruda seja visto pelos recifenses como um bairro melhor para viver do que o Vasco da Gama e suas adjacências, especialmente por estar mais próximo do centro da urbe, mudar-se para o Vasco não foi uma experiência para ele negativamente vivida, na medida em que, como trabalhava no bairro já há alguns anos e estava familiarizado com os moradores, participando de redes de relações locais densas com as quais se identifica, o sentido de ir para o bairro trouxe para sua existência um sentido positivo, como ele próprio conta:

Eu vinha sempre aqui pra dar uma aulas naquela academia em que tu treinava. Eu achava o bairro um lugar tranquilo, em que eu moraria sem problema. Fiz muita amizade aqui, rápido, antes de vir pra morar. Às vezes vinha dar aula de noite e chegava muito tarde em casa, porque ficava conversando com os pais dos alunos na frente da academia. Sempre me senti bem por aqui. Quando eu decidi deixar de pagar aluguel, foi quando organizei minhas contas pra pegar um empréstimo, financiamento, pra comprar um lugar pra mim. Precisava ter uma coisa minha, uma garantia. Como me sentia bem aqui, comecei a procurar por aqui. Ainda não tinha a academia, mas já pensava em ter. Conseguí esse apartamento aqui. Foi uma sorte, né, porque é difícil ter apartamento nesses prédios pra vender. [...] Ninguém quer sair daqui. [...] A maioria das famílias são organizadas, vivem direitinho, tem seu carro, seu trabalho. A maioria. Claro que tem uma ou outra com problemas. Mas não tem confusão, gente brigando, barraco, sabe? [...] Quando cheguei aqui, pra morar mesmo, não parecia que tava começando do zero, já me sentia em casa. Era conhecido das pessoas. Foi uma boa escolha. [...] Comecei a estar mais presente na vida dos meus alunos. Tem muito menino esforçado aqui, mas tem muito que não tem base nenhuma, a família nem tem como ajudar, moram em áreas péssimas, com problemas, violência. [...] Muito aluno lá da academia prefere tá lá no treino do que tá em casa, porque em casa é só problema. Na academia a gente se diverte, se distrai. A gente leva a sério também. Tem rotina de treino. Não é brincadeira. Tem disciplina. [...] Tem uns que são bons, vão longe. Dois estão hoje nos Estados Unidos, treinando lá, competindo. Se deram bem por causa do esporte. Hoje até ajudam as famílias. Acho que tu conhece um deles (Robson, 47 anos, Zona 2).

Não é por acaso que ele é conhecido como Mestre Robson, não apenas em referência à sua posição no campo das artes marciais, mas por causa do papel que desempenha sobre a vida de jovens do bairro e da periferia mais ampla. Isso faz com que seja admirado e respeitado entre muitos moradores, que reconhecem a importância do seu papel atuante sobre a educação e a orientação dos jovens, especialmente entre aqueles situados em contextos socialmente vulneráveis⁶⁴, em grande medida condicionados por sociabilidades violentas (MACHADO DA SILVA, 2004) que possibilita a emergência da criminalidade como rota de acesso a recursos como o dinheiro e o poder (ZALUAR, 2012). Nesse sentido, mais significativo para sua facilidade em circular entre os moradores e recrutá-los, convidando-os para concessão de entrevistas, não é a sua posição socioeconômica estruturada a partir da posse da academia em si, mas pelo fato de que suas ações lhe permitem flutuar por diferentes zonas, quer entre seus pares do condomínio, quer entre os vizinhos mais próximos e mais distantes à sua casa.

Arrisco dizer que quase todo mundo me conhece por aqui. Dei aula pra filho de muita gente. Tenho ex-aluno que agora é PM, outros que hoje são professor também, a maioria nasceu e cresceu aqui. Mas infelizmente tem aqueles que se perderam, né? Que se envolveram com o que não devia e hoje não tenho mais notícia. É uma pena,

⁶⁴ Embora seja um espaço privado, a academia de artes marciais recebe muitos rapazes sem recursos financeiros, para os quais são atribuídos descontos e eventualmente bolsas, para aqueles que apresentam bons desempenhos escolares, bom comportamento público e bons resultados para a academia nos campeonatos de que ela regularmente participa.

mas é a verdade. Tem gente que quer as coisas fácil e entra nessa onda (Robson, 47 anos, Zona 2).

A reaproximação a Robson significou para a pesquisa abrir caminho para diferentes espaços habitados no Vasco da Gama, sobretudo para aqueles mais fechados, seja por que situado numa área exclusiva, como o caso do Renascer, seja por que referidos a vizinhanças ou locais frequentados por grupos com os quais anteriormente não tinha qualquer tipo de relação. Encontrar Robson em seu apartamento, evidentemente, era uma oportunidade para começar a circular entre os condôminos. A partir das indicações feitas por ele e por dona Jô e sua família, as portas do conjunto residencial foram abertas em duas direções, que me permitiu realizar entrevistas com dez residentes, entre os quais incluo Robson, que tanto mediou quanto contextualizou algumas das informações que me foram concedidas pelos seus vizinhos, colaborando para a análise da Zona 2, portanto.

3.5 O bairro pelas janelas dos apartamentos: percepções e significados

A primeira vez em que entrei nos prédios foi em visita ao apartamento de Robson. Ele tinha combinado um encontro com um dos seus vizinhos, que poderia, segundo ele, sentir-se à vontade para realizar uma entrevista para a pesquisa. Circulando por dentro dos edifícios, por corredores que ainda não sabia como estavam organizados, pude visualizar mais de os apartamentos. Sempre com as portas fechadas, mas não necessariamente trancadas, é possível ouvir algumas famílias conversando quando estão no cômodo mais próximo da entrada dos seus apartamentos. Apesar da minha intenção ser a de entrevistar moradores que pudessem falar tanto sobre o lugar em que mora quanto sobre o bairro, estar circulando entre os imóveis permitia adquirir dados que viriam corroborar as impressões e preencher de significado algumas cenas que me foram narradas.

Procurei entrevistar pelo menos uma pessoa de cada um dos prédios, seja homem ou mulher. As mulheres aparentavam ter interesse e disponibilidade, mas suas demandas de trabalho dentro e fora de casa muitas vezes inviabilizava a passagem por todo o roteiro das entrevistas, pelo escasso tempo livre de que usufruem. De acordo com as anotações feitas em meu diário de campo e com os dados obtidos nas entrevistas realizadas com os moradores que Robson e dona Jô acionaram, é possível caracterizar alguns dos eixos centrais que sustenta a representação que os moradores do Renascer têm do Vasco da Gama.

A maneira como eles percebem o bairro está relacionada em grande medida às experiências sociais que os condicionaram e contribuíram para que estivessem dentro das classes populares a partir de uma condição diferenciada dos seus pares. Como a maior parte dos moradores dos prédios não são originários do Vasco da Gama, o bairro é, para eles, fundamentalmente compreendido como o lugar em que (re)constituíram suas vidas e em que o domínio da vida familiar foi estabelecido. Isso soaria algo óbvio não fosse o fato desse significado estar ancorado, por um lado, em aspectos positivos quando falam sobre a vida *nos* prédios — compartilhamento de vínculos afetivos, de estar inserido em relações densas com seu agregado familiar e sentir/exprimir orgulho por morar em um condomínio fechado — e, por outro lado, negativos, denotativos de uma série de anseios, indignações e insatisfações sobre o ambiente que se forma por fora dos muros do conjunto residencial. O impacto disso sobre a definição das suas relações com o bairro, especialmente com as zonas distantes da entrada do Vasco, é a da demarcação de distâncias que frisam as diferenças entre eles e os demais habitantes, de modo que dimensões importantes da vida social, como trabalho, educação e usufruto de tempos livres, estejam assentadas em expectativas de frequência a lugares externos ao bairro e à periferia em que moram.

O quadro a seguir apresenta trechos de entrevistas exemplares nesse sentido, em que alguns condôminos, ainda que demonstrem gostar de morar nos prédios, revelam motivações que os conduzem à procura de espaços afastados do seu local de moradia, principalmente em função de não se sentirem totalmente integrados aos tipos de sociabilidade e de práticas existente no Vasco da Gama:

Quadro 3 – Condôminos: motivações para trajetos externos ao bairro

Morador(a)	Percepções
<p>Ana Márcia, 39 anos. Dona de casa.</p>	<p>- Eu sou evangélica, mas não frequento nenhuma Igreja daqui. Já fui pra algumas, mas não gostei. Eu vou só pra Assembleia da Cruz Cabugá [região central da cidade];</p> <p>- Eu não tô trabalhando agora. Tem gente que mora e trabalha aqui no Vasco, principalmente lá em cima [referência à Zona 3]. Mas, sei lá, eu não procuraria [um trabalho] por aqui. Pra mim, trabalhar aqui no bairro é só pra quem tá precisando muito.</p> <p>- Eu falo com todo mundo. Mas amizade mesmo eu não tenho. Os vizinhos eu cumprimento sempre que vejo. Mas não quero ninguém socado na minha casa. Minha casa é meu cantinho, que eu adoro, recebo só gente selecionada, né? [risos]. Robson mesmo, eu não conhecia até meu filho entrar na academia dele. Ele já veio aqui em casa. Mas antes nem sabia que morava aqui do lado. [...] Meus amigos são todos de fora do Vasco.</p>
<p>Alberto, 41 anos. Servidor público.</p>	<p>- Minha vida é assim, de noite eu tô em casa. De dia, todo dia, tô no meu trabalho. Fim de semana, quando saio, pego meu carro e vou pra fora. Junto todo mundo e levo pra uma praia, pra João Pessoa, Natal. No Vasco eu não quero conversa. Você tá ali se divertindo e de repente pode acontecer alguma coisa e sobrar pra você. Esse pessoal, não é preconceito meu não, é a verdade, esses caras que vêm aí pro Treze, só querem confusão, esperam só um motivo pra querer uma briga. Eu evito.</p> <p>- Eu torço pro Náutico [clube de futebol]. Dia de jogo, fico em casa não. Vou sempre, se não der pra ir, quando saio do trabalho, paro em algum bar pra assistir tomando uma [Assiste em algum bar aqui do Vasco?] Tu é doido! [risos]. Dia de jogo, isso aqui é um inferno. O povo é sem noção. Qualquer bate-boca um puxa uma arma e a merda tá feita. Dá pra mim não. [...] Aqui atrás, nessa rua de trás, eles colocam uma TV na rua quando tem jogo. Eu assisto da janela da minha casa, se for preciso, mas não vou lá. É como diz o ditado: quem anda com porco, farelo come.</p> <p>- Esse apartamento foi uma vitória. Eu comprei à vista. Tinha uma ação na justiça rolando há tempos, de um rolo no meu antigo trabalho, aí ganhei. Oxe, não foi muito dinheiro não, mas eu tinha um guardado, porque minha mulher já dizia que a gente tinha que ter nosso canto, pra parar de pagar aluguel. Quando a gente veio aqui, ela adorou. Sempre quis morar em apartamento. A gente adora isso aqui. Os vizinhos [do prédio] são gente boa, todo mundo aqui se respeita. O que traz problema pra nossa cabeça é o que quem mora aí atrás faz, né? Joga lixo aí na frente, quando bebe, suja a rua toda. Isso é o de menos. Pior é quando tava tendo briga de galera na saída do Treze. Pareciam um bando do bicho. Lamentável.</p>
<p>Carlos, 28 anos. Técnico em Enfermagem</p>	<p>- O Treze aqui na frente, eu nunca entrei. Nada contra. Só não é meu estilo. Quando eu saio, pros lugares que eu gosto de ir, eu vou pra boate, pra um barzinho, pra algum lugar pra comer uma coisa diferente. As coisas que eu gosto não tem por aqui. [...] Outra coisa é que eu sou gay, né, dá pra perceber [risos] e aqui não tem nenhum lugar que eu vá e me sinta à vontade. Os homens daqui, não todos, mas a maioria fica reparando. Se passar um homossexual na rua que eles sabem que é gay, já chamam de viado, sabe? Odeio essas coisas. Comigo nunca aconteceu, mas se acontecer, eu vou fazer o quê? Eu sozinho não vou tirar satisfação.</p> <p>- Aqui no Vasco eu só descanso. Eu digo pra minha mãe, ‘mãe, não me ligue não que eu vou estar desmaiado amanhã o dia todo no meu quarto’. Quando eu tô em casa, eu aproveito pra descansar. Meus amigos não moram por aqui, não tem nem perigo de chegar alguém de repente me chamando. Todos moram fora daqui. [...] A gente tem que andar com quem pode acrescentar alguma coisa boa na sua vida, né, não com quem fica puxando a pessoa pra trás.</p>

Fonte: O Autor, 2020.

Os três moradores destacados nesse quadro se conhecem. Ana Márcia foi convidada por Robson a participar da pesquisa, segundo ele porque ela se “preocupa muito com o filho e não deixa ele solto na rua, porque não gosta do Vasco”. Alberto foi mencionado por Ana Márcia quando lhe pedi o nome de mais alguém que ela considerava que cuidava bem dos filhos e ela, apesar de dizer que seus amigos são externos ao contexto do Vasco, recordou desse morador, que é pai de um amigo do seu filho. Carlos, que sabe quem são Alberto e Ana Márcia, foi contatado por meio de Bruna, filha de dona Jô, que o conhece por que ele já esteve envolvido em um relacionamento amoroso com um dos seus amigos da faculdade, não residente no bairro. Mesmo que cada um deles tenha um perfil distinto, pesando sobre suas atitudes e percepções dimensões tão diversas quanto a crença religiosa, a orientação sexual, a subjetividade política etc., há em comum entre eles a valorização, por diferentes meios e de diferentes formas, da sua condição de moradia. A vida no condomínio, para cada um deles, é positivamente avaliada, especialmente por que o caráter privativo lhes garante a distância do universo de itens que associam à realidade local. Além disso, há sintonia também na maneira como tendem a desclassificar elementos dessa realidade em que estão inseridos, seja por que, como nos casos de Carlos e Alberto, podem abrir caminho para situações de violência e agressão física, seja por que, no caso de Ana Márcia, percebe-se numa condição que implica certa distância daqueles que moram fora dos prédios.

Robson explicou-me depois, apesar de não compartilhar com ele as informações que me era concedidas, que Ana Márcia tinha um temperamento difícil, que se desdobrava sobre o seu filho, que ele percebia como um “adolescente cheio de traumas”. Ele associa as dificuldades de sociabilidade que o jovem tem com outros frequentadores da sua academia ao fato de Ana Márcia já ter proferido insultos contra uma pessoa negra residente no Alto da Favela, que passava próximo dela vestida de branco. “Ela olhou para o rapaz e disse, ‘tá repreendido’ e o rapaz ouviu... aí deu um fora nela”, o que foi suficiente para que ela, que já era vista como uma “evangélica radical”, carregasse o estigma de preconceituosa e racista.

Assim, eu não sou branco, mas ela nunca me tratou mal. Ao contrário, sempre me tratou bem. Mas quando fiquei sabendo dessa história, que foi verdade, muita gente viu, fiquei surpreso. Até porque até aí nunca nem tinha reparado que ela era evangélica. Mas isso porque eu sou desligado. Agora eu sei que ela não corta o cabelo, não usa calça, não usa maquiagem. É radical. Mas cada um acredita no que quiser. [...] Eu tenho pena é do menino, que não entende nada e fica no meio disso tudo. Se a mãe for racista ou não gostar de pobre, ele não tem nada a ver com isso. Aí lá na academia eu já falei pros meninos, pros que moram aqui no Alto, que ele não tem nada a ver com a mãe, porque eles sabem quem é ela porque ela leva ele nos dias de

aula. Os meninos tratam ele bem. Mas se ela tiver lá, eles acabam não querendo ficar perto dele. Eu até entendo, mas tento aproximar (Robson, 47 anos, Zona 2).

Alberto, que é funcionário público estadual, tem dois filhos, um deles da idade do filho de Ana Márcia. Para ele, o filho dela deve passar “maus bocados”, porque “claramente ela têm problemas”. No entanto, isso não é algo que torne o convívio entre as crianças um problema. “Eu até deixo meu filho ficar lá na casa dela”. Ele conta que, apesar de saber do conflito em que ela se envolveu, “isso não é nada pro que é realmente problema por aqui”. Como nos trechos de suas entrevistas destacados no quadro anterior, a leitura que ele faz da realidade local propõe que os momentos de lazer dos moradores podem dar lugar a contextos conflituos e violentos, especialmente devido a maneira como os homens tendem a reagir, segundo seu ponto de vista, nessas circunstâncias. Como ele pressupõe os riscos que isso pode trazer para quem estiver presente em uma configuração de conflito deste tipo, não apenas evita frequentar os lugares existentes no bairro, mas impede também que seus filhos e sua esposa estejam expostos a qualquer tipo de perigo.

Como detém estabilidade econômica em virtude de ser servidor público, sempre que possível, aproveita para levá-los em pequenas viagens pelo estado ou na região nordeste, sempre se locomovendo no carro da família. “Tem gente que gasta demais com celular, com essas porcarias, e não dá valor a isso que eu dou”, ele diz, lembrando que entre “muita gente pobre, andando de ônibus, já vi com esses telefones caros”. Alberto pensa que “saber dar valor às coisas certas” é o primeiro passo para “sair do buraco”. Buraco, nesse caso, não é somente uma metáfora referida às dificuldades financeiras, mas também uma forma dele apontar para o que considera ser os “piores lugares” do bairro:

Eu me pergunto, ‘como é que pode a pessoa tá com um *Iphone* e não ter dinheiro pra fazer uma feira?’ Pra mim, isso é um absurdo, e é irresponsabilidade se for uma pai de família. Aqui em casa, minha mulher e eu somos assim, primeiro a gente garante a comida, o dinheirinho da poupança, depois a gente pensa, se sobrar, vai ser pro passeio. Com os meninos nessa idade, passear é necessidade. Eu penso assim. Eu tive filhos tarde comparado aos meus amigos. Só vim ter depois que tinha um trabalho certo. Quando veio, veio um atrás do outro, rapidinho. Eu não quero eles por aí pela rua. Eu controlo. Mas pra conseguir, não posso só ficar gritando. Tem que saber a manha [o traquejo], tem que dar a ordem, mas tem que levar pro cinema, tem que dar o presente quando tão merecendo. E assim vai. É um jeito também deles verem que eu não deixo ir pra rua não é por implicância. Eles sabem o que pode acontecer por aí. Eles sabem... (Alberto, 41 anos, Zona 2).

Alberto faz parte da parcela de condôminos adultos ativos no mercado de trabalho, responsáveis economicamente por agregados familiares dos apartamentos. Exceto Robson, ele e todas as outras pessoas ocupadas com quem pude conversar, em entrevistas e em circunstâncias interativas não integralmente controladas, tinham seus destinos laborais apontados para fora do bairro, distribuindo-se entre localidades próximas do centro da cidade, das adjacências de Casa Forte e em, em menor número, da Zona Sul do Recife. Seus trajetos urbanos os expõem a experiências em contextos de classe diferentes dos seus, o que implica para eles a obtenção de parâmetros comparativos e tipo de reflexividade distinta daquela percebida dos seus pares que refletem mais detidamente ao universo de experiências plurais e contraditórias circunscrita às gradações das classes populares existentes no contexto social territorializado da zona e da periferia em que moram⁶⁵.

Nesse caso, enquadra-se também o condômino Carlos, que em sua profissão, exercida dentro de um grande hospital particular do Recife, convive com membros de outras classes sociais, tanto como pacientes quanto como colegas, especialmente médicos, com os quais diz ter amizade. Quando Carlos afirma que não há no Vasco da Gama lugares com os quais se identifica e, ao mesmo tempo, caracteriza que tipo de espaços procura frequentar, aponta para um trajeto que está apto a fazer que passa ao mesmo tempo pelo circuito LGBT do qual participa, como as boates, e por um universo de consumo que se aproxima de experiências que tem nas dimensões estéticas e estilísticas da apreciação seus fundamentos, em detrimento do prazer pela função daquilo que realiza. Para ele, a crítica ao comportamento dos homens que “chamam homossexuais de viado” está ancorada não apenas na demonstração da agressão que isso supõe, mas também da percepção de que isso rompe a barreira do bom-senso, do respeito e das boas maneiras. Não por acaso Bruna, a filha universitária de dona Jô, contou-me que ele é uma pessoa caseira, que “pensa muito no futuro e que só se relaciona com pessoas inteligentes”, o que explica a sua postura distanciada frente ao universo sociocultural que circunda o condomínio em que reside, como ele disse: “nada contra, só não é meu estilo”, o que pressupõe que o estilo do seu gosto acompanha expectativas de consumo que não correspondem àquilo que é ofertado no Clube Treze, em frente à sua casa, por exemplo, que ele nunca chegou a frequentar.

A avaliação dos condôminos ocupados que frequentemente circulam por outras partes da cidade e evitam cultivar maiores vínculos no Vasco da Gama oferece pistas para refletir sobre as maneiras por meio das quais as suas identidades são forjadas. Além do caso de Carlos,

⁶⁵ Para uma excelente discussão sobre tipos distintos de reflexividade, ver, sobretudo, Caetano (2016).

que indicou a ausência de estabelecimentos comerciais mais refinados para o seu gosto e apropriados para o universo de gênero com o qual se identifica, outros moradores dos prédios frisaram aspectos interessantes para compreensão da maneira como o bairro é por eles percebido. Considerando as experiências por que passam ao transitarem entre a periferia e outros bairros, sobretudo por áreas que gozam de melhor infraestrutura, maior oferta de serviços e espaços de sociabilidade mais plurais, não surpreende que eles atribuam significados ao contexto exterior ao Renascer e ao território em geral assinalando uma série de ausências que precisam ser suprimidas e traços que devem ser modificados para que o bairro atenda às suas expectativas sobre o que é um bom lugar para viver. O quadro a seguir, que relaciona o morador à região e ao bairro em que mais frequenta em virtude de nele trabalhar, destaca respostas interessantes nesse sentido:

Quadro 4 – Percepções de condôminos ocupados fora do bairro sobre o Vasco da Gama
(continua)

Morador(a)	Local de Trabalho	Percepções
Fabício, 39 anos. Gerente comercial.	Outro lado da Av. Norte. Bairro: Casa Forte	Aqui no Vasco falta muita coisa. O pior é segurança. Falta segurança aqui. Raramente você vê a polícia passando. Às vezes tinha blitz, aí era uma coisa linda. Um monte de maloqueiro andando de moto tendo que parar e dar satisfação, andando todo errado, não respeitam ninguém. [...] Onde eu trabalho não falta nada, né? Ali tem tudo: supermercado, banco, praça, shopping. Tem polícia também. Lá tem segurança, né? É bairro de rico, claro que vai ter policiamento. [...] No Vasco, aqui acontece aquelas coisas, né? De vez em quando chega a notícia, ‘mataram um ali em cima’. Eu nem me surpreendo. Aqui nos prédios nunca aconteceu nada com ninguém não, nunca soube. Tem esse pessoal aí de trás, sempre tem umas figuras que você olha e desconfia que deve ser metido com coisa errada. Mas aqui nunca mexeram não. Perturbam porque brigam entre eles. O ‘pau come no centro’ e só para se alguém intervir, separar. Se for esperar chegar polícia, vixe, ia ter fim não.
Vânia, 34 anos. Receptionist a	Centro do Recife. Bairro: Boa Vista	Lá na Boa Vista é aquela agonia. Eu quase não sinto porque quando tô lá, fico dentro do escritório. Fico o dia todo numa sala fechada com ar condicionado. Só saio pra almoçar e pra vir pra casa. Eu acho que aqui é melhor de morar, né? Lá no centro de noite é um esquisito danado. Chega ando com medo de ser assaltada ou coisa pior. Agora o que lá não falta é ônibus. Tem ônibus pra todo lugar que você quiser. Se for pra Olinda, tem. Se quer ir pra Boa Viagem, tem. Se for pra Caxangá, aí é que não falta. É um atrás do outro. Aqui até tem pro centro, mas, se quiser ir numa praia, até aqui mesmo, em Boa Viagem, você não consegue ir. Tem que pegar dois ônibus. Sai caro e só de pensar no tempo que vai levar pra chegar lá, oxe, eu volto pra cama. Nem saio.
Alberto,	Zona Sul	Rapaz, é o seguinte. Quem mora aqui no Vasco há algum tempo sabe que aqui tem muita coisa. Comércio, lugar pra tomar uma cerveja, pra se divertir, isso aqui não falta. Mas aí se você pensar em coisas que a população precisa mesmo, tu percebe que é um descaso. É porque aqui em casa a gente tem plano de saúde, mas se um pobre

41 anos. Servidor público.	do Recife. Bairro: Pina	aí precisar de um médico no posto, oxe, vai morrer e não é atendido a tempo. Eu já fui no posto daqui tomar vacina, atualizar antitetânica. Tinha uma mulher lá tentando marcar um médico pra ela. Só ouvi a funcionária dizendo que não podia porque não tinha mais ficha. Aí perguntei, depois, pra conseguir um médico aqui tem que chegar de que horas? Aí a funcionária, toda ignorante, ‘tem que madrugar aqui meu senhor, e ter sorte de pegar a ficha comigo’, mais ou menos assim. Agora quando é ano de eleição, aparece político prometendo o mundo. Não fazem nada por isso aqui não. [...] Esses prédios mesmo, isso aqui só funciona por que quem mora se organiza, quando quebra um coisa, resolve logo e tem regra. Tem que ter regra. Mas vai aí em uma rua dessas, de gente pobre mesmo. Os canal tudo abarrotado de lixo, rato correndo no meio da rua. Eu até sinto pena, mas também o povo não se ajuda. Tudo desorganizado. Só se ajudam pra fazer o que não presta.
----------------------------------	----------------------------	--

Fonte: O Autor, 2020.

As perspectivas que denotam o bairro como um contexto social em que é preciso haver melhorias em termos de urbanização e de serviços públicos e privados essenciais está precisamente atrelada às experiências sociais a que esses respondentes estão acostumados a experimentar em virtude dos seus trajetos na cidade (TELLES, CABANES, 2006). Ao circularem por outros lugares, incorporando, pelas experiências por que passam, as estruturas neles existentes, os moradores que estão inseridos em percursos que contribuem para o desenvolvimento de competências reflexivas, que os fazem avaliar a realidade que os circunda quando pensam sobre seus movimentos entre a periferia e as localidades mais centralizadas da urbe, tornam-se mais críticos em matéria de apreciação da condição de vida que levam. Se por um lado parecem aptos a relativizar e ponderar sobre o que poderia ser modificado no quadro em que se veem inseridos, também podem acabar tendo a si mesmos como imagem idealizada a ser seguida.

Quando conversava com Robson sobre os seus vizinhos do Renascer, especialmente sobre aqueles que ele tinha mediado a relação, muitas vezes, era esclarecido que alguns deles de fato não se aproximavam dos espaços de sociabilidade e das pessoas que moram no Alto da Favela. Entretanto, desconfiado de que algumas respostas que me eram dadas estavam antes associadas ao que consideravam “correto” dizer do que ao que pensam, procurei apanhar as suas entrelinhas por meio do que Robson me esclarecia acerca dos mal-estares e indisposições dos condôminos em relação ao Alto da Favela. Em linhas gerais, Robson me alertava que dificilmente seria presenciado um conflito direto entre os grupos vizinhos, mas que, na medida em que a discussão se desenrolasse em torno de algo considerado valioso para um dos lados, os atritos podiam dar lugar às “vias de fato”. Contudo, ele me contemporizava que a probabilidade de emergir algo desse nível conflitual diante de mim era pequena, por que normalmente

ocorriam durante o horário da madrugada, sobretudo do fim de semana, momento em que há uma maior movimentação de jovens de outras zonas e do Alto em torno do Renascer.

Dona Jô me dizia que já tinha ouvido falar de situações problemáticas entre os dois grupos de moradores e creditava isso à mesma lógica a que esteve submetida quando chegou para morar com a sua sogra na Zona 1. Segundo ela me narrava, o seu filho policial, Fabiano, lhe contava que muitos dos chamamentos da força policial para agir no clube do bairro não passavam de falsos alarmes, desnecessários enquanto tal, especialmente quando dizia respeito à tentativa de busca e de apreensão de drogas e armas. Para ela, os moradores dos prédios, incomodados com a presença em frente ao condomínio dos frequentadores do clube, exageravam ao denunciar as festas para a polícia, porque “se não tem nada, pra que criar esse problema”. Robson também suspeitava que quando a polícia era chamada para intervir e averiguar os frequentadores do Treze “99% das vezes era por causa dos seus vizinhos”. Para o que ele destaca a contradição: “quando incomoda, eles fazem isso, mas quando querem aproveitar, ficar ali na frente [na área comum] bebendo e dançando durante a noite tá ótimo”.

Ana Márcia revelou em uma de nossas interações mais fortuitas, quando nos encontramos por acaso quando eu chegava ao Renascer para realizar uma entrevista, que no fim de semana anterior passou por uma noite difícil, porque “tinha sonhado que ia acontecer uma coisa ruim com alguém que ela conhecia”. Ela disse que na madrugada do sábado para o domingo, depois de dispersada a juventude que frequenta o clube, muitos jovens se deslocaram para a rua por detrás do prédio, onde consumiram drogas, escondidos próximo a um terreno baldio ao pé do morro. “Quando eu menos esperei, foi o estalo, bem alto, quando olhei pela janela, já tinha gente olhando lá de cima”. Um jovem morador do prédio que chegava de carro, havia sido agredido quando estava esperando a abertura do portão da garagem do condomínio. “Eu não sabia quem era, mas vi que era daqui. Tava o portão aberto, o carro parado e aquela galera em volta”. O boato era o de que o morador do prédio havia manobrado o carro em alta velocidade e quase atingiu o grupo, que, pensando que se tratava de alguém que parava para intimidá-los, revidou com um tiro em direção ao carro, que atingiu o portão da garagem do conjunto residencial.

“Eu chamei logo a polícia”, disse-me Ana Márcia, “mas ninguém sabe que fui eu que chamei”. “A polícia chegou meia hora depois”, disse Robson, que estava dormindo em seu apartamento quando acordou com o barulho da confusão instalada por detrás dos prédios. Conversando com outros moradores a respeito do crime, alguns diziam que o rapaz que disparou a arma de fogo “era conhecido na área”, “era metido com coisa errada” e que “muita

gente já dizia que um dia isso podia acontecer”. Outros, ao contrário, pensavam que se tratava de um jovem que se divertia com seus amigos e que não andava armado para estar com um revólver “do nada”, que a marca no portão do condomínio não se tratava de um buraco feito por arma de fogo. Diziam que o jovem bateu no capô do carro do condômino porque se sentiu ameaçado com o freio que o motorista realizou próximo a ele, que se esquivou para não ser atropelado. Entre as versões que se espalhavam e os rumores que iam surgindo, outras explicações para o conflito eram supostas. Entre encontros e desencontros do que falavam, pude acompanhar mais de perto a emergência dos pontos de vista dos habitantes dos apartamentos em relação à sua vizinhança mais imediata.

Se, como disse, ao refletirem sobre o exterior do condomínio, para a parte da Zona 2 que não pertence ao conjunto residencial, frisam ausências e características que os incomodam, quando tratam dos moradores do Alto da Favela, os dissensos revelam a maneira como a pobreza pode ser concebida de maneira romantizada e estigmatizante. Quem mora no Alto da Favela aparece sempre não como morador, mas como parte do lugar, isto é, não se está vivendo no morro, o indivíduo referido *é* do Alto. Apontar para alguém indicando que aquela pessoa *é* do Alto da Favela é um modo de produzir um sentido sobre quem se fala, que acompanha a pressuposição não apenas de que é pobre, mas também de quais práticas provavelmente realiza no seu dia a dia:

[...] aquele cara ali, o de cabelo pintado [rapaz sentado na porta de um bar atrás dos prédios], tenho certeza que vem sempre aqui pro Treze. [...] Um cara desse tamanho, que pinta o cabelo dessa cor [amarelo] e anda desse jeito, com esse tipo de roupa, com certeza tem chance de tá metido com coisa errada. [...] Pode até não tá, mas, se eu fosse PM, era o primeiro que mandava parar pra revistar. Se [ele] tivesse de moto, eu já chegava dando uma tapa: ‘ei seu marginal, desce daí, bora encosta’ (Alan, 38, Zona 2).

Alan mora em um apartamento próprio no Renascer e trabalha como segurança em uma empresa especializada em serviços de proteção e transporte de valores. Ele foi um dos condôminos que mais abertamente se referiu de maneira negativa aos moradores do Alto da Favela. Para ele, “infelizmente, a gente sabe que muita gente não nasce com oportunidades, mas tem gente que se mete no crime porque não quer trabalhar”. Associando a condição de pobreza dos moradores vizinhos a uma inércia comportamental, em que o indivíduo é visto como aquele que “não corre atrás” ou “quer que as coisas caiam do céu”, em sua perspectiva, “quando se mexe, é pra se meter com bandidagem”:

No trabalho, eu tenho que tá armado, principalmente quando tava no carro forte. Tive treinamento pra isso. Mas não podia trazer [a arma] pra casa. Um dia eu tava chegando aqui, abri o portão da garagem, ia entrar com minha moto. Quando vi, dois caras daí de cima descendo, em outra moto. Pensei, ‘ferrou, perdi minha moto’. Já visse, pensei que ia ser assaltado na porta de casa. Mas não fui. [...] Ah, eu coloquei a mão por baixo do blusão [gesto como se segurasse uma arma na cintura] e fiquei só encarando. Aí eles passaram, mas, iam me assaltar, de certeza, se não tivesse feito isso (Alan, 38, Zona 2).

Alan diz nunca mais ter visto os dois rapazes que passavam na moto ao seu lado, mas os acusa, com convicção, de serem ladrões. A sua certeza advém da configuração “dois caras em uma moto”, mas a isso é acrescido o trajeto que realizavam, isto é, desciam “daí de cima”, do Alto da Favela, para cometer delitos. Para ele, há, entre os vizinhos, “gente de bem”, mas “é minoria e sofre com o que acontece por ali”. Essa minoria, que ele percebe nas figuras das donas de casa, para as quais são atribuídas os cuidados das crianças, e os chefes de família, assim identificados por serem vistos saindo cedo no horário da manhã, “infelizmente tem que conviver com isso daí [apontando, novamente, para o jovem de cabelos pintados sentado em frente ao bar do morro]”.

Esse tipo de acusação, que vincula a vizinhança do morro à criminalidade, está referida principalmente aos moradores homens, sobretudo adultos jovens e negros. Como esse perfil coincide com aquele que frequenta o Clube Treze, a associação entre quem está envolvido com “coisa errada” e os usuários do clube se institui de maneira automática. Para Alan, “se eu vejo aí na frente, nos fins de semana, já sei que deve ser alma sebosa”. Fabrício, o gerente comercial, segue na mesma direção, indicando que “quase sempre, o que acontece por aqui, que prejudica os moradores, esse pessoal tá envolvido”. Nesse sentido, por considerarem que a presença dessa vizinhança desvaloriza a área em que moram, os condôminos tendem a apontar mais problemas em torno da vida que se desenrola nas ruas por detrás dos apartamentos do que virtudes.

Quando se remetem aos adultos mais jovens, identificados com trajes característicos do *bregafunk*, os moradores dos prédios que apresentaram argumentos em tonalidades acusatórias mais incisivas já pressupõem: “caras que não quer nada com a vida” (Alan, 38) ou “não servem pra nada, só causam problema por aí” (Fabrício, 39). Se se trata de falar sobre algum morador que dizem ver no início da manhã ou da noite, expressando um estilo mais próximo do que consideram “de gente séria”, são previamente colocados na categoria dos trabalhadores: “apesar dos pesares, tem gente aí que trabalha honestamente” (Alan, 38).

As crianças, por sua vez, são classificadas como indivíduos que “infelizmente, são criados assim, soltos no mundo” porque “os pais ou não ligam ou não podem tá aí tomando conta” (Alberto, 41). Entre as donas de casas que não trabalham em locais externos à sua própria casa, a visão sobre as famílias vizinhanças são particularmente curiosas, justamente porque colocam em perspectiva a compreensão que têm do que é “certo” e “errado” no universo da família, especialmente quando envolve configurações que incluem a presença de menores de idade, sobretudo na fase da infância e da adolescência.

Além de Ana Márcia, outras três donas de casa não ocupadas em atividades externas ao condomínio foram entrevistadas. A primeira delas, Virgínia (33 anos), casada e mãe de uma adolescente, identificava diferenças entre as jovens do Alto da Favela e as amigas da sua filha, não apenas porque “são mais simples”, mas precisamente por que interagem entre si de outra maneira:

Eu acho as meninas daí muito soltas, Rodrigo. Eu já ouvi cada coisa, elas falando nomes horríveis em voz alta. Eu tava ali no ponto de ônibus e chegou um grupinho indo pro colégio, aí uma menina disse que a amiga tava menstruada! Ela não disse desse jeito, usou uma palavra que eu nem tenho coragem de falar! Se minha filha falasse uma coisa dessas na rua, eu ia matar ela. [...] Uma vez eu vi também aqui da cozinha, a menina, devia ter o que, 12-13 anos, no maior agarrado com um cara ali, bem mais velho. Eu nem acreditei, uma me-ni-na daquele jeito! Também, se tu ver, usam uns shorts minúsculos... Eu acho horrível. Como é que uma mãe deixa a filha sair quase pelada pra rua? Os homens tudo olhando pra ela (Virgínia, 33, Zona 2).

Virgínia compara as meninas do Alto da Favela às amigas da sua filha, dizendo que, “só quando elas vêm dormir aqui, aí fica mais a vontade, mas se forem descer, pra ficar ali olhando a rua, eu já controlo, mando logo se trocar”. Para ela, isso “é papel de mãe, porque se descuidar, aí aparece grávida e acaba com a vida”. Da mesma forma, para Cássia (24 anos), outra dona de casa, que tem um filho pequeno, os meninos e rapazes do Alto da Favela dão início a determinadas práticas que pertence ao universo adulto de maneira muito precipitada e sem orientação. Ela diz ver com frequência nos fins de semana o bar por trás dos prédios vendendo bebida alcoólica para adolescentes que, embora não saiam consumindo o produto, parecendo comprar a pedido dos pais, já têm acesso a um ambiente que não deveria atender menores de idade.

Esses meninos já pensam que são homem. Começa a beber cedo, fumar, tem até uns novinho com tatuagem, acredita? Eu pensei que era de mentira, daquelas que sai, mas o menino já tinha uma tatuagem mesmo. Como é que pode aquilo? Eu com essa idade, já com filho, não tenho! O menino não tinha nem 16 anos, tinha uma já. Não tem nem pai, nem mãe não pra ver isso? (Cássia, 24 anos, Zona 2).

As avaliações que elas realizam quando instadas a refletir sobre as famílias pobres do morro revela em grande medida as suas próprias expectativas acerca dos papéis sociais ocupados pelos homens e pelas mulheres que são responsáveis por uma casa e pela família. Por exemplo, os jovens do Alto da Favela não são vistos como indivíduos essencialmente problemáticos, mas, ao contrário, são tratados como pessoas que ainda precisam ser orientadas e acompanhadas ao longo da vida, o que consideram não ser adequadamente feito - considerando a si próprias e as suas famílias como referencial - por que seus pais não os acompanham efetivamente, seja por que não cumprem com suas responsabilidades, seja por que trabalham fora e não tomam conta dos filhos como gostariam de fazer.

Dolores (50 anos), moradora do conjunto residencial desde 2001, quando foi inaugurado, diz que quando chegou no Vasco da Gama e passou a presenciar o dia a dia da vizinhança do morro, as crianças e jovens não eram vistos “tão soltos como agora”. Para ela, a geração mais nova de pais teve seus filhos sem maturidade para assumir a criação de alguém e, por isso, muitos avós acabam por se tornar mais diretamente responsáveis pelos netos. Hoje ela é avó, mas não tem responsabilidades na criação do seu neto em matéria de sustento ou cuidado, uma vez que sua filha, quando se tornou mãe, “já estava com a vida dela organizada”. Sua filha não mora em sua casa, mas vai visitá-la com alguma regularidade para que ela possa conviver com o seu único neto: “quando meu neto tá aqui, a casa é uma alegria”. Para Dolores, muitos moradores da sua mesma faixa etária residentes no Alto da Favela vivenciam as relações com os mais jovens de outro modo, “tem avó que parece a mãe”, uma vez que “criaram os filhos e agora criam os netos”:

Tem uma senhora mesmo, que mora naquela casa ali [aponta para o Alto] que todo dia aparece ali gritando pelo nome do neto. Deve ser o neto, né, porque é um menino pequeno, uns 10 anos. Ela passa horas ali gritando o nome do menino até ele aparecer subindo a escadaria correndo. Eu vejo tudo daqui. Você vê que ela cuida, chama pra casa, mas, se ela for a avó, onde é que tá a mãe? Espero que seja porque tá trabalhando pra sustentar a criança. Infelizmente, a gente sabe, pode ser também porque não assumiu de verdade. Diz que tem filho, mas na prática quem cria é a avó. Acontece muito isso por aí (Dolores, 50 anos, Zona 2).

Tanto Dolores quanto Virgínia, assim como Cássia e Ana Márcia, as donas de casa entrevistadas nos apartamentos, por não atuarem no mercado de trabalho remunerado, conseguem estar presentes e se dedicar integralmente ao trabalho doméstico. No caso daquelas que ainda têm filhos dependentes, como Ana Márcia, Virgínia e Cássia, isso inclui sobretudo o conjunto de atividades relativas ao cuidado dos filhos pequenos ou adolescentes, que tomam a maior do tempo dos seus dias. Elas, como observei de perto, raramente deixam os pequenos a

sós e, no caso dos adolescentes, se descem para brincar na área comum do condomínio, ficam atentas para tudo o que fazem, seja observando das janelas dos apartamentos em que moram, seja pessoalmente, quando ainda não confiam em deixá-los por conta própria. Mesmo que eles frequentem a escola e eventualmente fiquem fora do seu campo imediato de intervenção, a continuidade das orientações passadas na socialização familiar as leva a crer que a tendência é a de que ajam de acordo com o que lhes ensinam. Entretanto, sabem que isso será colocado à prova somente quando estiverem mais velhos, na juventude, quando começam a surgir situações e contextos mais apelativos para que “saíam da linha”.

A maneira como os condôminos se inserem no Vasco da Gama lhes garante um lugar particular dentro do cenário em que estão inseridos. Esse lugar se torna mais claro à medida em que é olhado também pelos pontos de vista de quem não faz parte desse grupo, mas que com ele precisa conviver porque o local de moradia obriga a transitar no entorno dos prédios. Nesse sentido, para compreender a Zona 2 em sua especificidade era preciso adentrar também no Alto da Favela e conhecer seus moradores, para apreendê-los a partir da maneira precisa em que eles se situam e experienciam o bairro tendo como local de moradia o primeiro morro que se forma no interior do território. Era preciso avançar em direção às suas ruelas e paulatinamente ultrapassar os sentidos que a eles são atribuídos pelos vizinhos dos prédios que, embora tenham sempre em mente a presença dessa vizinhança, com ela pouco se comunica e interage face-a-face.

3.6 O Alto da Favela

Robson havia me dito para ter “cuidado se fosse por lá, porque aqui atrás já teve ‘acerto de contas’⁶⁶ e gente usando droga”. Embora compreendesse que as perspectivas dos condôminos acerca dos moradores mais pobres da sua vizinhança estava condicionada pela maneira como eles se localizam dentro do Vasco da Gama, o conselho que Robson me dava sinalizava para a necessidade de ter alguma cautela durante a aproximação a ser feita ao contexto do Alto da Favela. Com essa advertência e por ter estado entre os condôminos por algum tempo, ser contaminado pela maneira como eles concebem a vida social do morro era inevitável. Estava condicionado a achar ser possível que determinadas práticas ocorressem nas

⁶⁶ Referência nativa para tratar de homicídios que, no caso do Vasco da Gama, estão vinculados a dívidas econômicas e morais, como quando envolve algum traficante ou agiota que vai cobrar o devedor, mas também relacionados a motivações afetivas.

ruas dos moradores pobres dessa zona e, por isso, precisava adentrar em seu contexto da mesma forma que o fiz no Conjunto Residencial. Antes, quando observava a rotina dos condôminos a partir da rua principal, ao mesmo tempo captava a movimentação de pessoas ao redor dos prédios e isso me oferecia alguma capacidade para supor que se passasse a circular por conta própria nas ruas residenciais mais estreitas, em que os moradores tendem a se conhecer, as chances do surgimento de rumores entre quem vive no morro poderia acarretar em dificuldades para a realização do trabalho de campo que intentava com eles realizar⁶⁷. Por isso, tinha consciência de que, assim como nas demais áreas, estar acompanhado de alguém que tivesse boa circulação entre os moradores poderia servir a meu favor, garantindo, por efeito de transferibilidade da sua confiança, segurança para poder realizar a inserção como planejava, encontrando indivíduos e famílias dispostas a comigo falar sobre o bairro em que vivem e sobre a realidade a partir da qual nela se encontram inseridos.

Nas conversas que tive com Robson sobre as suas relações locais procurei saber se ele tinha conhecidos no morro que avizinha os prédios. Devido ao fato de ser um morador muito conhecido em virtude de estar à frente da academia de artes marciais do bairro, imaginava que, por estar nas proximidades do Alto da Favela, poderia haver no seu corpo de alunos jovens moradores do morro. Não estava equivocado. Robson contou-me que há entre seus alunos alguns indivíduos oriundos dessa parte da Zona 2 e que poderia apresentá-los, ocasião em que eu poderia verificar suas disponibilidades para me ajudar a conhecer a partir do ponto de vista nativo o lugar em que moram. Robson mencionou especialmente um dos jovens frequentadores da academia como alguém que considerava ser ideal para o que eu precisava, por ser mais “descolado” e possuir uma entrada naquela vizinhança muito singular, que o capacitava a encontrar caminhos dentro de sua área para que eu pudesse alcançar as pessoas como pretendia.

Tratava-se de Marlon, um jovem de 27 anos, membro de uma antiga família do morro, cuja avó, dona Socorro, 65 anos, é uma das moradoras mais conhecidas, visto que é proprietária de um pequeno estabelecimento comercial situado na Rua Resplendor, a rua utilizada pelos moradores do morro para irem de suas casas para a Rua Vasco da Gama, de onde conseguem seguir para seus diferentes destinos na cidade. Marlon nasceu e sempre morou no Alto da

⁶⁷ Essa consideração baseava-se não apenas nas observações que fiz durante o trabalho de campo na Zona 2, mas também no estoque de conhecimentos que portava comigo em virtude das experiências por que passei enquanto morador da Zona 4, cuja configuração de algumas de suas partes, especialmente as escadarias que servem para subir ao topo das colinas habitadas, aproximam-se significativamente do que é encontrado no Alto da Favela. Isso significa dizer que eu pressupunha que os moradores desse morro poderiam agir de maneira similar ao modo como meus antigos vizinhos costumavam se comportar quando entre suas casas algum desconhecido passava a circular. Em geral, a suspeita era a de que poderia se tratar de alguém reconhecendo a área para talvez entrar em algum quintal e roubar o que fosse do seu interesse.

Favela, o que faz com que se sinta parte inextricável dessa realidade, falando sobre ela com a naturalidade de quem reflete sobre si mesmo. Quando narra a sua história de vida, por exemplo, acaba sempre ofertando elementos sobre a realidade em que sua vida ganha sentido, porque nela sempre viveu, habitando ao lado de uma das moradoras mais antigas, a sua avó.

Na casa em que ele sempre viveu, residia, além dele, dona Socorro e sua bisavó⁶⁸, falecida aos 90 anos de idade quando ele era muito pequeno. A sua bisavó e seu bisavô integram a primeira geração de moradores do Alto e vieram para o Recife em meados dos anos de 1950. Primeiro, moraram no bairro de Santo Amaro, nos arredores da antiga Fábrica Tacaruna, e se transferiram para o Vasco da Gama poucos anos depois, nele vivendo até falecerem de causas naturais. Dona Socorro, filha desse casal, faz parte da primeira geração da sua família nascida no Recife. As suas memórias sempre se remetem à vida na cidade, nunca tendo visitado a terra natal dos seus pais no interior do estado. No Vasco, ela sempre morou na casa em que Marlon cresceu, um pequeno imóvel inicialmente construído por seus pais, posteriormente por ela reformado para ter mais conforto para si e para seu neto. Como nunca esteve vinculada ao mercado de trabalho formal, ao longo da vida, buscando ter seu próprio meio de vida, abriu na sua vizinhança o estabelecimento em que comercializa bebidas alcoólicas, algumas frutas e verduras, do qual obtém parte substancial dos recursos econômicos necessários para o sustento da família⁶⁹.

Dona Socorro assumiu a responsabilidade de criar Marlon logo após a sua filha, Betina, dar à luz ao filho. Betina engravidou aos 20 anos de idade e após o nascimento de Marlon decidiu deixá-lo com sua mãe para seguir com o então namorado para São Paulo, no sudeste do Brasil. Sem condições de levá-lo consigo e, segundo dona Socorro, por seu namorado não querer adotar o recém-nascido como seu filho, Betina confiou Marlon à sua mãe. O pai biológico do menino era morador do Vasco da Gama e se chamava Francisco. Ele e Betina tiveram um breve relacionamento e durante a gravidez ele a deixou. O pai de Marlon era um

⁶⁸ A bisavó de Marlon fazia parte da primeira geração de moradores do Alto da Favela e faleceu aos 90 anos de idade. O estabelecimento de dona Socorro a homenagea, chamando-se Venda da Zezinha, como era conhecida no morro.

⁶⁹ Além dos recursos obtidos com as vendas dos produtos comercializados em sua barraca, dona Socorro recebe um salário mínimo em decorrência de ter se aposentado em virtude de ter completado a idade exigida pela previdência social. A aposentadoria é a renda fixa com que conta todos os meses para os compromissos mais regulares que assume. O que ganha com a sua pequena venda entra em seu orçamento como um complemento. Segundo ela me relatou, a maior parte dos recursos obtidos no bar são para mantê-lo funcionando, para a compra dos itens que comercializa, sobrando muito pouco para si própria, mas considera valer a pena por que ocupa o seu tempo e dá um sentido ao seu cotidiano. Nas observações feitas em seu negócio, a ausência de racionalidade administrativa podia ser evidenciada sem muita dificuldade, especialmente por que em alguns atendimentos, sobretudo quando tratava-se de um cliente conhecido, a decisão sobre o preço final das compras era dado sem adequado controle sobre as vendas, não pesando as frutas e verduras na balança, deduzindo as cifras “no olho”.

homem muito conhecido no bairro, famoso pela alcunha de Chico do Xangô, nome ainda presente no imaginário dos moradores do Alto, devido ao temor que ele causava na vizinhança por ter cometido uma série de crimes no Recife, atuando como pistoleiro na cidade. Chico não chegou a conhecer o seu filho. Ele foi assassinado ainda quando Betina estava no quinto mês da gestação de Marlon, em 1992. Dizem que o seu assassinato ocorreu quando a polícia tentou prendê-lo. Outros dizem que foi morto em uma emboscada cuja autoria nunca foi esclarecida. Marlon nasce, portanto, no Vasco da Gama, e o contexto do qual origina e predefine a densidade do vínculo existente entre ele e sua avó, que assumiu o neto como mais um filho, educando-o para que se tornasse, como ela se orgulha em dizer, um “homem decente que nunca se metesse com coisas erradas como o seu pai”.

Foi Marlon que pela primeira vez me levou ao Alto da Favela, identificando o nome dos locais existentes, contando-me histórias sobre os seus amigos e sobre as pessoas mais conhecidas da sua vizinhança⁷⁰. Ao seu lado, pouco a pouco, familiarizei-me com o primeiro morro que se eleva dentro do Vasco e com seus moradores, adentrando gradativamente em uma rede de relações que abria caminho para as ruas e ruelas que cortam as casas existentes nesse local. Foi a partir do comércio de dona Socorro, em que encontrava com Marlon, que o trabalho de campo nessa parte da Zona 2 foi feito, em que pude ter acesso à vida de moradores do morro cujos depoimentos foram fundamentais tanto para compreender os sentidos que permeiam a dimensão sociocultural de quem está localizado na área precária mais próxima daquelas que são tidas como as boas áreas para morar do bairro quanto para contrapor aos significados que predominam sobre o Vasco da Gama entre os indivíduos e famílias dos prédios e da Zona 1⁷¹.

Como dona Socorro é uma moradora ilustre do Alto, era comum donas de casa da vizinhança aparecerem no seu estabelecimento para conversar com ela e com Marlon, o que permitia-me ouvir histórias e boatos que serviam para alimentar os dados sobre a vida social do morro. Como Marlon sempre estava na venda, seja auxiliando a sua avó, seja tomando conta do estabelecimento, quando o movimento da clientela estava mais fraco, podíamos conversar sem interrupções, propiciando a recolha de informações importantes sobre a sua vida, em particular, mas também sobre a vida da sua vizinhança, bem como da maneira como ele percebe

⁷⁰ Ao analisar os dados obtidos a partir da relação que foi construída com Marlon, percebo agora o quanto a admiração dele por Robson, seu mestre, condicionou as nossas primeiras conversas, que orbitavam acerca do nosso conhecido em comum. Com o passar do tempo, com a nossa interação se deslocando para o eixo propriamente dito do Alto da Favela, as conversas sobre Robson se tornaram incipientes, demonstrando que havia alcançado o grau de aproximação que pretendia com Marlon, sua família e seus vizinhos mais próximos.

⁷¹ Nesse caso, quando menciono a Zona 1, refiro-me não à concepção de dona Jô, mas dos seus vizinhos, sintetizados nos quadros do capítulo anterior, que reforçavam, de diferentes modos, a visão de que os moradores da entrada do Vasco tentam não apenas se diferenciar, mas também se distanciar do lugar em que vivem.

a relação de quem reside no Alto da Favela com os moradores do conjunto residencial. Além disso, como Marlon tinha uma boa relação com outros rapazes da sua mesma geração, podia ali também apreender suas concepções sobre o Vasco da Gama de maneira mais dinâmica do que por meio de entrevistas individuais, interessante para se inteirar de questões locais que os mobilizavam de maneira mais acalorada a se posicionar diante dos acontecimentos da vizinhança. Desse modo, o pequeno estabelecimento comercial de dona Socorro tornou-se a estação a partir da qual foi possibilitada a observação de perto e de dentro do morro e a aquisição dos dados que permitiram analisar as perspectivas sobre o bairro dos moradores mais pobres da segunda zona.

Da pequena loja de dona Socorro, tem-se uma visão privilegiada da Zona 2. Da parte externa onde ficam os clientes, é possível fitar a maior parte da rua que liga o Alto da Favela ao trecho da rua principal do bairro que passa na parte inferior. Situado no meio do morro, ao olhar para baixo desse local, o Conjunto Residencial Renascer é visto por inteiro, em uma angulação que permite acompanhar a movimentação de pessoas na sua parte de trás, no espaço reservado para que os condôminos guardem seus automóveis. Do lado contrário, na parte mais elevada da colina, um amontoado de casas dos mais variados tipos se sobrepõem uma a outra, até que a Rua Resplendor chegue ao seu fim. Não é possível definir uma forma predominante, variando de pequenos casebres que ainda guardam relação com casas de taipas antigas até casas de dois andares com uma laje utilizada como área de serviço que pode ser facilmente convertida em área do churrasco e da cerveja nos fins de semana. Embora sejam casas humildes, não há barracos como nas favelas. Muitas possuem bom acabamento, com reboco na parte da frente e sempre pintadas em cores sólidas e fortes, mas com as paredes laterais e dos fundos em tijolos aparentes, revelando que se for necessário poupar deve ser priorizada a fachada, que os transeuntes veem. Não há ruas asfaltadas nesse morro. A rua central é coberta por pedras de paralelepípedo encaixadas e assim permanece até que chegue as locais mais inacessíveis, cuja precariedade da infraestrutura urbana se faz notar pelo modo como os becos de chão de terra começam a ziguezaguear as unidades domésticas das famílias mais pobres. Dessa parte mais elevada, do topo do morro, a vista surpreende: no horizonte os grandes edifícios dos bairros nobres situados além da Av. Norte se impõem em um primeiro plano e, ao fundo, nas brechas entre os prédios, o mar que banha a Zona Sul do Recife se impõe.

Quando comecei a conviver mais frequentemente com Marlon e com sua avó no comércio que administram, mas também em sua casa, lembrei das diversas vezes que os moradores do Renascer apontaram as famílias do Alto da Favela como “desorganizadas” e

“desestruturadas”, que deixavam as crianças “soltas na rua” etc. A relação de Marlon e sua avó apontava para uma direção inversa, apesar da ausência dos progenitores do rapaz no processo de socialização familiar. A maneira como ele e ela falavam sobre a família denotava um forte sentido de unidade e identidade, valorizando a ideia de que as relações entre membros de uma mesma rede familiar ou moradores de uma mesma casa deveriam se dar de modo a evitar conflitos capazes de fraturar os vínculos afetivos e a admiração mútua entre parentes. Essa constatação quebrou o meu olhar contaminado pelos condôminos do Renascer. Esse sentido de família, que devia ser resguardada dos atritos possíveis que viessem a ocorrer entre seus membros, era inclusive percebida quando Marlon discorria sobre a ausência da sua mãe e do seu pai em sua vida. Em nenhum momento em que interagimos ele demonstrou qualquer tipo de revolta sobre o fato de ter sido deixado com sua avó e de não ter convivido com sua mãe. Das vezes em que falamos sobre isso, o que ocorria era ele reconhecer a importância de dona Socorro em sua história de vida, frisando que com ela, entre outras coisas, aprendeu que: “independente de tudo, mãe é mãe... nunca vou desrespeitar quem me colocou no mundo”.

[...] independente de tudo, mãe é mãe... nunca vou desrespeitar quem me colocou no mundo [...] Eu acho até que eu tive sorte de ter a avó que tenho. Porque, vê, lá em casa era eu, ela e minha bisá, que faleceu eu ainda era pequeno. Foi eu e minha avó somente. Ela cuidava de mim e depois que abriu a venda aqui, ficava trabalhando aqui o dia todo, mas não deixava de fazer as coisas por mim. [...] Eu não ficava sem ir pra escola, sem almoçar, sem tomar banho. Tinha de tudo [...] Tem casas por aqui com família completa, com pai, mãe, filho, cachorro, com tudo vivendo junto, mas vivem na intriga, com briga, se desrespeitando. Não sabem a sorte que tem de ter os parentes perto e vive desse jeito. Lá em casa, minha avó nunca gostou desses barracos. Eu também odeio [...] Agora isso não é só aqui não. Tu sabe que eu fico muito ali embaixo, né, na entrada da rua, conversando com a galera. Quem mora ali nos prédios também tem seus problemas. Não é só a gente aqui não. Tem gente ali que é complexado. É porque o que acontece ali dentro não chama a atenção da rua porque ninguém sabe, mas rola umas intrigas por ali também. Tem um cara lá mesmo que é alcoólatra e todo mundo aqui sabe. Vinha pra cá comprar cachaça comigo. Novinho, bebia todo dia. [...] Mas quem mora lá só pensa que coisa ruim tem por aqui por cima. Robson é o único dali que trata a gente aqui sempre com respeito (Marlon, 27, Zona 2).

Apesar de viverem sob uma condição de vida mais precária do que quem mora na parte plana e urbanizada da Zona 2, dona Socorro sempre procurou oferecer para o seu neto uma vida boa, dentro dos limites dos seus rendimentos. Quando era mais nova, ainda quando Marlon estava na adolescência, ela dividia seu tempo entre a sua barraca e os cuidados com o jovem. Ela, com seu jeito mais fechado de ser, contou-me que a sua maior preocupação era a de evitar que o neto passasse a se identificar com as más influências, que poderiam levá-lo a perceber nas práticas criminosas ou ilegais uma instância atrativa para obter um meio de vida. Para isso, estava disposta a controlá-lo e castigá-lo se fosse necessário: “se ele andasse com quem eu não

queria ou fosse pra onde eu dissesse pra não ir, não tinha conversa, eu metia a mão pra cima e colocava de castigo dentro de casa até baixar a crista”. Marlon hoje recorda situações deste tipo sorrindo, demonstrando compreender quais eram as intenções de sua avó, reconhecendo e legitimando a maneira como era cuidado por quem tinha assumido criá-lo. Para ele, isso foi importante para afastá-lo de “determinadas amizades” que poderiam tê-lo levado para o envolvimento com “coisas erradas”, como com o tráfico de drogas ou outros tipos de crimes.

Se eu fosse pra casa de um amigo daqui da rua, ela tinha que saber pra onde eu ia e que hora ia voltar. Se desse a hora e eu não voltasse, ela ia lá arretada me chamar e eu já sabia que tinha esquecido de avisar que ia ficar mais tempo. Aí eu sabia, ou ela vai ficar aliviada por que me achou ou tá tão enfezada que eu vou apanhar. Eu sei que ela tinha medo de eu fazer alguma coisa errada, andar com alguém que ela não quisesse, como os meninos maiores que ficavam jogando bola o dia todo ali onde hoje é a rua de trás dos prédios. Se eu fosse pra lá, ela me trazia de baixo de porrada. Eu tinha muito medo de apanhar na rua [risos]. Mas nem por isso deixei de apanhar, né? [...] Eu tive um colega que minha avó odiava. Ela dizia que ele não era ‘flor que se cheire’. Pior é que hoje eu sei que ela tava certa. A última notícia que eu soube dele, ele tava preso lá no Cotel (Marlon, 27, Zona 2).

A maneira como dona Socorro cuidava do seu neto não é um caso isolado. Quando ela contava das surras que chegou a dar em Marlon, ela recorria à justificativa de que “toda mãe daqui que se preocupa, vai fazer isso”, uma vez que “se aliviar, se mete com o que não presta, aí morre e a mãe, a avó fica como? Sofrendo sem o infeliz”. A maneira de lidar com os mais jovens baseado em uma ideia de que se deve ser rigorosa e, se necessário, recorrer à punição física não ocorre com base em um sentido de violência gratuita ou de maus-tratos. Ao contrário, para ela, é ser assim que garante a vida daquele sobre quem se tornou responsável, que se transformou na pessoa mais importante da sua própria história. Não é por acaso que enquanto dona Socorro contava as histórias sobre as palmadas que Marlon levava, “só quando merecia”, ele a abraçava, em um gesto que demonstrava o predomínio do carinho em detrimento do ressentimento por ter sido castigado. Para ela, os maiores desafios pelos quais passou na vida estão relacionados com a criação de quem ela sempre demasiadamente amou, primeiro a sua filha, de quem pouco falava enquanto conversávamos, e, depois, o neto que hoje é para ela motivo de orgulho, por ter se tornado um “rapaz decente e trabalhador, diferente do pai que, nem gosto de dizer o nome, era bandido”.

Eu tomava conta. ‘Que história é essa de ter ido lá pra baixo sem me avisar?’. Se eu dissesse isso, [ele] já sabia que ia ficar de castigo ou ia apanhar e ficar de castigo. O castigo era certo [risos], apanhar só se eu tivesse tido muito apanheiro. [...] Aqui é assim, os meninos crescem solto e todos querem tá no meio do mundo. [...] Ah... mas eu pensava, ‘vê quantos acabam fazendo merda na vida’. O pai dele já tinha feito merda, né? Não sei o que minha filha viu naquele, mas se envolveram e veio Marlon. Marlon é uma bênção. Eu sempre tive medo de Marlon acabar como o pai, se metesse

naquelas coisas, morresse cedo ou fosse preso. Meu maior medo era esse (Dona Socorro, 65 anos, Zona 2).

Esse tipo de receio não era um assunto que ocorria com as mães do condomínio, mesmo que elas dissessem cuidar dos seus filhos para que eles tivessem condições de viver bem no futuro. Muitas vezes, como demonstrei nas páginas anteriores, o que ocorria era uma tentativa de cultivar comportamentos que lhes garantiam que suas crianças não tivessem um tipo de comportamento que associavam aos moradores do Alto da Favela. Chamo atenção para isso porque aquela concepção simplificava o universo das famílias do morro, cuja vizinhança tem gradações importantes que também geram lógicas de diferenciação e de definição do que é aceito e condenável e isso era o que iluminava a maneira como a avó de Marlon e outras donas de casas queriam expressar quando falavam sobre a maneira que cuidavam dos seus dependentes.

Como dona Socorro disse, as outras mães que se dedicavam à criação dos filhos no Alto da Favela entenderiam o seu jeito de lidar com Marlon quando ainda era muito jovem, vulnerável ao contexto que o rodeia no local em que mora. Para as donas de casa e mães do morro, a possibilidade dos meninos “saírem da linha” e passarem a andar com pessoas envolvidas em algum tipo de ilegalidade é tratado sempre como algo que se deve combater. Em geral, a ideia de que os filhos poderiam entrar para o tráfico de drogas, por exemplo, era algo recorrente, o que chamava a atenção pelo fato de ninguém da vizinhança do morro saber em que parte dos seus arredores ocorriam transações de entorpecentes. Embora seja compreensível que evitassem assumir para mim que sabiam sobre a localização da comercialização de drogas no Alto, já que não era para elas alguém que gozava de confiança plena, mesmo Marlon, quando tínhamos uma relação já consolidada, dizia não saber que nos arredores em que mora tivesse qualquer tipo de circulação de drogas. Remetendo-se ao caso ocorrido na entrada da garagem do condomínio, em que os moradores dos prédios acusaram um grupo de jovens que estava na rua ao pé do morro de estarem consumindo drogas e terem reagido com violência contra o condutor de um automóvel que se aproximava para entrar no pátio exclusivo de moradores, Marlon diz que “não faz sentido, mas, se for verdade, não era gente que mora aqui traficando, poderia até ser uma galera que veio curtir no Treze e depois foi pra lá usar alguma coisa, mas daqui com certeza não era”.

Quando entrevistei as donas de casa do Alto da Favela que têm filhos pequenos ou adolescentes, todas elas frequentadoras do estabelecimento de dona Socorro, pude constatar não apenas que a maneira por meio da qual a avó de Marlon dele cuidava não era algo particular, como também o receio de ter em suas famílias alguém envolvido com o tráfico ou o uso de

drogas era um traço coletivamente compartilhado entre as moradoras do Alto, apesar de não terem conhecimento preciso sobre a atuação de grupos ou pessoas isoladas nesse tipo de mercado ilegal em sua vizinhança.

Preocupar-se com questões deste tipo levavam muitas mães a atuarem de maneira similar ao modo como dona Socorro narrava as suas ações direcionadas à criação do seu neto. O quadro abaixo apresenta trechos das entrevistas realizadas com três donas de casa residentes no Alto da Favela, clientes da venda de dona Socorro, cujas preocupações em relação aos filhos coloca em evidência aspectos distintos que permeiam o modo como os próprios habitantes refletem sobre a sua vida em uma área pobre de infraestrutura precária. Nele é possível perceber algumas estratégias que são acionadas para que o cuidado com os filhos tenha êxito, mas também que as dimensões consideradas problemáticas não necessariamente fazem parte da vida concreta que se desenrola no Alto, o que não quer dizer que, por acreditarem na possibilidade de certos eventos ocorrerem, deixem de participar do modo como definem suas práticas domésticas e estabelecem parâmetros para direcionar o comportamentos dos seus filhos de acordo com o que consideram que será bom ou não para eles ao longo da vida.

Quadro 5 – As donas de casa do Alto da Favela pensam sobre os seus filhos (continua)

Morador(a)	Nº e idade do(s) filho(s)	Depoimentos
Raquel, 37 anos. Dona de casa	1 filho, 8 anos.	<p>Meu filho é da escola pra casa. Eu deixo brincar na rua nos fins de semana. Quando ele vem da escola, às vezes ele pára pra brincar também, mas não demora muito porque eu tenho hora pra sair de tarde e ele tem que chegar pra almoçar antes. [...] Em casa ele não fica sozinho. Eu tenho uma prima que olha ele pra mim enquanto eu vou pro trabalho. Por mim, eu não deixava, por que a gente que é mãe sabe que só a gente faz as coisas como a gente gosta. Eu não pago a ela, ela faz de favor, aí eu não me sinto a vontade pra criticar se ela fizer alguma coisa que eu não goste. [...] Mas o que me deixa mais calma é que uma coisa que eu tenho certeza é que ela não deixa ele solto no meio do mundo, porque sei que ela não deixa os filhos dela ficar pela rua.</p> <p>Rodrigo: <i>Por que não tu não quer que ele vá pra rua?</i></p> <p>Por que na rua tem muita coisa que não presta, né? Muita gente ruim. Podem fazer maldade com ele ou acontecer alguma coisa e esse menino acabar se machucando. [...] Tem esse negócio do crack também, não é? É um problema sério. Muitos meninos se perdendo pras drogas. [...] Nunca vi ninguém usando, só na televisão, mas tenho muito medo que meu filho prove uma coisas horrível daquelas. Deus me livre.</p>
Jeane, 40 anos.	3 Filhos: 20 anos;	<p>O meu filho mais velho deu muito trabalho. Eu não sabia controlar. [...] O segundo é uma moça, não dá aperreio. Só quer saber da namorada, dessas coisas de internet. [...] O de quinze anos gosta dessas coisas de <i>bregafunk</i>, daquelas músicas que só falam coisas feias. Fora isso, não tenho que reclamar dele. [...] Minha preocupação é que ele já fica</p>

Dona de casa.	19 anos; 15 anos.	dizendo que quando tiver dezoito anos, vai pro Treze toda vez que tiver show. ‘Tu acha mesmo que eu vou deixar?’, eu falo. Aí ele vem com essa de que vai ser de maior [...] Eu não quero que ele vá pra um lugar daquele, que tem um monte de cabra metido com coisa errada. ‘Tu já viu as derrotas que aparecem lá embaixo quando tem festa ali, menino?’ Ele não fala nada...
Sônia, 18 anos, Dona de casa	2 filhos. 3 anos; 1 ano.	Eu mesmo sempre gostei de curtir com minhas amigas as coisas que acontecem aqui no Vasco. Eu parei mais depois que tive minha primeira filha. Quando ela tava maiorzinha, tive a segunda. Todo mundo me criticava, mas eu sonhava em ser mãe. [...] Eu penso em dar o meu melhor pra elas, como minha mãe fez comigo. Hoje eu sei o quanto ela se aperreava comigo saindo direto, com uns meninos que hoje eu sei que não prestam, que fazem muita besteira por aí. Minha sorte é que o pai delas não é assim e assumiu. Ele sempre gostou de mim e eu não me arrependo de tá com ele. Rodrigo: <i>E os outros meninos, que tu falou agora, são daqui também?</i> Não, mas já vieram aqui. Tinha um deles que morreu, porque era metido com droga, essas coisas. Nunca gostei. [...] Se uma filha minha algum dia começar a se meter com esse tipo de galerinha, oxe, ela vai ver, eu meto a mão nela e em quem tiver perto, que é pra saber que ela tem mãe.

Fonte: O Autor, 2020.

Para as moradoras do Alto da Favela, a prova a que elas estão obrigadas a enfrentar durante a criação dos seus filhos, que as mobiliza a tentar nortear suas práticas, suas relações e sua circulação dentro do bairro, é compreendida como uma questão intrínseca às rotinas possibilitadas pelo campo de possibilidades existente no lugar em que vivem. Para elas, isso, porém, não é algo específico da sua vizinhanças, mas de todas aquelas em que há agrupamentos de pessoas pobres vivendo sob condições precárias⁷². Aquelas que disseram ter familiares morando em outras partes do Vasco ou da periferia da cidade, por exemplo, especialmente mais adentro nas Zonas 3 e, sobretudo, na Zona 4, estão sujeitas a passar pelo mesmo desafio. Para algumas delas, como para Raquel (37 anos, Zona 2), no “Visgueiro deve ser pior, porque lá, eu não sei, já disseram que por ali tem gente que fica vendendo droga de madrugada, bem na rua, pra todo mundo que tiver passando ver”.

Marlon diz que, se por um lado esse tipo de receio com relação aos filhos tem sentido, por outro lado “é exagero, porque, de verdade, o que tem por aqui é jovem que não faz nada da vida”. Para ele, o problema não são os indivíduos que se envolvem com droga ou com o crime, mas o número de jovens desocupados, que vivem suas vidas sem compromisso consigo mesmo. Ele se refere, sobretudo, aos jovens do sexo masculino que “nem terminam os estudos”, isto é,

⁷² É interessante notar que, ao mesmo tempo, as moradoras entrevistadas não concordavam com a ideia de que a condição de pobreza gerasse criminalidade, apesar de considerarem que em locais pobres as chances dos jovens verem na criminalidade uma alternativa para a vida era algo iminente. Nesse sentido, a ideia de vulnerabilidade em virtude das condições de existência emerge de suas falas, ainda de que forma intuitiva.

o ensino médio⁷³, e não “correm atrás de nada, pensam que vai cair do céu”. De acordo com seu ponto de vista, no local onde mora é comum as pessoas não levarem adiante os estudos, como ele mesmo não o fez, “mas pelo menos tenho ensino médio e se precisar, posso correr atrás de alguma coisa, na Contax⁷⁴, numa C&A da vida”.

Crítico em relação ao perfil da juventude “nem nem” (CARDOSO, 2013), categoria que capta muitos rapaz da sua mesma faixa etária residentes no Alto, ele se coloca como contraponto, na medida em que, mesmo não precisando “dar de comer a ninguém, tô aqui no batente todo dia, pra ter meu dinheiro, ajudar em casa e, se quiser sair, não precisar pedir nada a ninguém”. A maneira como Marlon reflete sobre esses jovens da sua geração aponta não apenas para um tipo de acusação, mas mas uma preocupação em relação ao futuro de muitos dos seus amigos, que parecem estar diante de um futuro incerto, sem planos, expectativas ou norte que seja alcançável a partir das condições e competências que possuem. Perguntado sobre quem são esses jovens, Marlon constrói uma caricatura similar àquela que Alan (38, Zona 2), morador do Renascer, construiu quando observava o jovem negro de cabelos pintados de amarelo que estava no bar localizado ao pé do morro, na rua por detrás dos prédios. Para Marlon, um jovem assim não é necessariamente bandido, mas alguém que “não tem consciência ainda das dificuldades da vida”, que ele dizia saber uma vez que sempre foi alertado para a função que o trabalho deveria ter para a construção de um sentido para a sua vida. Para Alan, esse mesmo perfil de jovens, presentes em sua vizinhança, antes de serem percebidos na chave interpretativa de Marlon, que com eles convive, eram situados entre aqueles que são capazes de “se meter com coisa errada pra ter o que querem”.

Nesse sentido, apesar de Marlon chamar atenção para esses jovens que levam a vida como se estivessem “ao Deus dará”, em uma inércia existencial em termos da procura de uma atividade remunerada ou de qualificação para que possam se inserir no mercado de trabalho, ele não estabelece entre si e eles uma distância diferencial intransponível. Isso porque, entre eles, há diversos dos seus amigos e vizinhos, cujas vidas parecem apenas preenchidas pelo sentido da “curtição”, isto é, interessados em “beber e saber de mulher”. Os amigos assim definidos frequentavam a sua venda e com recorrência os encontrava interagindo com Marlon. Para lá eles iam justamente por não terem outras atividades a serem feitas em suas rotinas, cujo

⁷³ é recorrente nas classes populares o sentido de “terminar os estudos” estar associado à conclusão do ensino médio, como diz Bourdieu (2008), sendo o lugar possível a que se pode chegar. Isso porque o acesso ao ensino superior por esse estrato da sociedade é recente, decorrente de políticas públicas que melhoraram o acesso a partir da ampliação de vagas e da criação de cotas, mas que começaram a sofrer redução desde 2016 em virtude do contexto político brasileiro.

⁷⁴ Empresa de *call center* atuante na cidade do Recife.

tempo livre parecia ser algo abundante. Para Marlon, a presença deles em torno da venda da sua avó não se configurava em um problema, já que assim “o seu tempo passava mais rápido e se distraía... aqui a gente ‘fica de boa’ e eu ainda tô vendendo as bebidas pra quem quiser levar”.

Em um dos dias em que estive com Marlon na venda da sua avó estavam lá alguns dos seus amigos com os quais ele se preocupava, moradores da sua vizinhança. Eram os seus três amigos mais próximos, todos nascidos no Alto da Favela, muito conhecidos na área. O estilo dos rapazes indicava seu pertencimento ao universo do consumo cultural do *bregafunk* e um dos assuntos que mais os instigava a interagir era o evento que ocorreria algumas semanas depois no Clube Treze. Nessa ocasião, um conhecido MC do *bregafunk* iria se apresentar no Vasco da Gama pela primeira vez e o grupo de amigos, incluindo Marlon, estava empolgado com o evento que iria ocorrer. Reproduzo abaixo o trecho do meu diário de campo em que relato como se deu a conversa entre os quatro moradores.

Estavam na venda hoje Marlon e seus três amigos, Rafael, Lucas e Miguel. Estavam empolgados por saber que haveria um show que já aguardavam para ir, que aconteceria, para surpresa deles, no Treze. Rafael (22 anos, Zona 2) dizia que provavelmente não ia poder entrar por causa do preço que seria cobrado no ingresso. Ele não sabia ainda quanto custaria, mas acreditava que não seria barato por que a música do MC estava tocando muito nas rádios, “a música dele tá na moda”. Os outros rapazes concordavam, mas achavam que valeria a pena tentar entrar no clube, pois certamente seria um dia em que haveria muitas meninas na casa de shows. Marlon dizia que de algum modo entraria. Todos riram e só entendi mais tarde que eles sabiam algum modo de entrar na casa de shows sem precisar pagar o ingresso, provavelmente por que conheciam o segurança do clube ou algum outro funcionário que facilitaria o acesso para eles, fazendo vista grossa para os “penetras” [como são chamados aqueles que não têm ingresso ou não foram convidados para uma festa ou evento]. A conversa se desdobrou para uma questão que gerava certa expectativa entre os quatro, que se remetia aos recorrentes conflitos, por eles vistos como mera implicância, dos moradores dos prédios com o clube do bairro. Lucas (26 anos) dizia que se os moradores do Renascer empatassem a noite, ia jogar uma pedra em qualquer janela dos prédios, porque para ele seria a chance de ficar com a menina que há muito vinha tentando se relacionar e que certamente estaria lá. Todos riram entre si e disseram que ele não faria isso porque era “mole demais”, isto é, não teria coragem para se comprometer com algo que poderia gerar um problema ainda maior. Miguel (30 anos), o mais velho, afirmava que faria o possível para ir, mas que seria uma boa oportunidade pra tentar um biscate no clube, que talvez precisasse de mais homens para fazer a segurança do palco, o que não apenas lhe traria algum dinheiro, e estava precisando, como também garantiria a sua entrada no clube e lhe “daria uma moral”, já que teria acesso aos bastidores e poderia “bolar pra geral”. Aproveitei a ocasião para perguntar a eles se por acaso algum morador dos prédios costumava entrar nos shows. Em uníssono, disseram que, se insistissem muito, Robson poderia ir, mas que nunca foi. Se houvesse outra pessoa, eles não conheciam e que, se eu soubesse, os apresentasse que iria pedir para que ele dissesse para os vizinhos ‘deixarem de frescura com o movimento da galera lá na frente, que todo mundo precisa se divertir também porque vai ser dia de *bregafunk* e os comparsas vão tá lá todos louco pra ver as novinhas’.

Na semana do show, perguntei a Marlon como estavam os preparativos dele e dos amigos. Ele sorriu e disse que estavam todos animados, mas que a entrada na casa de shows ainda não estava acertada, porque o conhecido deles ainda não tinha dado certeza se poderia facilitar para que todos entrassem e um deles não tinha o dinheiro do ingresso. Nesse caso, se um não pudesse entrar, ninguém entraria. No entanto, ele comentou que tinha o dinheiro para emprestar ao amigo, mas que nem o amigo “liso”, como ele chamou o que estava sem dinheiro, nem os outros ainda sabiam. Somente avisaria quando tivesse a certeza de que não conseguiriam entrar do modo alternativo, burlando o pagamento dos ingressos, porque se contasse antes, nenhum deles iria se esforçar suficientemente para conseguir o que procuravam. “Eu conheço aquele três. Se facilitar, todos se acomodam!”. Pediu para que eu não contasse o seu segredo que agora compartilhava comigo. Isso dá um sentido de solidariedade entre eles que revela valores de comunidade não percebidos entre outros entrevistados (ZALUAR, 2012).

Alguns dias depois, quando nos reencontramos, Marlon contou que o clube do bairro estava lotado, que a rua estava intransitável e que “até os moradores dos prédios pareciam que tava curtindo”. Os quatro rapazes conseguiram entrar com a ajuda do amigo segurança, mas Miguel, o mais velho, não aproveitou tanto a noite porque tinha conseguido o biscoito de segurança por uma noite, que poderia abrir as portas para ter algum trabalho nos finais de semana que viessem a ter shows no clube. “Pra ele foi bom, pena que não podia beber com a gente”. Somente depois do show, quando a casa já estava vazia, Miguel poderia encontrar os amigos do lado externo para beber até raiar o dia, como fizeram, subindo o morro e sentando em frente à venda de dona Socorro, aonde viram o dia começar com os primeiros moradores descendo a rua para seguirem suas rotinas.

Robson, o instrutor de artes marciais, contou-me depois que no dia desse show alguns moradores dos prédios tiveram problemas para chegarem dentro do condomínio com seus carros e alguns deles acabaram deixando os veículos em uma rua da Zona 1, evitando problema com os frequentadores do clube do bairro. Ele disse que isso não é comum acontecer e sua interpretação era a de que tinha ocorrido porque a rua principal estava com um número maior do que o de costume, porque o show trouxe mais gente do que o esperado para o clube. “O Vasco ficou completamente parado naquela noite, até eu descii pra ficar aqui olhando a rua, vi Marlon por aqui, ele tava virado com uma garrafa de uísque pra lá e pra cá [risos]”. Robson completou, “nem só de dificuldade esse povo daí [do Alto] vive, basta dar uma brecha que tu ver a fuzarca acontecer”.

Em linhas gerais, os dados obtidos durante o trabalho de campo na Zona 2 trouxeram elementos para perceber um caráter conflitual presente de maneira mais evidente na relação dos

condôminos com seu entorno do que dos moradores do morro com os habitantes do Renascer. A maneira como os moradores do restante do bairro, das Zonas 1, 3 e 4 percebem a Zona 2 como uma área relativamente autônoma dentro do território toma como especificidade à própria configuração urbana e, para cada uma das vizinhanças, aspectos particulares existentes ou supostos da sua composição. No meu contato, porém, com os moradores do Alto da Favela, vi que muitos dos estigmas propagados pelos moradores do conjunto residencial não se confirmam: na verdade, repete-se o sentido de proteção das famílias aos seus filhos e a condenação aos pais que não o fazem.

Na Zona 3, especificamente, a relação com as outras zonas ocorre de maneira particular, porque, em maior ou menor grau, nela tanto residentes da Zona 2, especialmente do Alto da Favela, e da Zona 4 como um todo, podem ser encontrados, porque é nela em que são identificados os estabelecimentos comerciais para onde todos vão quando precisam adquirir os bens mais fundamentais para a manutenção das suas vidas e das suas casas, seja em termos de serviços, de alimentos e de vestuário. Como demonstrarei a seguir, é no centro do bairro em que a dinâmica econômica se dá, tanto em matéria da produção dos meios materiais de vida quanto em termos da produção do sentido da vida para aqueles que não apenas moram, mas também trabalham dentro do bairro.

4 O BAIRRO COMO MORADA E COMO LOCAL DE TRABALHO

*Minha mãe sempre vendeu coisas, né? Quando eu vi, já tava vendendo também.
Acho que foi por isso que virei comerciante,
dona dessa loja aqui.*

Lidiane, 30 anos, Zona 3

4.1 O lugar do comércio, do trabalho e das transições

Quando passei pela Zona 2 e segui adiante pela rua principal explorando cada um dos espaços que os moradores percebiam como algo singular dentro do Vasco da Gama, sabia que lidaria com um contexto em que não apenas a posição em que se mora no território deveria ser levada em consideração para compreender as relações específicas estabelecidas entre os indivíduos e o lugar em que vivem, mas também que precisaria analisar uma zona que é vista pelos atores como uma configuração urbana propícia para “tentar a vida” no próprio bairro. Isso porque, enquanto as Zonas 1, 2 e 4 possuem uma infraestrutura predominantemente utilizada para fins residenciais, na Zona 3, que é o centro deste capítulo, verifica-se, além desse traço, a presença de uma dinâmica comercial e econômica que condiciona os moradores, sobretudo aqueles que não estão ocupados em um emprego formal, a nela verem um ambiente em que se pode encontrar trabalho ou, se em posse de um capital econômico inicial, abrir um negócio para trabalhar por conta própria.

Ainda quando estava acompanhando Marlon na Zona 2, descobri que parte dos produtos que ele e sua avó comercializam no primeiro morro do Vasco são comprados na Zona 3, que se inicia após ultrapassado o Conjunto Residencial Renascer e a rua que dá acesso ao Alto da Favela. Devido à existência de diversos estabelecimentos comerciais no perímetro que faz parte da terceira zona, que nela se distribuem dos dois lados do trecho da rua principal existente em seu interior, Marlon conseguia, sem se afastar demasiadamente da localidade em que mora, comparar minimamente preços e repor itens que comercializa na venda em que ele atualmente trabalha. A partir do seu ponto de vista, quem é proprietário de um pequeno estabelecimento comercial situado na Zona 3, vive sob condições de vida melhores do que quem tem, como sua avó, uma barraca que atende a uma só vizinhança, porque, como ele diz:

[...] naquela área se vende mais, é melhor, vale a pena ter um negócio ali. Ir sempre lá [na Zona 3] ver os preços, eu consigo comprar em quantidade lá e ter melhor retorno aqui [na Zona 2]. Mas lá eles vendem muito mais, tem mais gente pra comprar. [...] Não acho errado [cobrar um pouco mais caro] porque eu vou lá buscar e trago pra cá, quem compra comigo não tem que descer o Alto e depois subir carregando peso, eu já carrego pra cá. É só vir comprar aqui na venda (Marlon, 27 anos, Zona 2).

Não é somente Marlon que considera a Zona 3 uma das melhores áreas do Vasco da Gama para se ter um negócio e trabalhar por conta própria. Por ser o intervalo do território do bairro que em qualquer horário do dia pode ser vista significativa movimentação de pessoas, chegando-se mesmo a sentir pairar um grau de relativo anonimato entre os transeuntes, outros moradores veem a terceira zona como um espaço de oportunidade para tentar negociar produtos dentro do bairro em que moram. “Se um dia eu quisesse trabalhar aqui no Vasco, fosse abrir alguma loja, queria que fosse num ponto ali pra perto do mercadinho. [...] Ali as coisas dão certo, né? Tem lugar aqui, não adianta, tudo que abre, fecha logo” (Tiago, 25 anos, Zona 4); “Eu cheguei a pensar, quando tava sem trabalho, em tentar vender capa pra celular aqui no Vasco. [...] Tentar alugar um ponto ali perto da entrada do [Córrego] do Botijão, mas não dava pra mim, porque não ia ter dinheiro pro aluguel pra começar” (Alex, 30 anos, Zona 3); “Uma vez eu tava precisando ganhar um extra porque tava começando a tá com dívida e disse, ‘quer saber, eu sei cozinhar tão bem, vou fazer umas coisas e vender ali perto da parada de ônibus [no centro da Zona 3], aí vendia almoço em quentinha, bolo com café, pamonha essas coisas” (Rosália, 48 anos, Zona 3).

A Zona 3 aparece no discurso nativo como o espaço em que “qualquer coisa pode dá certo” porque “tudo tem chance de ser vendido ali”, uma vez que “sempre tem gente que pode ver uma coisa que acaba levando pra casa” (Robson, 47 anos, Zona 2). Nela, a rua principal torna-se um atrativo para que os moradores saiam de suas casas e caminhem pelo bairro, cruzando e parando em frente aos estabelecimentos comerciais que fazem parte da paisagem urbana do lugar em que moram. Além de aí realizarem práticas de consumo, o vai e vem de pedestres seguindo para dentro, em direção à Zona 4, e para fora, rumando para as zonas 2 e 1 até alcançar a Av. Norte, aponta para diferentes intencionalidades. Os moradores não passam por essa zona apenas quando precisam adquirir mercadorias, mas a ela vão também quando intentam encontrar trabalho. Não obstante isso, muitos para ela vão para se distrair e interagir com outros habitantes, encontrando vizinhos, familiares e trabalhadores de quem são clientes e com quem têm vínculos de amizade: “Eu adoro ir lá embaixo comprar pão no fim do dia, porque é a horinha que eu tenho pra ver a rua” (Simone, 50 anos, dona de casa, Zona 4); “Quando eu

vou ali na rua, pra comprar alguma coisa, meu marido tira onda dizendo ‘eita, já sei que só volta amanhã’ porque eu sempre demoro conversando com quem encontro no caminho [risos]” (Rosângela, 37 anos, dona de casa, Zona 3); “Final de semana, eu vou lá pra fazer a feira [...], é a feira e comprar o almoço na rua, no Bar de Bigode, que vende uma carne de sol que todo mundo gosta, aí é um agrado pra família, né, que quando pode a gente tem que aproveitar pra saber ser feliz também” (Antônio, 44 anos, Zona 4).

Quem mora no Vasco da Gama reconhece na Zona 3 o lugar para o qual se vai quando se precisa adquirir algo que falta em casa e que está precisando para manter o funcionamento da cozinha, para que as demandas domésticas sejam atendidas. No centro comercial do bairro é possível repor os itens da despensa e, ao mesmo tempo, participar de interações com outros atores individuais com os quais vínculos de amizade podem ser paulatinamente cultivados, notadamente com os proprietários dos pequenos estabelecimentos comerciais que também ocupam a posição de morador do bairro — o que não é difícil por ali encontrar. Entre minimercados, mercearias, salões de beleza, farmácias, barracas, lojas de roupas e de móveis, moradores da própria zona e de suas adjacências, especialmente dos morros e da Zona 4, são encontrados convertidos em trabalhadores urbanos, desempenhando atividades como comerciantes, atendentes, cabeleireiros, esteticistas, feirantes, vendedores ambulantes, taxistas, mototaxistas, vigilantes, feirantes, chaveiros, técnicos de consertos em geral, caixas dos minimercados, carregadores etc.

Não é por acaso que os pequenos estabelecimentos comerciais do Vasco da Gama estão localizados na Zona 3 e há um dado geográfico que ilumina essa questão. Diferentemente do que vimos nas Zonas 1 e 2, que estão mais próximas da Av. Norte e do bairro de Casa Amarela (funcionando como rotas para a saída dos seus moradores da periferia para outras partes da cidade), na área do comércio local verifica-se mais intensamente interconexões para outras direções da própria região periférica. Como pode ser visto no Mapa 1⁷⁵, a terceira zona está localizada em um eixo central do espaço geográfico que compreende o bairro e funciona, por isso, como uma intersecção entre diferentes vizinhanças que são tidas pelos moradores da Zona 1 e parte da Zona 2 como as mais pobres, as mais precárias e as mais problemáticas, cujos moradores estão sujeitos a serem mais facilmente associados aos domínios da violência e da criminalidade.

⁷⁵ Ver mapa na última seção do capítulo 1 desta tese.

É exatamente por meio das ruas e ruelas que se abrem a partir da Zona 3 que se pode ir às partes mais elevadas que integram o Vasco da Gama à sua parte territorial mais interna, como ao Alto Treze de Maio, ao Alto Nossa Senhora de Fátima, ao Alto do Eucalipto, ao Córrego do Botijão e à Rua Dois de Fevereiro, que, por sua vez, serve como atalho para chegar ao Morro da Conceição e a outro ponto da Av. Norte, distante daquele conectado à Zona 1, na entrada do Vasco⁷⁶. Como um trecho pelo qual os moradores dos Altos estão obrigados a passar se desejarem ir à rua principal do Vasco da Gama⁷⁷, a terceira zona tornou-se, ao mesmo tempo, o centro comercial e econômico do bairro e o intervalo de transição entre os espaços residenciais mais urbanizados e as vizinhanças de infraestrutura precarizada, como aquela que emerge entre as ruelas e escadarias que avançam para o topo das colinas argilosas que aí se impõem como verdadeiros montes com casas.

Nesse sentido, situada em um ponto que separa as “áreas boas” das “áreas ruins”, a Zona 3 tanto estabelece uma ponte entre os contrastes internos quanto tenciona a realidade do Vasco da Gama por meio do seu caráter complexo e diversificado. Por um lado, ela demarca a linha que define onde termina as condições urbanas socialmente valorizadas pela população residente e, por outro lado, aponta a partir de quais vias é possível percorrer rumo aos espaços produzidos pelas ações não coordenadas dos residentes ao longo do tempo. Destacam-se, nesse sentido, três importantes ruas que, a partir da Zona 3, oferecem rotas de acesso para que as famílias mais pobres possam circular entre as suas casas e o centro comercial local: a Rua do Alto Mundo Novo, a Rua Dois de Fevereiro e a Rua Frederico Ozanam.

A Rua Alto do Mundo Novo está situada logo após a Zona 2, a cerca de duzentos metros do Conjunto Residencial Renascer, e é a maior avenida pavimentada que permite subir ao topo do Alto Treze de Maio, o morro mais elevado do Recife. Poucos são os moradores do Vasco que conhecem o nome dessa rua, indicando-a sempre como a “rua do Alto Treze de Maio”. Sobre esse morro, a vida social e a infraestrutura urbana não são das melhores. Nele são encontradas residências situadas em áreas classificadas como áreas de risco pelo poder municipal, em virtude da possibilidade de desabamento a que estão expostas visto que estão construídas nas encostas das antigas colinas argilosas da periferia urbana.

⁷⁶ Áreas que foram ocupadas por meio do processo de autoconstrução espontânea de moradias que marcou o crescimento populacional do Recife, conforme descrito no capítulo 1.

⁷⁷ Além de transeuntes das localidades mencionadas e que integram o Vasco da Gama, encontrei também moradores de outros bairros da periferia do Recife entre os clientes dos estabelecimentos comerciais do bairro, especialmente vindos de Nova Descoberta, Brejo de Beberibe, Alto José Bonifácio, Dois Unidos e Morro da Conceição.

A Rua Dois de Fevereiro, por sua vez, conecta o comércio do bairro ao Alto Nossa Senhora de Fátima (Alto da Foice), ao Córrego do Ouro, ao Alto da Esperança e à Av. Norte, servindo, por isso, como rota alternativa para ir à Casa Amarela. Nela são encontradas inúmeras moradias, mas são nas vielas que a ela se conectam em que é encontrado o maior número de habitantes, muitos residindo em becos e escadarias difíceis de serem localizados e percorridos por aqueles que não têm familiaridade com os labirintos que ali se formam. Com um elevado potencial para a mobilidade urbana dos moradores da periferia, não é difícil compreender a sua importância para quem vive na Zona 3 e na Zona 4, que com frequência a utilizam para que possam chegar mais rapidamente aos bairros mais enobrecidos situados do outro lado da Av. Norte, cuja distância pode por eles ser percorrida a pé sem nenhum problema.

A Rua Frederico Ozanam, por último, é a rua principal do Córrego do Botijão, localidade em que dona Jô, da Zona 1, cresceu com sua família originária e onde ainda mora um dos seus irmãos. Como dito no capítulo 2, apesar de possuir uma infraestrutura urbana precária que ainda apresenta resquícios do processo de autoconstrução espontânea de moradias ocorrido no Vasco da Gama, nos dias atuais é uma das localidades residenciais próximas do centro comercial mais importantes, especialmente por ser em seu interior que muitos feirantes antigos moram. Nos percursos que realizei por essa via no Córrego do Botijão, muitos feitos ao lado de dona Jô, percebi um fluxo intenso dos seus habitantes indo e vindo para a Zona 3, encontrando-se, entre eles, muitos que portavam consigo sacas de verdura e frutas para serem colocadas em suas quitandas, em sua maioria estabelecidas na esquina que se forma no encontro da Rua Vasco da Gama com a Rua Frederico Ozanam.

Durante o trabalho de campo, interagi com transeuntes que circulavam não apenas na rua principal, mas também por essas três ruas movimentadas, que ligam o centro comercial às localidades mais pobres do Vasco da Gama. Em sua maioria, tratava-se de pedestres seguindo para diferentes rumos, com os mais variados objetivos. Alguns iam para escola, outros estavam caminhando para visitar colegas, muitos outros estavam passando por ali seguindo para seus locais de trabalho dentro e fora do bairro. Dentre os que tinham atividade no próprio Vasco, seus locais de trabalho estavam situados entre a Zona 4 e a Zona 2, no perímetro que forma a Zona 3, mais exatamente na sua parte plana formada pelo pedaço da rua principal que por ela passa. Quando comecei a conversar com os proprietários dos pequenos estabelecimentos em funcionamento, percebi que quase todos residem nessas três vias, com exceção da proprietária de um açougue que mora na Zona 2.

Por residirem, muitas vezes, nas redondezas da mesma zona, o breve trajeto entre a casa e o trabalho é o percurso definidor de suas rotinas, uma vez que os comerciantes passam praticamente o dia inteiro dentro de suas vendas, indo até seus lares para um breve descanso, para almoçar ou para a resolução de algum imprevisto surgido ao longo do dia. Por morarem no bairro e nele também trabalharem, os comerciantes que atuam no Vasco da Gama contam em grande medida com a ajuda de seus parentes para o funcionamento dos seus pequenos negócios, alguns inclusive residindo em casas que compartilham de um mesmo quintal (cf. GUEDES, 1998; GUEDES, LIMA, 2006), o que certamente relaciona-se à ideia da família como valor moral nas camadas populares urbanas (SARTI, 2011), expressada, nesse bairro, em forma de ajuda dada por parentes a outros significativos (MEAD, 2015) quando se encontram passando por momentos de dificuldade.

Não apenas esses tipos de relações puderam ser verificadas no trabalho de campo. Embora a rotina predominante nessa parte do bairro esteja ancorada às trocas de caráter comercial, ao consumo, ao trabalho por conta própria e aos biscates, outras dimensões a essas se associavam e complexificavam o universo agora observado. Os relatos feitos pelos pequenos comerciantes sobre a vida cotidiana da Zona 3 trouxe consigo também narrativas sobre circunstâncias conflitivas, seja ocorrida entre colegas que, por motivos diversos, passaram a se desentender, seja entre familiares cujos problemas acabaram redundando em discussões e agressões físicas em via pública.

Na fase da pesquisa dedicada a identificar como os moradores-comerciantes atuantes no comércio do bairro participam da realidade local, tinha em mente, por isso, que estava cada vez mais próximo do contexto com o qual tinha mantido maior familiaridade enquanto morei no Vasco e isso poderia me servir para ver não apenas as dinâmicas dos indivíduos no âmbito das suas experiências laborais, mas também em sua conexão mais fina com a realidade mais geral no qual seus negócios ocorrem. Especialmente por que estava ao lado da Zona 4 e pressupunha que na Zona 3 poderia encontrar antigos conhecidos que tinham comigo convivido de maneira mais próxima, cujos pontos de vista e depoimentos poderiam trazer dados que talvez não concedessem para um pesquisador com o qual não tinham um grau de confiança estabelecido.

De fato, pela Zona 3, comecei a reencontrar antigos vizinhos que por ali transitavam entre os estabelecimentos comerciais. Fui reconhecido por diversos deles, com quem conversei sobre o que por ali estavam fazendo, o que, ao eu explicar que estava novamente sempre por perto, abria caminho para ser convidado para ir encontrá-los em suas casas para rever seus

parentes ou apenas para dar continuidade ao diálogo iniciado⁷⁸. Como a minha família nuclear (pai, mãe e irmã) não mais residiam no Vasco da Gama, algumas interações se mantinham em um nível baseado na experiência da surpresa do reencontro inusitado (para eles, já que eu esperava por isso), mas, em alguns casos, desdobrava-se em oportunidades para captar informações sobre o bairro, sobre os moradores e sobre os comerciantes, que na ocasião do momento da pesquisa na Zona 3, ocupavam o primeiro plano dos meus interesses e das minhas questões.

Assim fui compreendendo que muitos comerciantes tinham antes trabalhado em outras áreas até decidirem enveredar no trabalho por conta própria no Vasco da Gama. Um ex-vizinho, por exemplo, contou-me que a proprietária de uma lanchonete cujo negócio parecia crescer era, antes, funcionária do jogo do bicho e, em virtude do nascimento dos filhos, precisando ter uma renda melhor, decidiu enveredar por uma experiência de “empreendedora popular”, como ele frisou. Soube também da história de um feirante, proprietário de uma pequena quitanda, que, antes de ser dono do seu negócio, tinha feito reparos em casas locais por ter sido um “pedreiro de mão cheia”. Além desses, outros casos iam ganhando sentido processual, visualizando os trabalhadores naquele instante tendo como referência atividades anteriores que compunham um percurso laboral.

Se ao mesmo tempo transitava e buscava conversar com quem por ali passava, também frequentava, na condição de cliente, diferentes estabelecimentos comerciais, nos quais procurava conversar com seus proprietários e, quando se aplicava, com os empregados⁷⁹. Nos comércios instalados em pontos comerciais de pequeno porte, não era difícil avançar para uma conversa mais duradoura com quem nele era encontrado, especialmente quando se tratava de comerciantes que atuavam sozinhos, passando horas do seu dia a aguardar a entrada de clientes no recinto. Com esses tipos de comerciante, a tendência era evidente: ao contar as suas trajetórias de vida, mesclando diferentes domínios da vida social às experiências laborais, caminhavam para a elucidação do próprio estabelecimento e da Zona 3. O sentido predominantemente que os próprios trabalhadores davam a essa zona era a de que o espaço se converteu no lugar em que podiam arriscar abrir um negócio próprio nas proximidades de sua

⁷⁸ Alguns antigos vizinhos farão parte do próximo capítulo. Neste instante, meu intuito é apenas o de demonstrar como se davam os encontros no contexto em que os pequenos estabelecimentos comerciais contextualizavam as interações de que eu participava por estar entre eles.

⁷⁹ Em geral, aqueles que trabalhavam por conta de outro estavam vinculados aos minimercados do bairro e suas funções dentro do estabelecimento os impedia de comigo conversar sobre a atividade laboral e sobre a sua experiência de trabalhar no bairro em que mora. Apenas quando se tratava de trabalhadores vinculados a estabelecimentos menores, mesmo quando empregados de um proprietário que tinha decidido contratar alguém, podiam dispor de seu tempo para uma interação mais apropriada para os fins que buscava alcançar.

casa, em alternativa ao desemprego ou à instabilidade no mercado de trabalho a que estava sujeito, dedicando-se sem grandes custos para que o estabelecimento comercial começasse a funcionar, especialmente por conta própria, sem recorrer à contratação de alguém para auxiliá-lo.

Desse modo, aos poucos a área comercial que compõe a Zona 3 ganhava contornos que iam além do que a primeira vista era percebido, transparecendo por meio das interações entre os indivíduos nela identificados dimensões socioantropológicas importantes para seu entendimento como parte da estrutura da realidade social imanente de dentro do Vasco da Gama. O microcenário da terceira zona, portanto, paulatinamente se apresentava diante de mim como um contexto em que as histórias de vida se tornavam o caminho para a sua compreensão a partir de dentro, cujas narrativas pareciam ser capazes de ofertar conteúdos não apenas sobre aquele que contava seu percurso, mas sobre o próprio lugar em que moram e trabalham. Assim, realizei a pesquisa na Zona 3 de dentro das lojas, acompanhando mais de perto o caso de um pequeno estabelecimento comercial em processo de expansão, no interior do qual pude reconstruir uma trajetória intergeracional que abrangia momentos distintos da Zona 3, visto por meio da vida de duas comerciantes, mãe e filha. Ao mesmo tempo, explorava o entorno da loja, buscando alcançar pontos de vista sobre o bairro com outros trabalhadores locais, tanto proprietários quanto empregados, mas também desempregados em busca de biscates no próprio bairro. Dessa forma, concentrei-me na terceira zona do Vasco e, como demonstro abaixo, nela o Vasco da Gama ganhava contornos distintos daqueles vistos nas Zonas 1 e 2, transformando-se não apenas em um contexto particular de práticas e interações, mas também em um intervalo territorial de transição que conectava todas as vizinhanças entre si, especialmente estabelecendo uma ponte para a Zona 4, área em que cresci.

4.2 Um encontro oportuno na Zona 3

Em um dia em que cheguei ao Vasco da Gama com o intuito de acompanhar a abertura dos pequenos estabelecimentos comerciais, ainda quando não tinha traçado as melhores formas de explorar a Zona 3, comecei a observar, a partir de uma calçada larga localizada em frente a uma padaria, o aumento contínuo do fluxo de pessoas saindo do bairro. Homens e mulheres apareciam vestidos com roupas indicativas de que estariam seguindo àquela hora para os seus locais de trabalho. Desciam as escadarias e saíam principalmente pelas três principais ruas que dão acesso à rua principal por onde passam os ônibus e em que estão também os mototáxis,

exatamente no centro da área comercial do Vasco da Gama. Do Córrego do Botijão, da Rua Alto do Novo Mundo e da Rua Dois de Fevereiro, pessoas das mais diversas idades e dos mais variados tipos já podiam ser vistas para lá e para cá, enquanto outras, sobretudo homens mais velhos, aglomeravam-se nas esquinas em um outro ritmo, despreocupados, alguns apenas vestidos com bermudas e chinelos, demonstrando que ali se sentiam em casa. Alguns deles fumavam um cigarro em uma mão e, na outra, seguravam um copo de café puro, outros, ainda parecendo não terem chegado em casa da noite anterior, seguravam latinhas de cerveja e conversavam em voz alta, aparentando estarem em estado alterado pelo consumo de bebidas alcoólicas.

Era 7h30 de uma segunda-feira. Os pequenos estabelecimentos comerciais do bairro começavam a abrir as portas e a movimentação de pessoas dava a sensação de que no Vasco seria um dia agitado, como são, normalmente, todos os dias da semana comercial, incluindo o sábado, que é o dia em que há maior número de pessoas frequentando as quitandas e os minimercados locais. Somente no primeiro dia do ano e em alguns dias de carnaval as lojas se mantêm fechadas, embora, como me disse Djalma (47 anos, feirante, Zona 3), há sempre quem aproveite a falta de concorrência para “ganhar um dinheiro a mais, mas nem vale a pena, porque dia primeiro não tem ninguém, no carnaval só vende se for cerveja”. Eu tinha ido ao Vasco da Gama nesse horário com o objetivo de identificar as principais localidades de onde chegavam os trabalhadores que atuam no bairro, se vinham de transporte público, o que indicaria que procediam de outras partes da cidade, ou se apareciam caminhando das ruas mais próximas, sugerindo que na Zona 3 a maioria das pessoas ocupadas moravam no próprio bairro ou em outras áreas da periferia de que ele faz parte.

Passei a observar a Zona 3 a partir de dois pontos de ônibus situados na área comercial, a partir dos quais conseguia perceber tanto os moradores saindo quanto chegando no Vasco da Gama. Deles, podia constatar que muitos trabalhadores locais chegavam a pé, saindo das ruas próximas e descendo os Altos que circundam a Zona 3. Ao meu lado, nessas paradas de transporte público, entre um e outro ônibus que passava, aglomeravam-se moradores ansiosos para chegarem aos seus locais de trabalho localizados fora do bairro. Especialmente no ponto de ônibus localizado ao pé da Rua Santa Clara, que, apesar de se chamar rua, é, na verdade, uma escadaria, muitas pessoas aguardavam transporte para sair em direção à Av. Norte. Aí, entre mim e os residentes, diversas pessoas passavam apressadas, caminhando para todas as direções, rumando para diferentes estabelecimentos, o que eu acompanhava com o olhar identificando a abertura das portas de ferro comuns nos pontos comerciais do bairro. Nesse vai

e vem, uma mulher passa por mim e cumprimenta uma outra mulher, jovem, bem vestida e maquiada, e lança para ela um elogio, dizendo que estava “bonita como sempre”, sendo retribuída com um sorriso e com um aviso de que “mais tarde vou passar lá na loja, visse? Eu vi as peças novas que tu postasse ontem, quero provar, me espera chegar mais tarde”.

Deduzi que se tratava de uma loja de roupas femininas. Na Zona 3, há cerca de cinco lojas dedicadas ao comércio de vestuário. Elas abrem normalmente em um horário mais tarde do que os estabelecimentos comerciais que vendem produtos alimentícios, cujos funcionários, no caso das padarias, chegam à Zona 3 ainda antes do dia clarear. As lojas de roupas normalmente abrem suas portas em torno das 9h e, embora fosse antes disso, a mulher que por mim tinha passado caminhava apressada em direção a essas lojas. Na fachada tinha um letreiro estilizado com a indicação do nome da propriedade, “LIDI MODAS: Loja de roupas femininas”. Gravado em letras ornamentadas em tonalidade clara feitas sobre um material plástico preto, Lidi Modas reluzia com o brilho do sol da manhã na rua principal que lançava luz sobre a loja bem acabada situada em um ponto da Zona 3 certamente desejado, por oferecer ao estabelecimento comercial a chance de ser visto por quem passa para uma das direções do bairro.

A mulher, também jovem, chegava em frente a essa loja segurando, de um lado, uma bolsa volumosa e pesada e, do outro, a mão de um garoto que andava um pouco atrás da linha do seu corpo. Ele, com aproximadamente dez anos de idade, vestido com a farda de uma escolinha privada e com uma mochila nas costas, reclamava, e a mulher que o levava respondia como se tentasse conformar a criança. Diante do estabelecimento, ela destravou dois cadeados localizados no chão e suspendeu a porta, fazendo barulho de metal se dobrando, e, com um semblante que passava a impressão de que estava ansiosa, olhava para o celular, colocando o aparelho próximo à boca e, em tom de preocupação, parecia gravar mensagens de voz para alguém que aguardava chegar. Entrou na loja e o garoto sentou-se em um banco na porta da loja, olhando para a rua principal em sentido à Zona 2, enquanto a mulher, na parte de dentro, movia-se por detrás do vidro arrumando as peças em uma vitrine para deixá-las expostas para quem passasse pela calçada.

Eu a observava a partir do outro lado da rua e vi quando o garoto se levantou correndo chamando a mulher, “mãe, painho já tá chegando”, até que uma motocicleta parou buzinando a partir do meio-fio da rua principal. Sobre a moto o homem de capacete, vestido de calças jeans e jaqueta escura, chama pelo garoto, que, em seguida, salta agilmente no banco traseiro, segurando o pai pela cintura enquanto a mulher reaparece demonstrando, ao mesmo tempo,

impaciência e alívio pela chegada do marido. Dá um beijo na criança, põe no garoto o capacete e passa as alças da mochila pelos seus braços, diz algo ao marido, que parte em velocidade em direção à Av. Norte. A mulher olha os dois se afastando e respira com as mãos na cintura, sorri fazendo um gesto com a cabeça para os lados, como se refletisse sobre a agonia do início do seu dia, e volta para a loja, permanecendo dentro entre peças e acessórios femininos que comercializa a partir dali, limpando o lugar, reposicionando os produtos e sentando-se em uma cadeira alta por trás de um balcão branco.

Do ponto a partir do qual observava a loja, percebia, através do vidro impecavelmente limpo, que o interior do estabelecimento era distinto da maioria das lojas de roupas que podem ser encontradas na Zona 3. Em sua maioria, as lojas expõem as suas peças em cabides suspensos ou em manequins postos nas calçadas por onde os pedestres andam, ocupando parte da via pública. Em Lidi Modas não era assim, em frente ao estabelecimento não havia qualquer objeto. Depois de arrumada a loja e a trabalhadora parecer estar apenas aguardando as clientes entrarem para olhar suas mercadorias. A calçada permanecia livre e sua vitrine podia ser vista por quem por ali passasse, as portas de vidros continuando fechadas sinalizando que dentro o ambiente era climatizado por ar-condicionado. Os manequins, dispostos de maneira similar ao que é comum encontrar em estabelecimentos comerciais dos bairros nobres, chamavam a atenção dos transeuntes, sobretudo das mulheres, visto que estavam vestidos com peças que se combinavam em conjuntos adequados tanto para saídas casuais quanto para eventos formais, destinadas tanto para mulheres de corpo mais magro quanto para mulheres gordas, algo raro de se ver nos centros comerciais maiores do Recife, como o Shopping Plaza Casa Forte, localizado no bairro homônimo.

Chamando a minha atenção, fiquei curioso em conhecer a mulher, provavelmente a proprietária da loja de roupas femininas mais organizada da rua principal. Contudo, como a loja era voltada para o público feminino e, em geral, pelas observações que já tinha feito na Zona 3, sabia que não era comum ver homens nas lojas de roupas e eu precisava ter em mente o que dizer ao me aproximar e entrar no recinto. Como ainda era de manhã, quando o movimento de clientes ainda não é tão intenso, o contexto permitia explicar com relativa tranquilidade minhas intenções, mas precisava também justificar o motivo de, no universo de lojas possíveis, selecionar a sua como uma rota de acesso para compreender a dinâmica comercial do Vasco da Gama e seus trabalhadores. A surpresa sobre a beleza da sua loja e a sua organização, além dos detalhes que sua vitrine destacava e os tipos de peça, pareciam-me suficiente para apresentar o motivo com base na percepção de que ela sem dúvida se esforçava para trabalhar por conta

própria, investindo no seu negócio para fazê-lo ser um diferencial no contexto em que se encontra funcionando.

Ao abrir a porta de vidro e receber o seu bom dia em tom carismático, nos primeiros instantes de nossa interação, fomos interrompidos com a chegada de uma senhora que, apressada, chamava por ela. A jovem mulher, pedindo-me desculpas, perguntou se eu poderia esperar para ser atendido em seguida, porque precisava ajudar a senhora que acabava de chegar. Tratava-se de sua mãe, que na loja chegava com o objetivo de pegar uma caixa com produtos para levar a outro ponto comercial do bairro, o que sinalizava que a mulher que tentava contatar poderia ter mais de uma loja no Vasco da Gama, fato confirmado quando ela me contou a sua trajetória dentro da Zona 3. Enquanto elas resolviam como iam fazer para transportar o volume, como cliente, passei a olhar as peças em exposição. Podiam ser encontrados vestidos, bermudas, saias, blusas, saídas de praia, biquínis, chapéus e bijuterias. Penduradas em cabides padronizados, organizadas por tipo e distribuídas de maneira a aproveitar ao máximo o pequeno espaço, a loja, embora pequena, não passava a sensação de aperto, comum aos outros estabelecimentos locais que já tinha visitado, e o balcão de atendimento demarcava ainda o limite pelo qual os clientes podiam circular, formando o caminho para os dois pequenos provadores que as mulheres poderiam utilizar caso se agradassem de alguma peça em exposição.

Perguntando o meu nome, a vendedora indagou se eu me incomodaria se ela ajudasse a senhora mais velha a colocar a caixa pesada dentro do carro que se aproximava para buscá-la, que pararia em frente à loja. Era a brecha que eu precisava para, em seguida, explicar o que estava desejando ao entrar em sua loja. Depois de resolvida a situação, ela se apresentou, dizendo-me seu nome, “Lidiane, mas pode me chamar de Lidi”. Obviamente, era a proprietária da loja, o que me deixava mais interessado em conhecer como foi a trajetória do seu estabelecimento comercial no Vasco da Gama. Consegui explicar que minha ida à sua loja naquele horário da manhã não era motivada pelo interesse em comprar uma de suas peças, mas de conhecê-la, em virtude da pesquisa que estava realizando no Vasco da Gama. Dizendo não saber muito bem como podia contribuir com o que eu desejava e relativamente receosa com a ideia de falar sobre si mesma para uma pessoa estranha, contei que tinha sido morador do Vasco e que agora tinha voltado ao bairro para escrever um trabalho sobre a vida dos moradores, inclusive daqueles que trabalham no lugar em que habitam ou perto de suas casas, como provavelmente era o seu caso.

Expliquei, assim, que meu intuito era o de saber um pouco como ela começou o seu negócio, como escolheu o ponto comercial em que a loja estava funcionando e se tinha trabalhado em outras ocupações antes de se tornar proprietária de um estabelecimento especializado em moda feminina. A sua resposta, dada de rompante, indicava que, sem dúvida, sua narrativa contribuiria para explorar a Zona 3 a partir de uma perspectiva êmica (HALPERIN, 1996), compreendendo, por meio de seu percurso, dimensões que extrapolam as paredes de sua loja e avançam tanto para os domínios das famílias moradoras do entorno da zona comercial quanto para o bairro em geral: “ah... nem sei dizer direito como foi... eu acho que comecei a vender por causa da minha mãe, ela sempre viveu de vender coisas aqui no Vasco, acho que tá no sangue [risos]”. Sem dúvida, como demonstro a seguir, a sua resposta tinha fundamento, mas, ao mesmo tempo, escondia uma série de elementos e imbricações intergeracionais que, ao ser pega de surpresa com o que lhe pedia, a lojista ainda não sabia lidar.

4.3 Prazer, Lidiane: de filha de ambulante à proprietária da Lidi Modas

Lidiane tem 30 anos de idade e é proprietária de Lidi Modas há dois anos. Ela trabalha por conta própria aproximadamente há quatro anos, mas somente decidiu ter um ponto comercial na Zona 3 quando percebeu que a dinâmica que antes realizava não daria mais conta da demanda da clientela que crescia em torno de suas vendas. Enérgica, sempre atenta ao telefone celular, Lidi lida com seu negócio como se estivesse cuidando de sua casa. Durante as 24 horas do seu dia, dedica-se ao seu estabelecimento comercial, ao seu filho e à sua casa, mas diz que “muitas vezes acho que tenho pensado mais aqui no negócio”, inclusive nos finais de semana, quando, de casa, acompanha o que suas clientes postam nas redes sociais utilizando as roupas que com ela compram e compartilhando as fotos para atrair mais clientes. Durante a pesquisa de campo, ouvi de outros comerciantes que Lidi é uma das mulheres mais atuantes no comércio local, “que trabalhou bastante pra ter essa loja bonita assim” que “é um ponto de referência aqui na rua” (Djair, 50 anos, feirante, Zona 3). Um trabalhador de uma oficina de motos precária, por exemplo, com quem conversei diversas vezes, disse-me também que sua namorada adorava as roupas da Lidi Modas e que, se pudesse, daria a ela de presente um conjunto completo comprado ali, “não é barato, mas vale a pena, porque ali tem qualidade” (Caio, 22 anos, Zona 3).

Apesar de ter apenas 30 anos, Lidiane é uma das comerciantes mais conhecidas e respeitadas do bairro. Em grande medida, como ela disse, isso se deve ao fato de ser filha de uma outra comerciante, naturalmente mais velha e antiga do que ela no ramo. Casada e mãe de um garoto de 11 anos, Lidiane tem ensino médio completo e seu marido possui o mesmo grau de escolaridade. A sua mãe, dona Terezinha, 55 anos, moradora da Zona 3, estudou apenas até a 5ª série, atual 6º ano, abandonando a escola para começar a trabalhar para ajudar seus pais, trabalhadores pobres que vieram do interior da Paraíba para o Recife. Lidiane nasceu no Vasco da Gama, mas sua mãe, paraibana, chegou à capital pernambucana ainda na infância, há cerca de cinquenta anos atrás.

Dona Terezinha criou Lidiane sozinha e representa, para a filha, uma “mulher guerreira”. Lidiane atribui esse adjetivo à sua mãe não apenas por reconhecer o esforço que foi feito para que sozinha ela educasse e sustentasse uma casa inteira, mas em função da história de vida que antecede o seu nascimento, quando dona Terezinha, ainda muito nova, começou a trabalhar para conseguir recursos financeiros para amenizar as dificuldades que marcavam a vida doméstica que levava com seus pais, recém-chegados na cidade. Dona Terezinha, ainda na fase da juventude, começou a comercializar “todo tipo de coisa” no Vasco da Gama, lembra Lidiane.

Eu sei que minha mãe sempre viveu do comércio. Não era assim, com uma lojinha e tudo mais. Ela saía era carregando as coisas em sacolas pra tentar vender, batendo de porta em porta. Isso já aqui no Vasco. Se tu perguntar a qualquer pessoa mais velha aqui se conhecem dona Terezinha, tem gente que vai dizer, ‘claro, não é a sacoleira?’. Porque minha mãe saía por aí assim, carregando as coisas em um monte de sacola, descendo e subindo esses Altos. Isso desde antes de eu e meu irmão nascer. Eu sou a mais velha. [...] Quando eu era pequena, minha mãe vivia assim ainda. [...] A vida dela foi muito difícil, sem dinheiro pra nada. Só pra comida. Fome a gente nunca passou. Mas, assim, ir pra escola era a pé. Tinha luxo nenhum, nem dinheiro pra pagar uma passagem de ônibus. [...] Hoje é diferente. Meu filho tem de tudo, mas só dou se tiver merecendo, né? Não sou besta de dar de mão beijada e ele não dar valor ao que tem. Estraga a criança. Comigo é marcação pesada, se fizer tudo certo, ok, se aprontar, vai perder ‘pontos no bom clube’⁸⁰. A avó quer fazer as coisas pra ele, eu tenho que tá de olho: ‘êpa, peraí, não é assim que a banda toca não’ [risos] (Lidiane, 30 anos, Zona 4).

Os avós de Lidiane ocuparam um terreno na Rua Alto Novo Mundo e construíram um casebre em que Dona Terezinha cresceu. Somente quando sua mãe, que criou sozinha os filhos cujo pai não assumiu, casou-se novamente com outro homem, a casa que moravam foi

⁸⁰ Expressão nativa que se remete a um clube de fidelização de uma rede tradicional de supermercados do nordeste brasileiro em que os clientes, ao fazerem suas compras, acumulavam pontos para posteriormente serem trocados por produtos que desejassem. Mantive a expressão por ser corrente e por indicar como Lidiane se apropriava de dinâmicas comerciais e as convertia em práticas discursivas realizadas no âmbito da sua vida familiar.

reformada para o seu estado atual, em meados dos anos 2000. Hoje é um duplex com quintal, mas sem garagem, situado na metade da via que dá acesso ao Alto Treze de Maio. São duas casas, uma no térreo, em que mora dona Terezinha, agora viúva, e seu filho mais novo, e outra no primeiro andar, em que vivem Lidiane, o marido e o filho. Da casa até o ponto comercial em que funciona a loja Lidi Modas são aproximadamente cinco minutos caminhando, facilitando para Lidiane estar diariamente entre a casa e seu local de trabalho.

No dia em que vi Lidiane pela primeira vez, quando no início da manhã ela parecia preocupada em frente à loja, o que aconteceu foi que o filho, que demorou para sair da cama, perdeu o horário do transporte escolar que utiliza para ir à escola. O motoqueiro que apareceu para levá-lo era o seu pai, que estava indo em outra direção quando Lidiane o telefonou pedindo para que voltasse para levar a criança à escola. Lidiane teve seu filho quando tinha dezenove anos de idade. Ainda frequentava a escola. Tinha repetido um ano escolar na adolescência. A gravidez, embora desejada, veio no momento em que ela se preparava para concluir o ensino secundário e tinha expectativas de fazer um curso técnico para ter mais oportunidades de encontrar um trabalho estável. Entre os jovens da sua geração, a ideia de fazer um curso técnico recorrentemente surge como algo positivo e no caso dela, que desejava terminar o ensino médio e ter oportunidade no mercado de trabalho, isso aparece como uma fórmula infalível que poderia ter dado outro rumo à sua vida não fosse as responsabilidades trazidas por ter tido o seu bebê na transição da escola para o mundo do trabalho. Quando concluiu o ano letivo, seu filho nasceu. “Foi só eu pegar minha ficha 19⁸¹ e Guilherme nasceu. Hoje é uma alegria na minha vida, mas na época foi um desespero só”. O pai, Leonardo, com quem é casada, na época com vinte e dois anos, não estava empregado e a avó, dona Terezinha, não tinha condições para manter sozinha dois filhos e mais um neto. Apesar disso, Lidiane e Leonardo decidiram ficar juntos para criar o filho.

Leonardo não tem formação profissional e, por isso, sua capacidade para encontrar trabalho é pequena. Sempre viveu por meio do trabalho informal e de biscates, sem contrato de trabalho ou registro formal das atividades realizadas em seu percurso laboral. Atuou como vigilante em minimercados e guarda noturno para pequenos comerciantes no próprio Vasco da Gama, exercendo a função de segurança no Clube Treze do Vasco quando nele eram feitos shows. “Meu marido era guarda do apito⁸², sabe? De noite, saía por aí de bicicleta apitando pra

⁸¹ O termo “ficha 19” se refere ao documento oficial de conclusão do ensino médio.

⁸² Atividade informal comum no Recife. É uma espécie de vigia noturno que atua em algumas ruas em que recolhe pagamentos semanais ou mensais dos moradores locais e que passa em horários regulares, com um apito, para evitar assaltos às residências e aos transeuntes.

avisar que tinha movimento na rua. Quem queria, dava um trocado por isso. Muita gente dava. A gente se virava assim”, diz Lidiane. Quando conheci a comerciante, seu marido estava ocupado em uma atividade regular, embora sem carteira assinada, ganhando por dias trabalhados em acordo apenas nominal: “tá fazendo segurança das bancas do jogo do bicho⁸³ por aqui mesmo”, ela dizia, o que lhe permitia sempre passar em casa durante o dia para almoçar, visto que em distintos horários circulava com sua moto pelo Vasco verificando se tudo corria bem nos balcões da jogatina. “Mas ele não é metido com coisa errada não”, enfatizava Lidiane.

Quando seu filho era recém-nascido, Lidiane não conseguia procurar trabalho. Dona Terezinha, segundo ela, ajudava bastante, mas “era difícil porque meu filho só queria ficar comigo, não ia pra mais ninguém... tinha medo de sair e ele passar o dia todo chorando, não querendo comer nada até eu voltar, me sentia muito aflita”. Somente quando Guilherme ficou maior, com aproximadamente 5 anos, foi que ela começou a procurar trabalho fora de casa. Como ficou alguns anos no limbo entre a escola e o mercado de trabalho, a busca por uma ocupação se dava nos setores que para ela figurava no seu campo de possibilidade, constituído a partir da percepção dos locais em que suas amigas e vizinhas mulheres atuavam. “Minha melhor amiga trabalhava em uma loja de roupa, no shopping. Saía de manhã e só voltava de noite. Eu precisava, mas não queria ficar oito horas do dia em pé andando pra todo lado, subindo escada. Como eu ia chegar em casa e cuidar do meu filho? Mas eu precisava e deixei currículo nas lojas mesmo assim”.

O seu primeiro emprego, porém, não foi em uma loja de roupas, mas em uma empresa do setor de *call center*. Recém-aberta na capital pernambucana, a empresa fez um processo seletivo para a contratação de homens e mulheres jovens, cujas exigências eram, segundo Lidiane, apenas ter o ensino médio completo e conhecimentos básicos de informática. Ela fez a seleção e foi contratada para o cargo de *contact center*. Esse é o único vínculo de trabalho registrado em sua carteira de trabalho. Nesse emprego, Lidiane trabalhava seis horas diárias, com uma folga semanal. Seu expediente era durante a noite e, à primeira vista, para ela, surgia como uma oportunidade para escapar aos tipos de trabalho que suas conhecidas do bairro, que estavam formalmente ocupadas, tinham. Contudo, passados dois anos na empresa, ela decidiu pedir demissão, porque percebeu que não conseguia conciliar as demandas domésticas que sobre ela pesavam durante o dia e sair à noite para trabalhar.

⁸³ Criado em 1892, o jogo do bicho é uma modalidade de aposta ilegal comum no Brasil, feita a partir de sorteio de números que representam animais. Mesmo contra a lei, funciona em inúmeros pontos comerciais.

O meu supervisor tinha ficado meu amigo. Aí eu falei com ele e pedi pra ele dar um jeito de me demitir. Eu não queria pedir pra sair porque se pedisse ia perder meus direitos, né, não ia poder receber tudo o que tinha direito a receber. Aí ele disse que quando pudesse, dava um jeito. Quando foi uma vez, tava quase pedindo pra sair, ele disse, ‘olha tu vai ficar de aviso prévio’. Ele me falou rindo, porque era o que eu mais queria era ir embora dali. Eu vivia estressada, não tinha paciência pra nada. Ganhava até direitinho, batia as campanhas, nunca atrasaram o salário, mas chegou uma hora que não valia mais a pena. E cansativo mentalmente também, a pessoa fica parecendo um zumbi toda hora naquelas cabines falando com gente estranha. De noite, que era meu horário, era tranquilo. Eu não ligava pra ninguém, só recebia chamada de urgência pra uma empresa de cartão de crédito (Lidiane, 30 anos, Zona 3).

O principal motivo que levou Lidiane a desejar sair desse trabalho era porque, devido ao cansaço que sentia, quando estava em casa, não fazia outra coisa senão dormir, não dando a atenção que desejava dar ao filho ainda na infância. “Meu filho tava crescendo e eu tava dormindo, quando ele tava dormindo, eu tava trabalhando. Sem falar no marido, né? Do jeito que ia, a gente ia acabar se separando [risos]”. A avó levava o neto para a sua casa e a mãe passava horas dormindo até chegar o momento de se organizar para retornar ao trabalho. Apesar de desejar mudar de rotina, Lidiane não queria passar a depender financeiramente do marido: “eu nunca dependi de homem nenhum e não era agora que ia depender, já com filho pra criar e tudo mais [...] amo Leonardo, mas homem, tu sabe, né, é uma coisa hoje, outra coisa amanhã. Eu pensava, ‘e se ele arrumar outra e for embora, eu fico como com esse menino pra criar?’”.

Sua mãe continuava comercializando produtos no Vasco da Gama. Era uma forma de ter uma renda mais ou menos fixa, inferior a um salário mínimo, mas suficiente para as despesas básicas da sua casa. Dona Terezinha conhece o bairro como poucas pessoas. Ela diz que foi testemunha ocular da mudança pela qual o Vasco da Gama passou ao longo do tempo, principalmente em relação ao entorno da sua casa, na Zona 3.

Eu andava isso aqui tudo pra fazer dinheiro. Já vendi panela, doce, bíblia. Só não vendi gente nessa vida [risos]. A bíblia era bom de vender. Todo mundo comprava. Eu saía daqui de manhã, entrava ali pela Rua Dois e ia até perto do Morro da Conceição. Depois ia lá pra dentro, pro Visgueiro. Ali, quando eu cheguei aqui, já tinha muita casinha. O povo não tinha dinheiro nenhum, mas sempre conseguia vender uma coisa ou outra, né? Tinha dia que eu não vendia nada, voltava com as coisas tudo pra casa. Mas tinha dia bom. Se fosse comigo, pipoca, picolé essas coisas, sempre vendia. Mas isso só dava pra comprar depois pão pra trazer pra casa. [...] Isso aqui, onde tem essas lojas todas, isso aqui tinha só umas barracas na rua. A maioria desses pontos eram casa. Morava muita gente aqui. Aí, morreu um, morreu outro, os filhos se mudaram, foi deixando aí, alugando, até ser assim. O que é mais antigo aqui é a quitanda daquela família ali, quando eu cheguei aqui já existia. Depois abriu uma loja disso, outra daquilo, depois fechou. Dos anos 2000 pra cá é que mudou mesmo. De repente, tinha mercadinho, tinha farmácia, tinha lanchonete abrindo. As lojinha de roupa também, que tem muita aqui. Hoje é isso, aqui tem de tudo, só vai lá na cidade

[no Centro] comprar alguma coisa quem pensa que as coisas daqui num presta. Aqui tem tudo (Dona Terezinha, 55 anos, comerciante, Zona 3).

Aos 50 anos, dona Terezinha desenvolveu um problema ósseo que atingiu o seu joelho, ficando impedida de sair de porta em porta, subindo e descendo escadarias, para apresentar suas mercadorias aos moradores que eventualmente podia comprar seus produtos. Contudo, tendo a vida inteira adquirido recursos das vendas no bairro, decidiu utilizar o terraço de casa para colocá-los à disposição de quem tivesse interesse em comprá-los. Passou a se dedicar basicamente ao comércio de roupas femininas e infantis, deixando-as expostas em um vão entre a porta da sala da sua casa e o portão de acesso ao quintal. Suas clientes eram basicamente as moradoras da vizinhança, que com ela já tinham uma relação mais próxima desenvolvida ao longo dos anos, uma vez que sempre viveu na mesma casa, herdada dos seus pais. As roupas que ela comercializava eram trazidas do interior do estado, das cidades de Caruaru e de Toritama, municípios do Agreste pernambucano conhecidos pela produção e circulação de vestuário a preços mais baixos do que os encontrados na capital. Sempre que o estoque diminuía, dona Terezinha ia para o Agreste, acompanhada do seu filho que com ela ainda mora, voltando com novas unidades para revender no bairro em que mora.

Sem trabalho e em busca de uma forma para ganhar dinheiro, Lidiane viu na estratégia da sua mãe uma oportunidade para também obter uma renda sem sair de casa. Passou a ajudar a mãe, que, segundo ela, já tentava inserir a filha no ramo da venda de roupas. Logo seu irmão foi aprovado no vestibular, tornando-se o primeiro universitário da família, e a aprovação do jovem representava uma grande conquista e em concordância, segundo me contou Lidiane, não podiam deixá-lo “se atrapalhar por causa da venda de roupa em casa”. Para a irmã mais velha, o caçula “tem tudo pra ter um futuro melhor, tá na faculdade, fazendo biologia”. Dessa maneira, buscando uma forma de se sustentar sem ficar longe do filho e sem passar a depender integralmente dos rendimentos do marido, garantindo, de alguma maneira, auxílio à sua mãe no momento em que seu irmão experienciava a entrada na universidade, Lidiane passou a atuar no comércio, ainda que de maneira sutil feita de dentro da sua casa.

Em conversa com algumas vizinhas e antigas clientes de dona Terezinha, pude apanhar depoimentos sobre o momento em que Lidiane começou a atuar ao lado da mãe e a sua habilidade para atuar no comércio, que figura, não raras vezes, como uma essência que ela traz de dona Terezinha: “Lidi sempre foi jeitosa pra essas coisas. Antes de começar a vender também, ela já dava opinião quando eu ia lá ver as roupas. Ela sabia o que ia ficar bom em mim

e o que não ia prestar” (Cláudia, 41 anos, Zona 3); “Lidi sempre foi gordinha, mas sempre gostou de se arrumar. Quando Terezinha trazia roupa nova, ela queria tudo pra ela, mas a mãe não deixava, né? Aí ela, ao invés de ficar com raiva, mostrava logo pra gente pra vender rápido” (Larissa, 53 anos, Zona 3); “Lidiane é a cópia da mãe. É do mesmo jeitinho. A mãe sempre foi assim, que nem ela, toda elétrica, cheia de energia e boa de conversa. Por isso que ela vende bem. Ela faz amizade com todo mundo. Todo mundo gosta dela aqui” (Jaqueline, 33 anos, Zona 3); “Assim que Lidiane abriu a lojinha lá embaixo, oxe, sabia que ia crescer. Eu sempre achei que ela levava jeito pra isso. Ela é um orgulho pra mãe dela, que hoje não passa dificuldade por causa dos filhos, que tão sempre ajudando, né?” (Olga, 57 anos, Zona 3).

Enquanto vendiam roupas no terraço de casa, na Rua Alto do Mundo Novo, o retorno financeiro sobre a comercialização não era considerado suficiente para que pudessem migrar para um ponto comercial no centro da Zona 3, no miolo dos estabelecimentos comerciais do bairro. Como a rua em que residem não tem o mesmo caráter que a Rua Vasco da Gama, especialmente se considerado o trecho da rua central em que está instalado o comércio local, as chances de pessoas não conhecidas irem até o terraço da casa para olhar os produtos era incipiente. Na rua em que moram até hoje apenas predomina o significado de ser a via pela qual passa o ônibus que sobe para o morro em que está consolidado o Alto Treze de Maio. Todos os moradores do Vasco da Gama sabem disso e quando precisam ir até o topo desse morro, preferem seguir por alguma das escadarias da Zona 4, menos cansativas do que a subida formada pela Rua Alto do Mundo Novo. Lidiane começou a perceber isso e sabia que, pela qualidade das peças que escolhiam quando iam ao interior comprar novas mercadorias, acreditava que se fossem vistas por um público maior, certamente a saída melhoraria. Ela diz que “tinha que dar um jeito do povo saber que a gente vendia roupa”. E detalha a sua primeira estratégia de divulgação, realizada entre os anos 2016 e 2017:

Eu sempre gostei de usar *Facebook*. Mas sempre me incomodei com essas coisas do povo ficar querendo aparecer. [...] Um dia eu vi uma colega minha postando foto de uns bolos que ela fazia pra vender e outros colegas compartilhando pra ajudar ela. Ela tinha o perfil dela e tinha feito um só pra divulgação dos bolos. Eu pensei, ‘oxe, vou fazer isso com as roupas’. Parecia uma luz na minha cabeça dizendo ‘que ideia arretada!’. [risos]. Aí eu tirei as fotos das peças e comecei a postar na internet. Fazia as combinações, colocava deitado na cama, e tirava foto com celular mesmo. Aí as vizinhas, as clientes, começaram a compartilhar. Foi quando o movimento melhorou, começou a melhorar, né? Hoje em dia todo mundo aqui faz isso, agora no *Instagram*, mas foi uma novidade na minha vida (Lidiane, 30 anos, Zona 3).

Lidiane diz que a estratégia trouxe resultados, aumentando o número de consumidores em sua clientela. Foi aí que começou a entrar mais dinheiro. Sempre demonstrando inclinações

para uma atitude reflexiva pragmática (CAETANO, 2016), ela sempre guardava uma quantia, mesmo que pouca, a partir daquilo que ganhava. “Eu pensava no meu filho ou se alguém da família precisasse, ficasse doente ou sofresse um acidente e tivesse que comprar remédio”. Ela e sua mãe passaram a dividir o lucro e a compartilhar em igual medida os gastos com a compra de novos produtos. Somente quando o espaço se tornou inadequado para o que Lidiane planejava, foi que, em conversa com a mãe, decidiu mudar a dinâmica da sociedade que aos poucos havia se constituído. “Foi mudando naturalmente, porque mamãe tava cansada, e eu achava que ela precisava descansar e eu na frente do negócio podia fazer coisas que se desse certo ia ser bom pra ela também, porque eu ia poder ajudar mais meu irmão e ela mesma”, diz Lidiane. A ideia dela era a de abrir uma loja física na rua principal do bairro, em que os transeuntes poderiam ver os seus produtos mais facilmente, aumentando a possibilidade de realizar vendas. Era a origem do que agora é a Lidi Modas, que, naquele momento, não passava de uma pequena loja em um vão minúsculo que ela alugou por um baixíssimo preço, inclusive para o que é comum na realidade do Vasco da Gama⁸⁴.

No bairro existiam outras lojas dedicadas à comercialização de roupas. Da mesma forma que facilmente são encontrados estabelecimentos comerciais disponibilizando frutas, verduras e frios em geral, o mercado de vestuário é um setor consolidado. Nas proximidades da Lidi Modas, contei nas pista principal outras sete lojas do gênero. Elas, porém, trabalhavam com peças de roupas voltadas para um público mais amplo, interpretado por Lidiane, como lojas “muito populares”, isto é, frequentadas por moradores mais humildes que não teriam outra opção senão consumir as mercadorias existentes na própria periferia em que vivem. Isso significava que Lidi Modas, embora esteja situada no Vasco da Gama, não é considerada uma loja barata entre os residentes. Entretanto, isso não significa dizer que não seja uma loja movimentada. Ao contrário, para atingir um público amplo, sem perder o projeto de ser um estabelecimento comercial dotado de uma composição distinta e distintiva (BOURDIEU, 2008) dentro do cenário em que está consolidada, era preciso garantir que, de algum modo, os produtos tivessem saída dentro do bairro.

Minha mãe, no começo, ficou com medo disso dar errado. Eu entendo. Aqui perto da loja, já tinha outras lojas de roupa, mais antigas... conhecidas, com clientela certa. Aí eu ia chegar aqui e do nada ia tá vendendo bem? Eu sabia que não ia ser fácil, né? Até porque eu não ia sair falando mal da concorrência pra tentar ganhar cliente... Mas

⁸⁴ O valor que ela pagava nesse primeiro local era de R\$ 150, em 2018. Hoje, no Vasco, a média do aluguel dos menores pontos comerciais, mais precários, custa R\$ 400, de acordo com os dados que obtive nas entrevistas com outros comerciantes, especialmente entre os feirantes que têm quitandas no bairro.

tinha uma coisa comigo que eu sabia, que as roupas que eu queria vender aqui, ninguém vendia igual. Essas outras lojas, tu pode ver, as roupas são mais populares, é camisa de time de futebol, vestidinho colado e curto, bermuda da *Seaway* falsificada do tipo dos meninos que vão pro Treze [risos], que são horríveis, né? Eu não ia vender roupa assim, muito menos falsificada. Eu queria ter uma loja diferente, mais arrumadinha, que as clientes entrassem e quisessem olhar as coisas, provar, sentar e voltar pra comprar mais comigo. [...] Eu tinha peças boas, bonitas e não ia vender tão barato assim. Assim, não é caro, no shopping é caro, aqui não é, e a qualidade é a mesma. [...] Quando eu abri, depois de um tempo, eu coloquei o aviso que aceitava cartão de crédito. Eu só parcelava se fosse compra acima de R\$ 50. Menos que isso só se fosse no crédito de uma vez só. [...] Aí comecei a vender bem, começou a entrar um dinheiro melhor. Mas eu não tava satisfeita porque o ponto que eu tava não era o que eu queria de verdade. Eu queria esse daqui, onde tô agora (Lidiane, 30 anos, Zona 3).

Quando Lidiane encontrou o ponto comercial que considerava adequado para o projeto que tinha em mente, sua mãe sugeriu que começasse antes com um espaço menor, que não onerasse o orçamento que tinha, para testar se daria certo ou não pagar um aluguel e ainda conseguir retirar uma margem de lucro. Assim, antes de irem para o endereço em que hoje a Lidi Modas está instalada, Lidiane foi para um estreito espaço situado na esquina da rua em que mora. Formalmente, estavam com a loja na mesma rua de antes, quando funcionava no terraço da casa de dona Terezinha, mas a diferença era sentida porque dessa esquina o número de transeuntes aumenta significativamente, uma vez que quem passa caminhando pela rua principal inevitavelmente percebia a nova loja instalada em um ponto que durante muito tempo esteve vazio.

O lugar atendia a demanda por mais visibilidade por estar diretamente visível ao olhar de quem circulava pela Zona 3 do Vasco da Gama, entretanto, em seu interior, não era possível caber mais do que quatro pessoas ao mesmo tempo. As peças precisavam ficar dobradas umas sobre as outras e somente uma manequim instalada na porta de entrada indicava que se tratava de uma loja de roupas femininas. O principal incômodo de Lidiane era o de que as clientes não tinham ainda como provar as peças que poderiam comprar e, em termos propriamente práticos do cotidiano do trabalho, sempre que precisava ir ao banheiro, tinha que se deslocar até a sua casa, localizada a cerca de duzentos metros do início da rua em que agora atuava. “Não era a melhor escolha, mas era o que dava pra fazer naquele momento”, diz Lidiane. “Foi a primeira loja que abrimos e deu certo, a gente vendeu até bem ali, até que eu decidi mudar de lugar de novo”. A decisão de ir para outro lugar figurava em seu pensamento desde que assumiram o aluguel do primeiro espaço, mas o local que atualmente utiliza e que considerava ser o ponto ideal para o seu projeto de negócio estava ocupado.

Quando o espaço desejado foi desocupado, logo ela foi negociar o aluguel do ponto com o proprietário. Não era o momento ideal em termos financeiros, segundo ela contou, mas a chance de tê-lo como lugar para a sua loja representava para si uma oportunidade que não podia deixar escapar. Foi assim que conseguiu o ponto em que agora Lidi Modas funciona, porém, diferente do que eu pensava quando a vi pela primeira vez, a sua loja menor não tinha deixado de existir no bairro, mas se tornou uma espécie de segunda linha da sua marca, na qual sua mãe era a responsável. Nesse sentido, Lidiane hoje tem seu nome em dois estabelecimentos comerciais da Zona 3. Em um deles, no que a encontrei, estão expostas as melhores ou as mais novas peças que ela traz para revender na cidade. No outro, estão as unidades que não tiveram saída no ponto principal e outras de menor valor, mais acessível para o público que frequenta a zona comercial do bairro.

A partir do momento em que passou a ter duas lojas, ela decidiu que os rendimentos do estabelecimento mais antigo se reverteriam para a sua mãe e o seu irmão, estudante universitário, de modo a terem uma vida mais tranquila. Os rendimentos obtidos na loja principal, maior e com espaço para expor adequadamente os seus produtos, é unicamente para a sua casa. Esse lucro, somado com os ganhos do marido, a faz ter uma renda domiciliar suficiente para manter seu filho em uma escola privada e pagar para ela mesma, seu dependente e seu marido um plano de saúde privado. Não obstante isso, ela diz que pelo menos duas vezes ao ano se programam para fazer pequenas viagens para regiões de praia, aproveitando feriados prolongados para o lazer em família, uma vez que “não adianta trabalhar tanto e não poder aproveitar nunca” (Lidiane, 30 anos, Zona 3).

Ao longo das nossas entrevistas, em certa ocasião, perguntei a Lidiane como ela se percebia, como ela se apresentava logo que alguém perguntava a sua profissão. Eu imaginava que ela se definiria como comerciante, mas fez uso da categoria que hoje parece vigorar no discurso dos pequenos proprietários cujos negócios parecem ir bem: empreendedora. Curioso com a sua resposta, ela justificou que não se percebe da mesma maneira que identifica um feirante do bairro, que vive com um rendimento baixíssimo e leva uma vida mais sofrida com um negócio que requer um trabalho físico mais intenso, inclusive precisando acordar ainda de madrugada para repor semanalmente as mercadorias para que não se percam. “Pra mim, um feirante daqui é um comerciante pobre, né? Eu não sei se sou pobre hoje em dia. A maioria dos comerciantes daqui são, até alguns que tem loja de roupa. Eu me vejo como empreendedora, é diferente”.

A apropriação que ela faz da categoria e a maneira como reflete sobre si relacionando sua condição de vida àquela que encontra nas proximidades da sua loja abriu espaço para que ela me contasse que já há algum tempo estava pensando em modificar a dinâmica comercial do seu estabelecimento, visando ter uma qualidade ainda superior a que atualmente tem. Como a sua marca e seu estabelecimento se diferem em matéria de estilização e estetização da prática comercial local, ela disse que buscava alcançar um padrão baseado no que existia em nichos muito específicos da cidade, especialmente em bairros nobres que contam com pequenos centros de lojas que recordam os corredores dos shoppings centers existentes na cidade. O seu parâmetro era o de ter, tanto em termos decorativos quanto em termos das roupas que comercializa, uma loja mais chique e delicada, mesmo que nas suas adjacências existissem outros negócios que nada coincidiam com esses direcionamentos subjetivos, como açougues e barracas de bebidas alcoólicas. Na entrevista em que conversamos sobre o seu projeto para a loja, ela disse o que estava elaborando e como pensava em concretizar seu plano.

Eu vou primeiro reformar aqui. Quero trocar a cerâmica, colocar uma mais bonita, tipo porcelanato bege, sabe? Pintar as paredes e fazer uma textura. Aquela dali [a parede do lado direito, em que ficam os vestidos] vai ser de uma cor mais forte, pra alegrar o ambiente. Quero também ajeitar o provador. Já pesquisei e achei um rapaz que trabalha com isso, que vai ficar aqui e também vai tirar as medidas pra ter espelho. Vai ser tudo padronizado, feito por encomenda.

Rodrigo: *E quando estás pensando em fazer a reforma, já agora, antes do final do ano?*

Eu tô planejando em começar depois do final do ano porque o mês de dezembro é o melhor mês pra vender roupa. Eu quero fazer um dinheiro bom esse ano, porque depois eu posso pagar a reforma sem ter dívida em cartão. Eu paguei os meus cartões todos. Lembra que te falei? Resolvi tudo, graças a Deus. [...] Mas eu vou também fazer uma coisa que nem te disse. As roupas do final do ano, eu não vou comprar aqui [em Pernambuco], não. Eu tô me programando pra comprar tudo em São Paulo. Eu já tô pesquisando onde comprar lá e uma colega que conhece vai comigo. Eu tô nervosa porque nunca viajei de avião. Vai ser a primeira vez.

Rodrigo: *Que coisa boa, Lidiane. E vai aproveitar pra passear também ou vai comprar as roupas e logo em seguida volta?*

Dessa vez eu não vou passear não. Assim, vou conhecer o que der no caminho pra resolver as coisas. Eu vou ficar poucos dias, não quero gastar muito, porque se não vou acabar com dívida e quero é ir pra investir e ter lucro depois. Tem que fazer sacrifício. [...] Eu vou ficar em um hotel simples, nem lembro o nome do lugar, mas minha amiga conhece. [...] Eu vou lá porque eu vi as peças pela internet e realmente são melhores do que as que eu tenho hoje. Com o preço igual ao que eu tô comprando aqui. Como a viagem é longe, eu vou gastar mais, né? Mas já comecei a falar pras clientes e eu sei que vou vender tudo. Tem umas roupas que já tem cliente certa esperando. [...] Quando a loja tiver toda arrumada pro final do ano, tu vai ver, vai vender direitinho. No ano seguinte vai ser ainda melhor, porque aí vai ter produto bom e a loja, se Deus quiser, já vai tá toda pronta como eu tô imaginando.

Lidiane viajou a São Paulo na segunda quinzena de novembro de 2018. A maior parte do que trouxe, conseguiu vender no mês de dezembro do mesmo ano. O que sobrou, colocou

em promoção em janeiro de 2019 e, em fevereiro, próximo do carnaval, deu início à reforma da sua loja. Em março de 2019, a loja estava totalmente renovada, da maneira como ela havia planejado. Depois disso, por ter considerado que a ida ao sudeste valeu a pena, passou a ir, a cada dois meses, em São Paulo, para comprar novas peças para colocar em sua loja. Ia percebendo as tendências do que suas clientes procuravam e se apropriando dos gostos do seu público alvo, as mulheres do bairro. Contudo, nem todas as mulheres do bairro podem comprar em sua loja, pela assimetria existente no interior do Vasco da Gama, da mesma maneira que nem todos os pequenos estabelecimentos comerciais são frequentados por quem tem uma situação socioeconômica melhor.

Eu não percebia isso até começar a ir diariamente acompanhar as interações que ocorriam entre Lidiane e sua clientela. Qualquer pessoa podia circular dentro da sua loja, mas muito raramente os transeuntes cujos trajés revelavam uma condição mais humilde entravam no interior do seu espaço. Não porque Lidiane impedia, mas porque, devido a aparência que conseguiu produzir em seu estabelecimento, a loja passou a ser vista como um lugar que somente um perfil específico de moradores pode acessar e se tornou, para alguns, um local intimidador. Quando falei com Lidiane sobre essas impressões que começava a ter, percebendo quem eram suas clientes que se sentiam à vontade de entrar em Lidi Modas sem rodeios e quem apenas olhava da rua a sua vitrine, a sua reação foi a de que eu tinha conseguido notar algo que já lhe chamava a atenção. Para ela, ainda não era algo facilmente aceito o fato de que as melhorias que conseguiu implementar na loja a tenha tornado um ambiente que é visto por uma parcela dos moradores que circulam na área comercial como um espaço exclusivo, porque não era essa a sua intenção quando investiu no projeto de ter uma loja mais bonita em meio aos outros estabelecimentos comerciais. Ela sentia, de certa maneira, um mal-estar, especialmente por notar que, se fosse algo assim no passado, quando sua mãe era uma comerciante mais precária que vendia produtos de porta em porta, provavelmente dona Terezinha não iria espontaneamente adentrar em seu novo comércio, por se sentir também constrangida diante da decoração mais próxima possível dos estabelecimentos estilizados dos bairros enobrecidos que ela tinha como horizonte para seu negócio.

As suas clientes mais frequentes são mulheres moradoras no Vasco da Gama, mas há algumas clientes que vão até a sua loja vindas de outros bairros, inclusive de localidades nobres, comprar suas peças. Isso reforça a ideia entre quem passa pela Zona 3 de que a loja não é para acessível para qualquer um. É interessante perceber que, apesar de Lidiane ter planejado a reforma do seu estabelecimento considerando as estratégias para viabilizar a obra, indo a outro

estado para comprar produtos diferenciados dos que os que já possuía (em tese detentores de maior qualidade e próximos de um tipo de gosto mais refinado, segundo seus critérios avaliativos), tornar a Lidi Modas um estabelecimento para um público com uma renda mais elevada não era algo que tinha em mente, embora sempre pareceu movida a alcançar, pelo trabalho por conta própria, um nível de vida que pressupõe o aumento do seu capital econômico. Para Lidiane, querer ter uma vida economicamente mais elevada não pressupunha produzir uma lógica de consumo exclusivo, ainda que quisesse comercializar estilo de roupas considerado mais delicado e polido, permeado por sua concepção de bom gosto para o vestuário feminino.

Se qualquer pessoa quiser entrar aqui na loja pra ver as roupas, pode entrar, eu não impediria ninguém de entrar. Eu fico com a porta fechada quando tô sozinha aqui, porque eu tenho medo de assalto. Nunca vi assalto aqui, mas vai que escolhem logo minha loja pra ser a primeira. Como a porta é de vidro, quando para alguém, eu já corro pra abrir, pra pessoa ver que tô chamando pra olhar dentro. [...] Mas isso é assim mesmo, tem gente, as meninas mais humildes, que você vê mesmo que não tem dinheiro, que olha, mas não para. Uma vez eu abri a porta dizendo pra menina entrar, era bem mocinha, e ela ficou tão sem jeito. Eu até fiquei com pena dela e dei de presente uma blusa que ia pra outra loja. Mas eu disse pra ela não contar pra ninguém, pra não aparecer depois gente aqui pedindo coisa, né? [...] Mas a maioria das meninas assim, nem param, sabia, eu acho que as roupas não são do jeito que elas gostam. Quem vem mais aqui são as meninas que já tão trabalhando, que tem que ter uma roupas mais arrumadinhas, e vem também as crentes, aí vem direto, porque quando vão pra igreja querem ir toda arrumada. Eu não sou crente, mas tenho muita cliente que é. Tudo vaidosa as irmãs. [...] Hoje tenho também umas clientes que são de fora. Tem uma mesmo, menino, parece modelo. Nem sei o que ela é, mas tem um carrão. Para aqui na frente, desce com um salto alto, todo mundo fica olhando ela entrando aqui. Ela compra muito comigo. Tu mora hoje lá em Casa Forte, não é? Eu acho que ela mora pra'quele lado de lá também. Tem jeito de mulher rica (Lidiane, 30 anos, Zona 3).

Quando passamos a tratar de quem eram suas clientes e de quem entrava ou parecia evitar ir ao seu estabelecimento, por motivos que ela própria não poderia dizer com precisão, nossos diálogos foram adentrando em uma dimensão que não apenas tratava da sua loja em si, mas também da Zona 3 e do bairro que a acolhe em seu interior. Isso porque, quando falava das suas clientes que moram no Vasco, começamos a perceber que realmente as mulheres que tinham mais contato com seus produtos eram aquelas que possuíam um trabalho formal que lhes garantia um salário regular. Outras, ainda que poucas, que eram casadas com moradores cujas ocupações lhes permitiam acesso a uma renda estável também frequentavam, mas em número aparentemente menor do que as primeiras. Ela não tinha exatidão do perfil de sua clientela, inclusive porque, como percebi por meio da observação direta a dinamicidade da rua principal, se ao mesmo tempo coloca em frente à loja pessoas que apenas passam, também abre caminho para a entrada de pessoas interessadas que podem não comprar no exato momento em que conhecem o estabelecimento comercial, mas eventualmente podem retornar e realizar

aquisições, adentrando no universo de clientes potenciais da Lidi Modas. É claro que há um pequeno grupo que Lidiane considera assíduo, com quem já construiu relações que permitem fazer diretamente contato para comunicar a chegada de novas peças.

Quando perguntei a Lidiane quais critérios ela utilizava para incluir consumidoras neste universo mais confiável e próximo, ela não sabia responder, mas, ao refletir sobre isso, chegou a conclusão que não se tratava de terem ou não poder aquisitivo para comprar em volumes mais altos, mas sim de usufruírem de sua confiança e admiração, no sentido, especialmente, de serem boas pagadoras. Isso significava que não era uma questão de ser parte de um grupo de amigas mais próximas que definiria quem teria a sua confiança em matéria de consumo dos produtos de sua loja. Ao contrário, Lidiane me contou que tentava evitar lidar com suas próprias amigas, uma vez que, depois que sua loja cresceu e se tornou o que hoje é dentro do bairro, algumas delas mudaram a maneira de se relacionar com ela, uma delas, inclusive, aproveitando-se, segundo o seu ponto de vista, do seu negócio quando passou a ir bem, deixando-lhe com um prejuízo que demorou para ser solucionado.

Aqui no Vasco tem muita gente honesta. Eu acho que o que eu passei foi porque foi com gente próxima de mim. Uma pessoa estranha não ia se sentir à vontade pra fazer isso porque, primeiro, uma pessoa que não conhece a outra não vai sair levando uma coisa sua sem pedir. Uma amiga minha era assim, passava aqui, achava bonito, nem perguntava, ia dizendo que ia levar, que pagava assim que recebesse dinheiro. Aí eu te pergunto, ‘nunca recebeu dinheiro não? Porque nunca me pagou’. Me deu um calote e me deixou toda sem jeito de cobrar. Deu uma de doida. Nem tocava no assunto. Aí um dia postou a foto usando a blusa. Eu não me aguentei. Liguei na hora pra ela perguntando quando ela ia me pagar. Tu acredita que ela veio dizer que já tinha pagado e que eu não lembrava? Eu posso ter muito problema, Rodrigo, mas uma coisa que eu não tenho é memória fraca. Já visse comerciante esquecer quem tá devendo? [risos] Ainda mais se for uma pessoa que tu sempre fala? Eu cortei relação e decidi nunca mais vender fiado. Ela não entra aqui na loja. [...] Mas, fora gente assim, no Vasco mesmo, as pessoas sempre me pagam direitinho. Tem gente que infelizmente não pode comprar, porque não tem como mesmo, e eu não posso também dar coisa pra todo mundo quando tenho pena, porque aí quem vai precisar de ajuda depois sou eu, né? (Lidiane, 30 anos, Zona 3).

Nesse sentido, ser uma boa cliente era ser vista por Lidiane como alguém que paga o que compra, entretanto, não se trata de alguém que compra para depois pagar o produto adquirido, mas de quem não solicitaria à comerciante abertura para a realização de uma compra para ser posteriormente paga. “Quem é boa pagadora, paga na hora, nem que seja no cartão de crédito. Se ela vai pagar no cartão depois, a dívida já não é mais comigo, é com o cartão”, explicou Lidiane. Esse era o principal eixo que orientava Lidiane a identificar quem eram as clientes, especialmente entre as residentes, que valia a pena cultivar uma boa relação comercial, mais próxima, trocando contatos telefônicos para enviar fotografias das peças novas quando

chegavam, estimulando-as a aparecerem em sua loja, o que não quer dizer cultivar uma relação espontaneamente de amizade, mas também não evitando que uma amizade se constitua com uma boa cliente, se assim tiver que ser.

Ainda que isso ocorresse baseado com as clientes que em algum momento já tinham realizado compras em sua loja, era importante notar que de alguma maneira Lidiane mobilizava seu estoque de conhecimento sobre o bairro para identificar quem provavelmente poderia ou não integrar o grupo seletivo que ela tinha em sua mente como de boas clientes ou daquelas que poderiam entrar em contato quando precisasse fazer divulgação da loja e das novas coleções. Ao notar que isso se relacionava com a maneira como ela, a partir da posição de proprietária de dois pequenos estabelecimentos comerciais na Zona 3, compreendia os moradores das diferentes partes do Vasco da Gama, mais adiante comecei a explorar as perspectivas que ela tem da realidade local, buscando analisar como, a partir do seu percurso, ela apreendia o universo em que sua própria vida ganha significado por meio da concretização de sua loja na rua principal.

4.4 O enquadramento do bairro pela ótica dos comerciantes

Em um dia em que cheguei pela manhã na Lidi Modas, encontrei Lidiane terminando de limpar a loja enquanto aguardava seu filho chegar da escola. Era próximo da hora do almoço, horário em que ela baixa a porta da loja e vai em casa organizar a refeição da sua família e verificar as atividades que o seu filho trouxe da escola. Como cheguei próximo dela sair, combinamos que à tarde, por volta das 15h, encontraríamos-nos no seu estabelecimento. Era uma quarta-feira e, nesse dia, o movimento da sua clientela sempre é um pouco mais ameno. Na quinta, sexta e sábado sempre é mais agitado. Tínhamos combinado de conversar sobre as relações que ela tem com os outros comerciantes que trabalham na Zona 3.

Aproveitei que Lidiane precisava ir em sua casa para transitar entre os outros estabelecimentos. Próximo à loja de roupas, um grupo de homens conversava em frente a uma quitanda de frutas. Em outra ocasião, tinha falado com eles enquanto aguardava Lidiane para uma entrevista e decidi passar novamente naquela calçada para tentar nova aproximação com outros comerciantes também residentes no Vasco. Na primeira vez em que tinha falado com eles, Mário (42 anos, Zona 3) foi quem mais se dispôs a interagir comigo. Ele é o único chaveiro do bairro e tem na calçada um pequeno espaço em que produz cópias de chaves e amola tesouras

e alicates de unha. Muito comunicativo, ao me rever, Mário foi me incluindo na conversa que entre eles se desenrolava. Falavam sobre um jogo de futebol que aconteceria no próximo fim de semana e percebi que queriam minha opinião para equilibrar a divergência que se apresentava por terem expectativas diferentes sobre o possível resultado da partida.

Eu não tinha nenhuma ideia do que lhes dizer, pois não sabia praticamente nada sobre os clubes que iriam jogar. Mário sorriu e disse que eu podia não entender de futebol, mas, com certeza, sabia muito sobre a vida dos moradores do Vasco da Gama, talvez mais do que eles mesmos, que moram ali. Como na ocasião anterior tínhamos conversado sobre a minha pesquisa, Mário relacionou o que eu fazia à atividade dos fofoqueiros que dizia existir no bairro. Ele tinha me dito que se quisesse saber do que se passa pelas ruas e por dentro das casas, bastava falar com qualquer uma das senhoras que ficam olhando “a vida dos outros o dia todo” que eu conseguiria saber de “coisas que até Deus duvida que acontecem por aqui”.

Todos riram. Para Mário, eu tinha me aproximado de uma das senhoras que ele e seus amigos atribuíam a pecha de mulher fofqueira: a mãe de Lidiane, dona Terezinha. “Dona Terezinha passa o dia ali sentada naquela cadeira fingindo que tá tomando conta da loja, mas tá é tomando conta da vida dos outros aqui”, dizia Mário. Apesar disso, ele não tinha problema algum com a mãe de Lidiane ou com ela própria, mas apenas zombava da senhora mais velha em virtude de tê-la visto em diversas ocasiões comentando sobre acontecimentos que se passavam no bairro e, mais particularmente, com os moradores da Zona 3. Entretanto, o fato de Mário revelar que observava dona Terezinha em seu comércio e acompanhava o olhar que atribuíam a ela, também ele estava atuando como bisbilhoteiro da vida alheia, o que o habilitava tanto à pecha que o fazia caçar da vizinha de loja quanto a ser alguém a quem eu poderia recorrer para apanhar informações sensíveis sobre o dia-a-dia que se desenrolava em torno dos estabelecimentos comerciais.

Enquanto Lidiane estava em sua casa, em seu horário de almoço, o trabalho de campo me colocava diante de uma circunstância que se aproximava da realização de um grupo focal, do qual participariam três comerciantes da zona comercial que estavam em interação em frente aos seus próprios estabelecimentos. Além de Mário, chaveiro e amolador, participavam da conversa Djair (50 anos, Zona 3), proprietário de uma pequena quitanda de frutas e verduras, e Joaquim (40 anos, Zona 3), dono de um pequeno fiteiro em que são comercializados doces, salgados, cigarros, água mineral, pilhas e outros pequenos objetos. Estávamos em plena calçada da rua principal, em um dia ensolarado, na sombra que a quitanda de Djair projeta até o meio-fio da rua, em um diálogo que avançava de modo a revelar, a partir das experiências de cada

um deles na Zona 3, acontecimentos marcantes que definem o modo como percebem o lugar em que vivem.

Djair recordou-se do momento de sua vida em que, antes de ter sua própria quitanda, trabalhou para um outro morador também feirante. Ele se lembrou disso porque seu antigo patrão havia se envolvido em uma confusão na mesma semana com um cliente que atendia e há pouco tinha passado próximo ao local onde conversávamos. Conhecendo bem o temperamento do ex-chefe, dizia que, apesar de não ter presenciado o desentendimento, as chances do feirante ter iniciado o conflito eram grandes, porque diversas vezes, quando se tratava de atender um “pobre, ele ficava querendo humilhar”. Ele continuou contando que deixou de trabalhar para o outro feirante justamente porque com frequência era humilhado diante da clientela que circulava na loja do outro proprietário. Mário, que é seu amigo há anos, ratificou o que dizia Djair, complementando que “outro dia eu vi ele [o comerciante sobre quem se falava] dizendo pra um rapaz assim: ‘tu não vai levar esse mamão porque não tem dinheiro, é? Então toma pra vc’ e quando o homem chegou perto, ele soltou no chão... é mal caráter”. Joaquim dizia: “foi verdade mesmo isso? Se for, eu nunca mais entro naquela barraca”.

Quando perguntei qual era a quitanda, apontaram para um ponto comercial espaçoso, cheio de frutas e verduras dos mais variados tipos, cujo proprietário, um homem branco e gordo, estava na porta cortando ao meio abóboras frescas. Djair contou-me que quando trabalhou para aquele homem, ele ainda tinha uma barraca pequena, uma banca próxima ao ponto de ônibus situado no centro do comércio local. Disse ainda que, como ele conseguiu expandir o seu negócio, saindo de uma banca pequena para um galpão, ganhando, assim, mais dinheiro e se sentindo mais poderoso do que os pequenos feirantes, o temperamento violento tinha piorado. “Da última vez que ele soltou uma graça pra mim, querendo me humilhar, eu parti pra cima e peguei essa faca peixeira aqui, aí ele arregou... viu que eu não tava pra brincadeira. Hoje tá sem falar comigo”.

A probabilidade dele ter agredido o ex-patrão não parecia, entre os três, algo inequívoco. Tratavam como algo real e Mário, o chaveiro, aconselhava que “dê um murro, mas não envie uma faca não que ele morre e você acaba com sua vida”. Foi pelos abusos de um feirante com o outro que fez Djair sair do trabalho informal que realizava e optar por ter sua própria quitanda. Apesar de ter um rendimento baixíssimo, com ganho em torno de R\$400 por mês, ele prefere viver do trabalho por conta própria do que estar submetido a um cotidiano de assédio moral como o que relata ter passado. Joaquim me disse que também tem preferência por ganhar pouco trabalhando por conta própria do que estar a serviço de alguém, mas, em seu caso, o início do

fiteiro foi uma solução para um período longo de desemprego pelo qual passou depois de ter saído de uma firma em que trabalhou por cinco anos. “Procurei trabalho um tempão, tinha recebido meus direitos, né, e tinha guardado um dinheiro, aí comecei a usar pra poder colocar comida em casa, até que minha mulher teve a ideia da gente tentar abrir uma coisinha aqui, foi quando comecei a vender de tudo aqui nesse ponto, de improviso mesmo” (Joaquim, 40 anos, Zona 3).

Quando perguntei a Joaquim se surgisse uma oportunidade dele trabalhar com carteira assinada em uma firma, se fecharia o seu fiteiro para ter acesso novamente a uma ocupação no mercado de trabalho formal, ele não titubeou, dizendo que com “certeza” fecharia e “pegaria o trabalho, porque ia ter um dinheiro certo todo mês”. Pensando mais um pouco, disse que talvez, ao invés de fechar o fiteiro, tentaria conciliar o trabalho formal com o pequeno estabelecimento, no qual poderia, por exemplo, trabalhar por conta própria nos dias de folga que viesse a ter e nos dias em que estivesse no serviço confiaria a alguém seu ponto comercial. Colocar uma pessoa para trabalhar em seu pequeno negócio certamente não significava contratar alguém formalmente, mas delegar a um indivíduo que esteja necessitando trabalhar uma atividade informal, sem contrato de trabalho ou qualquer tipo de proteção social. Essa dedução se sustenta na observação direta que realizei na Zona 3, uma vez que, como os trabalhadores por conta própria chamaram a minha atenção, somente naqueles comércios maiores, como os minimercados, as farmácias e padarias, são encontrados funcionários efetivos que possuem carteira de trabalho assinada. Nos demais comércios, como nas casas de frios, nas barracas, nas oficinas e nos salões de beleza, os indivíduos ativos, quando não são os próprios proprietários, trabalham em contextos precários, no sentido de não terem nenhum tipo de vinculação formal ao estabelecimento comercial.

Era interessante que quando falamos sobre isso, nenhum deles demonstrou incômodo com o fato disso ser um traço predominante dentro da Zona 3. A naturalização das relações informais de trabalho e a maneira como os moradores mais pobres passavam a atuar em contextos vulneráveis em matéria de proteção social se passava como algo dado. Não havia, para os três comerciantes, qualquer possibilidade deles mesmos, segundo o que me diziam, se dispor a contratar um funcionário para si. Mário, por exemplo, tem um auxiliar que trabalha em seu ponto realizando cópias de chaves. O rapaz que para ele trabalha está em seu pequeno estabelecimento diariamente, pelo menos em um horário, de maneira a dar suporte a Mário caso ele precise se ausentar, quando é chamado para um trabalho externo para trocar uma fechadura em algum imóvel nas redondezas. O rapaz, que é seu sobrinho, não tem um salário fixo. Mário

me disse que a forma como ele encontrou para ajudar o sobrinho a ter uma renda era que todo serviço que ele realizasse teria o valor cobrado dividido igualmente para os dois. “Se num dia fizer 50 reais, 25 reais é dele e a outra metade é minha. [...] “Eu não tenho como assinar uma carteira de trabalho pra ele, não tenho dinheiro pra isso, mas, se pudesse, eu fazia, porque ele trabalha direitinho, nunca me deixou na mão, é trabalhador”.

Da mesma maneira que falavam de si, apontavam para os estabelecimentos de outros moradores que pareciam ter condições para ter funcionários contratados. Mário sabia que eu tinha proximidade com Lidiane e sua mãe e não deixou escapar a oportunidade de dizer que a dona da Lidi Modas poderia “muito bem ter alguém trabalhando para ela, de carteira assinada, porque ela tem condição pra isso”. Porém, embora apontasse para a loja de roupas femininas da minha principal informante em tom de crítica, não deixava de reconhecer que “Lidi trabalha muito também e acho que ela não tem ninguém ainda aí trabalhando pra ela porque deve ainda tá pagando a obra que fez aí. Foi uma obra danada, ficou tudo organizado, acho que é a loja mais bonita aqui da rua, não é não?”. Em um misto de inquietude, curiosidade e reconhecimento pelo trabalho da moradora, ele revelava que dentro da área comercial havia hierarquias que pairavam sobre os comerciantes, vistos entre si como aqueles cujos negócios possuem potencial para crescer, talvez até contratando alguém para trabalhar, e aqueles que certamente não chegariam a tal ponto, porque seus proprietários apenas os utilizavam como meio de subsistência para si e suas famílias e não tinham o objetivo de pouco a pouco melhorar sua própria condição de vida.

Djair, o feirante, aludiu a si mesmo, dizendo que tinha consciência de que sua pequena quitanda não chegaria a ser um estabelecimento que traria para sua família “mais do que já dá”. Com traços de um trabalhador rural, ele dizia que comercializando hortifrutis se ganha apenas o necessário para alimentar seus familiares, sua mulher e sua sobrinha, ainda ajudando, eventualmente, sua cunhada, cuja residência fica ao lado da sua, em um terreno compartilhado na encosta de um dos morros da Zona 3. “Quem trabalha com roupa ou quem tem dinheiro pra ter um negócio em um ponto comercial grande, aí é outra coisa, aí, aqui no Vasco, é capaz de ficar rico”, ele dizia, complementando que acreditava ser o proprietário do minimercado alguém que, com um estabelecimento no bairro, “já deve tá rico”⁸⁵.

⁸⁵ O proprietário do minimercado a que Djair se refere é ex-morador do bairro. Abriu seu negócio como uma mercearia no Alto do Eucalipto e, com o passar dos anos, chegou a abrir o minimercado na Zona 3. Ele quase nunca é visto no Vasco da Gama. Durante a pesquisa, consegui encontrá-lo no minimercado, mas não se disponibilizou a dar entrevista sobre o seu percurso ou sobre o seu negócio. Muitos moradores dizem que as mercadorias que ele comercializa em seu estabelecimento tem origem duvidosa. Alguns acusam de serem produtos falsificados, outros de que são carga roubadas. Porém, os boatos nunca chegaram a ser confirmados e, embora

Embora para eles Lidiane não seja alguém que hoje poderia ser classificada como alguém rica, é vista como alguém que, devido ao seu negócio, passou a ter uma condição de vida melhor do que tinha anteriormente. Os três diziam que ela, como filha, era uma pessoa exemplar, porque nunca deixou a mãe, dona Terezinha, passar qualquer tipo de necessidade financeira desde que abriu o negócio. Inclusive, Mário, que sempre frisava que dona Terezinha era a pessoa que mais sabia da vida que se desenrolava na Zona 3, reconhecia que a mãe de Lidiane “é uma pessoa correta, que nunca fez mal pra ninguém”. A isso, acrescenta que “eu sei que ela trabalhou muito pra cuidar dos filhos e eu acho que eles têm é obrigação de darem a ela tudo do bom e do melhor, mas não dê a ela nunca um binóculos porque aí é que ela vai saber de tudo que acontece por aqui mesmo [risos]”.

4.5 O bairro e suas zonas percebidas a partir da Lidi Modas

Quando Lidiane retornou depois do almoço, sua mãe veio com ela para a loja principal da Lidi Modas. Naquele dia, em que tínhamos combinado uma entrevista, sua mãe precisava ajudá-la a organizar as peças da loja para saber quais iriam continuar ali e quais seriam levadas para o ponto menor, que ela toma conta, na esquina da Rua do Mundo Novo. Ao me verem conversando com os três comerciantes que atuam no entorno da loja, dona Terezinha foi até próximo de mim e, em tom de brincadeira, disse para que eu ter cuidado com “aquelas más influências”. Segui com elas para a Lidi Modas e, ao chegar dentro do recinto, a mãe de Lidiane disse que “era brincadeira, eles são ótimos”.

Na ocasião, como elas estavam juntas e eu tinha interesse em saber mais como Lidiane, a partir da sua trajetória, percebia o bairro, a presença da sua mãe não trouxe problema. Ao contrário, suas colocações enriqueceram a interação, especialmente por que, como tinha chamado atenção Mário, dona Terezinha conhece muito bem a Zona 3 e as demais áreas do Vasco da Gama, notadamente por ter tido durante a sua vida uma experiência de comercializar itens diversos pelas ruas do bairro, tanto nas regiões planas quanto nos morros. Quando perguntei como eram os moradores do bairro, em sentido geral, se elas percebiam diferenças ou se viam todos de maneira muito aproximada entre si, suas colocações seguiram nas seguintes direções.

circulem entre os residentes das Zonas 3 e 4, não geram qualquer tipo de constrangimento às pessoas, que frequentam tranquilamente o minimercado referido.

Para Lidiane:

Tem diferença, né? [...] Tem aquilo que te falei. Algumas pessoas vivem melhor do que outras, mas todo mundo é pobre. São poucas as pessoas aqui que podem dizer que não é pobre. Pobre assim, que tem que trabalhar pra viver, todo mundo aqui tem. [...] Agora, nessa questão de diferença do bairro, tem sim. Quem mora lá na entrada do Vasco, vive melhor do que quem mora aqui, que tem mais coisa, vive melhor do que quem mora lá pra dentro [Zona 4]. [...] Melhor porque lá no começo [Zona 1] as casas são boas, não tem problema quando chove, não tem briga na rua, essas coisas, pelo menos nunca vi. Aqui mesmo, ali onde eu moro [Zona 3], quando chove, mainha não pode descer sozinha, porque pode levar uma queda. Fica tudo escorregando e o canal esborra, a água fica correndo no meio da rua. Água que vem com tudo misturado, lixo, todo tipo de porcaria que o povo lá de cima [Alto Treze de Maio] joga no rego. [...] Tem essas coisas, tem muita diferença aqui. Eu vejo bem diferente. [...] Ah, tem os crentes. Eu nunca gostei, sabe, desses negócios de ir pra Igreja. Mas, depois que abri a loja e as crentes começaram a comprar comigo, eu conheci elas melhor. Tem umas que acho que tem problema, qualquer coisa já começa a falar da Igreja. Parece que quer me converter, Deus me livre [risos]. Lá em casa todo mundo sempre foi católico [a família não frequenta a Igreja Católica, apesar de serem batizados]. [...] (Lidiane, 30, Zona 3).

Para dona Terezinha:

Eu acho que Lidi disse umas coisas que faz sentido. Mas tem outras coisas. Quando eu vendia coisa andando por aí, via muita coisa todo dia. Tinha gente que morava nesses Altos aí, que chega dava pena. A casa era um vão. Isso na década de 70, 80, mais ou menos. Tinha muita pobreza aqui. Hoje você vai num Alto desse, tem gente que vive bem. Lá dentro [Zona 4] tem gente em situação difícil? Tem, mas tem gente também que vive bem. Eu batia isso tudinho aqui andando quando meu joelho era bom. [...] Lá em baixo [Zona 1] é verdade, quem mora ali é outra coisa, né? Tem só a dona do açougue aqui que mora perto [na Zona 3] e lá mesmo eu não tenho amizade. Conheço uma ou outra pessoa, mas amizade, amizade, não tenho não. Já atendi uma mulher dali aqui na loja, achei ela toda metida. [...] Mas diferenças mesmo eu vejo sabe em quê? No comportamento. Eu não sei explicar, mas tem gente que aqui você bate o olho e sabe que é gente que quer alguma coisa na vida. Tem outras pessoas que você olha e percebe que não tem noção de nada, pensa que a vida é só isso aí que tem aqui, como é que se diz, vai ser igual a mãe, pobre, vai criar os filhos do mesmo jeito, vai viver nesse mundinho. Meu filho tá na faculdade. Eu nunca sonhei em ir pra faculdade. Tenho muito orgulho disso. Minha filha tá aí trabalhando. Isso aqui só é o que é por causa das ideias dela. Acho ela muito corajosa. Ir pra São Paulo comprar coisa, eu nunca faria isso, pra vender aqui. Ela faz, olha aí, tá dando certo, num é minha filha? [Lidiane estava emocionada ouvindo sua mãe falar dela] (Dona Terezinha, 55 anos, Zona 3).

A percepção de Lidiane e de dona Terezinha das variações internas do Vasco acompanham a maneira como eu mesmo passei a compreender o bairro durante a feitura do trabalho de campo. A partir da Zona 3, elas identificam que a Zona 1 se distingue do restante do território que compõe o Vasco, mas, ao mesmo tempo, não deixa de integrá-lo como uma variação mais forte. Tão curioso quanto a diferenciação que fazem dos espaços é a relação que captam entre as condições de vida e essas diferenças urbanas, apesar de dona Terezinha ir além e dizer que existe nuances que chegam a se mostrar a partir de individualidades difíceis de

serem percebidas, especialmente na Zona 4, que é tida pela maior parte dos moradores das Zonas 1 e 2 como o ambiente problemático e violento do Vasco da Gama, cujos acontecimentos dificultam a rotina de todas as vizinhanças.

Os transeuntes que circulam pela área comercial, para elas, facilmente mostram a diversidade e as diferenças internas do bairro. “Se você olhar pra roupa, você percebe as diferenças”. De fato, a maneira como as evangélicas se vestem é muito distinta das meninas que frequentam o Clube Treze. Do mesmo modo que a forma como se vestem os trabalhadores atuantes no próprio bairro se diferencia de quem vai e vem para outras localidades para cumprir as suas jornadas de trabalho. Lidiane dizia que “dá pra saber se a pessoa tá bem pela roupa, mas também pode enganar”. Ela contava que as meninas mais jovens, entre a adolescência e a maioridade, são vaidosas e, mesmo parte de famílias em situação econômica apertada, “dão um jeitinho pra ficar bonitas, pra sair arrumada”.

Eu vejo as meninas lá de cima, do Alto [Treze de Maio] indo pra escola. Você vê, as meninas são simples, mas tá com o cabelo escovado. Faz um estilo na blusa pra ficar diferente, pra chamar a atenção. Eu acho bonitinho. Tem outras meninas, que trabalham fora, que andam bem vestida. Uma cliente minha mesmo, que trabalha lá no shopping, se tu ver, parece modelo ela. Eu tô até pensando em chamar ela pra ela provar as roupas daqui pra tirar foto e postar no Instagram pra divulgar a loja. Todo mundo elogia ela. Tem um corpo lindo. Mas eu não posso chamar só ela pra fazer isso, né, porque nem toda menina aqui tem aquele corpincho. Eu mesmo sou assim, cheinha. Tem outra menina que eu tô vendo, que é gordinha, tem um rosto lindo e tudo nela fica bonito. Eu vou chamar ela também, porque uma parte das roupas aqui, eu compro, já pensando que vai caber em quem mora aqui, né? (Lidiane, 30 anos, Zona 3)⁸⁶.

Percebendo a dinâmica da Zona 3 como uma movimentação provocada pela diversidade do bairro, pelo encontro de moradores de diferentes áreas, Lidiane e sua mãe afirmavam que no âmbito dos proprietários dos pequenos estabelecimentos comerciais há elementos que precisam ser considerados. Como na Zona 3 há um agregado constituído por tipos distintos de comerciantes e de lojas, há também uma multiplicidade de práticas de consumo que são realizadas. Além das diferenças de públicos que frequentam as lojas de roupas, para elas, nem

⁸⁶ Atualmente, a lógica de divulgação de Lidiane, chamando moradoras do bairro para provar suas roupas para fotografar e postar no instagram, é feito com frequência. Sempre convida meninas com padrões físicos diferentes para mostrar às suas clientes que há roupa para todos os tamanhos. Hoje em dia, pelo que tenho acompanhado e com as mensagens trocadas à distância, Lidiane tem convidado regularmente meninas que têm visibilidade em meio aos jovens das camadas populares, que são conhecidas por terem muitos seguidores em redes sociais. Nesse caso, ela não apenas convida como uma forma para a garota ter visibilidade, mas paga um cachê pelo dia de trabalho realizado para a divulgação de sua marca também nos perfis geridos pelas garotas que passaram a atuar como modelo para as lojas locais. Esse tipo de iniciativa ocorre em outras lojas de roupa no Vasco.

todos os moradores estão dispostos a sentar em uma lanchonete da Zona 3 ou em um bar para consumir. “Você nunca vai ver, no meio dos homens que bebem aqui, um homem que mora naquelas casas boas da entrada do Vasco”, disse Lidiane. “Nem em dia de jogo, que fica um monte de gente aí bebendo e assistindo televisão, vai vir gente dali, no máximo vem gente que mora ali perto dos prédios, porque dali já dá pra ver quando o bar vai colocar a televisão, aí vem, mas lá de baixo mesmo, duvido”.

Em contraposição, não é difícil, segundo suas perspectivas, identificar entre os consumidores de bebidas alcoólicas ou de roupas nas lojas que consideram voltadas para um “público mais popular”, moradores dos Altos, do Córrego do Botijão e do Visgueiro em geral. “Quem vem mais pra cá, é quem mora nessas áreas, né, porque de lá, sempre precisam passar aqui, aí consomem mais” (Lidiane, 30 anos, Zona 3). Naturalmente, para elas, é importante essa conexão entre as zonas porque agita o cenário comercial e produz um clima de que a Zona 3 é o centro do bairro.

Se não fosse esse ‘vuco-vuco’ que o vai-e-vem de gente causa aqui, aqui não teria esse comércio. Eu penso que é por isso que as coisas dão certo aqui. O ruim é que quem vem de fora aqui na loja não consegue estacionar perto. Tem que deixar mais pra baixo. Porque aqui é uma agonia durante o dia e se passar um ônibus vai ser um problema um carro aí porque pode engarrafar tudo. [...] O problema é que nesse vai e vem, quando é de noite, nos barzinho aqui, pode acontecer problema, né, como já aconteceu, uma briga, gente que não se gosta acabar brigando, até acerto de conta já teve por aqui. Graças a Deus eu não tava, mas já teve gente morrendo aí porque tava jurado, né? Aí, deu bobeira, desceu pra tomar uma, dançou (Lidiane, 30 anos, Zona 3).

No esforço que cada uma delas realizava ao refletir sobre o bairro como um todo, lembram de situações marcantes ocorridos na Zona 3, que envolveu residentes não apenas dessa área, mas também de outras zonas. O caso que mais chamou a atenção de ambas foi um crime ocorrido em uma tarde de fim de semana, resultado de uma discussão entre membros de uma mesma família. O evento aconteceu quase em frente à Lidi Modas, do outro lado da rua, em frente a uma barraca que vende bebidas alcoólicas, que pertence à mãe da vítima. A história surgiu em nossa conversa porque dona Terezinha, retomando a ideia de que há pessoas que vivem no Vasco da Gama como se a única possibilidade de vida fosse aquela predeterminada pelas condições de nascimento, exemplificou o que queria dizer recordando da presença de uma família originária da Zona 4, que agora vive na Zona 3.

O relato indicava que dona Terezinha e Lidiane percebiam que dentro do bairro há moradores e famílias cujas dificuldades advêm de desdobramentos de suas próprias ações, especialmente de caráter conflitivo. Ancoradas em uma questão moral, segundo elas, o caso

que me relataram representava uma circunstância limite capaz de acontecer dentro de uma família tipicamente classificada na vizinhança como desorganizada:

Eu não tava aqui na frente na hora que aconteceu. Mas vim olhar. A senhora que mora naquela casa ali, ali é um bar e por trás tem uma casa. Se chama Nanci. Ela, nos fins de semana, abre o bar. Um sobrinho dela, todo sábado e domingo, colocava uma churrasqueira grande e vendia galeto. Pois, num dia, tava Nanci, o sobrinho, a mulher do sobrinho e os dois filhos dela. Os filhos dela, eu não conheço não, mas todo mundo aqui sabe que sempre foram metido com coisa errada. Um até tá preso agora, parece que foi pego num assalto. O outro, mais novo, um rapaz bonito, visse, moreno do cabelo liso, tinha saído [da prisão] tinha pouco tempo. Pelo que disseram, a mulher do primo disse ao marido que esse menino, o moreno, tava cantando ela, querendo mexer com ela. Eu não sei se é verdade, mas o que aconteceu aí foi que o primo e ele tavam bêbados e começaram a discutir por causa da mulher. Eu sei que saíram no braço e na confusão, o moreno jurou o primo [de morte] e o primo, alterado, enfiou no outro um espeto de churrasco. Foi uma tristeza. Socorreram, mas o rapaz não resistiu e morreu. A mãe passou mal, foi muito sofrimento. O sobrinho sumiu com a mulher. Tão foragidos. Dizem que tão pro lado do interior (Dona Terezinha, 55 anos, Zona 3).

Lidiane, tomando esse caso como ponto de partida, advertiu que não conseguia imaginar uma morte causada por outra pessoa acontecer em frente à sua loja, porque “nem assalto tem aqui, nem roubo, imagina um assassinato”. E acrescenta que “isso deve ter acontecido porque estavam bêbados, eles brigavam muito aí na frente, mas nunca imaginei que um dia pudesse acontecer uma coisa dessas”. Para ela, o Vasco da Gama não é visto como um lugar violento, embora mantenha a porta da sua loja fechada, abrindo sempre que aparece alguém interessado em entrar para ver seus produtos, o que ela diz fazer porque quando está sozinha tem receio que aconteça algo com ela loja, “não é todo tipo de coisa que eu imagino que pode acontecer aqui”.

Briga aqui, eu só vi no carnaval, com os meninos provocando outros meninos e aí brigam. Mas, no dia-a-dia mesmo, aqui onde eu moro, eu não vejo essas coisas. Só vejo gente trabalhando. Isso que aconteceu aí na frente, que mainha contou, foi um caso isolado. Eu sei que lá pra dentro [Zona 4] essas coisas acontecem. Aqui mesmo [na Zona 3] teve esse e já teve também assim de noite, matarem alguém que já tava jurado, que aparece aí pra tomar uma cerveja e quando chega quem veio pra matar, atira só em quem tá jurado. Uma vez teve isso, ali naquele bar [outro bar da Zona 3]. Chegaram dois caras numa moto e disseram assim, foi uma amiga minha que me contou, ‘se afasta que é só com esse aí’. O cara nem saiu do canto, ficou parado só esperando os tiros. Ele era lá do Alto do Eucalipto [Zona 4] e parece que tinha matado o irmão de quem veio atrás dele. Não sei se é verdade, mas foi a história que surgiu na época. Saiu até na televisão. [...] Quando acontece alguma coisa aqui é assim, é com gente que tá metido com coisa errada. Com trabalhador mesmo, comerciante, quem vive assim, trabalhando, eu nunca vi não. Se tu perguntar aos meninos ali [referindo-se aos três trabalhadores com quem antes conversava], vão te dizer a mesma coisa. Entre a gente aqui, que trabalha, não tem problema nenhum. Assim, um outro discute, mas nunca é uma coisa séria (Lidiane, 30 anos, Zona 3).

O debate acerca de assuntos relacionados à violência no bairro surgiu a partir da pergunta que fiz às lojistas sobre as diferenças que percebiam no lugar em que vivem. É interessante notar que não se tratava de uma pergunta sobre o fenômeno da violência no Vasco da Gama. Apesar de dona Terezinha conhecer o território como poucas pessoas, uma vez que sua experiência de vida no bairro foi acompanhada de trajetos diários em todas as zonas, na prática, de uma maneira ou de outra, ela acabava por legitimar uma vinculação da violência à Zona 4. Mesmo que essa relação fosse construída de maneira distinta do modo como ocorre entre os moradores da Zona 1, que dona Jô, principal informante daquela área, era um caso singular, ao fim, a conclusão sobre aquela que é tida como a área mais pobre e mais precária em termos urbanos do Vasco era a mesma: de que lá o número de problemas era mais acentuado e a vida, sem dúvida, mais difícil, porque marcada por ilegalidades e por práticas criminosas capazes de afetar a vida social de todas as pessoas, especialmente se realizadas em outras zonas que não naquela mesma na qual os potenciais agressores moram.

O fato do crime ocorrido em frente à loja, o assassinato do filho da dona do bar causado pelo seu primo, envolver uma família oriunda da Zona 4, como frisaram, indicava que, de certa maneira, a compreensão de que as chances de acontecer algo similar com uma família da própria Zona 3 era menor, uma vez que, como disse Lidiane “isso nunca aconteceu com ninguém daqui”. Entretanto, a família para a qual elas se referiam não era uma família cujos parentes anteriormente vivessem todos na Zona 4. Segundo Mário, o chaveiro, que disse conhecer a dona do bar, o homem que desferiu o golpe no rapaz que faleceu já morava na Zona 3. A dona do bar criara os filhos na Zona 4, mas ela própria era originária do Alto da Favela. Mário não tinha conhecimento de que eu já sabia sobre o caso e que tirava da zona 3 o sentido do comércio como dimensão primeira das reflexões, e falara que “foi uma fatalidade que poderia acontecer com qualquer pessoa ali, porque o cara que enfiou a faca já era conhecido como metido a cavalo do cão, dizia que fazia e acontecia e pior que fez essa merda na vida da família”.

Durante a pesquisa na Zona 4, no lugar em que cresci, o trabalho de campo na Zona 3 foi continuado por outros meios, na medida em que foi preciso voltar aos estabelecimentos comerciais acompanhando alguns moradores do Visgueiro que passaram a ser informantes importantes na última zona. Como será visto no próximo capítulo, quando trato do universo com o qual mantinha uma maior relação de familiaridade, o comércio mais frequentado pelas famílias mais pobres do bairro é o existente na Zona 3. Apesar das práticas de consumo não serem objeto desta tese, acompanhar alguns moradores da Zona 4 em suas idas à Zona 3 foi importante para perceber aquilo que alguns deles diziam quando queriam explicar que em

alguns espaços do bairro não se sentiam tão à vontade quanto no entorno do lugar em que moram, e que os residentes das demais zonas tendem a marginalizar e estigmatizar a Zona 4 como eminentemente violenta.

A Lidi Modas atualmente é a principal loja de roupas femininas da Zona 3. Contudo, ao voltar a essa área quando estava realizando o trabalho de campo com os moradores da Zona 4, não retornei a frequentá-la como antes. Apesar da minha relação com Lidiane e sua mãe ter se mantido, da mesma maneira que se mantém com dona Jô e Robson, as informações locais que elas me passavam, especialmente sobre as suas experiências no âmbito do comércio local, estiveram limitadas a exemplificar um caso de sucesso ocorrido na Zona 3, que, inclusive, como tenho acompanhado nas redes sociais, parece avançar para uma referência popular no âmbito do mercado de vestuário, atingindo também clientes de outras áreas da cidade.

5 O VISGUEIRO

*Aqui não é tão violento como o povo diz por aí.
Até acontece coisas, mas normalmente é com quem procura.*

Janete, 58 anos, Zona 4

5.1 Retornando ao mundo familiar

Passando por quase todo o território do Vasco da Gama, observando-o de perto e de dentro, chego, agora, a sua última parte, a Zona 4. Após percorrer a rua principal deslindando as Zonas 1, 2 e 3, identificadas pelas maneiras como os próprios moradores percebem as diferenças entre os tipos de habitação, os espaços de sociabilidade e os significados que permeiam cada parte do bairro, tinha agora diante de mim o Visgueiro, o trecho específico em que morei, em que ainda hoje é possível encontrar ambientes e indivíduos que comigo conviveram no passado: familiares com quem coabitem em um mesmo endereço por quase três décadas, vizinhos que me conhecem desde garoto e que comigo compartilharam experiências nas fases da infância e da adolescência, e becós e ladeiras pelos quais transitei incontáveis vezes e que figuram em minha memória acerca dessa parte do cenário.

Estar novamente na Zona 4 com o intuito de dar continuidade à pesquisa foi um dos momentos existencialmente mais sensíveis e metodologicamente mais difíceis dessa investigação. Em seu interior, estava obrigado a lidar mais profundamente com as memórias que tenho sobre mim mesmo como parte do bairro, aprofundadas na quarta zona por nela reencontrar parte da minha família materna integrada aos atuais moradores, entre os quais também havia pessoas que estiveram próximas a mim no passado e outras com quem, apesar de morarmos próximos, não interagiu, seja por não compartilharmos afinidades, seja por prescrições proibitivas feitas pelas pessoas mais velhas da casa em que morava⁸⁷. Se antes eu estava dentro da vida cotidiana que se desenrola nessa área na mesma condição daqueles que

⁸⁷ Residi na Zona 4 em uma casa que compartilhava quintal com outras duas residências, todas habitadas por membros da mesma família. Em minha casa moravam meus pais e seus dois filhos, eu e minha irmã. Em outra casa, um tio, irmão mais novo da minha mãe, sua esposa e seu casal de filhos. Entre essas duas, na terceira casa, a minha avó materna, Evandi. Durante a realização da pesquisa, meus pais e minha irmã não mais residiam no Vasco da Gama. A nossa casa estava sendo utilizada pelo meu primo, filho do meu tio, que a alugou para morar com sua esposa e seus dois filhos. Nas outras duas casas continuavam a viver a minha avó materna e meu tio, agora em seu segundo casamento e sem filhos dependentes.

agora passava a reencontrar, para eles, inclusive para alguns parentes, eu não era mais o filho mais novo da família Vieira, que morava na antiga Travessa Manuel Carroceiro, agora Travessa Padre Severino. Agora era o ex-morador, visto como o rapaz “aqui da rua que sempre gostou de estudar” (dona Sueli, 53, Zona 4), “que só deu orgulho aos pais” (dona Flora, 77, Zona 4), “que sempre foi diferente dos outros meninos daqui” (Dimas, 45, Zona 4) e que “por isso, deu certo na vida” (André, 45, Zona 4), como ouvi de ex-vizinhos que continuam a residir em torno da casa em que cresci.

Pelo tipo de relação precedente entre mim e a Zona 4, carregava comigo a crença subjetivamente motivada de que o Visgueiro mereceria uma atenção especial durante o trabalho de campo dedicado à compreensão de cada uma das áreas residenciais do Vasco da Gama e às dinâmicas a elas associadas. Em grande medida, isso advinha do condicionamento provocado pelo meu vínculo biográfico mais forte com essa parte do bairro do que com as outras, que me inclinava a olhar para o que acontecia em suas ruas e com seus moradores com diligência e interesse. Contudo, superando minhas propensões pré-reflexivas, os dados obtidos durante as etapas anteriores da investigação – e que justificavam analisar o Visgueiro como mais uma zona – indicavam que a localidade em que morei estava numa posição particular que solicitava um trabalho de campo minucioso a seu respeito, sobretudo para identificar as razões que a fazem ser recorrentemente mobilizada no discurso nativo como a área que, em contraposição à Zona 1 e à semelhança com os Altos, deve-se evitar frequentar, morar e viver.

Nesse cenário, ao contrário do que ocorreu nas demais zonas, o trabalho de campo foi possibilitado por gozar de uma confiança prévia de um número significativo de habitantes. Por outro lado, também encontrei novos moradores que hoje aí residem. Transitando entre esses dois universos que têm na relação prévia comigo mesmo um critério para distingui-los, pude tanto adentrar em domínios com os quais possuía algum grau de familiaridade quanto naqueles que me eram distantes e, por isso, opacos. Por um lado, tomando a casa em que morei como uma espécie de base para a observação dos morros e das ruas existentes na Zona 4, procurei me reconectar com o contexto que marca a minha própria origem social. Assim, ciente de que as minhas experiências não formam leque suficientemente abrangente para alcançar dimensões que não fazem parte do universo empírico em que me situava, procurei conquistar e, conseqüentemente, compreender indivíduos entrelaçados aos domínios dos quais sempre estive de fora, apesar de habitar em uma casa localmente próxima dos espaços em que agem.

Antes de avançar propriamente para a experiência dos atores, julgo importante apresentar uma visão geral do Visgueiro, indicando algumas das suas principais dimensões e

contextos que servirão para o(a) leitor(a) ter em mente o quadro geral em que os indivíduos cujas vidas são o mote deste capítulo estão localizados. Como a seguir ficará claro, a Zona 4 somente na visão de quem dela não participa é compreendida como um todo homogêneo, em que quem nela vive está unicamente sujeito a experiências predefinidas pela violência como imperativo categórico que estrutura todas as relações sociais. Sem excluir a violência desse contexto, percebo que os eventos a ela relacionados compõem um campo de possibilidades e de provas para os moradores da Zona 4 ao lado de outros domínios, na medida em que, para seus habitantes, sentir-se parte do lugar em que vivem requer ir além seja do envolvimento, seja do distanciamento do que tomam como violência, neste caso, como um deles mesmo habilmente me disse, “das coisas e das pessoas-erradas que vivem por aqui” (Valdemir, 57 anos, Zona 4).

5.2 Delineamento da pesquisa na Zona 4

Quando comecei a realizar propriamente o trabalho de campo na Zona 4, naturalmente, passei a visitar com frequência os meus familiares ainda residentes nessa área. De faixas etárias muito distintas, entre minha avó materna, meu tio e meus primos mais jovens, imaginava que seria possível conversar sobre experiências e domínios de práticas muito diversificados existentes no Visgueiro. Apesar de ter um estoque de conhecimento relativamente amplo para deduzir algumas componentes da Zona 4, como dela há algum tempo tinha me afastado, procurava obter informações mais refinadas sobre o seu atual estado, considerando que nela poderiam haver novos elementos a serem considerados enquanto outros poderiam não mais ter relevância para a análise. Não estava errado quanto a isso. O quadro geral apresentado na sessão anterior, embora preceda a discussão que farei daqui por diante, resulta do tratamento dos dados que aos poucos serão aqui refletidos. Se utilizasse apenas a minha própria memória sobre o lugar certamente a compreensão do Visgueiro estaria deturpada pelo tempo e as dinâmicas locais contemporâneas não seriam reveladas como procuro aqui fazer, especialmente se tratando do modo como seus moradores se encaixam no mosaico que hoje eles próprios conferem à realidade local. Nesse sentido, meus familiares se tornaram informantes privilegiados, não apenas por existir entre nós um grau de confiança que precedia minhas intenções investigativas, mas porque com eles passava a ter uma rede local automaticamente dada que poderia acionar para abrir as portas das casas das famílias hoje residentes. Nesse sentido, a identificação de informantes se deu de forma automática.

Não era um planejamento inicial incluir meus próprios parentes na amostra da pesquisa, mas, também, seria um equívoco e um erro metodológico omitir a participação deles na produção dos dados em que a análise aqui se sustenta. Quando diariamente estava na casa da minha avó materna, não somente interagíamos sobre a nossa relação familiar: as conversas facilmente se estendiam para fora dessa esfera e alcançava os moradores da rua. Interessado em saber quem por ali continuava a morar, o que tinha acontecido com aqueles que eram mais ou menos próximos de nós, e ela me relatava por horas histórias que não cheguei a presenciar, que foram importantes para a modificação do contexto local para o qual agora retornava e em que ela ainda se encontrava⁸⁸. Da mesma forma, os diálogos com meu tio e meus primos, um homem e uma mulher jovens, ofereciam detalhes sobre moradores e sobre acontecimentos recentes que me ajudavam a ir além daquilo que presumia, especialmente quando se tratava de contextos com os quais não tinha anteriormente qualquer tipo de relação, como entre as famílias mais pobres e precarizadas pela sua condição originária. Particularmente, o intermédio que a presença deles ao meu lado causava possibilitou que tencionasse alcançar contextos em que seriam encontrados aqueles indivíduos que a vizinhança das três zonas anteriores e parte da própria Zona 4 indicava como potencialmente inclinados para levar adiante práticas e ações promotoras de problemas para quem mora no Vasco da Gama.

Foi assim que tracei uma agenda para o trabalho de campo, em que, em primeiro lugar, estaria a minha própria família residente, vista como mediadora para minha reaproximação a moradores previamente conhecidos, especialmente ex-vizinhos ainda presentes no entorno da casa em que habitei. Em seguida, paulatinamente avancei em direção dos moradores desconhecidos, principalmente daqueles que figuravam como desconhecidos e frequentadores de determinados espaços para mim simbolicamente distantes, com as quais possuía apenas um conhecimento muito superficial do que em seu interior ocorria, apesar das possibilidades de adentrá-los enquanto participava ativamente da vida local como mais um morador da Zona 4. Assim como os pais já referidos na parte alta da Zona 2, os meus pais também me impediam de circular em determinadas áreas, com os mesmos medos expressos por várias mães de que me envolvesse com “pessoas-erradas”.

⁸⁸ Utilizo agora o verbo no passado porque no instante em que escrevo este capítulo minha avó, após sessenta anos, mudou-se do Vasco da Gama. Apesar de nele ter sua casa própria, em virtude de desejar estar mais próxima da sua irmã mais velha, hoje com 98 anos, foi com ela morar no bairro de Casa Amarela, nas proximidades do Alto Santa Isabel. Mantenho contato contínuo com ela e com a minha tia-avó, Rita, que sempre reencontro quando visito o Recife.

Por intermédio da minha avó e utilizando meu próprio conhecimento sobre as famílias que continuavam a morar na Travessa Padre Severino, realizei um conjunto de entrevistas sobre a maneira como meus ex-vizinhos compreendiam a Zona 4 e identificavam mudanças e permanências nessa área. Não obstante isso, procurei também apanhar pistas para identificar outros moradores que atualmente representam peças-chaves na dinâmica específica da sociabilidade do Visgueiro, que poderiam ser procurados posteriormente para que eu pudesse investigar contextos mais distanciados, que promoveriam uma visão mais global da última parte do território do bairro. Em um movimento orientado do mais próximo para o mais distante, isto é, dos ambientes com os quais estava mais familiarizado para os menos conhecidos, entrei primeiro em contato com os moradores de casas próximas à que eu cresci, cujos residentes, previamente conhecidos, moram todos na Zona 4 ou em partes ainda mais periféricas da Zona Norte da cidade.

A permanência dessas famílias no Visgueiro corresponde aproximadamente ao mesmo período em que minha família vive no bairro. Por conviverem há décadas lado a lado, essas pessoas e a minha família se conhecem desde muito tempo, tendo os mais velhos acompanhado fases importantes da minha vida. As casas em que moram estão localizadas no entorno da casa em que cresci, cujo acesso requer apenas ascender alguns degraus que permitem a circulação dos moradores entre a Travessa Padre Severino e a rua homônima, que se conecta com a rua principal do bairro. Quando estava na casa da minha avó, do meu tio ou na que mora o meu primo, que é a casa específica em que morei com meus pais e hoje está a ele alugada, procurava visitar essas famílias visando pouco a pouco explicá-las o que fazia novamente no Visgueiro. Não apenas por confiarem em mim, mas também por interpretarem como uma atividade laboral que cumpria para alcançar objetivos maiores no futuro, a abertura para minhas intenções se deu de maneira não apenas espontânea, mas fundada em um sentimento moral de ajuda a um ex-vizinho cujo trabalho era o de realizar entrevistas com moradores do Vasco da Gama.

Por meio dos previamente conhecidos, tive como contatar os que residem há menos tempo no Visgueiro ou mesmo mais distante da casa onde morei, que não faziam parte do meu universo de relações anterior. Eles completam o meu quadro de indivíduos entrevistados com o intuito de captar as experiências e compreensões acerca do que designei, com base no que os próprios atores me ofertavam, como Zona 4. Por estarem mais distantes da casa que determinei como base, alguns deles se situavam em pontos do espaço dessa zona que proporcionam relações específicas com a realidade local e diferentes daquelas experienciadas no entorno da minha antiga residência como, por exemplo, nas “casas da pista” ou próximas de becos e

escadarias que os residentes dessa área percebem como potencialmente problemáticas, isto é, propícia a emergência de práticas moralmente questionáveis de acordo com os valores que permeiam o universo cultural das famílias existentes.

Não foi difícil ter acesso às famílias previamente conhecidas e muito próximas a mim. Em suas casas, eram facilmente encontrados moradores capacitados para falar sobre a realidade dos habitantes do domicílio. Muitas mulheres não possuem trabalho remunerado fora de casa e, apesar de terem uma rotina de trabalho doméstico intensa, recebiam-me com frequência, mesmo quando as circunstâncias não pareciam favoráveis para uma conversa mais prolongada. As pessoas que trabalham fora de casa, em sua maioria homens, mas também algumas mulheres, em geral estão submetidas a um regime de trabalho de oito horas diárias e somente eram encontradas durante a noite ou nos finais de semana. Entretanto, no caso dos homens, mesmo no sábados havia alguma dificuldade para encontrá-los com tempo livre, em virtude de alguns deles utilizarem esse dia para realizarem serviços extras, seja em seu próprio local de trabalho, seja no bairro, quando algum biscate surgia. Além desses perfis, os moradores ocupados em regime de plantões de 12h de trabalho por 36h de descanso eram vistos em dias intercalados. Nesse caso, tratava-se mais especificamente de homens que trabalham como vigilantes em empresas privadas e de mulheres vinculadas à área de saúde, técnicas em enfermagem, sobretudo.

Alguns previamente conhecidos trabalhavam todos os dias na Zona Sul da cidade e, nesse caso, eram mais difíceis de serem vistos, uma vez que, ao saírem de seus locais de trabalho no início da noite, entre 18h e 19h, somente por volta das 21h ou 22h estavam no Vasco da Gama. Costumavam perder 4h diárias no tráfego da cidade, um tempo significativo de suas vidas, que poderia ser maior se residissem mais adentro da periferia da Zona Norte, em bairros menos servidos de transportes públicos do que o Vasco da Gama. Entretanto, nos dias de folga, era comum conseguir abordá-los para uma entrevista, mesmo quando apresentavam também sinais claros de cansaço físico, recorrente entre os vigilantes, cuja condição de trabalho os obrigava a permanecer quase todas as 12h do seu plantão de pé no estabelecimento em que estivessem lotados, normalmente localizados nos bairros enobrecidos ou mais centrais do Recife.

Os membros das famílias previamente bem conhecidas que não moram mais com seus pais nas casas em que cresceram, mas ainda residentes no Vasco da Gama, foram contatados por intermédio de seus próprios familiares ou por meio de meus parentes, que também os conheciam. Em todas as vezes que fui às suas casas, naturalmente, pude observar de perto outras

partes do Visgueiro. Por morarem em distintas localidades dessa vizinhança, distribuindo-se entre os morros que figuram nessa área ou a rua principal, ir até as suas residências abria para o trabalho de campo a oportunidade para registrar elementos e variações internas importantes para a contextualização dos dados adquiridos por meio das entrevistas com os moradores da Zona 4. De certa forma, os mais jovens dessas famílias, ao se mudarem para outras áreas do Visgueiro, passaram a ver a área a partir de outros pontos de vista, na medida em que fizeram um deslocamento interno sem que necessariamente representasse uma ascensão socioeconômica, mas que significavam estar em outra parte da própria Zona 4 que trazia consigo consequências capazes de mudar o modo como compreendem, especificamente, o Visgueiro e, em geral, o Vasco da Gama. Por meio dos dados obtidos entre meus familiares, moradores próximos e desconhecidos, a visão que tinha da Zona 4 foi, portanto, ampliada, alcançando dimensões anteriormente inexistentes na representação que fazia do Visgueiro.

5.3 Uma zona diversificada e assimétrica

Retomando algumas das perspectivas dos moradores das três zonas anteriores, sobre a Zona 4 pairam sentidos que frisam não apenas traços a partir dos quais é derivada a representação de que nela moram as famílias economicamente mais pobres, mas também advém a ideia de que em seu meio são encontrados grupos cujas práticas são capazes de abalar o caráter rotineiro da vida cotidiana de todo o cenário, não raras vezes associadas ao crime, à violência e às ilegalidades diversas: “Deve ser muito difícil criar um filho no Visgueiro, porque o que mais tem ali é gente pra desviar a atenção [da criança] da escola” (Cláudia, 41 anos, Zona 3); “Não é todo mundo, mas lá dentro [na Zona 4] tem muita gente envolvida com coisa errada, viu?” (Alan, 38 anos, Zona 2); “Não é por acaso que a delegacia fica no Visgueiro, né?” (Ferreira, 50 anos, Zona 1); “Outro dia teve uma notícia que mataram um cara aqui no Vasco, eu não sei aonde foi, se foi lá no Córrego... acho que não, foi mais pra cima, eu acho, pra perto do largo [referência a uma rotatória que marca o começo da Zona 4]” (Maurício, 30 anos, Zona 1). Interessante é que paira sobre o imaginário sobre o Visgueiro os mesmos sentidos atribuídos aos moradores do Alto da Favela e aos frequentadores do Treze.

Quando ouvia afirmações e visualizava enquadramentos como esses, tinha consciência de que a vida social na Zona 4 e as práticas realizadas pelos seus moradores são mais difíceis de serem captadas por quem não participa diretamente do que ocorre entre as suas ruas e dentro

das casas dos seus habitantes, da mesma forma como ocorria sobre outras áreas estigmatizadas do Vasco. De fato, nela, a pobreza é um traço evidente, perceptível desde que se observa os tipos de habitações existentes nas encostas dos morros até o que muitos moradores dizem logo quando se pede para descreverem as condições em que vivem com suas famílias. Além disso, a existência de grupos juvenis nas suas esquinas e becos e, durante a noite, a movimentação de jovens aparentemente envolvidos com o tráfico de drogas, gera, mesmo nos moradores da quarta zona, a sensação de que a violência e o crime podem acontecer consigo e com seus pares. Contudo, da mesma maneira como ocorre quando o bairro figura nas páginas dos jornais locais ou é caracterizado por quem reside nas áreas nobres da Zona Norte, que o toma como um espaço extremamente desordenado e habitat de pessoas propensas à criminalidade, a Zona 4, na visão de quem vive nas três primeiras zonas – sobretudo da primeira e de parte da segunda – é reduzida a um estereótipo da periferia violenta, pobre e degradada.

Entretanto, para quem conhece o Visgueiro de perto e de dentro, reconhece nele uma complexidade muito maior que precisa ser levada em consideração para entender essa zona e sua gente. Por ter vivido exatamente em seu centro, em uma casa a partir da qual era possível visualizar dimensões geográficas e urbanas que a constituem, reconhecia que alcançar seus aspectos sociológicos e antropológicos requereria transpassar a visão que os moradores das outras áreas têm dela – da mesma forma como em parte da Zona 2 – e concebê-la tal como a percebem e a experienciam aqueles que nela moram e que, em maior ou menor grau, a ela se sentem pertencer. Para eles, a Zona 4 é delineada de maneira distinta daquela imagem anterior. “Não acho que aqui seja tão violento assim como muita gente diz... ninguém da minha família mesmo nunca se meteu com nada errado, ninguém nunca foi preso ou fez mal pra ninguém, nem daqui, nem de fora” (Simone, 50 anos, Zona 4); “Sempre tem quem faça besteira, né? Mas meu marido e meus filhos tem tudo a cabeça no lugar. Meu marido é pedreiro e meu filho, graças a Deus, não gosta nem de ficar na rua: é de casa pra escola, vai pra igreja e às vezes sai pra jogar uma bola e é só” (Magda, 38 anos, Zona 4); “Aqui tem gente pra tudo: pedreiro, taxista, dona de casa, empregada, estudante, maconheiro, crente, ladrão de galinha, gente que já matou gente... Tem quem não faz nada da vida, isso aí tem muito, que acorda pra beber, que bebe pra dormir [risos]” (Tiago, 25 anos, Zona 4). “Olha, conheço gente aqui que já foi preso, visse? Dizer que não tem eu tô mentindo, já fez besteira na vida, mas agora tá aí certinho, trabalhando. Mas, né, sempre tem quem não tem jeito, que se for preso e sair, sai pior, e cria problema aqui” (Antônio, 55 anos, Zona 4). Por ter morado em seu seio durante quase toda a minha vida, sabia que em seu interior havia essa diversidade que precisava ser levada em

consideração para analisá-la adequadamente, especialmente porque nela estão consolidadas áreas residenciais muito distintas. Em certa medida, há uma aproximação entre as percepções que se tem da Zona 4 e dos Altos existentes no bairro e que, como já disse, eu mesmo fui subjetivamente levado a crer quando no campo na Zona 2, carregado pelo significado que haviam me dado das suas condições atuais.

Os sentidos que esses moradores dão ao lugar em que moram não me surpreendiam. Da mesma maneira que eles, eu, como ex-morador, sabia que na parte mais interna do Vasco da Gama as relações de vizinhança não se estruturavam unicamente com base em um cotidiano violento que não se pode negligenciar sob pena de se tornar vítima dele. Sem desprezar a possibilidade da violência emergir diante de si ao transitarem entre ruas, becos e escadarias, os moradores, especialmente aqueles que demonstram estar mais familiarizados com o contexto local, compreendem, como as breves citações acima demonstram, a Zona 4 como um microuniverso socialmente muito diversificado, cujas diferenças e assimetrias são por eles reconhecidas por meio, sobretudo, das correlações que fazem entre a sua geografia e a sua configuração urbana.

Quando iniciei o trabalho de campo nessa zona, ainda quando observava seus traços mais claros, porque físicos, isto é, os tipos de moradias existentes e a maneira como elas estão distribuídas na circunscrição espacial a ela referida, rapidamente identifiquei parte da heterogeneidade existente. Ao transitar diversas vezes por dentro da Zona 4, constatei a conjunção de microuniversos diferenciados que participam diretamente da maneira como os habitantes dessa área tanto a compreendem quanto nela percebem uns aos outros, cuja dinâmica redonda em províncias de significados (SCHUTZ, 2012) que servem à interpretação e à apreciação nativa sobre o que diante deles aparece e ocorre. Apesar da multiplicidade de elementos existentes e que constituem o cenário em que se situam, as experiências por que passam no entorno da casa em que moram condicionam os modos como os moradores agem, ao mesmo tempo em que os habilita a saber lidar com a própria complexidade que os cerca. Como um espaço internamente diversificado, encontram-se na Zona 4 intervalos residenciais que indicam distintas condições de moradia, que se retraduzem em hierarquias socioeconômicas e simbólicas no seio do Visgueiro, de modo que em seu interior são encontradas áreas que seus próprios moradores consideram razoavelmente boas para viver e outras que indicam como inadequadas para qualquer finalidade, tanto em função das limitações físicas que oferecem a quem nelas moram quanto em virtude dos tipos de sociabilidade que

supõem ocorrer em cada uma delas, identificando aquelas que parecem oferecer mais riscos e problemas para quem nelas habita.

De maneira similar ao que ocorre nas Zonas 2 e 3, na Zona 4 as diferenças instituídas entre a área plana pela qual passa a rua principal e as áreas elevadas sobre as quais estão edificadas residências de modo irregular sugerem assimetrias que não podem ser desprezadas se se quer alcançar a percepção nativa desse território. Apesar da continuidade desse tipo de diferença, aqui, diversamente do que acontece entre os moradores dos prédios e os residentes do Alto da Favela, entre os quais se constata um hiato que dificulta as suas comunicações, no Visgueiro, quem mora em uma das casas localizadas na pista e quem vive em uma habitação cujo acesso requer subir uma elevada escadaria costumam manter contato contínuo. Não é difícil encontrar famílias residentes na área plana dessa zona com parentes cujas casas estão nos morros mais próximos, o que aponta para redes familiares extensas configuradas com graus internos de desigualdades entre seus membros.

Como ocorria na maior parte do bairro, a rua principal, que começa na Zona 1, passa pelo eixo central do Visgueiro e em suas margens estão localizadas aquelas que são consideradas as melhores casas da Zona 4. Por detrás das casas que margeiam a rua, elevam-se dois morros que se abeiram até o ponto final da avenida, quando ela alcança o bairro de Nova Descoberta. De um de seus lados, vê-se a colina em que se consolidou o Alto do Eucalipto. Do outro lado, de frente a essa, o outro morro, sobre o qual se identifica a continuidade do Alto Treze de Maio, cujo início está na Zona 3, na Rua Alto do Mundo Novo, em que moram a comerciante Lidiane e a sua família. A casa em que morei está exatamente no eixo central da elevação do Alto do Eucalipto, a partir da qual é possível visualizar parte considerável da encosta do Alto Treze de Maio e da Zona 4 como um todo. As encostas desses dois morros passaram a ser ocupadas para fins habitacionais durante o século XX pelas famílias que chegavam à cidade, que neles encontravam terrenos ainda cobertos por matagal que, após capinados, serviam para a autoconstrução de moradias, mesmo que sob condições adversas e íngremes.

Em entrevista realizada com a minha avó materna, Evandi, hoje com 84 anos, lúcida e residente no Vasco da Gama na ocasião em que realizava o trabalho de campo na Zona 4, soube que, na década de 1950, quando ela chegou ao bairro, as casas existentes nas encostas dos dois morros eram feitas de maneira improvisada ou de taipa e, entre elas, haviam sempre intervalos vazios que pouco a pouco foram também ocupados por famílias que chegavam a esta área. Testemunha ocular desse processo, ela me contou que as pessoas que para ali iam, chegavam

porque “era tudo muito pobre, não viviam, sobreviviam, algumas até queriam plantar no quintal, porque o chão era tudo de terra, mas a única coisa que dava mesmo eram as bananeiras e ninguém vive só de comer banana [...]. Os homens iam tudo tentar encontrar trabalho nas fábricas, trabalhar em obra, coisa pesada, pra sobreviver aqui. Teu avô mesmo, João, fez isso, porque trabalhava com [pedra de] mármore. Era marmoarista” (Evandi, 84 anos, Zona 4).

Entre as casas hoje existentes nas encostas dos morros da Zona 4, não se encontram mais habitações improvisadas. As de taipa também raramente são identificadas em meio a tantas que formam o mar de habitações populares que predomina no Visgueiro. Entre elas, em geral, facilmente podem ser percebidas construções alongadas cuja lateral forma um espaço para transitar de sua frente até a parte de trás da propriedade, normalmente utilizada como área de serviços gerais⁸⁹. Outras, apesar de estarem localizadas em áreas altas, são edificações elevadas, feitas para ter entre um e três andares, e são habitadas por famílias que, embora residam nesses morros, têm acesso contínuo a recursos econômicos por seus responsáveis financeiros terem uma situação estável ou relativamente estável no mercado de trabalho, seja ele formal ou informal⁹⁰.

Se há certa diversidade de tipos de moradias na Zona 4, percebidas tanto na relação entre áreas planas e elevadas, no perímetro da rua principal, na área plana, também são encontradas variações que participam da maneira como os moradores experienciam e compreendem o lugar em que vivem no Vasco da Gama. Seguindo as anotações feitas no período em que me dedicava a novamente me familiarizar com a localidade em que morei, percebi uma gradativa modificação da paisagem local na medida em que percorria o início da Zona 4 ao seu término. Da rotatória para veículos que define seu princípio — referida pelos moradores sempre como Largo de Bigode, termo atribuído pela presença de um bar homônimo, cujo proprietário, hoje falecido, era uma pessoa muito popular — até a primeira escadaria que permite subir até o Alto

⁸⁹ Muitas delas, apesar de parecerem uma única casa, em seu interior são subdivididas para mais de uma residência em que moram grupos familiares diferentes. Em sua maioria, esses agregados são parte de uma mesma rede familiar, mas que habitam em espaços privados, mesmo que compartilhem o endereço. Em diversos casos assim encontrados, tratavam-se de famílias cujas casas foram adaptadas em função de eventos biográficos ocorridos na vida de um dos seus membros, como, por exemplo, um casamento ou uma separação que forçava o retorno de um filho ou de uma filha para a casa dos pais, muitas vezes trazendo consigo, no caso das mulheres, as crianças tidas durante a vida conjugal e que com elas tendem a ficar. Embora aquelas com quem conversei tenham dito que queriam ter a guarda dos seus filhos, muitas vezes suas narrativas demonstravam que seus ex-companheiros não expressavam interesse em querer assumir as responsabilidades do seu papel, o que reforçava para essas mães o trabalho de cuidar sozinhas de seus dependentes.

⁹⁰ Por exemplo, entre casas deste tipo, encontrei famílias cujos responsáveis, tanto o homem quanto a mulher, eram servidores públicos municipais no setor da saúde. Em outro caso, tratava-se da casa de uma família cujo chefe era policial militar. Em outro, o imóvel pertencia a um pequeno negociador local atuante no setor da construção civil, que construiu um edifício em que vive, no primeiro andar, ele e sua família e, no térreo, sua mãe e outros parentes.

do Eucalipto, a rua principal, que se inicia na Zona 1, estreita-se. Quem vem caminhando da Zona 3 para a Zona 4, ao chegar no Largo de Bigode constata a transformação da infraestrutura do bairro que distingue o Visgueiro das demais zonas.

Aí a via principal, apesar de continuar de mão-dupla, é reduzida devido à presença dos dois morros que a pressionam. Como as residências existentes nos seus dois lados foram feitas muito próximas da avenida, em alguns trechos os pedestres precisam disputar espaço com os automóveis e ônibus que passam na própria rua, caminhando ao lado dos veículos em movimento. Quem por ali caminha com regularidade precisa se locomover com atenção para não ser vítima de um atropelamento, sobretudo nos horários de fluxos mais intensos, como no início da noite em que se formam congestionamentos, que se pode se estender para todas as zonas, como ocorria em frente à casa de dona Jô, na Zona 1. Embora nos engarrafamentos os carros e ônibus circulem em baixa velocidade na Zona 4, é comum presenciar rapazes jovens passando em motocicletas em alta velocidade, transitando por meio das brechas que se abrem entre os veículos maiores, disputando espaços com quem se atreve a atravessar de um lado a outro da rua em algum ponto mais estreito, atitude necessária devido à ausência de faixas de pedestres em todo o Visgueiro. Há momentos em que o trânsito fica bloqueado e que os ônibus são obrigados a dar ré até uma área mais larga para que a circulação se restabeleça.

Apesar do barulho causado pelo trânsito, as casas da rua principal são valorizadas pelos moradores. Quem mora em uma casa feita em uma das encostas dos morros, mesmo que conceba seu imóvel como adequado para o atendimento das suas necessidades familiares, reconhece que as residências da pista ofertam uma situação de moradia menos difícil do que aquela a que está sujeito quem precisa sempre ascender inúmeros degraus até chegar à porta de casa. Nesse sentido, não se trata apenas das condições materiais de existência que, para eles, podem ser melhoradas, mas uma série de dificuldades existenciais podem ser amenizadas, especialmente relacionadas ao ir e vir da casa para a via pública, seja pelas necessidades de chegarem até um estabelecimento comercial para comprar algo de que precisa (alimentos, produtos de limpeza, gás de cozinha etc.), seja para alcançar o ponto em que se pode aceder aos ônibus para seguir até outro bairro da cidade⁹¹.

⁹¹ A compra de um item, por exemplo, um móvel ou material de construção para uma obra, exige sempre uma logística para o seu recebimento em casa, uma vez que as caminhonetes que realizam a entrega não conseguem chegar próximo ao local de residência, precisando estacionar na rua principal. Os entregadores podem ser orientados apenas a deixar o produto na parte baixa e não a transportá-lo até a casa do consumidor, na parte alta. Assim, é preciso não apenas estar à espera do veículo para confirmar que há alguém para receber a encomenda quanto ter previamente contatados outros moradores que estejam disponíveis para ajudar a carregar o(s) objeto(s)

Esses empecilhos objetivos que trazem consigo dificuldades existenciais podem levar um família moradora das encostas do morro a se mobilizar para sair da sua casa própria nas escadarias, alugando-as com o intuito de habitar em uma residência de acesso mais fácil na rua principal. O fato de sair de um imóvel próprio para viver sob um regime de pagamento de alugueis é realizado muitas vezes com a expectativa de que esse movimento trará benefícios suficientes que justificam a sua realização. O valor obtido com a casa própria alugada, porém, raramente é suficiente para cobrir os custos mensais solicitados pelos proprietários das casas da pista, sendo necessário, assim, complementar o restante do valor a ser pago com uma parte da renda domiciliar, que é, desse modo, onerada. Uma dona de casa previamente conhecida, proprietária de uma casa em uma das escadarias, que estava morando em uma casa alugada próximo ao Largo de Bigode, contou-me que sua família decidiu proceder por meio dessa lógica porque ela e o marido desejavam oferecer aos filhos uma melhor condição de vida. Sem possibilidades materiais para se mudarem para uma das outras zonas ou para outro bairro, as casas localizadas na rua principal representavam uma solução que poderiam arcar, mas somente se o seu próprio imóvel fosse mantido alugado, como estava no momento em que nos encontramos. Uma dona de casa, que conheci ao longo do trabalho de campo, que realizou o movimento de sair de sua casa própria para morar em uma residência na área plana, disse-me:

Morar aqui embaixo é mil vezes melhor, né? Lá em cima era bem complicado, porque se faltasse alguma coisa, tinha que descer tudinho pra comprar aqui embaixo. Se faltasse uma água sanitária, tinha que vim na padaria aqui. Se faltasse pão, tinha que descer pra comprar. Fica tudo muito cansativo. Sem falar que quando as meninas eram menores, eu não tinha com quem deixar, aí vinha comprar qualquer coisa, tinha que ajeitar elas e descer carregando, né? Porque meu marido trabalha fora e eu não ia deixar elas sozinhas. [...] Aqui ficou mais fácil. [...] Lá em cima também a gente não fazia muita coisa em casa. Evitava porque faltava água. Como é que a gente ia fazer uma festinha de aniversário sem água em casa. Aqui embaixo falta, mas é muito menos. Se tiver visita, eu não passo vergonha. Tem caixa d'água. Não fica sem água no banheiro (Juliana, 30 anos, dona de casa, Zona 4).

Juliana articula de maneira evidente a dimensão socioespacial de distribuição das casas na Zona 4 ao modo como a vida pode ser vivida distintamente a depender do local em que a residência em que se habita se situa dentro do território, que passa a ter gradações valorativas em função de ofertar mais ou menos precondições para uma vida digna. Morar na escadaria traz dificuldades objetivas que podem afetar a dimensão moral dos moradores, sobretudo no que diz respeito ao sentimento de que se vive numa condição precária cujas consequências podem

ou realizar um biscate com o qual se recebe uma baixa quantia para carregar a entrega até a habitação de quem solicita o serviço.

limitar desejos e expectativas. Faltar água em casa, na entonação de Juliana, significa que ela pode passar por constrangimentos dentro do seu próprio domicílio, cujo receio de se sentir envergonhada levava, neste caso, a não realizar as festas de aniversário das suas filhas. “A gente tinha dinheiro pra fazer uma festinha simples, mas eu pensava ‘mas se na hora, cheio de criança aqui, faltar água...’, aí desistia, porque ia ser uma vergonha pras meninas, ainda mais se os amiguinhos da escola [uma escolinha privada do bairro] estivessem” (Juliana, 30 anos, Zona 4).

Entretanto, a pluralidade existente no Visgueiro também possibilita que alguns moradores, oriundos de uma condição socioeconômica um pouco menos restritiva do que quem normalmente vive em um dos morros, não disponham de inclinações para apreciarem a realidade da mesma maneira que Juliana. Uma outra dona de casa, Geane (33 anos, Zona 4), proprietária de uma casa na Rua Vasco da Gama, próxima da casa de Juliana, diz não entender “como a pessoa decide sair da escadaria pra morar aqui embaixo pagando aluguel”. Sem considerar os elementos sensíveis que movem um casal como Juliana e seu marido a tomar essa decisão, para ela, “estão trocando seis por meia dúzia [...]. Se fosse pra sair do Vasco, tudo bem, mas pra morar aqui mesmo? [movimento de reprovação com a cabeça]”. Geane herdou a casa dos pais, um falecido comerciante da Zona 4, que tinha, além da casa que morava, mais três imóveis na vizinhança. Após sua morte, cada filho ficou com uma casa. Geane nasceu e cresceu morando na rua principal e diz que tem amizades que moram nas escadarias e que se dão muito bem, “até já emprestei o quintal aqui de casa pra uma amiga [que mora na escadaria de frente a sua casa] fazer o aniversário dela”. Quando perguntei porque a amiga quis fazer o aniversário na sua casa, sua resposta foi a de que “na casa que ela mora [sua amiga] não dava pra fazer, não tem espaço, aqui tem, olha como é aqui atrás [uma área espaçosa, cercada por um muro de tijolos]. Ela diz que “claro, não cobre nada dela, né, ela é minha amiga faz tempo”.

Para quem reside nas proximidades da rotatória em uma casa própria, como Geane, muitas vezes ouvir alguém dizer que a sua residência faz parte do Visgueiro pode ser motivo de controvérsia. Para esses moradores, o Visgueiro começa apenas quando, caminhando pela rua principal, cruza-se o edifício em que funciona a delegacia, “onde tem mais gente pobre” (Sandra, 35 anos, Zona 4), “perto da rua que vai pro campo, pro Maconheirão⁹²” (Wellington, 40, Zona 4). Para quem mora próximo à delegacia, porém, o Visgueiro começa no antigo

⁹² Nome popular pelo qual era identificado o campo de futebol de várzea do bairro, recentemente remodelado para uma Academia da Cidade, projeto da Prefeitura do Recife que visa estimular a prática esportiva dos moradores de faixas etárias e gêneros distintos.

terminal, no Largo de Bigode. Para estes, na mesma lógica daqueles que moram na Zona 1 e dizem residir em Casa Amarela, quem mora perto do Largo recusa a ideia de que a sua casa fica no Visgueiro: “querem parecer que vive melhor do que a gente [...], quer ser melhor. Não quer ser visto como morador só porque tá num lugar organizado, que tem onde parar o carro. Isso aqui é tudo Visgueiro, todo mundo sabe” (Tiago, 25, Zona 4).

Logo após o intervalo entre o Largo de Bigode e o primeiro acesso da Zona 4 para o Alto do Eucalipto, verifica-se outro contorno. Da Rua do ABC em diante, passando pela delegacia, que é o principal ponto de referência dessa área junto à rotatória no seu princípio, perímetro que compreende o local em que morei, são encontradas algumas barracas que comercializam bebidas alcoólicas, frutas, verduras e outros itens de primeira necessidade. Em geral, não se vê ali famílias realizando compras de muitos itens ao mesmo tempo como ocorre na Zona 3. Funcionam como comércios simples, próximos à vizinhança, para as quais se vai para adquirir um ou outro item de que se necessita em casa, que não justifica ir até os pequenos estabelecimentos comerciais mais abaixo localizados para comprá-los.

Não possuindo quarteirões planejados como na Zona 1, entre intervalos de residências e pequenas barracas são facilmente identificadas ruelas e escadarias que dão acesso às casas construídas na superfície dos morros, utilizadas também por moradores de cada um dos Altos que existem na Zona 4. Nelas, o movimento é ameno durante quase todo o dia. A movimentação de transeuntes, contudo, é formada não apenas por residentes das casas que nelas se localizam, mas também por moradores dos Altos, que as utilizam para chegar mais rapidamente às suas residências no pontos mais elevados dos morros. Funcionam como alternativa ao caminho utilizado pelos automóveis que vão até suas casas, cujo trajeto, iniciado na Zona 3, para quem está a pé é muito mais cansativo e dispendioso do que aquele realizado por meio das escadarias existentes nas encostas das colinas argilosas do Visgueiro.

É nas escadarias e becos mais difíceis de serem vistos por quem passa na rua principal que os moradores da Zona 4 dizem ocorrer alguma comercialização de drogas ilícitas, cujos envolvidos são rapazes jovens residentes em diferentes áreas do Visgueiro. Segundo me disseram algumas donas de casas que moram em casas localizadas em partes que oferecem uma visão privilegiada da área, durante a noite e a madrugada atualmente é possível acompanhar a agitação dos jovens moradores que participam do comércio ilegal. Trata-se da venda, sobretudo, de maconha e de crack, mas, em geral, não se identifica no dia-a-dia quem são os usuários. Durante a pesquisa, nenhuma pessoa entrevistada, inclusive previamente conhecida com quem eu tinha uma relação de confiança, indicou um grupo familiar que enfrentava problemas devido

a algum membro ser usuário compulsivo das drogas comercializadas no bairro. Entretanto, facilmente chegava até mim indicativos de quem eram os jovens, uma vez que, entre eles, haviam alguns que cheguei a ver na fase da infância, mais jovens do que eu, portanto.

Embora não se veja durante o dia o funcionamento do tráfico na Zona 4, o assunto surge com certa facilidade, especialmente entre as donas de casas que têm filhos, uma vez que se preocupam com a possibilidade deles se envolverem com outros jovens percebidos como “pessoas-erradas” ou de serem vítimas de eventuais constrangimentos ou violência que possa ocorrer nas ruas próximas de onde moram⁹³. Essa era uma das preocupações da minha mãe na época em que morávamos no bairro. Ela agia constantemente buscando evitar que eu e minha irmã frequentássemos ou passássemos a gostar de frequentar determinados espaços do Visgueiro ou dos Altos. Outras mães, encontradas durante o trabalho de campo, revelaram algo similar, demonstrando a preocupação em relação aos seus filhos e agiam, por isso, procurando definir os limites até onde seus dependentes podiam ir: “até pro Maconheirão eu deixo meu filho ir jogar bola, mas, de noite, não deixo ele ficar com os meninos aí na frente não, porque nunca se sabe, né?” (Jéssica, 40 anos, Zona 4). Os receios dessa dona de casa e de muitas outras abarcam não apenas o receio de qualquer situação conflitual entre os jovens vistos como pessoas-erradas, mas também seu medo de que seus filhos sejam abordados por policiais que estejam realizando alguma ronda no Visgueiro. Embora não seja algo frequente, ocasionalmente isso pode ocorrer e o histórico dos acontecimentos que elas revelaram indicavam que já ocorrera ocasiões em que jovens que nada tinham a ver com grupos envolvidos com qualquer tipo de prática criminosa, ao estarem “no lugar errado, na hora errada, é parado e é capaz de ser levado pra delegacia, e até provar que não tava envolvido com nada, já ia ter apanhado dos PM ou até ido preso” (Vânia, 35 anos, Zona 4).

Vânia se lembra de um caso em que um grupo de amigos jovens, residentes no Visgueiro, que frequentemente se reunia em frente a uma casa em que um deles mora na rua principal, deixou de “ficarem de bobeira conversando ali”. Isso porque, em abordagem feita por policiais que passavam com uma viatura na Zona 4, foram “humilhados, ficando de cara na parede pra ser revistado”. Ela conta que um deles, o morador da casa da rua principal, quis informar a um policial que era morador da casa e levou “uma tapa no rosto que quase caiu no

⁹³ Essa era uma das preocupações da minha mãe, por exemplo, que agia de modo a evitar que eu frequentasse determinados lugares do bairro, que ela, em função do reconhecimento nativo da sociabilidade ocorrida em áreas específicas da Zona 4, percebia como capazes de gerar vínculos entre os mais jovens e as “pessoas-erradas”. Minha irmã era regularmente buscada por ela quando desconfiava que não estava no lugar que dizia estar antes de sair de casa.

chão”. Com o barulho da sirene da viatura, muitos moradores apareceram para olhar a rua e viram o que estava acontecendo com os jovens. Alguns tentaram intervir, mas foram intimidados pelos policiais, “que só foram embora quando viram que tinha muita gente olhando, acho que eles achavam que alguém podia filmar com o celular”. Vânia conta que ficou com pena do rapaz agredido e dos seus amigos, “porque não são gente metida com coisa errada” e que se fosse alguém de sua família, ou mesmo o seu filho, orientaria para que não mais “ficasse parado por ali”. Isso é um indicativo da consistência contínua do temor das mães com relação a não deixar seus filhos “estarem na rua”, lugar visto, para muitas delas, como sujeito a contingências tanto em função da ação policial quanto em virtude de outras formas de violência.

A melhor maneira de visualizar a dinâmica interna da Zona 4 e apreender como seus próprios moradores lidam com o que ocorre em torno da sua casa é por meio da reconstrução de suas experiências. Durante o trabalho de campo realizado nessa zona, quando retomava o contato com ex-vizinhos e suas famílias, aos poucos histórias de vida foram dando lugar a rotas de acesso para diferentes domínios cujas intersecções ofereciam dados importantes para compreender o Visgueiro não apenas a partir das minhas próprias referências. Como qualquer morador, quando ali morei, minhas experiências estavam limitadas a um circuito e a um trajeto restrito e predefinido pela minha própria família e, para adentrar na realidade local buscando alcançar elementos que não fazem parte da minha própria história era preciso mergulhar no universo de quem ainda hoje ali reside.

5.4 O Visgueiro pelas experiências de uma família vizinha

Em uma das casas mais próximas da residência que se tornou o ponto de observação da Zona 4, mora o casal formado por Janete, 58 anos, e Ronildo, 61 anos. Casados há trinta e noive anos e pais de dois filhos, Gustavo, 38 anos, e Carolina, 34, anos, residem na mesma casa desde que decidiram viver juntos. A sua filha mais nova, Carolina têm dois filhos pequenos, um menino e uma menina, ambos com menos de 10 anos de idade e vive com eles na mesma na casa. Ela voltou para a casa em que cresceu após se separar do seu ex-companheiro. Gustavo, o filho mais velho, é casado e tem também dois filhos, mas não mora com seus pais: reside em uma casa alugada na rua principal, na Zona 4, na área plana do Visgueiro.

Janete sempre foi dona de casa e se dedicou ao trabalho de cuidado dos filhos durante a maior parte da sua vida. Agora, com netos pequenos sob o mesmo teto, assume

responsabilidades com as crianças para que sua filha procure trabalho. Ronildo é técnico em refrigeração e trabalha em uma firma de manutenção de ar-condicionados e frigoríficos. A sua renda é a única fonte de rendimentos da família. Gustavo, por morar em uma casa muito próxima da dos pais, os visita com frequência, mas tem uma relação conflitual constante com a sua irmã desde de que ela voltou a viver com Janete e Ronildo. Ele considera que a irmã abusa da mãe e do pai, tanto financeira quanto emocionalmente, especialmente por não permanecer por muito tempo em nenhum emprego que consegue, onerando, segundo o seu irmão, o baixo salário de Ronildo. O ex-marido de Carolina, que não mora no Vasco da Gama, não paga pensão alimentícia às crianças e Carolina, por seu turno, apesar de reconhecer que precisa ter uma renda para sustentar os filhos, “não corre atrás dos direitos das crianças”, como comigo desabafou Gustavo.

Como Janete e Carolina estavam em casa durante quase todos os horários do dia, pude encontrá-las em diferentes momentos do trabalho de campo na Zona 4. As entrevistas que realizei com cada uma delas e as interações mais espontâneas que tivemos proporcionaram aberturas não apenas para compreender essa família por um ângulo que antes não me era acessível, como também visualizar como, a partir dos pontos de vista dos seus membros, o Visgueiro era experienciado a partir dessa casa. Considerando que antes na residência viviam além delas, das crianças e de Ronildo, também Gustavo, agora morador de uma casa da rua principal, e que Carolina, quando estava casada com o pai do seu primeiro filho, viveu em um pequeno imóvel localizado próximo à delegacia do bairro, os entrelaçamentos que suas experiências e seus percursos realizavam pouco a pouco passaram a ofertar para mim elementos importantes para entender de maneira mais precisa o Visgueiro e sua diversificação.

O meu primeiro contato com Janete na pesquisa ocorreu em uma das vezes em que chegava à casa dos meus familiares, acompanhado da minha avó Evandi. Janete estava limpando o terraço de sua casa, de onde conseguia nos ver transitar pelo beco que conecta a Travessa Padre Severino à Rua Vasco da Gama. Dona Evandi, a minha avó, pertence a uma geração mais antiga do que a de Janete e, por isso, a maneira como é cumprimentada pela vizinha e pelas demais donas de casa denota certo respeito devido a idade que possui⁹⁴. Ao

⁹⁴ Trata-se da mesma lógica elucidada no capítulo 2, quando explico os motivos que levam os moradores a chamarem sempre Josiane como dona Jô. Apesar de Janete ter uma idade acima dos cinquenta anos, ela ainda não é denominada como dona Janete, nem pelos moradores da minha mesma faixa etária, nem pelos mais jovens que presenciei interagirem com ela. Apesar de não poder afirmar com precisão, as observações diretas de circunstâncias em que os mais jovens com ela interagiam, que não foram muitas ocorridas diante de mim, indicavam que não utilizavam o pronome de tratamento em função de sempre ouvirem seus pais ou responsáveis e os moradores da minha geração a chamarem apenas pelo seu nome próprio. Nessa rua do Visgueiro, as mulheres que são chamadas

lançar para minha avó um aceno, logo em seguida, ao confirmar que se tratava de mim, demonstrou surpresa e me chamou pelo apelido de infância que ela sempre utilizava para se referir a mim. Eu não lembrava da maneira como Janete costumava me chamar – Digão –, mas, ao ouvir novamente as palavras ecoarem com a sua voz, rememorei como algo particular da relação que ela comigo tinha quando eu era pequeno.

Faziam alguns anos que tínhamos nos visto. Antes disso, recordava de um reencontro fortuito ocorrido em uma festa promovida pela minha família residente, em que estavam presentes ela, sua filha e seus netos. Ser chamado por ela pelo termo afetoso indicava para mim que, de algum modo, mesmo com o passar do tempo, permanecia entre nós um grau de relativa proximidade que abria espaço para que pudéssemos conversar sobre o nosso passado e a nossa situação no presente, bem como atualizar um ao outro sobre como estavam nossas famílias. Como neste momento do trabalho de campo eu diariamente ia até a casa dos meus familiares, seja para reencontrá-los, seja para descansar enquanto refletia sobre os passos a serem dados na pesquisa, ela poderia já ter me visto da janela da sua sala passando pelas ruelas que circundam a vizinhança, posição a partir da qual antigamente, lembrava-me bem, ela costumava apreciar a rua principal localizada mais abaixo e o morro que forma o Alto Treze de Maio mais distante. Por considerar que ela poderia ter me visto passar por ali desde que iniciei o trabalho de campo na Zona 4 ou estar sabendo por outros vizinhos que eu tinha voltado a circular pelas ruas mais próximas dessa área, procurei me aproximar dizendo que, desde que tinha iniciado a pesquisa que fazia no Vasco, ainda não tinha tido a oportunidade de visitá-la e de recontatá-la.

De fato, não tínhamos nos visto até ali, mas ela, bem informada, tinha conhecimento de que eu visitava agora minha família com alguma regularidade por estar interessado em realizar uma pesquisa, que ela compreendia por meio do valor moral dado ao domínio do trabalho. Ela soube que poderia acabar me encontrando no Vasco da Gama não por outro vizinho que me notara por perto de sua casa, mas por ter reencontrado em Casa Amarela a minha mãe, Betânia, ex-moradora do Visgueiro, em uma ocasião em que estavam realizando compras em um mesmo supermercado. Janete me disse que foi avisada por minha mãe de que eu “estava sempre pelo Vasco, que estava fazendo um trabalho lá”⁹⁵.

de donas sempre são aquelas tidas como senhoras idosas, que se situam em idades em torno dos 70 anos, como a minha avó, com 84, e dona Flora, com 77, à época da pesquisa de campo.

⁹⁵ Era de longa data a proximidade entre as duas famílias, neste caso, a de Janete e a minha. Para ilustrar, basta mencionar que meus pais presenciaram o nascimento dos seus filhos e, da mesma forma, ela e seu marido, Ronildo, viram a mim e a minha irmã mais velha desde a infância.

Após esperar a minha avó descer as escadas que dão acesso ao alpendre da sua casa, fui até a casa de Janete. Em sua casa, fiz nesse dia uma primeira visita, sendo recebido em sua sala, onde conversamos por alguns minutos. Ela estava sozinha em casa. Era por volta das 16h e seus netos estavam ainda na escola. Carolina, a sua filha, tinha saído para resolver algumas questões pessoais e, na volta, traria consigo os seus filhos pequenos, visto que passaria em frente ao colégio que frequentam, localizado no Largo de Bigode, princípio da Zona 4. Ronildo estava em seu horário de trabalho e somente chegaria em casa na hora do jantar. Estávamos sozinhos em um momento de interação espontaneamente caracterizada como a de um encontro entre duas pessoas que se conhecem desde muito tempo cujo situação não exigia qualquer tipo de autocontrole ou formalidade⁹⁶.

Ela lembrava muito bem de mim quando criança e enfatizava traços em meu comportamento que me faziam refletir sobre mim mesmo, como por exemplo, ao dizer que, no passado, apesar das pessoas que pouco me conheciam pensarem que eu era tímido, por não estar em meio aos outros meninos da rua em algumas de suas brincadeiras entre escadarias e vielas locais, quem bem me conhecia logo entendia que minha ausência em alguns locais se dava pelo modo como meus pais atuavam e geriam a educação dos filhos. Concluía que eu não era tímido, mas tinha limites estabelecidos pelos pais e que eram por mim obedecidos. Tratava disso com tom de admiração, comparando com as dificuldades que enfrentou com sua filha, Carolina, que, segunda ela, “sempre deu trabalho”. Entre outras coisas, chamava a atenção para meu comportamento entre adultos, desejando entre eles permanecer sempre que se reuniam. Comentava exatamente sobre as diversas ocasiões em que ela, seu marido, meus pais e outros moradores da rua se encontravam na lateral da sua casa, normalmente nas noites dos finais de semana, com a intenção de se divertir, quer apenas conversando sobre assuntos de interesse da vizinhança, quer consumindo algum tipo de bebida e de alimentos feitos pelas famílias, em que ela e minha mãe se destacavam por serem conhecidas como boas cozinheiras.

Entre uma ou outra lembrança que surgia, aproveitei para lhe perguntar como estava a vizinhança e suas relações, bem como de que maneira ela avaliava o cotidiano atual da rua e do

⁹⁶ Com Janete não houve, de fato, qualquer cerimônia para me receber em sua casa. No entanto, entre outras famílias, antes muito próximas, as interações se deram em um nível mais formal. Não entendia os motivos desse tipo de comportamento no início, mas, refletindo sobre as circunstâncias, identifiquei que a minha trajetória social marcada por alguma ascensão configurava, para eles, uma distância opaca que não alcançava a dimensão do discurso consciente, nem deles, nem meu, por ocasião. Hoje, compreendo que o autocontrole, as maneiras de demonstrar admiração ou respeito em virtude de eu ter feito universidade, dolorosamente concretizavam no âmbito das interações com quem antes era íntimo os efeitos carnis das experiências diferenciais pelas quais passamos em nossos percursos, que instauraram, mesmo que eu não tivesse me dado conta, um hiato social e cultural que não podia passar despercebido, embora muitas vezes sublimado pelo silêncio em ocasiões que as práticas pareciam não ser executadas em um mesmo registro sociocultural.

entorno em que ainda mora. Suas respostas proporcionaram um instante rico de reflexões em que demonstrava de que modo agora a Zona 4 era por ela compreendida. Assim, enfatizava aspectos positivos e negativos que se consolidaram no entorno em que mora e nas famílias residentes, concedendo-me informações sobre outros moradores, entre os quais próximos e distantes em relação a mim e a meus parentes.

Em grande medida, quando ela se referia ao que continuava da mesma forma, apontava particularmente para os aspectos urbanos da Zona 4, para as suas ruas, suas escadarias inacabadas e seus canais entupidos de lixo, que geravam riscos e favoreciam a propagação de doenças graves como a “doença do rato”, isto é, a leptospirose. Assim, contou o caso de um jovem que morava também na encosta dos morros, no Visgueiro, que faleceu devido a ter contraído essa enfermidade. Tinha apenas 28 anos e era o filho mais novo de um casal, cuja casa está localizada em outra ladeira, que segue em direção ao Alto do Eucalipto. Segundo ela, o sofrimento pelo qual passou a família com a perda do filho caçula foi capaz de “apagar o brilho daquela casa”. Para ela, tragédias como essas no Vasco da Gama “só acontece com quem é pobre, quem mora lá em baixo [na Zona 1 e em áreas ainda atendidas pelos serviços de limpeza urbana], não passa por uma coisa dessas, ali coletam o lixo todo dia, aqui, fica desse jeito, com água correndo pelas escadarias até lá em baixo”. Continuava sublinhando que “hoje em dia é igual a antigamente, quando chove muito, tem gente que abre a fossa de casa e fica um horror aqui, quando a chuva passa, imagina, a nojeira que fica no meio da rua... lembra como isso ficava? É igual até hoje”. Janete lançava para mim uma questão que me levava a compactuar com sua resposta por compartilharmos de uma experiência em comum, que também me incomodava, bem como a toda a minha família.

A casa em que morei estava situada no início da escadaria em que ela vive. Quando se remetia ao problema do esgotamento sanitário, do lixo, da ausência de infraestrutura, lembrava-me que a residência em que eu vivia era uma das mais afetadas. Diferente das que estão mais acima da rua íngreme, em que, pela própria posição na encosta de um morro, dificilmente tem lixo acumulado em sua porta, na casa dos meus pais parte significativa dos dejetos ocupavam a lateral do portão de entrada. Meu pai e minha mãe, inúmeras vezes, fizeram o trabalho que deveria ter sido realizado pela prefeitura, mas a ausência do poder municipal na Zona 4, sublinhada como algo permanente por Janete, forçava, desde anos atrás, os moradores a tomarem a iniciativa para manter o espaço habitável.

Não obstante isso, Janete frisou também a ausência do Estado em relação à resolução de conflitos entre moradores, especialmente quando se tratava de violência doméstica.

Apontando para uma casa de uma família que para a rua se mudou em período subsequente à saída da minha família nuclear da sua casa própria, ela expôs que o homem com frequência gritava com a mulher em frente aos filhos e que tinha, em uma ocasião em que acreditou ser possível o desdobramento para agressões físicas, chegou a telefonar para a Polícia Militar para denunciar o que possivelmente estava ocorrendo. Contudo, “nem quando homem tá batendo em mulher aqui a polícia aparece”. Apesar de não ter certeza do que ocorria dentro da casa, aludiu que, como as casas do morro são muito próximas, dá-se para “ouvir quase tudo o que dizem e parecia que ela [a vizinha] não conseguia falar porque estava chorando [...]”, acrescentando que se fosse sua filha no lugar da vizinha vítima de violência doméstica “tinha dado um jeito nisso rapidinho, nunca mais ele ia botar a mão nela, porque ia ficar sem as duas mãos depois que falasse com Dimas”. Ao perguntar porque chamaria Dimas, um morador que não fazia parte do meu círculo de pessoas antecipadamente próximas, ela avançou:

Tu não conhece Dimas? Pensei que conhecia. Todo mundo aqui conhece ele. Ele é até amigo dos teus pais. Dimas, o que dirige, que era motorista, lembra, não? [...] Ele é metido com os caras barra pesada daqui, mas não é safado que nem esse cara que bate na mulher não. Esse aí é um covarde. Dimas anda é com *cabra* que só faz *serviço certo*, que não quer esse negócio de menino vendendo droga por aqui, entendesse? (Janete, 58 anos, Zona 4)

Janete estava se referindo a um grupo de homens que durante algum tempo formou um grupo de extermínio no Visgueiro, cujos líderes, após realizarem uma série de assassinatos, foram presos. Dimas, porém, não era visto como um morador perigoso entre os residentes da vizinhança em que cresci. Ao contrário, era admirado por ser considerado alguém com quem se podia contar em circunstâncias difíceis, como conseguir dinheiro para pagar uma conta ou pedir uma carona em caso de um parente precisar ser socorrido para um hospital. Quando Janete me perguntava se eu o conhecia, não relacionava o seu nome próprio ao apelido pelo qual era mais conhecido, Dida, e, de fato, quando ela chamou ele por esse termo, rapidamente compreendi o que ela sugeria quando afirmava que, caso se tratasse de um homem agredindo a sua filha, ela rapidamente acionaria Dimas para resolver o problema: significava que encomendaria a morte do agressor, uma vez que pela via legal, acionando a polícia, nada era resolvido.

Perguntei se as agressões na casa próxima continuavam e ela, sorrindo, disse que não, que a mulher “deixou ele por outro e o outro, todo mundo aqui ficou sabendo da traição [risos]”. Questionei se não tinha havido problemas em decorrência disso e ela, ainda sorrindo, revelou

que o outro homem era um ex-presidiário que, apesar do seu histórico, “é um homem decente, não bate na mulher”. Significava que o ex-marido, que agredia a esposa, possivelmente não insistiu em ameaçá-la devido ao novo companheiro ser alguém “com quem não se deve mexer”, mesmo que esteja atualmente “tranquilo, nunca se sabe do que é capaz, não é?”.

Ainda tratando da vizinhança em sua condição atual, Janete me contou que muita gente não morava mais naquele ponto do Visgueiro. Os mais jovens, da minha faixa etária, com quem convivi, poucos poderiam ser encontrados ali, segundo dizia. Ela não estava equivocada. Durante o trabalho de campo, no entorno mais próximo em que vivi identifiquei poucos rapazes e moças que comigo conviveram. Em sua maioria, quem por ali encontrava eram seus pais e avós, quando ainda vivos. Os mais jovens estavam residindo predominantemente em outras partes do Visgueiro, muitos mais próximos das ruelas e escadarias localizadas próximas à delegacia. Mesmo no caso daqueles que hoje residem em uma casa mais próxima da rua principal, o que significa que saíram do morro para próximo do via por que passam os ônibus, seus trajetos urbanos e suas trajetórias sociais não representaram necessariamente um movimento ascensional propriamente dito.

Jante falou, por exemplo, sobre um caso de uma moradora jovem, que cresceu nas proximidades das nossas casas, e que então estava residindo em uma casa na rua principal, na qual tinha aberto um ponto comercial. A jovem, nesse caso, saiu da casa dos pais em virtude de ter se casado com um rapaz ainda quando era menor de idade. Engravidou com quinze anos e, por isso, decidiu morar com o namorado, com quem ainda vivia no momento em que eu realizava o trabalho de campo entre os moradores dessa parte do bairro. Janete contava que a garota saiu de uma casa em que, apesar da simplicidade, “tinha tudo e não colocaram ela na rua por causa da gravidez... queriam que ela ficasse e ela decidiu sair”. Janete não acreditava que o relacionamento duraria, mas enquanto ela me narrava essa história, indicou que o filho que o jovem casal teve já estava completando seis anos de vida.

Em uma outra ocasião em que fui até a casa de Janete, ela tinha se ausentado e Carolina, sua filha, estava com suas duas crianças. Por ter crescido na rua na mesma época em que lá morei, era uma das poucas jovens com quem havia compartilhado experiências de caráter geracional. Tinha em mente tentar entrevistá-la, mas, das outras vezes em que a vi, como sua mãe estava presente, parecia-me inadequado levá-la a discorrer sobre suas experiências, uma vez que supunha que algumas delas poderiam ser motivo de conflitos entre ela e seus pais, tal como era com seu irmão, Gustavo.

Carolina é apenas dois anos mais velha do que eu. Éramos conhecidos de infância, mas não tínhamos os mesmos amigos. Na adolescência e na juventude, ela se aproximou de um universo com os quais eu não compartilhava afinidades, pela maneira como era criado por minha mãe, que sublinhava uma distância. Os jovens com quem Carolina saía eram aqueles que, aos olhos dos meus pais, não trariam nada de positivo seja para mim, seja para qualquer pessoa que com eles passasse a andar. Apesar disso, Carolina e eu nunca estivemos completamente distantes, especialmente porque nossos pais eram vizinhos e amigos. Janete e Ronildo, seus pais, concordavam com meus pais em relação aos amigos de Carolina e tentaram, durante muito tempo, impedi-la de estar próxima deles.

Foi com um dos rapazes desse grupo de jovens que Carolina teve seus dois filhos, um menino e uma menina. Namoraram escondido durante algum tempo até que ela engravidou pela primeira vez e o relacionamento foi revelado aos seus pais. Decidiram morar juntos, mas, com o passar dos anos, separaram-se porque, segundo ela, “o amor acabou, simplesmente”, ou seja, “não foi por traição ou outro problema não”, ainda convivendo como amigos em função dos filhos, segundo ela fez questão de frisar.

Encontrar Carolina a sós foi a oportunidade para falar sobre como foi a vida dela no Visgueiro, especialmente quando morou em outra casa, localizada em outra parte do cenário. Ela morou em uma casa próxima à delegacia do bairro, onde hoje residem outros jovens que cresceram também em nossa rua. Perguntei a ela o que atraía as pessoas para as casas naquela área e ela me revelou que os valores cobrados nos alugueis são mais baixos do que nas outras áreas do Vasco da Gama, inclusive em algumas casas localizadas em escadarias. Isso porque, como a partir da delegacia os moradores consideram uma “área feia”, quem lá tem casas para alugar precisa baixar os preços para poder mantê-las ocupadas.

O que desagrade os moradores em relação ao entorno da delegacia é que nas proximidades há uma pequena localidade que resulta de um processo mais recente de ocupação e é dentro desse lugar, hoje chamada de Vila, que as habitações custam um valor mais acessível, sobretudo para jovens casais. Carolina morou em uma casa na Vila, nas proximidades do Maconheirão, o campo de futebol de várzea convertido em uma Academia da Cidade. Ela discorreu sobre a sua saída de casa e sua chegada nessa parte do Visgueiro, contando as primeiras impressões e dificuldades que teve ao ir morar em uma área em que durante muito tempo foi estigmatizada como violenta e precária.

Eu já tava esperando meu primeiro filho e mainha não sabia que eu namorava. Eu disse a ela no mesmo dia que tava namorando e tava grávida. Ela e painho se desesperaram. Aí eu disse que ia sair de casa, que não ia dar trabalho pra eles. Saí mesmo. Fui pra casa de Zé [José, o pai das crianças] e a mãe dele, que nunca foi com a minha cara, aceitou porque era o jeito. Não ia dar certo, aí Zé conseguiu a casa. [...] Lá é diferente daqui porque se aqui falta água, lá é pior. Eu tinha que vir pra cá pra lavar roupa porque lá não chegava. [...] Também quando tava chovendo demais, eu vinha dormir aqui com as crianças, porque lá eu tinha medo porque as vezes o canal que passa perto enchia e esborrava. [...] O que eu estranhei mais no começo era que lá os homens bebem muito, todo dia, inclusive, foi por isso que deixei de gostar de Zé. Ele começou a beber direto, só queria tá nas vendas lá com os outros, tomando cerveja. A gente não tinha dinheiro pra nada e ele ainda ia gastar com isso. Era melhor voltar pra casa. [...] Mainha dizia que lá era ruim porque tinha coisa de gente vendendo droga, essas coisas. Eu nunca vi nada disso lá. O que já vi foi um cara numa briga ameaçar o outro e depois aparecer armado pra matar o cara. Eu vi da porta de casa e entrei logo com as crianças. Zé do jeito que tava ficou lá olhando (Carolina, 34 anos, Zona 4).

Carolina morou três anos com Zé e, após o término do casamento, retornou para a casa dos seus pais por não ter outro lugar para ir. Sua mãe a recebeu de maneira afetuosa, mas seu pai, Ronildo, somente aceitou sua volta por causa das crianças. “Painho nunca aceitou o fato de eu ter engravidado de Zé, porque ele nunca gostou dele”. O motivo de Ronildo não gostar de Zé, entretanto pareça ser algo da ordem de suas personalidades, na verdade, relaciona-se com a leitura que Ronildo sempre fez de Zé e de seus amigos. Segundo Carolina, seu pai e sua mãe, assim como os meus, tentaram ao máximo afastá-la de Zé e de seu grupo, mas não tiveram sucesso, “na verdade, ganharam foi dois netos, filhos dele, olha pra isso [risos]”.

As causas dos pais não autorizarem que seus filhos, assim como eu e Carolina, andassem com Zé e seus amigos passava diretamente pela chave do receio de que nos envolvêssemos com as “coisas erradas” e com “pessoas-erradas”. Nesse caso, não se tratavam de envolvidos com crime ou algo similar, mas porque era um grupo de rapazes que, entre outras coisas, iam mal na escola, membros de famílias tidas como “desorganizadas” que, vez ou outra, “estavam envolvidas em barracos na rua”, com me disse Janete em outra ocasião. Contudo, o ex-companheiro de Carolina e seus amigos eram, na verdade, filhos de algumas das famílias mais pobres do Visgueiro, mas, ao invés da pobreza familiar ser identificada por meio das condições materiais em si mesmas, eram captadas por suas práticas: bebidas em excesso, discussões familiares de todos os tipos, festas barulhentas e criação dos filhos sem o devido cuidado e tida como muito permissiva para os padrões das famílias como a de Carolina e para a minha.

Carolina disse que diariamente ia para a casa da família de Zé sem seus pais saberem. A família do rapaz morava em uma escadaria mais adentro em direção ao fim da Zona 4, mais próxima da delegacia do que da rotatória do início da circunscrição espacial dessa zona e, ao

frequentá-la, disse que notou que muitas críticas que os pais faziam a essa família não se sustentavam a seus olhos. Por exemplo, a ideia de que os jovens recebiam uma educação demasiadamente permissiva dava lugar a pais profundamente severos, cujas prioridades não eram a permanência na escola, mas o receio dos filhos se “misturarem com coisa errada”.

Os pais de Zé são muito pobres. Até hoje são. Mas na casa dele todo mundo é honesto. O irmão dele e o pai fazem qualquer coisa pra ganhar um dinheiro. O problema é que eles bebem muito. O irmão de Zé mesmo aprendeu a cortar cabelo e agora tá trabalhando com isso, aqui mesmo no bairro, cortando cabelo dos meninos. Zé é mais acomodado, mas também tudo que aparece ele pega. Ele não dá uma pensão certa pra mim, mas, quando pode, dá alguma coisa pras crianças. [...] Quando eu ia lá pra casa dele [de Zé] antigamente, o pai dele dizia, ‘tem que seguir o exemplo dessa menina, voltar pra escola, sair dessa de ficar perambulando pela rua atrás de pipa e de bola o dia todo, tem que aprender alguma coisa pra se virar’ (Carolina, 34 anos, Zona 4).

Carolina demonstrava arrependimento por não ter seguido as orientações da mãe em relação ao futuro, porque hoje diz sentir as consequências de não ter se dedicado mais aos estudos ou procurado, após concluir o ensino médio, uma formação profissional antes de ter tido o primeiro filho. “Depois que tive o primeiro, não ia ter como estudar mais, mesmo hoje, com mainha me ajudando, não dá, porque o que eu preciso agora é ter um trabalho, pra não depender de todo mundo”. Os filhos são a sua maior preocupação diária e somente aceita deixá-los aos cuidados de Janete e, quando reflete sobre eles, revela ter receios, como a sua mãe, como a minha e como a de Zé, de que acabem se envolvendo com domínios existentes na Zona 4 que podem desviar os jovens de uma “vida correta e organizada”.

Assim, eu acho que eu vou ser pior que meus pais quando eles estiverem maiores. Com minha filha mesmo, oxe, deus me livre essa menina namorar cedo, só depois de terminar a faculdade. [...] Menino é que é difícil também, porque pensa logo que é dono do próprio nariz. É afoito. Esse aí [seu filho] vai ser virado, porque desse tamanho já dá tanto trabalho, olhe... Mas o mais importante é que ele não ande com gente errada. O pai é pobre, mas nunca se meteu com nada errado. E a gente aqui de casa, que tu conhece, sabe, é tudo direito. Não é como tem muita gente por aí.

Essa “gente que existe por aí”, como Carolina diz, são aquelas que são percebidas como envolvidas com “coisas erradas”, isto é, com a venda de drogas, grupos de extermínio ou ladrões. No entanto, quando ela e Janete caracterizam as possíveis pessoas que poderiam ser presumidas como “pessoas-erradas”, constroem a caricatura do frequentador do Clube Treze, os jovens cujo estilo de vida, isto é, suas roupas, seus adereços e suas práticas os definem como

consumidores de *bregafunk*. Por razões distintas daquelas apresentadas pelos moradores do conjunto residencial localizado na Zona 2, elas chegavam à descrição tanto estética quanto comportamental dos mesmos jovens que os condôminos tomavam antecipadamente como potencialmente envolvidos com o crime ou com o consumo de drogas.

Zé, o pai das crianças, facilmente pode ser associado a esse perfil: negro, magro, com cabelos sempre com tintura, roupas largas e tatuagens pelo corpo. Quando Carolina me dizia como era alguém com quem não queria que seus filhos andassem, sua descrição se aproximava, mesmo sem que ela se desse conta, do perfil do pai dos seus filhos, com quem se relacionou durante anos e percebia como injustamente estigmatizado por Janete e Ronildo. Chama a atenção nisso o fato de que ela não vinculava o seu ex-companheiro a esse estereótipo, apesar de demonstrar incômodo, não raras vezes, com o modo como ele se vestia. Entretanto, para ela, isso estava muito mais associado à falta de recursos suficientes para a compra de mais e melhores roupas, do que por qualquer inclinação para fazer algo moralmente condenável e violento.

O seu pai, Ronildo, não se encaixa nesse modelo de “pessoa-errada”. Ao contrário, ele foi um dos moradores entrevistados que mais mobilizava essa categoria para classificar os outros indivíduos que residem na Zona 4. Ele, por sua vez, na rua em que mora e em todo o Visgueiro, goza de um prestígio devido ao reconhecimento da propensão para o trabalho duro. Tanto entre ex-vizinhos quanto entre moradores desconhecidos, quando a ele me referia, com recorrência o notavam por meio da indicação da sua profissão, demonstrando o quanto a sua identidade se mantém atrelada à condição de trabalhador. Assim, as pessoas o reconheciam como “o morador que conserta qualquer coisa” ou que é “técnico de refrigeração”, como disseram-me dois residentes que conheci durante o trabalho de campo, que já tinham recorrido a Ronildo para “ressuscitarem” as suas velhas geladeiras.

Em algumas entrevistas que realizei com Ronildo, ele estava trabalhando no terraço da sua própria casa durante os fim de semana. Apesar de possuir um emprego formal, no qual trabalha de segunda a sexta, é comum ele receber encomendas em casa de moradores do bairro que a ele recorrem para consertar eletrodomésticos. Sua especialidade são as geladeiras e as máquinas de lavar-roupa, mas, ocasionalmente, recebe também, neste caso de moradores de fora do Vasco da Gama, ar-condicionados e congeladores. Com um *habitus* forjado entre experiências de trabalhos manuais (BOURDIEU, 2006), sua atitude em relação ao mundo, especialmente ao universo social do Vasco da Gama, do qual faz parte, é permeada por

inclinações para uma atitude pragmática diante da possibilidade de emergência de dificuldades que possam redundar em problemas mais graves para si e para a sua família.

Ele me contou que o receio que tinha em relação a Carolina andar com “pessoas como Zé” se devia a se preocupar com o futuro da filha. “Eu sabia que aquele cara não ia acrescentar nada na vida dela”. Tomando Gustavo, o filho mais velho, como referência, ele destacava que, ao comparar ele a Zé “você vê a diferença de um homem pra um menino”, respectivamente. Essa associação estava ancorada na percepção de que seu filho se tornou um “pai de família responsável, que não deixa faltar nada em casa”, enquanto o seu ex-genro “nunca faz nada pelos filhos, tudo é comigo e com Janete, que cuida quando Carolina precisa... com ele, não dá pra contar pra nada”.

Segundo o ponto de vista de Ronildo, o Visgueiro pode ser compreendido a partir do reconhecimento da existência de entidades opostas coexistindo em sua circunscrição, cuja presença se difunde também para o restante do bairro e da periferia urbana: “famílias organizadas” x “desorganizadas”, de um lado, e “trabalhadores”, “desocupados” e “marginais”, de outro:

Aqui é isso. Tem famílias como a nossa, a tua e a minha, que é de quem trabalha, que quer viver direitinho, mesmo que não tenha luxo, só o básico, como aqui em casa, mas não tem problema com essas coisas erradas que tem gente que se mete por aí. Mas tem aquelas que passa dificuldade porque ninguém quer nada com nada. Você pega um menino desses aí que fica o dia todo sem fazer nada, esse menino tá pensando em quê? Só quer saber de ir pro Treze e de ‘pegar’ mulher. Não trabalha, não faz curso pra ter uma profissão, não tem nem como pagar o próprio enterro se morrer, e quer tá com mulher... Aí tem um filho e vai a dor de cabeça pra família, sem falar que a menina que tiver um filho de um cara desses tá lascada. Ela e os pais, né? Porque vai sobrar pros pais. Foi o que aconteceu aqui, né? Não gosto nem de falar nisso. [...] Agora tem família pobre aqui também que, realmente, por mais que trabalhe, tem gente trabalhador mesmo, mas as coisas não dão certo, é de dar pena. Parece que nasceu pra passar necessidade. Tem uma que de vez em quando, eu dou uma força, chamo o menino pra aprender a mexer nas coisas aqui comigo, pra ver se pega gosto pelo trabalho e aprende uma alguma coisa pra ganhar um dinheiro. [...] Agora nessas aí que tem o azar de ter alguém que quer vida fácil, que sai por aí pra roubar, pra fazer e acontecer, desses caras aí eu não tenho pena nenhuma. Aqui ninguém rouba não, mas tem cara por aí que sai pra roubar fora do Vasco. Aqui, se roubar, tá lascado, porque não vai durar muito tempo. Tem quem resolva. De vez em quando aparece um por aí estendido no chão. Sofrimento é da família, mas o cara colheu o que plantou, tenho pena da mãe, quando tem, mas do morto, tenho não (Ronildo, 60 anos, Zona 4).

A diferença entre as famílias organizadas e desorganizadas, segundo Ronildo, se dá pela presença ou ausência de princípios organizativos da conduta da esfera doméstica. Ele, que se percebe como “cabeça” da sua casa, diz que o “homem tem que dar exemplo”, especialmente

por meio da realização de atividades que permita sustentar os seus dependentes. A ideia do homem provedor se torna para ele um pilar que norteia as relações familiares e está diretamente associada a ideia de que a mulher, quando não trabalha fora, “tem que dar conta da casa”. Apesar de sugerir uma visão que toma a divisão sexual do trabalho como norte de uma família organizada, ele não deixa de considerar importante que sua filha, Carolina, consiga uma colocação no mercado de trabalho que a torne financeiramente capaz de sustentar seus filhos. “Janete nunca trabalhou fora, mas Carolina não pode virar dona de casa. Ela já fez as besteiras dela na vida, agora não pode esperar que um homem sustente ela. Ela tem que sustentar os filhos porque, se depender do pai [Zé], vão passar necessidade”.

Para ele, a família de Zé é a configuração do que percebe como desorganizada. “Não é porque eu sei que eles são pobres, assim, pobres mesmo, mas porque ali sempre foi uma bagunça. Zé mesmo, desde pequeno, eu via ele por aí pelo mundo. Como é que se cria um filho assim. Ele é desse jeito, irresponsável, por causa da família dele”. Entretanto, após conviver com Zé devido ao relacionamento que o rapaz teve com Carolina, ele percebe que “o problema não é ele se meter com coisa errada, que isso ele nunca fez, que eu saiba, é porque é preguiçoso”, isto é, “porque não gosta de trabalhar, é acomodado, quer viver às custas dos outros”. A ausência de um princípio que toma o trabalho como sentido para a vida é percebido por ele como fundamental para a desorganização das famílias locais. Não somente a família de Zé aparecia assim em seus depoimentos. Outras também surgiam, especialmente quando os homens mais velhos, que ele pensa que deveriam agir como ele age, procurando maximizar os rendimentos para ofertar uma condição razoável para seus dependentes, optam por se divertir mais do que se dedicar ao trabalho. Era o caso daqueles que frequentam os bares da Zona 4.

Ronildo costuma se divertir nos bares da Zona 4 nos dias em que está de folga ou nos dias em que o time de futebol para o qual torce participa de alguma partida. Costuma frequentar especialmente uma barraca localizada em uma casa da pista. A venda é pequena e nela se vê normalmente moradores mais velhos, especialmente homens aposentados. Ronildo é um dos mais jovens, o que não impede de participar dos momentos de divertimento nos bares. Entretanto, apesar de ser amigo desses moradores, ele reconhece que, para alguns deles, o consumo de bebidas alcoólicas se tornou um problema, que não afeta unicamente o consumidor, mas traz dificuldades para suas casas. Ele conta a história de um homem, que não cheguei a conhecer durante o trabalho de campo, que para alimentar seu vício deixou de quitar contas de casas para comprar bebida. A seu ver, “isso foi um absurdo, como é que pode a pessoa deixar de pagar a conta de luz pra comprar cachaça?”, condenando a atitude do outro frequentador:

Eu gosto de tomar minha cerveja, mas se tiver que escolher entre pagar as contas de casa e me divertir, as contas de casa são prioridade. Não entendo quem bebe desse jeito. É vício e tudo que é vício é ruim. Pode ser cigarro, cachaça... drogas, então, é o pior. [...] Agora, esse sujeito aí que te contei a história, todo mundo soube disso, porque a mulher dele apareceu lá no bar e fez um escândalo pra ele passar vergonha. Seu Joca, o dono do bar, ficou indignado, porque, se soubesse que ele tava fazendo isso, não ia ter vendido a cachaça pra ele. Aqui é assim, tem gente que não ia se importar, que ia querer ver era a confusão, mas tem outras pessoas que não quer o mal do vizinho. Eu prefiro ir por aí. Quem quer o mal do outro, acaba atraindo coisa ruim pra sua casa (Ronildo, 60 anos, Zona 4).

Por frequentar as barracas da Zona 4 e, mais especificamente, a venda de Joca, que fica na pista principal, Ronildo possui um estoque de conhecimento razoável sobre o Visgueiro, sendo capaz de identificar sem dificuldades muitos habitantes e associá-los a eventos e famílias residentes. Assim, ele portava consigo um mapa subjetivo das partes que compõem o microuniverso diferenciado que é a Zona 4, elucidando cada uma de suas partes, descrevendo-as segundo a compreensão que tem dos seus moradores. Segundo ele, o princípio dessa zona, no Largo de Bigode, já foi um lugar bom para se morar no Vasco, mas hoje não oferece as mesmas condições que antes. Ele frisa que esse ponto “era o mais bonito daqui dessa parte” porque “as casas não era assim, cheia de puxadinho pra alugar”. Ele se refere às mudanças que algumas famílias realizaram em seus imóveis com o objetivo de subdividi-los para alugá-los. Ronildo observa isso com semblante inquieto, porque, para ele, isso tornou o Visgueiro “parecido com os Altos”.

Ele identifica os Altos e as ruas mais difíceis de serem encontradas por quem não tem familiaridade com o Visgueiro como os pontos em que “mais tem marginal”. Quem recebe a pecha de marginal não são os moradores pobres dessas áreas, mas, especialmente, os jovens que estão desocupados e parecem não estar a procura de trabalho, além daqueles que encontraram no crime uma forma de sobrevivência. “Aqui, graças a Deus, não tem muita gente assim não, mas, dizer que não tem, eu estaria me fazendo de cego. Tu mesmo sabe, né, que aqui tem. Na tua época [de morador] já tinha aqui umas figuras metidas com tudo o que não presta”. De fato, quando residi no Vasco, durante um certo período, alguns jovens deram início à venda de drogas, ainda de maneira cautelosa, entre os becos da Zona 4. Contudo, devido à prisão daquele que era tido como líder do grupo, um jovem morador do Alto Treze de Maio, a circulação foi rapidamente interrompida. Nos dias atuais, Ronildo comenta que parece haver um retorno da venda de drogas, mas que, na prática, “ninguém tem certeza disso, porque, eu mesmo, nunca vi... o que vejo são esses caras por aí, não trabalham, daqui a pouco tá com uma

moto, peraí, ‘como é que esse cara conseguiu dinheiro pra comprar essa moto? Só pensar um pouquinho e tu entende a parada’.

Ronildo também costuma realizar reparos em eletrodomésticos na casa de moradores do bairro. Isso capacitava ele a dizer que “tem lugar aqui dentro que você não dá nada, quando entra na casa, é toda organizadinha” e “a família nem parece que vive bem”. Da mesma forma, o contrário também pode acontecer, segundo as experiências que passa quando vai a diferentes partes da Zona 4: “ali na pista mesmo, tem gente que mora ali, que não tem nada, é só aparência. Você entra na casa da pessoa pra ajeitar uma geladeira, eu chega penso como é que isso ainda funciona?, ou melhor, como alguém ainda insiste em consertar isso?”, mas “aí entendo que a família deve tá com alguma dificuldade financeira ou alguma coisa assim”.

Conhecendo alguns moradores que residem em casas localizadas na rua principal, ao ser perguntado se ele, caso pudesse, sairia da sua casa para morar em um imóvel na parte plana, ele diz que “nem se fosse pra morar lá na entrada do Vasco”, isto é, na Zona 1, “porque é muito barulho”. Ele compreende que há pessoas que realiza esse movimento visando ter mais qualidade de vida e estar mais perto da via porque passa o transporte público que atende o bairro, mas, para ele, “chegar do trabalho cansado e ainda ter que ouvir ônibus passando na sua porta, não dá pra mim [risos]”. Prefere, dessa forma, se manter em sua casa própria localizada em uma rua cujo acesso se dá por meio de um beco, apesar da precariedade que caracteriza as condições urbanas em torno do seu imóvel.

As casas dali podem até ter melhor infraestrutura, mas pagar aluguel em um lugar que não para de passar carro e o dia todo ficar ouvindo a zoada daqueles meninos correndo de moto pra lá e pra cá... não. Eu não ia conseguir nem dormir, eu acho, por causa do barulho. Não é que não tenha casa boa, tem muita, mas eu prefiro ficar aqui. [...] Meu filho mora lá embaixo [na rua principal], eu pergunto a ele qual é a vantagem e ele diz que é porque lá falta menos água. Oxe, melhor uma casa mais simples na escadaria com uma caixa d’água do que uma casa ali com água, mas que você não consegue descansar. Era melhor ele tá pagando um aluguel aqui em cima do que ali embaixo, pagando caro e num lugar que tem barulho e que suja toda hora (Ronildo, 60 anos, Zona 4).

Gustavo, o filho mais velho, diferente da sua irmã, tem uma ocupação no mercado de trabalho formal e não depende financeiramente dos seus pais. Quando fui até a sua casa, na rua principal, ele revelou que decidiu optar por alugar uma casa ali do que tentar construir uma sobre a dos pais porque se vivesse no mesmo lugar, mesmo que em casas diferentes, se incomodaria com o que ocorre dentro da casa da sua família, referindo-se ao mal-estar que ele sente em relação ao modo como Janete e Ronildo se dedicam aos filhos de Carolina.

Gustavo saiu do morro para morar na pista logo após se casar. Sua mulher, segundo ele, nunca aceitaria viver na casa dos sogros e ele demonstra que também “não moraria com os pais”. Casado e com filhos pequenos, estar na rua principal o permitiu ter um automóvel próprio, que costuma estacionar no Largo de Bigode, uma vez que sua casa, alugada, não tem garagem. Na edificação em que mora, há também outra casa, uma sobre a outra, formando um duplex. Ele e sua esposa se dão bem com os vizinhos, mas não sentem que há entre eles uma relação de amizade, mas apenas de respeito mútuo.

Gustavo representa o tipo de responsável por um domicílio que seu pai considera importante para que a família “não se desorganize”. Trabalhador e sempre atento às questões financeiras da casa, ele conduz a sua vida refletindo sempre sobre as tomadas de decisão, feitas, segundo ele, de acordo com diálogos com sua companheira, Lívia, 35 anos, que sempre morou, como Gustavo, na Zona 4. Ela, que estava desempregada durante a pesquisa, dedica-se integralmente aos dois filhos que têm e, apesar de dizer que tem interesse em trabalhar fora, não encontra tempo para “correr atrás”. Isso não incomoda Gustavo, cujo trabalho em uma firma privada que oferta um rendimento que considera suficiente para o sustento de todos e Lívia vê nisso algo que justifica a sua dedicação total à casa.

Gustavo, como seu pai, costumava, durante as nossas entrevistas, descrever alguns acontecimentos e moradores da área em que mora. Ciente de que muitos deles eu também conhecia, mesmo que de maneira relativamente distanciada, muitas vezes me remetia a histórias antigas que implicavam em acontecimentos posteriores, alguns cuja origem eu compreendia de imediato, por ter também presenciado, mas com resultados que escapavam ao meu conhecimento antecipado sobre a vizinhança da Zona 4. Entre as histórias que ele me contou, estavam inúmeros casos em que a violência emergia como algo fundamental para compreender o comportamento de alguns indivíduos com os quais convivemos. Por exemplo, quando descreveu a morte de um morador, um conhecido em comum, cuja razão desconhecia.

Apesar de conhecer o sujeito da história narrada, por ter me relacionado com ele em uma fase da vida em que eu era ainda adolescente, o depoimento de Gustavo sobre a morte do morador me era uma surpresa. Tratava-se de um homem chamado Ezequiel, que frequentou, no passado, a academia de artes marciais em que eu era aluno, onde conheci Robson, morador do conjunto residencial da Zona 2. Ezequiel era um dos alunos mais velhos de Robson e, lembrava-me bem, uma pessoa muito comunicativa e que não perdia a chance de se relacionar com garotas do bairro. Em um de seus relacionamentos, casou-se com uma moradora da Zona 4, chamada Raíssa, com quem viveu durante cinco anos. Nesse período, tiveram diversos problemas

conjugais, inclusive com episódios de agressão contra a mulher, circunstâncias que, apesar dos vizinhos terem conhecimento, não geravam maiores problemas para ele. Após se separarem, Ezequiel, que não aceitava o término do relacionamento, passou a ameaçar Raíssa, até começar um relacionamento com outra mulher, muito mais nova do que sua ex-companheira.

No segundo casamento, segundo Gustavo, não havia problemas de ordem doméstica entre o casal. Contudo, Ezequiel começou a se aproximar de um grupo de homens moradores da Vila. Cheguei a vê-lo pessoalmente nessa época, em uma das visitas que fiz aos meus familiares, antes de dar início à pesquisa do doutoramento. Na ocasião, quando nos revimos, ele estava em um bar próximo à casa em que morava, e esbanjava, na ocasião, alguns pertences caros e pouco acessíveis para a realidade do Vasco da Gama. Continuava a morar na Zona 4 e parecia estar feliz com sua mulher, que também era uma pessoa previamente conhecida minha, embora nunca tenha feito parte das minhas relações mais próximas de vizinhança.

Gustavo, sabendo que eu conhecia Ezequiel, uma vez que recordava que eu tinha frequentado a academia de artes marciais na mesma época que o morador falecido, perguntou se eu tinha conhecimento de que a melhora na condição de vida do conhecido em comum se dava por ele ter atuado em grupos de extermínio e realizado assaltos a banco no Recife. Surpreso com o que ele me contava, ele disse que Ezequiel foi assassinado pelos próprios companheiros de crime, que tinham, entre eles, combinado de não utilizarem os recursos obtidos ilicitamente para “não chamar a atenção”. Ezequiel não só tinha comprado um carro zero quilômetro, como também tinha feito uma obra na casa da sogra, além de comprado uma casa e aberto um bar, algo que, realizado quase que simultaneamente, gerou rumores entre os moradores da Zona 4.

Gustavo relatou que, um dia, um homem chegou à casa de Ezequiel e o chamou. Saíram juntos no carro de Ezequiel e seguiram até uma conhecida rua no Alto do Eucalipto. Nela, segundo o que ele narrou, estava articulada uma cilada, que visava assassiná-lo. Ele estava armado e reagiu. O homem que estava com ele dentro do carro participava da combinação que objetivava eliminá-lo e, por isso, na troca de tiros, foi morto por Ezequiel, que conseguiu escapar. Desapareceu do bairro, deixando a mulher e sua família. Gustavo falou que comentavam que ele tinha ido para uma cidade do interior do estado. Passou mais de um ano sem ser visto no Vasco da Gama, até que retornou para fazer uma visita à sua mãe. “Não sei como sabiam que ele ia chegar aqui, mas, logo que saiu da casa da mãe dele, tava aqui perto numa moto, chegou dois caras e mataram ele na frente de todo mundo. Eu vi tudo, tava no ponto de ônibus, indo pro trabalho, era umas 15h”.

Gustavo me narrou a história de Ezequiel para dizer que compreendia quando ouvia de moradores de outras zonas que o Visgueiro era um lugar perigoso. “Entendo, porque acontece coisas assim por aqui, mas o que é a verdade é que uma coisa dessas não acontece com qualquer pessoa”. Para ele, o Visgueiro tem domínios cujos participantes podem provocar a sua própria morte ou miséria, mas, “quem não se mistura com essas coisas, não vai ser vítima de nada disso aqui”. Ele lembra que sua esposa, certa vez, estava com uma amiga em uma carrocinha que comercializa espetinho na Zona 3, que funciona somente aos fins de semana, reunindo em torno dos tira-gostos muitos moradores jovens. Nessa ocasião, ele recorda, um rapaz foi assassinado, mas, apesar da violência, “os bandidos chegaram, com calma, avisaram pras pessoas se afastarem, porque só queriam ‘levar’ esse daí”, ele conta, como se os matadores tivessem tido a consideração com as testemunhas que não tinham nenhuma relação com as motivações do homicídio. “Na prática, todo mundo podia ter levado um tiro ali, porque se eles chegassem atirando de qualquer jeito, podia bater em qualquer pessoa também. Mas queriam só aquele cara. Eu acho que quando é assim é porque é alguma coisa de dívida ou de tá com muita raiva de quem tá sendo procurado”.

A atenção de Gustavo em relação a esses temas era acionada sempre que em sua casa estávamos interagindo com a sua TV ligada. No horário de almoço, ele costumava assistir aos programas jornalísticos locais que noticiam os crimes que ocorrem na cidade, especialmente envolvendo moradores da periferia urbana. Apesar de não ter surgido notícia de crimes ocorridos no Vasco, algumas vezes o que era informado o fazia recordar de algum acontecimento violento ocorrido no Vasco da Gama, mais especificamente na Zona 4. Entretanto, o modo como ele passava a falar sobre a violência no Visgueiro, não era tratado como nos programas televisivos da cidade, que tentem inclusive a encontrar elementos para produzirem discursos cômicos com os bandidos presos.

Para Gustavo:

[...] qualquer jovem desses aqui do Vasco, que vive aí, sendo criado na rua, sem orientação nem de pai, nem de mãe, pode acabar caindo nessa onda, de vender droga, de achar que fazer a coisa errada com quem não vai com a cara é o jeito que é pra ser. Eu não tenho pena quando os caras fazem merda e depois pagam por isso, porque eles que se meteram nisso, mas saco [entende] que tem muitos que entram nessa por causa da vida que leva desde pequeno, que acha isso normal, que é pra ser assim mesmo. [...] Claro que se eu tiver chegando do trabalho de noite e aparecer dois caras numa moto do meu lado eu vou ter medo e vou querer que não façam nada, mas também não vou achar que todo cara aqui que anda de moto é de um grupo de extermínio. [...] Até porque aqui quem é de grupo de extermínio é pouca gente, esses moleques não tem como entrar nessa, no máximo, vão vender droga fora daqui, até porque aqui eles não podem mais vender (Gustavo, 38 anos, Zona 4).

O que Gustavo me oferecia com suas percepções sobre a violência na Zona 4 me remeteram ao comentário da sua mãe sobre Dimas, um morador conhecido em comum de nossas famílias que, segundo ela, tinha envolvimento com grupos de extermínio. Como Dimas é, de fato, relativamente próximo à minha família residente, inclusive, cultivando admiração pelos meus pais, o procurei para tentar alcançar mais elementos que pudessem, para além das experiências que os membros da família de Janete e Ronildo me ofertavam, alcançar aquela dimensão existente no Vasco da Gama que emergia, de algum modo, em todas as zonas, mesmo que fosse remetida sempre à Zona 4.

5.5 O cavalo do cão: a violência que permeia o Vasco

Dimas é um morador visto de maneira controversa. Há quem o adore e quem o odeie. Em geral, quem o adora, gosta de estar nos locais em que frequenta por ser um indivíduo carismático, que sabe contar piadas e faz questão de sempre ser afetuoso com quem com ele se relaciona. Quem dele não gosta, diz, não em sua frente, é claro, que ele é “metido”, “esbanjador”, “marginal” e “agiota”. De certa maneira, quem o conhece sabe que de algum modo os títulos não são por acaso, uma vez que, de fato, consegue representar um pouco de cada adjetivo por circular em domínios muito distintos do Visgueiro.

Ele cresceu em uma casa localizada na rua principal, em que hoje mora com sua mulher e seus dois filhos, um moça e um rapaz. De um lado, como trabalhador, atua como taxista e, por ser proprietário de um carro, não raras vezes colabora com a vizinhança quando é necessário, por exemplo, quando alguém precisa ir com urgência a um hospital ou socorrer algum parente em outra parte da cidade. Diversas vezes soube que ele agiu assim e, comigo, quando passamos a nos ver com alguma regularidade, chegou a oferecer carona para mim sempre que estava disponível em frente à sua casa. De outro lado, como parte do universo visto pelos moradores de “pessoas-erradas”, ele era membro de um grupo que, segundo os moradores diziam, cometiam crimes violentos, sobretudo homicídios. Os vizinhos diziam que ele propriamente não cometia os crimes, mas, por ser hábil motorista, dirigia o automóvel ou a motocicleta que carregava aquele que concretizaria a ação violenta contra alguém.

Dimas conhece minha família há muito tempo. Desde que me recordo, ele frequentava a nossa casa em ocasiões festivas e sempre tratava meus pais com respeito e admiração. Não sabia exatamente o motivo, mas durante a pesquisa ele me contou que quando era jovem e não

tinha dinheiro algum, sofreu um acidente em que quase perdeu uma de suas pernas, tendo sido minha mãe, na época funcionária de uma clínica médica especializada em angiologia, quem conseguiu para ele o tratamento e os remédios que o curaram. Desde então, sentia-se em dívida com ela e com minha família, estando presente em diversas ocasiões importantes da minha história familiar.

Como Janete tinha se referido a ele como um recurso para solucionar qualquer problema que viesse a precisar de alguém capaz de encarar situações conflitivas e como Gustavo também se remeteu a ele quando tratava da violência no Vasco da Gama, Dimas parecia ser uma peça chave que poderia lançar luz sobre a atuação das “pessoas-erradas” no bairro. A primeira vez que o vi durante o trabalho de campo foi em frente à sua casa. Ele estava ao lado do seu táxi, rodeado por um grupo de jovens rapazes que se encaixavam naquele estereótipo de “quem não quer nada com a vida” ou “marginal”, segundo as definições correntes no bairro. Ao me ver, Dimas me cumprimentou e foi adiantando que eu estava “cada vez mais parecido com Fernando”, o meu pai. O conhecimento mútuo dele com minha família era um recurso que antecipava a abertura para conversas mais longas, mas, na prática, nunca tínhamos nos falado a respeito das acusações que a ele eram feitas, segundo as quais ele tinha envolvimento com o grupos de extermínio.

Naturalmente, encontrar uma fenda na interação para adentrar nesse tipo de assunto não era algo fácil, sobretudo por tê-lo encontrado ao lado de outros homens jovens, alguns da minha mesma faixa etária, que não faziam parte de pessoas previamente conhecidas, certamente porque, no passado, se moravam no Visgueiro frequentavam os locais que eu era impedido pelos meus pais de estar. No entanto, a conversa entre eles girava em torno de um caso de violência brutal ocorrido em outro bairro, em que um homem havia assassinado outro em virtude de ciúmes. Dimas, que era o mais velho do grupo, dizia que “alguém que faz isso com outro sem ter certeza merece apanhar na cadeia pra aprender a ser homem”. E continuava, acrescentando que “eu só concordo quando o cara sabe o que faz, que dá destino ao outro porque não tem mais jeito”. “Dar destino a alguém”, nesse caso, significa eliminar o outro e “não ter mais jeito” queria dizer que o que esse outro faz é algo injustificável mas, mesmo após aviso prévio, continua a praticá-lo.

Essas considerações de Dimas sobre o que justificava uma morte e o que fazia de um agressor alguém condenável ou não pressupunha que, para ele, de algum modo, há crimes que quando cometidos seus autores poderiam ter razão ao fazê-lo, mesmo que a consequência de sua ação redundasse na morte de alguém. Ao mesmo tempo, indicava que, caso a razão não

fosse suficientemente aceita ou aderente a uma dimensão moral específica, o criminoso deveria ser duplamente punido: ser preso e, uma vez em um presídio, “apanhar” de outros presidiários.

Dimas se comporta em qualquer parte do Visgueiro como parte do cenário. Além de muito popular entre os moradores, circula pela rua principal e pelos morros como poucos residentes. Tem diversos afilhados nessa área, uma vez que tem amigos de todos os tipos na Zona 4. Quando pudemos conversar mais calmamente a sós em frente à sua casa, consegui avançar um pouco em direção ao que objetivava. Por ele saber que quando dizia que os dados da pesquisa seriam anônimos e que ninguém poderia ser reconhecido pelo tratamento que daria ao que ele pudesse me contar, se sentiu mais à vontade para falar sobre o que constantemente rondava acerca de sua figura. Ele me disse que muito do que contam dele não é verdade e que, apesar de conhecer moradores da periferia que já cometeram crime, na prática, ele somente prestou serviço algumas vezes, em ocasiões que considerou fazer sentido contribuir para a realização de uma ação criminosa.

“É melhor ser amigo dos caras do que não ser, não é?”, ele dizia, incluindo o fato de que “com isso fico mais protegido, posso chamar eles pra resolver qualquer coisa que eu precisar”. Abrindo as portas para um domínio que não tinha familiaridade, apesar de ter estado sempre próximo por morar no seio do universo em que esse tipo de prática se tornava possível, Dimas se dispôs a explicar como se dava a dinâmica da violência no Vasco da Gama. Segundo o que ele narrava, no Vasco, não é qualquer pessoa que pode ser vítima de um crime violento. “Quem é trabalhador, que tá todo certinho, nunca se meteu com nada errado, não tem do que ter medo, agora, se for metido com coisa errada e pisar na bola, é claro que alguém vai cobrar o erro”.

Ele me revelou que os crimes configurados como acertos de conta do Vasco raramente têm a ver com dívida de drogas, porque, no bairro, “drogas não é um problema assim”. Esse tipo de crime, em sua maioria, tinha a ver com desavenças pessoais e eram motivados por intrigas, traições e inveja:

Esses meninos não tem noção de nada. Um se desentende com outro, aí o cara vai logo dizendo que ‘me aguarde que você vai ver’, quem é que vai esperar, vai ter que dar um jeito pra não morrer, não é? Ninguém pode ameaçar o outro assim, de graça. Se não tiver ninguém pra resolver a briga, é capaz de um matar o outro por nada. Esse negócio mesmo, do cara matar por ciúme, é coisa de menino mesmo. Quando eu fiz uns serviços com os caras aqui, os caras que se garantem, é outra coisa, coisa grande. É encomenda, não tem isso de ter motivo pessoal não. Tu sabe quem é X, pronto, ele mesmo, ninguém diz, né, você vê aí na rua, todo educado, de óculos de grau, levando o filho pra escola, mas ele é quem tava à frente na época. Hoje em dia não tá nessa mais não, tá fora agora, não quer mais saber disso (Dimas, 45, Zona 4).

Para Dimas, quem realmente sofre com violência no Visgueiro são os jovens mais pobres, que ficam de bobeira pela rua e que podem ser abordados pela Polícia Militar em caso de ronda no bairro, o que não é comum. “A PM é uma merda, porque parece que não sabe diferenciar bandido de morador, chega aqui e para todos os meninos só porque tão conversando aqui na frente [da sua casa]”. Segundo Dimas, a PM não raras vezes comete abusos e os moradores que veem não podem reagir. Não por acaso, Dimas foi testemunha de algo que ocorreu com meu primo, que reside hoje na casa que pertence aos meus pais.

No passado, na rua em que Dimas mora, uma escadaria que sobe até o Alto Treze de Maio, alguns jovens começaram a comercializar drogas. Uma casa da rua funcionava como boca de fumo. Era a casa de dois moradores jovens, irmãos, conhecidos de outras vizinhanças devido ao fato de que sua mãe, durante algum tempo, trabalhava em um minimercado do bairro. Ela não conseguia contê-los em casa e, sempre na rua, associaram-se com outros jovens, de outras partes da cidade, com quem conseguiam as drogas para vender no Vasco. Com alguns meses de funcionamento e chamando a atenção dos vizinhos, tanto da própria rua quanto das ruas mais distantes, a PM passou a abordar com certa regularidade os jovens, na tentativa de identificar quem eram os envolvidos com o tráfico que começava a ganhar uma dinâmica mais ativa no bairro.

Em uma ocasião, meu primo levava uma garota com quem se relacionava até a casa em que ela morava, na mesma rua da boca de fumo. Após deixá-la, foi surpreendido por uma ação policial na rua quando voltava para casa. Segundo as testemunhas que presenciaram a ação, meu primo estava descendo a rua e cumprimentou os meninos que estavam traficando. Como todos se conheciam – inclusive, eu também sabia quem eles eram, apesar de não sermos próximos – meu primo para eles acenou no momento em que os policiais chegaram. Alguns jovens que traficavam fugiram por rotas de fuga que já tinham traçado para ocasiões desse tipo. Ele, meu primo, por não estar envolvido na ação dos outros rapazes, continuou caminhando, mas foi parado por um policial. Como os jovens que estavam com drogas, ao fugirem, lançaram os papalotes de maconha e as pedras de crack no chão, todos aqueles que estavam nas proximidades foram conduzidos para a delegacia, considerados envolvidos no crime.

Dimas contou que viu a cena e tentou impedir os policiais de levarem o meu primo, avisando-os que ele não tinha relação com as drogas. Os policiais não deram ouvidos e conduziram todos. Dimas comunicou ao meu tio, pai do meu primo, que avisou à família. Meu primo, contudo, foi encaminhado para um presídio estadual, nele permanecendo por dois meses

até ser inocentado por inconsistência dos depoimentos sobre o caso. Meus pais, por serem o lado da família que tinham melhores condições econômicas, foram quem mais colaboraram para a saída do meu primo da cadeia, custeando advogado e, também, enviando-lhe dinheiro para a vida dentro do presídio.

Dimas, que circulava no mundo do crime, na ocasião, entrou em contato com um amigo que estava preso, membro do grupo de extermínio de que ele participou. O matador estava na mesma cadeia e, quando o meu primo chegou até o presídio, uma rede de relações de Dimas estava acionada para recebê-lo e colocá-lo em um ambiente menos propício à violência no cárcere. De certa maneira, Dimas conseguiu assegurar que ele não sofresse qualquer tipo de violação enquanto aguardava ser julgado, inclusive, a ele garantindo uma cela para dormir, algo difícil de se conseguir devido à superlotação prisional.

Segundo Dimas, o amigo presidiário que ele acionou por ligação telefônica tinha recursos econômicos suficientes para ter regalias na prisão, uma vez que, além de membro de um grupo de extermínio, tinha também realizado assalto a um banco no Recife. Após a saída do meu primo da cadeia, ele agradeceu a Dimas pela colaboração dada à distância, pela rede por ele mobilizada, de que minha família não tinha qualquer conhecimento. Minha mãe, que visitou meu primo todos os fins de semana durante os dois meses, chegou a conhecer o amigo de Dimas que estava no presídio, e contou-me, por ocasião da inclusão dessa parte na pesquisa, que ele era uma pessoa gentil, apesar de estar preso por ter cometido diversos homicídios por dinheiro.

No Vasco da Gama, Dimas continuava próximo aos membros do grupo de extermínio enquanto com ele interagi. Apesar de dizer que não mais colaborava com suas ações, aconselhava-me que não me aproximasse demais dos jovens que eram tidos como envolvidos com o tráfico de drogas, pois eles ensaiavam retornar à área em que antes funcionava a boca de fumo. Ele falou que uma barraca que comercializava batatas fritas na Zona 4 estava servindo de disfarce para os rapazes que estavam assumindo o tráfico de drogas. Dimas sabia que, na verdade, era uma forma de repassar a droga aos consumidores. Enviavam dentro do pacote de batatas fritas e, assim, não pareciam estar vendendo a maconha ou a pedra de crack, droga que começava a ser mais consumida na periferia norte do Recife.

O conselho de Dimas para que eu não me aproximasse muito desses jovens na pesquisa era acompanhado do repasse de que esses rapazes tinham sido avisados de que os moradores estavam sabendo da sua atuação e essa visibilidade poderia trazer consequências graves para eles. Entre os jovens estavam filhos de antigos moradores de famílias percebidas como

desorganizadas e outros que não moram na Zona 4, mas vinham para ela em função do envolvimento com o tráfico que começava a ressurgir. A probabilidade da polícia voltar a realizar abordagens na área existia e em uma dessas ocasiões, qualquer pessoa que estivesse próximo poderia sofrer as consequências. Esse era um dos pontos para os quais ele me advertia.

Com o passar do tempo, não houve ação policial, mas, a partir de um determinado momento, os jovens não eram mais vistos atuando da mesma forma. Eu percebia isso quando chegava a casa dos meus parentes. Meu tio, que sabia o que estava acontecendo, disse-me que eles foram informados de que os membros de um grupo de extermínio estavam incomodados com a circulação de drogas na área e que tinham “recomendado” que eles parassem de comercializar entorpecentes na localidade. A minha suposição era a de que o tráfico, por ser algo que poderia atrair novamente a polícia para a área, gerava riscos para os membros do grupo de extermínio, que poderiam, em uma abordagem policial, serem presos. Contudo, eu estava equivocado. A questão era outra.

Os jovens envolvidos com o tráfico que principiava na Zona 4 estavam atuando, a partir de certa altura, em diferentes áreas do Vasco e vendendo as drogas para vários consumidores do bairro, entre os quais estavam membros de famílias de indivíduos que integram o grupo de extermínio do qual Dimas é próximo. Dimas, ao ouvir de colegas criminosos que estavam incomodados com seus parentes mais jovens estarem “usando porcarias”, foi utilizado como informante para avisar aos jovens que ele conhecia de que se eles não parassem de vender drogas no Vasco da Gama, os matadores iriam procurá-los para “acabar com o problema”. Além disso, o líder do grupo de extermínio foi pessoalmente até a casa da mãe de um dos jovens que estava traficando drogas para avisá-la de que ela seria responsável caso o seu filho fosse morto, uma vez que tinha sido advertido sobre os riscos que estava correndo ao vender drogas no bairro.

Em outras palavras, os homens participantes do grupo de extermínio se posicionaram contra o tráfico de drogas porque interpretava a comercialização de entorpecentes como algo capaz de trazer problemas para as suas famílias. Dotados de recursos suficientes para eliminar os traficantes caso eles não se submetessem ao aviso, atuariam para eliminá-los, mesmo que fossem filhos de outras famílias. Isso porque, segundo Dimas me explicava, os membros dos grupos de extermínio se preocupavam com o futuro dos seus filhos, para os quais não desejavam nem que seguissem os seus passos, nem adentrassem no universo das drogas, por eles percebidos como algo mais sujeito à condenação do que se um dia viessem a assassinar alguém, se o motivo para isso justificasse o ato brutal.

Segundo Dimas, já nos últimos meses em que estive próximo aos meus informantes, o tráfico de drogas estava desarticulado e os jovens que estavam vinculados a esse domínio continuavam vivos. Os seus amigos cuja carreira no mundo do crime era notória continuavam a viver no Vasco da Gama, mas não estavam atuando da mesma maneira que antes, uma vez que tinham “dado um tempo” depois que fizeram um “trabalho grande”, por meio do qual obtiveram um montante significativo de recursos. Segundo Dimas, não foi algo relacionado à morte, mas um assalto que tinha gerado notícia na mídia pernambucana.

Apesar disso, os moradores da Zona 4 com quem mantive contato frequente me disseram à distância que o Visgueiro estava vivendo uma fase pacata, em que o dia-a-dia se desenrolava em torno de um cotidiano em que as intersecções entre família, trabalho e lazer se sobreponha à sensação de violência ou a emergência de práticas criminosas que, apesar de terem ocorrido e se mantido por algum tempo, não eram experienciadas pelos moradores dessa área como universos capazes de vitimá-los. Ao contrário, como demonstrei ao longo desse capítulo, a relação dos moradores da Zona 4 com esses campos era marcada muito mais pela precaução de impedir que seus dependentes vissem nessas práticas uma oportunidade de vida do que por elas constrangerem a sua existência na periferia.

5.6 Entre a dor e a magia da reaproximação

A experiência narrada por Dimas é um dos aspectos que compõem a minha experiência de retorno à Zona 4. Com ele, pude alcançar um contexto local que me era pouco familiar, ao mesmo tempo em que vivenciava, por meio do trabalho de campo, um retorno ao meu mundo familiar. Nesse sentido, se por um lado colhia relatos sobre moradores que transitavam por domínios de práticas que não fizeram parte da minha experiência particular com o bairro, por outro me reaproximava daqueles que figuravam em minhas próprias memórias, como a famílias de ex-vizinhos, como a de Janete e Ronildo. Os cruzamentos evidentes que os relatos que o casal e seus filhos me concederam, captados a partir de suas experiências específicas, constituídas ao longo de suas trajetórias sociais, formaram a chave principal para que eu pudesse expandir a concepção antecipada que tinha da área em que cresci e morei grande parte de minha vida. Com eles, as nuances da Zona 4 ganharam outras tonalidades, apesar de muitas delas confirmarem os sentidos que supunha estarem presentes no universo sociocultural da parte mais interior do Vasco da Gama. A elucidação dos conflitos intergeracionais entre Ronildo e

Carolina permitiu esclarecer as gradações que também estavam presentes no imaginário que orientava minha própria família a estabelecer quem eram as pessoas com quem se podia aproximar e os espaços que podiam ser frequentados. Perceber isso, para mim, era revelador da localização da minha posição no interior do bairro, uma vez que implicava inserir a mim mesmo dentro do universo estudado de maneira mais profunda do que eu cogitava realizar, na medida em que a minha experiência socializadora não era mais vista como algo singular, mas como peça de uma das zonas, servindo como recurso para apreender os significados presentes na última parte do Vasco da Gama.

Não por acaso ver a minha família numa ótica mais distanciada foi algo extremamente difícil de colocar em prática. Por estarem vivendo na casa em que cresci, com a qual tinha uma relação tão espontânea no passado, agora a ela retornar implicava em certo relaxamento pessoal em virtude da emergência de recordações biograficamente marcantes. Isso me fez preferir não enveredar em um inquérito minucioso sobre a minha própria rede familiar ainda residente no Vasco. No entanto, eles passaram a colaborar ativamente com a pesquisa, abrindo caminho para rotas internas do Visgueiro que com as quais tinham familiaridade, mas que não mais faziam parte dos espaços mais naturalizados para mim. É preciso, porém, considerar algo fundamental: foi por retornar para próximo deles que pude compreender que eu mesmo sou parte do objeto que estudo e que analisá-lo significava, de algum modo, estar dedicado à interpretação da minha própria origem social. Isso, porém, se dava como um método reflexivo constante, levado adiante de modo a superar as relações mais espontâneas previamente estabelecidas entre mim e a vizinhança que tinha estado antes integrado, para em seguida recuperar essa aproximação munido de condições para objetivá-la e entendê-la.

Foi por meio das diferentes camadas de significado retiradas e recolocadas durante a pesquisa e a análise das entrevistas que alcancei uma consciência acerca do modo como os domínios de práticas existentes no Vasco da Gama participaram ativamente das relações em que estive imbricado ao longo de quase três décadas e que minha família era mais uma peça em uma configuração que agora apreendia como socioantropólogo. Isso se dava, com efeito, não sem remorso ou sofrimento. Compreender os entrelaçamentos de nossas vidas e os modos como nossas relações se comunicavam com a realidade do bairro colocava em evidência a minha posição dentro dessa mesma realidade, a de alguém que conseguia examiná-la em grande medida por ter vivido uma trajetória de mobilidade social ascendente que demarcava uma relativa distância em relação aos meus próprios familiares. Apesar do sentimento doloroso que isso trazia, essa distância oferecia o espaço para uma ruptura epistemológica cuja magia

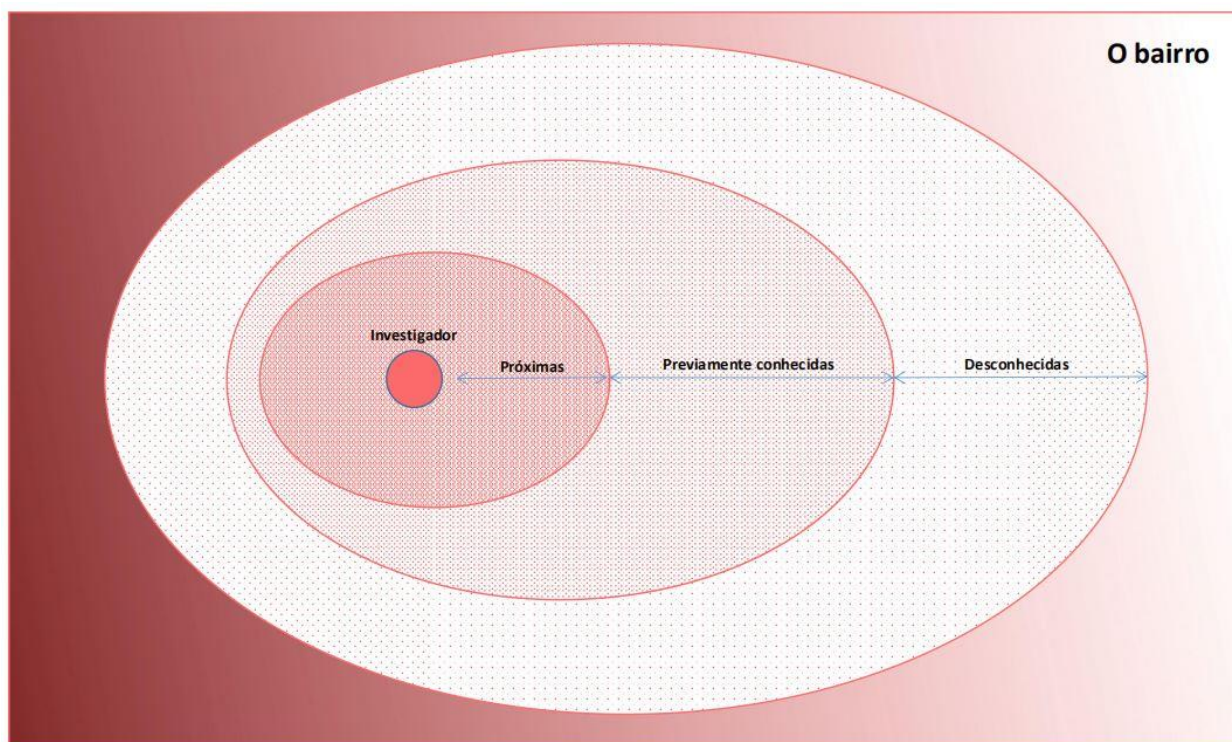
permitia deslindar aquilo que antes se passava para mim como algo dado, agora visto como algo problemático, necessário para a apreensão do caso particular do possível investigado.

CONCLUSÃO

A maneira como os moradores do Vasco da Gama percebem, experienciam e trilham suas vidas no bairro traz consigo consequências sobre a maneira como o lugar em que habitam na cidade é compreendido. Não foi por acaso que as quatro zonas aqui analisadas surgiram como uma forma empiricamente fundamentada para visualizar a realidade local. A construção interpretativa das zonas teve como fio condutor os modos como os indivíduos nelas encontrados descrevem as diferentes partes que compõem o cenário em que passaram a maior parte ou a integralidade das suas vidas. Os graus de familiaridade e de distância, as identificações e as precauções com grupos e ambientes e as classificações que permeiam e são mobilizadas para dar sentido à complexidade que se imprime em todo o território emergem e se reproduzem em grande medida a partir das associações entre experiências vividas em função da localização da casa e dos lugares que são mais frequentados pelos moradores, o que engendra campos de possibilidades que podem abranger diferentes domínios de práticas.

Há, no Vasco da Gama, uma consistência cultural, no sentido que Gilberto Velho (1994, p. 16) deu a essa concepção, isto é, há “símbolos compartilhados, linguagem básica comum, gramaticalidade no processo de interação e negociação da realidade, expectativas e desempenhos de papéis congruentes”, que configuram um quadro geral no interior do qual eu mesmo estava localizado, não apenas como pesquisador, mas também como indivíduo implicado nas relações sociais existentes na medida em que ex-morador de uma das principais zonas desse cenário. A partir da análise do material empírico em que me baseei para refletir sobre como os moradores do Vasco da Gama percebem o lugar em que vivem, pensam a si mesmos em seu interior e agem levando em consideração o modo como compreendem a realidade que os envolve na periferia da cidade do Recife é possível visualizar o bairro a partir de um esquema que toma a minha relação com os residentes que integraram a amostra como um fio condutor para compreendê-lo:

Figura 5 – Distância relacional entre o pesquisador e as pessoas entrevistadas



Fonte: O Autor, 2020.

Nesse quadro, verificam-se as distâncias que marcaram a minha relação com os moradores pesquisados e com o próprio bairro. As gradações em tons vermelhos indicam a quantidade de informações prévias que detinha sobre pessoas e lugares, que variavam entre intensas e porosas. Ao retornar para o bairro com o objetivo de investigar a sua realidade, estava diante de um ambiente com o qual meu estoque de conhecimento podia automaticamente se afinar (o círculo de pessoas mais próximas), estar mais facilmente conectado (o círculo de previamente conhecidos) ou encontrar dificuldades para adentrar (o círculo dos desconhecidos). Paralelamente, observando o exterior desses círculos, na parte quadrática que os engloba, está o bairro. Nele, a tonalidade é gradiente. Quanto mais próximo a mim, o bairro era sentido como contexto mais consistente e denso. Quanto mais distante, mais rarefeito e mais vazio de sentido antecipado, apesar de ter noções básicas para dar os primeiros passos para desvendá-lo. Esse esquema é válido para a relação específica em que eu estava implicado com o objeto investigado, o que significa dizer que outra pessoa, situada em outra posição, cuja vida tenha sido vivida de maneira distinta da minha, teria essas relações readaptadas a seu próprio caso. Isso, porém, indica não uma fragilidade sociológica para os resultados alcançados, mas a sua riqueza socioantropológica de terem derivado de uma experiência singular que se encaixa, com

efeito, dentro das relações a que todos aqueles que já tiveram ou mantêm vínculos com o Vasco da Gama é apto a viver.

No caso da pesquisa aqui apresentada, o círculo das pessoas desconhecidas se refere, em grande medida, à Zona 1. Como vimos, nela, meus conhecimentos prévios era limitados e dependi muito mais das informações que seus moradores podiam me oferecer do que na Zona 4. O Visgueiro, por sua vez, corresponde exatamente às regiões de coloração mais intensa e sólida, em que encontrei mais pessoas previamente conhecidas e próximas, como ex-vizinhos e familiares, cujas vidas estavam diretamente entrelaçadas à minha existência. As zonas 2 e 3 figuravam como espaços nos quais podia encontrar previamente conhecidos, como foi o meu reencontro com Robson, e desconhecidos, como todos os outros que foram incluídos ao longo da interpretação etnográfica aqui elaborada.

Essa variação das distâncias e proximidades entre a comunidade de moradores em relação a mim permitiu observar o bairro a partir de distintos ângulos, produzindo uma visão de sua complexidade, de sua heterogeneidade constitutiva e de seu campo de possibilidades. Na Zona 1, por exemplo, o caso de dona Jô revelou que a área mais urbanizada do Vasco da Gama e, por isso, social e economicamente mais valorizada, não recepciona os moradores mais pobres como seus iguais. A sua narrativa de vida trouxe elementos suficientes para mostrar como dentro de uma casa particular - a casa que era dos seus sogros e que hoje lhe pertence - desentendimentos e conflitos integravam as relações entre ela, originária da Zona 3, e a família de seu marido, nativos da entrada do bairro. Apesar disso, as possibilidades de associação em condições de copresença entre moradores localizados em partes diferentes do bairro existiam, tanto que o casamento entre Filipe e dona Jô foi possível, desafiando as expectativas do seu pai, comerciante, e de sua mãe, que não escondiam a indisposição em relação à nora, que veio do Córrego do Botijão, uma parte pobre e precária do Vasco da Gama.

Ainda assim, o tempo vivido em uma zona implica a gradativa naturalização das presenças dos seus moradores, o que quer dizer que um recém-chegado, ao permanecer em um mesmo lugar, pode ser visto como parte inextricável da localidade em que mora. Não era por acaso que dona Jô era uma das senhoras mais respeitadas da área mais enobrecida, ou melhor, menos vulnerável do Vasco da Gama, algo que notei desde os primeiros momentos em que passei a observá-la em sua casa, apesar de ter origem em área mais empobrecida. Isso, no entanto, não se dava somente entre seus vizinhos, criticados por ela em virtude das tentativas deles de parecerem ser publicamente o que ela sabia que intimamente não eram, mas também entre moradores de outras partes do bairro, com as quais dona Jô, apesar de ter se deslocado no

interior do território, não perdeu completamente o contato. O fato de ter um irmão residente na Zona 3 que, infelizmente, não deu-me abertura para a realização de inquérito sobre suas experiências mesmo sabendo que dona Jô estava próxima a mim, assegurava para ela uma conexão contínua e durável com o lugar em que nasceu, mesmo sob a vigilância e o julgamento da sua sogra.

Se a parte inicial do bairro foi compreendida como um contexto dotado de mais prestígio em função das condições de vida dos seus moradores, a Zona 2, particularmente os moradores dos prédios do Conjunto Residencial Renascer, acentuaram o registro avaliativo positivo sobre morar na entrada do Vasco. Foi por meio de entrevistas realizadas com os condôminos que minha interpretação caminhou em direção à percepção de assimetrias internas aos residentes. A separação entre a rua e o morro localizado nessa zona, o Alto da Favela, frisava, como em nenhuma outra parte do bairro, uma desigualdade que sustenta discriminações e formas de desclassificação social, asseguradas com base não no conhecimento genuíno do que ocorre nas ruas em que moram os outros, mas nos pressupostos que parcializam as suas capacidades de compreenderem a vida alheia tal como ela é. Apesar de não haver uma disputa de ordem violenta entre os moradores do Renascer e os habitantes do Alto da Favela, de ambos os lados pude perceber limites interpretativos. Isso, contudo, não quer dizer que eles eram incapazes ou inaptos para saberem lidar com a vida cotidiana do bairro. Ao contrário, esses limites e, também, as configurações sociológicas e antropológicas que a eles estão associadas reforçam a ideia de que há certa fragmentação no modo como o Vasco da Gama é vivido, sem com isso dizer que há impossibilidades de comunicação entre diferentes vizinhanças. Robson é uma figura que mostra essa capacidade de conexão por manter relações estáveis com moradores do Alto. Existe, sem dúvida, interação constante, mesmo que se dê de maneira ruidosa ou com intervalos de pausas contínuas.

O Treze, de certa maneira, unia e separava os condôminos e os moradores do Alto da Favela. Frequentado sobretudo pelos jovens pobres da periferia, especialmente entre os jovens desse Alto, mas também das ruelas da Zona 3 e das escadarias da Zona 4 e suas adjacências, o clube dinamizava o lazer daqueles que são vistos recorrentemente como capazes de encontrar em domínios moralmente condenáveis oportunidades de vida. Em parte seja verdade, não é uma compreensão precisa, porque, como vimos com Marlon e seus amigos, dificilmente eles estariam dispostos a arriscar suas vidas adentrando em uma carreira criminosa de qualquer tipo.

Marlon e sua avó, dona Socorro, expressaram, como a família da Zona 4 analisada no capítulo 5, que entre os mais pobres há dimensões que vão além das condições materiais de

existência que funcionam como suportes para cultivar princípios e valores de união, de solidariedade, de afeto e de considerações que não se limitam unicamente ao universo da casa. Com a sua avó mais debilitada, Marlon, por exemplo, passou, sem qualquer solicitação discursiva, a ficar mais tempo na venda que sustenta a família, visando, sobretudo, amenizar o esforço físico do trabalho diário que marcou a história de dona Socorro. Embora não fosse, ao menos em minha frente, registradas demonstrações amorosas por meio de falas entre si, o amor era evidenciado na prática cotidiana que visava proteger um ao outro das adversidades que circundam cada geração. Se Marlon passava mais horas na barraca para sua avó descansar, a disciplina e o controle que ela realizava sobre ele, direcionando as possibilidades de frequência de determinados lugares e de convívio com pessoas que ela considerava “erradas”, era porque a maneira de demonstração de afeto estava ancorada num limiar pragmático e eficiente, não localizado, portanto, em um discurso generalista sobre a importância da família desprendido do que efetivamente se dá entre os residentes de uma mesma casa. Cabe lembrar que a extensão da solidariedade, do afeto e do amor também pôde ser identificada entre Marlon e seus amigos desempregados, cuja ida para o Treze do Vasco dependia de conseguirem recursos econômicos para comprar os bilhetes de entrada. Como discorre quando refleti sobre esse ponto, Marlon, em uma atitude de caráter pedagógico, “deixou os amigos correrem atrás do dinheiro”, apesar de tê-lo para ajudar se necessário, mas que seria utilizado somente se eles não conseguissem o recurso. Também priorizando o amigo que trabalhou a noite inteira depois da festa, com quem ficou bebendo até o dia amanhecer como forma de compensação pela noite trabalhada no espaço que para eles figurava como de lazer.

As relações do Alto da Favela com os perfis dos moradores da Zona 4 são evidentes. Apesar de não ter feito uma abordagem da Zona 4 adentrando em idênticas temáticas que foram tratadas quando analisei o Alto da Favela, cabe algumas considerações importantes sobre as duas. Especialmente, os dados obtidos demonstraram-me que o lugar em que cresci era muito similar ao Alto da Favela, apesar do Visgueiro estar situado no fim do território. A distância geográfica, demarcada pela presença entre as duas zonas do centro comercial do bairro, a Zona 3, não impedia que as práticas das famílias se dessem em uma chave muito semelhante. A preocupação que as mães da Zona 4 expressavam sobre o futuro dos seus filhos, especialmente quando falavam sobre a possibilidade deles virem entre grupos de jovens maiores um caminho para uma vida “de desocupados”, ou pior, “de bandidos”, aproximavam-nas diretamente da preocupação de dona Socorro, avó de Marlon, sobre o destino social do seu neto. Da mesma forma, essa constatação colocou-me mais diretamente dentro do universo pesquisado, uma vez

que me fez compreender o modo como meus pais, sobretudo a minha mãe, atuou sobre mim e sobre a minha irmã enquanto morávamos na Zona 4, impedindo e limitando uma série de vontades que tínhamos de ir a locais que nos eram atrativos, mas que para meus pais eram vistos como capazes de “nos tirarem do foco dos estudos” ou “do foco da vida”.

Paralelamente, a busca por um sustento perpassou toda a experiência da pesquisa feita no bairro em que cresci. Se Filipe, marido de dona Jô, usufruía de uma estabilidade econômica, e Robson, o informante previamente conhecido da Zona 2, possuía um negócio socialmente prestigiado que era a academia de artes marciais, de onde vinha seus recursos materiais e simbólicos, na Zona 3, os moradores, especialmente aqueles que não conseguiam encontrar trabalho no mercado formal, aventuravam-se no comércio local, procurando atuar, notadamente, por conta própria. O caso de Lidiane foi exemplar no sentido de demonstrar o sucesso, mas, claro, diversos outros poderiam ter sido aprofundados demonstrando os sofrimentos do trabalho informal. A escolha pela discussão da trajetória de Lidiane não possui nenhum vínculo com qualquer incentivo ao trabalho informal, ao contrário, se bem lido, era possível perceber que até mesmo em sua trajetória, as incertezas e as contingências podiam alcançar um nível que tudo o que ela estava conquistando poderia ser perdido, o que indica a fragilidade do pequeno estabelecimento comercial tal como configurado no caso da Lidi Modas.

Entretanto, na Zona 3, os moradores-comerciantes revelaram também que o Vasco da Gama, de algum modo, instituiu em seu seio um contexto que figura no universo simbólico da população residente como propício a conseguir biscate ou, como Lidiane, abrir um pequeno estabelecimento comercial. Como vimos, mais uma vez, a relação entre geografia e organização social se impunha como uma chave explicativa, na medida em que o centro comercial do bairro é, ao mesmo tempo, um ponto de conexão para as áreas residenciais mais humildes e um pórtico pelo qual é possível transitar entre a periferia mais profunda e as áreas de infraestrutura urbana mais consolidadas, inclusive alcançando uma outra parte da Av. Norte a partir da qual é viável chegar mais rapidamente o bairro de Casa Amarela e seu entorno enobrecido. Não era de se espantar, desse modo, que aí pude encontrar previamente conhecidos, mais próximos do que Robson, residentes da Zona 4, diversas vezes, entre os quais ex-vizinhos que comigo compartilharam experiências no passado, revisitados quando retornei ao Visgueiro.

Por fim, a presença da violência na maneira como todos os moradores compreendem o Vasco da Gama, apesar de ser variável, não exime a realidade local de ser também vista e sentida como algo pacato. Entre outros elementos, é interessante notar que alguns moradores que disseram sobre a violência não moravam e não frequentavam as áreas que são tidas como

violentas. O que leva à conclusão que parte de seus discursos são alimentados, na verdade, por meio das representações que circundam essa realidade e não pelas experiências vividas no lugar em que efetivamente moram. Apesar disso, claro, como vimos no último capítulo, há no Vasco da Gama certa dinâmica de práticas ilegais que podem dar lugar à emergência de circunstâncias violentas e definidas como criminosas, especialmente relacionadas à atuação do grupo de extermínio de que Dimas foi um membro e de jovens que ensaiaram, mais de uma vez, a comercialização de drogas ilícitas, especialmente da maconha e do crack. Não obstante isso, os casos de violência doméstica que figuraram em alguns momentos da tese eram sempre trazidos como um tipo ocorrência que se deveria condenar por princípio. Assim foi quando Janete tratou do assunto e também como outras donas de casa também refletiram sobre essa forma de agressão ao gênero feminino. Longe de ter sido aqui devidamente discutido, chamo a atenção para o fato de que essa questão emergiu pela preocupação das próprias mulheres entrevistadas, o que denotava inquietação com a sua condição, o que, a meu ver, trazia conotações que antes passavam despercebidas mesmo que tivesse feito parte da mesma vizinhança em que esse assunto foi tratado.

Todas as experiências, trajetórias e percepções alcançadas demonstraram que as relações específicas entre os moradores e o Vasco da Gama me conduzem a apanhá-lo como uma configuração no seio da qual está instituída uma diversificação da vida nas camadas populares urbanas, cuja complexidade abre espaço para fenômenos, práticas e desdobramentos simbólicos que tornam a periferia do Recife um contexto importante para cada vez mais compreender a vida contemporânea dos que se situam na base da sociedade. Apesar disso, o retrato sociológico alcançado por meio das análises aqui apresentadas não são conclusivas de forma estática, uma vez que a dinâmica da vida social as limita certamente no tempo. Isso significa dizer, portanto, que é preciso abrir caminho para novas investigações no Vasco da Gama e em outros bairros populares, de modo a que se possa entender como seus moradores experienciam o presente e poderão viver no futuro, mesmo que em meio às adversidades que a eles se impõem.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. “*Com o suor do trabalho*”: uma análise do *ethos* dos batalhadores manifesto no âmbito do consumo. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco (PPGS/UFPE). 2018.

ALVES-MAZZOTTI, Ana; GEWANDSNAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Thomson, 1999.

ARAUJO, Kathya; MARTUCCELLI, Danilo. *Desafíos comunes: retrato de la sociedad chilena y sus individuos*. Tomo I - trabajo, sociabilidades y familias. Santiago: LOM Ediciones, 2012a.

ARAUJO, Kathya; MARTUCCELLI, Danilo. *Desafíos comunes: retrato de la sociedad chilena y sus individuos*. Tomo II - neoliberalismo, democratización y lazo social. Santiago: LOM Ediciones, 2012b.

ARAÚJO, Marcella. *Obras, casas e contas: uma etnografia dos problemas domésticos de trabalhadores urbanos no Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Sociologia do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ), 2017.

ASSIS, Rodrigo Vieira de. *Para uma sociologia das visões de mundo: cultura, pensamento e práticas sociais*. Curitiba: Appris, 2020 (no prelo).

Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil 2013. Brasília: PNUD, IPEA, FJP, 2013.

BACHELARD, Gaston. *O novo espírito científico*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Col. Os Pensadores).

BECKER, Howard. A história de vida e o mosaico científico. In: *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1993, pp. 101-115.

BERG, Tábata. O batalhador e sua família. In: Jessé Souza. *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* 2º ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 123-148

BERTAUX, Daniel. *Destinos pessoais e estrutura de classe: para uma crítica da antroponomia política*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

BEZERRA, Daniel Uchoa Cavalcanti. *Alagados, mocambos e mocambeiros*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (MEC), Imprensa Universitária, 1965.

BOURDIEU, Pierre. *A miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

BOURDIEU, Pierre. L'objectivation participante. *Actes de la Recherche em Sciences Sociales*, n. 150, 2003, pp. 43-57.

BOURDIEU, Pierre. O camponês e o seu corpo. *Revista de Sociologia e Política*. n. 26, 2006, pp. 83-141.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção – crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *O senso prático*. Petrópolis: Vozes, 2009.

BONDUK, Nabil; ROLNIK, Raquel. *Periferias: ocupação do espaço e reprodução da força de trabalho*. São Paulo: FAU-USP, Fundação para a Pesquisa Ambiental, 1979.

CAETANO, Ana. *Pensar na vida: biografias e reflexividade individual*. Lisboa: Mundos Sociais, 2016.

CALDEIRA, Teresa. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Ed. 34/ Edusp, 2000.

CARDOSO, Adalberto M. Juventude, trabalho e desenvolvimento: elementos para uma agenda de investigação. *Caderno CRH*. Salvador, v. 26, n. 68. pp. 293-314, 2013.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Unesp, 2000.

CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1983.

CASTRO, Josué. *Fatores de localização da cidade do Recife*. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional, 1948.

CASTRO, Josué. A paisagem viva do nordeste (contos e descrições). In: *Documentário do Nordeste*. I Parte. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959a, pp. 13-56.

CASTRO, Josué. Estudos sociais. In: *Documentário do Nordeste*. II Parte. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959b, pp. 57-160.

CAVALCANTI, Helenilda et. al. Tipologia e caracterização dos assentamentos precários: Região Metropolitana do Recife. In: *Caracterização e tipologia de assentamentos precários*. Estudos de caso brasileiros. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, 2016, pp. 307-367.

CAVALCANTI, Mariana. Tiroteios, legibilidade e espaço público: notas etnográficas de uma favela carioca. *Dilemas: revista de estudos de conflito e controle social*. v. 1, n. 1, 2008, pp. 35-59.

IBGE. *Censo demográfico 2010: características da população e dos domicílios: resultados do universo*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

CHAMPAGNE, Patrick. A visão mediática. In: BOURDIEU, P. (dir.). *A miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, pp. 63-79.

COMISSÃO CENSITÁRIA DOS MUCAMBOS. *Observações estatísticas sobre os mucambos do Recife*. Recife: Imprensa Oficial, 1939, pp. 35-39.

CONDEPE, *Diagnóstico habitacional na Região Metropolitana do Recife*. Recife: CONDEPE/FIDEM/BNH, 1980.

CORREIA DE ANDRADE, Manuel. *Recife: problemática de uma metrópole de região subdesenvolvida*. Recife: EDUFPE, 1979.

CORRÊA, Diogo. *Anjos de fuzil: uma etnografia das relações entre Igreja e tráfico na Cidade de Deus*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Sociologia do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ), 2015.

DAMATTA, Roberto. O ofício do etnólogo, ou como ter Anthropological Blues. *Boletim do Museu Nacional*. Antropologia., nº 27, Rio de Janeiro, 1978, pp.1-12.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. *Da vida nervosa nas classes populares urbanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

DUARTE, Luiz Fernando Dias; GOMES, Edlaine de Campos. *Três famílias: identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

ELIAS, Norbert; SCTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. São Paulo: Global Editora, 2004.

FOOTE-WHYTE, William. *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GIDDENS, Anthony. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

GOMINHO, Zélia de Oliveira. *Veneza Americana x Mucambópolis: o estado novo na cidade do Recife (décadas de 30 e 40)*. Recife: CEPE, 1998.

GUEDES, Simoni Lahud. Redes de parentesco e consideração entre trabalhadores urbanos: tecendo relações a partir de quintais. *Cadernos do Centro de Recursos Humanos*, 29, 1998, pp. 189-208.

GUEDES, Simoni Lahud; LIMA, Michele. Casa, família nuclear e redes sociais em bairros de trabalhadores. In: BARROS, Myriam Lins de (Org.). *Famílias e gerações*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

HÄGERSTRAND, Torsten. Survival and arena: on the life history of individuals in relation to their geographical environment. *The monadnock*. 49, 1975, pp. 9-29.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HALPERIN, Daniel. A delicate science: a critique of an exclusively emic anthropology. *Anthropology and Humanism*. 21, 1996, pp. 31-40.

LAGE, Wanda. *Uma andorinha só não faz verão: um estudo sobre a velhice feminina e a sociabilidade num bairro popular recifense*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - PPGA-UFPE, Recife, 2007.

LAHIRE, Bernard. *O homem plural: os condicionantes da ação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LAHIRE, Bernard. Sociología y autobiografía. *Revista de Antropología Social*. Madrid, n. 13, 2004, pp. 37-47.

LEEDS, Anthony; LEEDS, Elizabeth. *Sociologia do Brasil urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

LEITE, Márcia Pereira. Violência, risco e sociabilidade nas margens da cidade: percepções e formas de ação dos moradores de favelas cariocas. In: MACHADO DA SILVA, L. A. (org.) *Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, pp. 115-141.

LEITE LOPES, José Sérgio. *O vapor do diabo: o trabalho dos operários do açúcar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LEITE LOPES, José Sérgio; MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio. Introdução: estratégias de trabalho, formas de dominação na produção e subordinação doméstica de trabalhadores urbanos. In: LEITE LOPES, J. et. al. *Mudança social no Nordeste: a reprodução da subordinação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, pp. 9-40.

LEITE LOPES, José Sérgio. Fábrica e vila operária: considerações sobre uma forma de servidão burguesa. In: LEITE LOPES, J. et. al. *Mudança social no Nordeste: a reprodução da subordinação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, pp. 41-98.

LEITE LOPES, José Sérgio. Anotações em torno do tema “condições de vida” na literatura sobre a classe operária. In: MACHADO DA SILVA, L. A. (org.); LEITE LOPES, J. S., ALVIM, M. R. B. (col.). *Condições de vida das camadas populares*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984.

LEITE LOPES, José Sérgio. *A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés*. São Paulo: Marco Zero Editora, 1988.

LIMA, Maria Helena. A busca de casa própria: autoconstrução na periferia do Rio de Janeiro. In: VALLADARES, L. (org.). *Habitação em questão*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979, pp. 69-92.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio. Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil Urbano. *Sociedade e Estado*. Brasília, v. 19, n. 1. 2004, pp. 53-84.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio.; LEITE, Márcia Pereira. Violência, crime e polícia: o que os favelados dizem quando falam desses temas? In: MACHADO DA SILVA, L. A. (org.) *Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, pp. 47-76.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio. *Fazendo a cidade: trabalho, moradia e vida local entre as camadas populares urbanas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2016.

MEAD, George Herbert. *Mind, self & society*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2015.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Da periferia ao centro: pedaços e trajetos. *Revista de Antropologia*. São Paulo, USP, v. 35, 1992, pp. 191-203.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBSC)*. vol. 17., nº 49, 2002, pp. 11-29.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. 3ª ed. - São Paulo: Editora HUCITEC / UNESP, 2003.

MARICATO, Ermínia. Autoconstrução, a arquitetura possível. In: MARICATO, E. (org.). *A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial*. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1982, pp. 71-93.

MARICATO, Ermínia. *Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MARTUCCELLI, Danilo. *Cambio de rumbo: la sociedad a escala del individuo*. Santiago: LOM Ediciones, 2007.

MAYOL, Pierre. Morar. In: CERTAU, M.; GIRARD, L.; MAYOL, P. *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, pp. 35-188.

MELLO, José Antônio Gonçalves de. *Tempo dos flamengos*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

MELO, Mário. *A migração para o Recife: estudo geográfico*. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1961.

MELO, Mário. *Metropolização e subdesenvolvimento: o caso do Recife*. Recife: Editora Universitária, 1978.

MILLS, Charles W. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

OLIVEIRA, Francisco. *Noiva da revolução. Elegia para uma re(li)gião: Sudene, Nordeste, planejamento e conflitos de classes*. São Paulo: Boitempo, 2008.

OLIVEIRA, Francisco. *Crítica à razão dualista: o ornitorrinco*. São Paulo, SP: Boitempo, 2013.

OUTTES, Joel. *O Recife: gênese do urbanismo 1927-1943*. Recife: Fundaj, Editora Massangana, 1997.

PALMEIRA, Moacir. Conflitos de classe sob regime autoritário: o caso do Nordeste. In: LEITE LOPES, J. S.; CIOCCARI, M. *Narrativas da desigualdade: memórias, trajetórias e conflitos*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013.

PARK, Robert. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967, pp. 29-72.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, pp. 3-15.

PONTES, Thiago Panica. “Crescer na vida”: trajetórias de micromobilidade nos meios populares. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Sociologia do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP/UERJ). 2015.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. *Etnografia da duração: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas*. Porto Alegre: Marcavizual, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Os conflitos urbanos no Recife: o caso do Skylab. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. n. 11, 1983, pp. 9 - 60.

SANTOS, Carlos Nelson. Velhas novidades nos modos de urbanização brasileiros. In: VALLADARES, L. (org.). *Habitação em questão*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979, pp. 17-48.

SANTOS, Emanuel. *A fábrica de tecidos da Macaxeira e a vila dos operários: a luta de classes em torno do trabalho e da casa em uma fábrica urbana com vila operária (1930-1960)*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2017.

SARTI, Cynthia Andersen. “*É sina que a gente traz*”: ser mulher na periferia urbana. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Departamento de Ciências Sociais, FFLCH/USP, São Paulo, 1985.

SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo: Cortez, 2011.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967, pp. 13-28.

SOUSA, Alberto. *Do mocambo à favela: Recife, 1920-1990*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.

SOUZA, Jessé. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SOUZA, Jessé. *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SCHUTZ, Alfred. *Sobre fenomenologia e relações sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

TELLES, Vera.; CABANES, Robert. (org.). *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

VELHO, Gilberto. O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia. In: VELHO, G. (Org.). *O desafio da cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Campus, 1980, pp. 13-20.

VELHO, Gilberto. *Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

ZALUAR, Alba. Juventude violenta: processos, retrocessos e novos percursos. *Dados - Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, vol. 55, n. 2, 2012, pp. 327-365.

APÊNDICE A - Roteiro de entrevista

Nota: A entrevista precisa fluir como uma conversa natural, sem interrupções, deixando a pessoa entrevistada a vontade para falar de si mesma e do bairro. É preciso avaliar o espaço para a realização de determinadas questões de caráter mais intimista, considerando os graus de proximidade existente com o(a) morador(a). Nesse caso, é preciso estar atento para evitar certas questões, que deverão ser feitas *a posteriori* naqueles casos em que seja estabelecida um grau de confiança que as permita ser realizadas. Nesse sentido, o guião engloba dois níveis, o da trajetória de vida e o das relações específicas do morador com o bairro.

Família e relações familiares

Vamos começar falando um pouco sobre a sua família.

Avós

- ❖ Você teve contato com seus avós? Eles são naturais de onde? Eles viveram aqui no Vasco? Se sim, sabe como foi a vinda deles para o Recife e para o bairro? Onde viveram? Qual o significado e importância deles na sua vida? Eles e seus pais conviviam bem? Como era a relação entre eles?

Pais

- ❖ Qual a idade dos seus pais? Eles são naturais de onde? Sempre moraram aqui no bairro? Qual a escolaridade dos seus pais? Com o que eles trabalham/trabalhavam? Pode falar um pouco, se souber, sobre os trabalhos que eles tiveram ao longo da vida?
- ❖ Você poderia me falar um pouco como é/era a sua relação com eles? Vocês sempre se deram bem? Como é/era o “clima” entre vocês? Ao longo do tempo, a sua relação com os seus pais mudou ou continua a mesma desde sempre? Se mudou, mudou em quê e em que sentido? Você gostaria que a sua relação com eles tivesse sido diferente? Como você gostaria que tivesse sido? O que você acha que você herdou do seu pai? O que você acha que herdou da sua mãe? Quais são as diferenças que você percebe em você em relação a seu pai e a sua mãe (e a seus avós, em caso desses terem sido muito significativos em suas vidas)? Em termos de personalidade, você percebe semelhanças e diferenças com eles? Quais seriam? Você se lembra de momentos ou acontecimentos que marcaram a sua convivência com seus pais (ou avós, se pertinente)? (anotar o sentido desses eventos para cada indivíduo). Você se sentia feliz na infância e na

adolescência? Do que você se recorda? Seus pais são presentes na sua vida atualmente? Se sim, qual a importância deles para você hoje? Se não, o que aconteceu com eles?

Irmãos

- ❖ Você tem irmãos/ãs? Qual a idade deles? Eles cresceram com você? Em casa, seus pais tratavam vocês da mesma forma? Como você percebe isso? Você considera que seus pais educaram vocês da mesma forma? Vocês se dão bem? (explorar cada relação) Ao longo da vida, a relação entre vocês mudou? Se sim, por quê? (explorar como atribui sentido a isso) Vocês já se desentenderam? Se sim, por quê? Houveram consequências mais graves? O que você percebe de parecido entre vocês em termos de personalidade? E de diferenças? Quais episódios foram mais marcantes na sua relação com seus irmãos/ãs? Hoje em dia, vocês se ajudam? “Quebram galhos” uns dos outros? Seus irmãos/ãs também moram aqui no bairro? Se sim, em que parte do bairro? Se não, onde moram? Qual a importância deles/as na sua vida hoje?

Ramificações familiares

- ❖ Além dos seus avós, pais e irmãos, outros parentes foram muito presentes na sua vida? Explorar para cada caso: onde mora? Explorar para cada caso: qual a importância dessa pessoa para você? Explorar para cada caso: encontra essa pessoa com frequência?

Família constituída ao longo da vida

Se for casado(a), **cônjuge**:

- ❖ Qual a idade? Já morava no bairro? Se sim, em que parte? Se não, onde morava? Se ambos moravam em outra parte da cidade, como vieram para o Vasco da Gama? Qual o grau de escolaridade dele(a) e a ocupação? Em que contexto vocês se conheceram? Como foi isso? A relação de vocês hoje é uma relação tranquila? Vocês têm diferenças e divergências? Se sim, em relação a quê? Tem algo em seu/sua cônjuge que você realmente incomoda você?
- ❖ No dia-a-dia, as decisões em relação à vida doméstica, são feitas sempre com base em diálogo ou um de vocês é que resolve os problemas e demandas domésticos? Quais são as prioridades de vocês enquanto casal? Como vocês dividem as tarefas domésticas?
- ❖ (Se tiverem filhos) Em relação aos seus filhos, ambos são muito presentes?
- ❖ (Se já tiver sido casado(a) e tiverem se separado) Quais motivos da separação? Pode falar um pouco como foi viver esse processo? Houve brigas e/ou agressões ou ocorreu de maneira amigável? O que mudou na sua vida após a separação?
- ❖ (Em caso de falecimento do(a) companheiro(a)) Quando isso ocorreu?

Filhos

- ❖ Você tem filhos? Quantos? (*Se não tiver, pretende ter?*) Mora(m) com você? Qual a idade dele(s)? Qual a escolaridade? Se estudam, é em escola pública ou privada? Dão trabalho em relação aos estudos? (Se adultos) Trabalham? Se sim, qual a ocupação? Você pode me falar um pouco sobre a trajetória deles no mercado de trabalho? Você planejou ter filho? Pode contar como foi? O que você sentiu quando soube que seria mãe/pai? O cônjuge assumiu as responsabilidades?
- ❖ Na criação dos(as) filhos(as), o que para você é/foi mais difícil? Você acha o Vasco um bom lugar para criar um(a) filho(a)? Por quê? No bairro, que lugares eles frequentavam? Você tinha algum critério para permitir ou impedir a frequência a alguns espaços?
- ❖ Você já se decepcionou com algum(a) do(s) seus(a) filhos(as)? Qual o motivo?
- ❖ Você tem receio que seu(a) filho(a) se envolva com “coisas erradas” (práticas ilícitas e criminalidade)? (*Em caso de já ter tido envolvimento, explorar isso*)
- ❖ Você pensa muito nos(as) seus(as) filhos(as)? No que você pensa? Há algum que te angustia em relação a ele(a)? Que futuro você deseja para ele(a)? Como você gostaria de vê-lo(a) no futuro?
- ❖ Eles(as) pensam em fazer ou estão fazendo faculdade? Se sim, qual curso e em que instituição? (*explorar também, no caso de instituições privadas, quem financia ou financiaria os custos mensais*)
- ❖ Você tenta evitar que seu filho ande com alguém aqui do bairro? Poderia falar o motivo?
- ❖ Pra você, o que é ser um(a) bom filho(a)?

Vida escolar

Gostaria de falar agora um pouco sobre a sua vida escolar

- ❖ Você frequentou a escola? Qual o seu grau de escolaridade? Você estudou em escola pública ou privada? (*Se nas duas, identificar que fase em cada*) Você estudou em escolas localizadas no bairro? Quais?
- ❖ Você tem boas lembranças da vida escolar? Você gosta(va) de estudar? Você tinha facilidade para aprender e tirar boas notas? O que gostava mais de estudar? Você tinha muitos amigos na escola, eram ou são moradores do Vasco? Ainda tem contato com eles(as)?
- ❖ Você conseguia estudar em casa? Alguém ajudava você com as tarefas escolares?

- ❖ Ao longo da sua vida, a sua relação com a escola mudou? Houve algum período em que pensou em desistir? *(Se tiver cedo da escola, explorar os motivos)*
- ❖ Ao longo da vida, ainda na fase escolar (até o ensino médio), chegou a trabalhar e estudar ao mesmo tempo? Para você, o que significa “terminar os estudos”?
- ❖ Você pensa em fazer algum curso técnico? Qual? Por quê? Você pensa em fazer algum curso profissionalizante? Qual? Por quê? Você pensa em fazer um curso superior? Qual? Por quê? Há alguém ou algum grupo de pessoas que influencia você nessas escolhas? *(Em caso de ter feito ou estar na faculdade)* Como é/foi, para você, ter acesso a um curso de nível superior? O que você planeja fazer após alcançar a formação pretendida? Tem algum projeto em mente?

Trabalho e vida econômica
Sobre trabalho e economia...

- ❖ Você trabalha atualmente? Se não: você já teve algum trabalho remunerado? Com que idade você começou a trabalhar? Qual foi o seu primeiro trabalho remunerado? Como conseguiu esse trabalho? Que ocupações você já teve até hoje? *(identificar a ordem dos trabalhos exercidos; explorar se os trabalhos eram mais de habilidades corporais ou intelectuais)*
- ❖ Você já trabalhou com carteira de trabalho assinada? *(Se sim, explorar: onde? Quanto tempo?)* Já trabalhou informalmente? *(Se sim, explorar: onde? Quanto tempo?)* Se a pessoa já teve muitos trabalhos: O que te fazia mudar de uma atividade para outra? *(Foram iniciativas próprias ou foram por demissões? Pode dar exemplos?)*
- ❖ Dos trabalhos que já teve, quais as que mais gostou? Se sentiu uma pessoa realizada em algum deles? Você já se sentiu humilhado(a), diminuído(a) como pessoa ou assediado(a) em algum lugar em que trabalhou/trabalha? Já passou por alguma situação de constrangimento que te marcou negativamente? Pode falar um pouco sobre isso?
- ❖ Você já trabalhou aqui no bairro? *(Onde? Quando? Quanto tempo? O que fazia? Formal ou informal?)* Já se manteve realizando biscates aqui na sua vizinhança? *(O que já fez? Quanto ganhava por biscate?)*
- ❖ Qual a sua renda individual? E a sua renda domiciliar?
- ❖ Já trabalhou por conta própria? *(comercializar algum tipo de produto, abrir um negócio próprio, prestar algum tipo de serviço baseado em alguma habilidade ou conhecimento etc.)*
- ❖ Você pode me dizer qual a sua renda atualmente? *(se trabalha)*

- ❖ Atualmente, vocês (*o(a) entrevistado(a) e seu agregado familiar*) vivem numa situação economicamente apertada? É difícil para você manter em dia as suas contas? E as contas de casa, vocês conseguem pagar em dia? Quais são as prioridades pra você e sua família?
- ❖ Se você pudesse escolher uma renda ideal para viver com a sua família, que valor você consideraria suficiente para não ter preocupação com dinheiro?
- ❖ Para você, o que é ter uma vida boa? É possível ter essa vida boa aqui no Vasco?

Amizades e sociabilidade

- ❖ Você tem muitos amigos? Quem são seus amigos? Moram aqui no bairro? Vocês têm muita coisa em comum? O que vocês costumam fazer juntos? Vocês se encontram com frequência? Tem algum lugar aqui no bairro que você costuma frequentar pra se divertir com amigos? Quais? Tem algum lugar do bairro que vocês não frequentam? Por quê?
- ❖ Você considera alguém como seu melhor amigo? A quanto tempo vocês se conhecem? Ele(a) mora aqui no bairro? Me fala um pouco sobre a história da amizade de vocês.
- ❖ Você é próximo dos seus vizinhos? Você considera algum deles como amigo(a)? A quanto tempo vocês se conhecem? Vocês se dão bem? Você já precisou se afastar de alguém com quem tinha amizade? Qual o motivo? Pode falar um pouco sobre isso?
- ❖ Como você percebe as condições de vida das pessoas que moram mais próximo de você?
- ❖ O que você costuma fazer para se divertir? (*gosta de sair pra onde e com quem?*) Você tem muito tempo livre? Em seu tempo livre, o que você costuma fazer?
- ❖ Costuma ir a bares no bairro? E ao clube? (*Se sim, explorar como funcionam, quem os frequenta etc.*)
- ❖ Pratica algum esporte? Se sim, qual? Onde pratica?
- ❖ Você se preocupa com sua alimentação? Você acha que se alimenta de forma saudável? O que você costuma comer no seu dia-a-dia?
- ❖ Você frequenta alguma instituição religiosa? Qual? É no bairro? Quando começou a praticar uma religião?
- ❖ Há algum lugar ou alguma atividade que você faz que não mencionamos? Qual? (*explorar, caso haja*)

Campo de determinação e de possibilidades existenciais

- ❖ Quais foram as pessoas mais importantes na sua vida? Olhando para a sua história, tem alguma coisa que você faria diferente? Se você pudesse mudar algo da sua vida hoje, o que você mudaria?
- ❖ Você tem um projeto de futuro? Pode falar sobre ele? Quais seus objetivos e como acha que pode alcançá-los?
- ❖ Na sua vida cotidiana, quais são as coisas mais difíceis que você precisa lidar? O que faz você considerar isso o que você disse algo difícil? Quais são as suas principais preocupações? Elas estão relacionadas com o dia-a-dia do bairro? Olhando para a sua vida hoje, o que é mais central em sua vida? (*família, trabalho, estudos, outras*)
- ❖ Você pensa muito sobre si mesmo, costuma pensar sobre como ser o seu futuro? E em relação à sua família, costuma pensar no futuro de seus filhos? E de seus parentes?
- ❖ Para você, o que poderia impedir você alcançar seus sonhos?

O bairro e a casa

- ❖ Se você fosse descrever o Vasco para uma pessoa que nunca veio aqui, como você descreveria? E a sua vizinhança, mais próxima da sua casa, como você descreveria? Para você, existem diferenças dentro do Vasco, no sentido de existir locais melhores e piores para morar? (*Explorar os critérios: tipos de residência, acessibilidade, configuração geográfica etc.*) Quais são os problemas que existem aqui no bairro?
- ❖ A quanto tempo você mora no Vasco? Você gosta de morar aqui? A casa em que você vive é própria? Como você adquiriu essa casa? É a casa em que cresceu? No caso de compra, comprou de um desconhecido ou de um amigo? Foi uma doação? Mora de favor? Você gosta de morar nesse lugar aqui do bairro? Já morou em outros lugares dentro do bairro? (*Se sim, quais?*)

APÊNDICE B - Corpus da pesquisa

Entrevistados

ZONA 1

Nº	Nome	Idade	Ocupação	Tipo de relação inicial com o pesquisador
1	Olga	33	advogada	Desconhecida
2	Lucas	39	comerciante	Desconhecido
3	Ferreira	50	comerciante	Desconhecido
4	Maurício	30	contabilista	Desconhecido
5	Beatriz	28	desempregado	Desconhecido
6	Dona Jô	60	dona de casa	Desconhecido
7	Vitória	40	dona de casa	Desconhecida
8	Marta	42	dona de casa	Desconhecida
9	Bruna	30	estudante universitário	Desconhecido
10	Joana	34	secretária	Desconhecida
11	Filipe	61	servidor Público	Desconhecido
12	Jefferson	50	técnico em informática	Desconhecido

ZONA 2

Nº	Nome	Idade	Ocupação	Tipo de relação inicial com o pesquisador
13	Marlon	27	auxiliar de pequeno comércio	Desconhecido
14	Rafael	22	desempregado	Desconhecido
15	Miguel	30	desempregado	Desconhecido
16	Lucas	26	desempregado	Desconhecido
17	Ana Márcia	39	dona de casa	Desconhecido
18	Virgínia	33	dona de casa	Desconhecido
19	Cássia	24	dona de casa	Desconhecido
20	Dolores	50	dona de casa	Desconhecido
21	Raquel	30	dona de casa	Desconhecido
22	Jeane	40	dona de casa	Desconhecido
23	Sônia	19	dona de casa	Desconhecido
24	Fabrcício	39	gerente comercial	Desconhecido
25	Robson	47	instrutor de artes marciais	Previamente conhecido
26	Dona Socorro	65	pequeno comerciante	Desconhecido
27	Vânia	35	repcionista	Desconhecido
28	Alan	38	segurança	Desconhecido
29	Alberto	41	servidor público	Desconhecido
30	Carlos	28	técnico em enfermagem	Desconhecido

ZONA 3

Nº	Nome	Idade	Ocupação	Tipo de relação inicial com o pesquisador
31	Alex	30	caixa de supermercado	Desconhecido
32	Augusto	29	call center	Desconhecido
33	Mário	42	chaveiro	Desconhecido
34	Dona Terezinha	55	comerciante	Desconhecida
35	Djalma	47	comerciante	Desconhecido
36	Joaquim	40	comerciante	Desconhecido
37	Rosângela	37	dona de casa	Previamente conhecida
38	Rosália	48	dona de casa	Desconhecida
39	Larisa	53	dona de casa	Desconhecida
40	Cláudia	41	dona de casa	Desconhecida
41	Jaqueline	33	dona de casa	Desconhecida
42	Djair	50	feirante	Desconhecido
43	Caio	22	mecânico de motos	Desconhecido
44	Lidiane	30	proprietária de loja de roupas	Desconhecida

ZONA 4

Nº	Nome	Idade	Ocupação	Tipo de relação inicial com o pesquisador
45	Pedro	90	aposentado	Desconhecido
46	Carolina	34	desempregada	Previamente conhecida
47	Tiago	32	desempregado	Previamente conhecido
48	Magda	38	desempregado	Previamente conhecida
49	Zico	47	desempregado	Desconhecido
50	Jéssica	40	dona de casa	Desconhecida
51	Sandra	35	dona de casa	Previamente conhecida
52	Simone	50	dona de casa	Previamente conhecida
53	Juliana	30	dona de casa	Previamente conhecida
54	Vânia	35	dona de casa	Previamente conhecida
55	Sueli	53	dona de casa	Previamente conhecida
56	Flora	77	dona de casa	Previamente conhecida
57	Janete	58	dona de casa	Previamente conhecida
58	Talita	53	manicure	Previamente conhecida
59	Wellington	40	pedreiro	Previamente conhecido
60	André	45	pintor	Previamente conhecido
61	Dimas	45	taxista	Previamente conhecido
62	Ronildo	60	técnico em refrigeração	Previamente conhecido
63	Valdemir	57	vigilante	Previamente conhecido
64	Antônio	44	vigilante	Previamente conhecido
65	Gustavo	38	vigilante	Previamente conhecido
66	Lívia	35	dona de casa	Desconhecida

APÊNDICE C - Imagens da pesquisa de campo

Imagem 1 - Entrada do Vasco da Gama



Fonte: O Autor, 2016.

Imagem 2 - Entrada do Vasco da Gama



Fonte: O autor, 2016.

Imagem 3 - Clube Treze do Vasco



Fonte: O Autor, 2016.

Imagem 4 - Conjunto Residencial Renascer com o Alto da Favela ao fundo



Fonte: O Autor, 2016.

Imagem 5 - Rua Vasco da Gama, principal via do bairro, trecho comercial



Fonte: O Autor, 2017.

Imagem 6 - Moradores, trânsito e pequenos estabelecimentos comerciais



Fonte: O Autor, 2017.

Imagem 7 - O tempo, os homens, o meio-fio



Fonte: O Autor, 2018.

Imagem 8 - O feirante e a clientela: trabalho, cultura e interação



Fonte: O Autor, 2017.

Imagem 9 - O feirante em sua quitanda



Fonte: O Autor, 2018.

Imagem 10 - Esquina, Rua Alto do Novo Mundo, Alto Treze de Maio



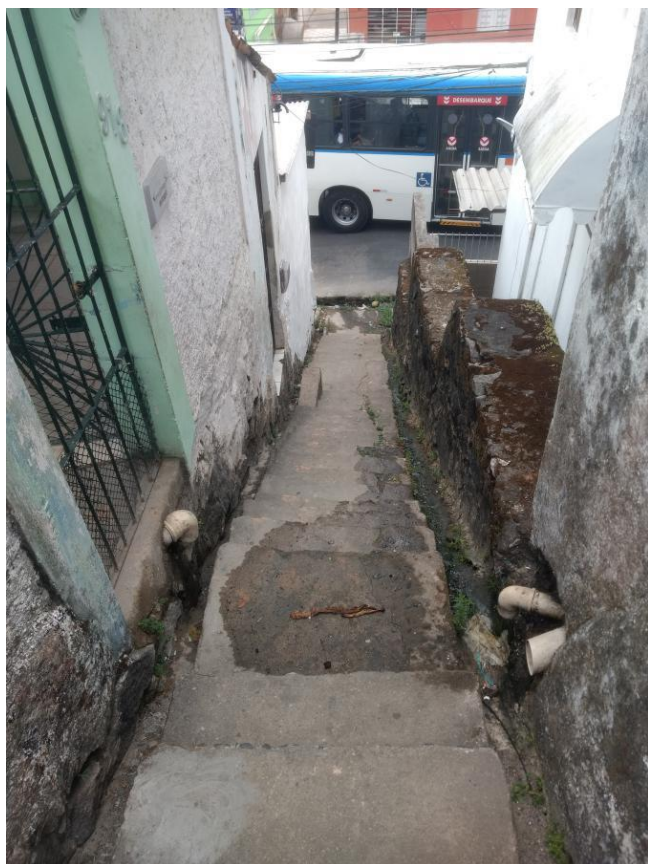
Fonte: O Autor, 2018.

Imagem 11 - Casa precária, paredes de taipa e alvenaria



Fonte: O Autor, 2018.

Imagem 12 - Escadarias do Alto do Eucalipto



Fonte: O Autor, 2018

Imagem 13 - Escadarias do Alto do Eucalipto



Fonte: O Autor, 2019

Imagem 14 - Tempo e memórias de uma casa de taipa



Fonte: O Autor, 2018

Imagem 15 - Quintais do Visgueiro: o trabalho silencioso de uma dona de casa



Fonte: O Autor, 2018

Imagem 16 - Sobreposição de moradias, casas do Visgueiro



Fonte: O Autor, 2016.

Imagem 17 - Rua Padre Severino, subida de acesso à casa em que cresci



Fonte: O Autor, 2017.

Imagem 18 - Interior da casa da minha avó materna, dona Evandi



Fonte: O Autor, 2018.

Imagem 19 - Vista do bairro a partir do quintal compartilhado pela minha família



Fonte: O Autor, 2018

Imagem 16 - O Visgueiro



Fonte: O AUTOR, 2019.